Maria e a Eucharistia

ESTUDO DOUTRINAL

de um titulo e de uma doutrina:

Nossa Senhora do Santissimo Sacramento

pelo

P. Julio-Maria

Missionario de Na. Sra. do Smo. Sacramento

— 1937 —

Typ. do «O LUTADOR»
Manhumirim—Minas

Nihil obstat

Santos, 8 Decembris 1936

P. Angelo Contessotto S.J.
Censor ad hoc

Imprimatur

Caratingen, 10 Januarii 1937

Mons. Aristides Rocha
Vic. Cap.

Nossa Senhora do SS. Sacramento rogae por nós (300 dias de ind.)

Dedicatoria

A' MEMORIA

do Apostolo do Santissimo Sacramento,

SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD,

o primeiro que deu á Maria Santissima
o titulo

— de —

NOSSA SENHORA DO SANTISSIMO SACRAMENTO,

dedico este livro em signal de veneração
e de amor.

APPROVAÇÃO

Ao Exmo. e Rvmo. Sr. Vigario Geral
de Caratinga — Minas Geraes

Excellencia Reverendissima

Acabei a leitura das 464 paginas, nas quaes o incansavel lutador de Manhumirim estuda as relações da Santissima Virgem com o Santissimo Sacramento da Eucharistia.

Trata-se realmente de um estudo profundamente theologico, atravez do qual se divisa, como filão de ouro, o traço caracteristico que acompanha todos os trabalhos litterarios do distincto autor: um grande amor a Christo, ao Papa e á Egreja.

Esta nova publicação do R. P. Julio Maria presta-se admiravelmente para instrucções marianas, durante o mez de Maio. Quasi não ha pagina, nos 14 substanciosos capitulos do possante volume, em que o leitor attento não encontre bellissimo resumo para exhortações:

—«mostrar, exaltar e glorificar o *Christo*...
Eucharistia alimento, luz, amor...
Christo que fala, que ama, que salva, etc.

O P. Julio Maria, neste trabalho, não occulta o seu grande enthusiasmo pelo nobilissimo ideal do santo fundador dos PP. Sacramentinos e das Servas do Santissimo Sacramento, ha dois annos apenas, elevado ás honras dos Altares. E' mesmo do grande Servo de Deus, P. Ey-

mord a conhecida exclamação: «Honraremos a Maria sob o titulo de Nossa Senhora do Santissimo Sacramento».

«Maria e a Eucharistia» *é um estudo theologico de alto valor, e, ao mesmo tempo um manancial valioso para todos os devotos de Nossa Senhora.*

Era o que tinha a dizer a V. Excia. Rvma., passando ás suas venerandas mãos o meu despretencioso Nihil obstat.

Santos, 8 de Dezembro de 1936

P. Angelo Contessotto S. J.

Censor ad hoc

CARTA APPROBATIVA

do Exmo. Vigario Capitular

de Caratinga

Caratinga, 10 de Janeiro de 1937

Junto com o *parecer* favoravel e lisonjeiro do *Censor ad hoc*, nomeado pelo saudoso D. José Maria Parreira Lara, envio a V. Rvma., os meus calorosos parabens e o **Imprimatur** de seu novo e incomparavel livro: «*Maria e a Eucharistia*».

Digo que é um livro incomparavel, verdadeiramente novo, sobre um thema novo, como V. Rvma. diz no prefacio.

Nestas paginas radiantes de fé, de amor, de sciencia theologica e profana, o seu espirito luminoso e a sua penna fulgurante abriram novos horizontes sobre a Eucharistia.

O seu olhar penetrou no amago do grande mysterio, e, com uma segurança de doutrina que iguala a clareza da sua dialectica, V. Rvma. nos revela aspectos novos na Eucharistia, até hoje quasi desconhecidos.

O seu estudo, com uma audacia que suppõe conhecimentos pouco communs, desvenda verdades que se póde chamar *novas*, pois não creio que outros já trataram do assumpto sob este ponto de vista admiravel, que são as relações entre *Maria e a Eucharistia*.

Todos sentem que deve haver relações intimas entre Jesus e Maria, na Sagrada Eucharis-

tia, por ser esta o prolongamento da Encarnação; porém, os theologos e exegétas limitam-se aqui, sem entrarem nos pormenores deste prolongamento.

Eis que o espirito luminoso do nosso tão apreciado polemista, P. Julio-Maria, toma o assumpto de frente e pela base, e analysa com a sua autoridade de Mestre, uma verdade por todos admittida, mas geralmente pouco comprehendida.

Que fulgurante jacto de luz o seu estudo projecta sobre a união de Maria com a Eucharistia!... Parece quasi um mundo novo! E' uma revelação de conclusões theologicas, cujas premissas estão no Evangelho, mas que qualquer estudioso não é capaz de deduzir e pôr em plena luz.

Meus parabens, caro P. Julio-Maria!

Parabens em nome de Jesus-Eucharisiia, que o seu livro vai fazer amar mais, e em nome de Nossa Senhora do Smo. Sacramento, que o seu estudo revela ao mundo.

O seu livro me fez a impressão de um pharol poderoso illuminando o Tabernaculo e a celeste Medianeira das graças.

Tenho quasi vontade de dizer que o presente livro é como o seu *Nunc dimittis*, pois parece-me difficil produzir, sobre um assumpto tão bello, outro livro mais suave e mais profundo.

Poderão outros estudos seguir o presente, ser iguaes... mas dúvido que sejam superiores.

E' um livro incomparavel e talvez insuperavel!.. que vae semear nas almas o amor da Eucharistia e da Sma. Virgem.

Peço a Nosso Senhor abençoar a sua penna ardente e luminosa, e servir-se della para a elucidação e a divulgação da santa doutrina do

Evangelho, que V. Rvma. sabe tão admiravelmente expôr e commentar.

Sou de V. Rvma., humilde e dedicado admirador.

Mons. Aristides Rocha
Vigario Capitular

Introducção

Eis um livro novo sobre um assumpto novo.

A doutrina não é nova, pois data do berço do Christianismo; porém, o modo de expol-a e de applical-a é novo, no sentido que não ha quasi nenhum livro sobre o assumpto, que estude a bella e fecunda doutrina que une **Jesus e Maria** no Smo. Sacramento do Altar.

Esta união é uma realidade entrevista, mas superficialmente conhecida.

O bom senso, a theologia e a piedade proclamam a união necessaria entre Jesus e Maria, no grande Sacramento do amor.

Mas não basta conhecer o facto; é preciso determinar lhe exactamente o valor doutrinal.

O Santo Padre Eymard deu o nome e umas indicações piedosas a respeito.

A Egreja approvou a invocação do santo: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento, rogae por nós.*

E' um passo decisivo!

Falta ainda estudar e determinar theologicamente a extensão dogmatica desta invocação.

O assumpto apresenta sérias difficuldades.

Ha uns trinta annos que desejava fazer este estudo.

Comecei diversas vezes, mas recuei diante da sublimidade da doutrina a expor e dos poucos argumentos certos que os autores fornecem a este respeito.

Esperava que qualquer mão mais segura e um espirito mais theologico edificasse esta obra, para a glorificação da divina Eucharistia e da Sma Virgem.

* * *

Não apparecendo nada sobre o assumpto, que continúa a ser uma **quasi novidade** na vida eucharistica, resolvi enfrentar os perigos, beirar os abysmos e penetrar no amago da grande questão, que consiste em demonstrar que a Eucharistia sendo, no dizer de todos os theologos, a *continuação da Encarnação*, é tambem a continuação da acção da Sma. Virgem. Esta exerce um papel preponderante no segundo como no primeiro destes mysterios.

Este estudo parece simples; entretanto, levanta tantas questões ainda discutidas, aproxima-se de tantos mysterios, liga se com tantos dogmas, que seria preciso ser, ao mesmo tempo, grande theologo, grande philosopho, grande exegéta, grande literato e grande poeta.

E nada sou de tudo isso.

Tenho apenas em meu favor um immenso desejo de fazer conhecidas e amadas a divina Eucharistia e a Sma. Virgem... uma vontade decidida de ser util á Egreja, e o desejo ardente de amar a Jesus e a Maria, que deverão guiar e inspirar-me neste trabalho, para não ser de todo indigno delles.

Vejamos si, com isto, é possivel realizar o idéal entrevisto e a meta fixada.

* * *

Quando se trata de verdades tão sublimes, a fé devêria ter um brado mais ardente, o amor

deveria ter um canto mais apaixonado, a intelligencia precisava de uma luz mais penetrante e suave do que aquellas que eu posso apresentar.

No emtanto, farei o que puder.

Peço a Maria Sma., a Virgem do Tabernaculo, acceite o meu esforço, a minha boa vontade, e sirva-se delles para attrahir as almas aos pés de Jesus.

* * *

Este livro convém unicamente ás pessoas intelligentes, cultas, sobretudo aos corações eucharisticos e marianos que desejam conhecer de perto, e a fundo, os sublimes dogmas da Eucharistia e da mediação da Sma. Virgem.

E' menos um livro para fazer conhecer do que para fazer **conhecer melhor.**

Conhecer a Eucharistia: é o dom de Deus.

Conhecer Maria em suas relações com a Eucharistia: é a grande maravilha divina: é uma perspectiva attrahente e captivante.

E é esta perspectiva admiravel que desejo fazer brilhar diante do olhar maravilhado do piedoso leitor.

O meu fim não é discutir a verdade, mas **mostral-a.** Sua propria luz dissipará as objecções.

A Eucharistia é um sol luminoso; e desde que elle se manifesta nas almas, a sua luz dissipa todas as trevas.

Dirá talvez alguem: Porque perscrutar estes grandes mysterios? Um mysterio é uma verdade incomprehensivel!

Sim, é uma verdade incomprehensivel, pelo fundo, pelo **como,** porém o mysterio encobre **realidades,** e realidades comprehensiveis!

O mysterto é um véu diaphano, não para esconder a verdade, mas para permittir-nos contemplal-a melhor.

* * *

Si houver nas theses aqui tratadas, uma opinião, uma idéa, ou uma palavra siquer, que não concorde com o ensino da Santa Egreja Catholica, de todo coração as retracto de antemão, submettendo-me plenamente e sem reserva, ao seu ensino infallivel, querendo ser, antes de tudo, filho humilde e submisso da Santa Egreja, a quem submetto, sem reserva a minha pessoa, a minha palavra e os meus escriptos.

* * *

Este trabalho não é perfeito, pois constitue ainda, sobre o assumpto, uma tentativa, um esboço. Por isso, peço encarecidamente aos theologos, professores e outros illustres sacerdotes, que tenham a caridade e a gentileza de transmittir-me as suas observações e criticas, que serão recebidas com carinho e gratidão, e empregadas para a gloria de Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

Este livro para ser bem comprehendido e tornar se proveitoso, exige um espirito recolhido, uma leitura attenta e a oração, que faz descer sobre o espirito a luz divina, absolutamente necessaria para conhecer as verdades divinas.

* * *

Peço ao leitor piedoso ler pouco de cada vez e assimilar as verdades pela reflexão e a oração.

Umas paginas lidas antes da Communhão

seriam uma excellente preparação para a vinda de Jesus em nossos corações, como, depois, seriam ainda um estimulo para fazer uma acção de graças convicta e fervorosa.

P. Julio-Maria D.N.SS.

CAPITULO I

O DEUS ESCONDIDO

Hoje, graças á acção inspirada do Chefe visivel da Egreja, o mundo entra plenamente numa epoca que bem póde ser intitulada a epoca eucharistica.

Os Congressos, as associações, a adoração perpetua, os retiros eucharisticos e outros estimulantes levam as almas á Mesa Eucharistica, onde, ao contacto do amor de Jesus, se purificam e se educam nos principios do amor.

Muitos já comprehendem o que é a Eucharistia: — *o Deus comnosco.* Entretanto, poucos ainda sabem rasgar o véu do Divino Mysterio, e descobrir o que se póde chamar—**o senso da Eucharistia.**

A Eucharistia não é um sacramento isolado da vida christã, como não é isolada da vida physica a mesa, onde se tomam os alimentos; não é, tão pouco, um ponto isolado da vida: elle é o *centro* da vida, é o seu sustento, é a sua fonte.

A Mesa Eucharistica, igualmente, é a fonte, é o sustento, é o centro da vida christã. Mas, para que assim seja, é preciso que haja, não simplesmente *recepção* do alimento divino; deve haver, como na ordem natural, *assimilação*, circulação e irradiação pelo organismo inteiro.

E' o que falta muitas vezes.

Diz-se: «é um mysterio... é o grande mysterio... *Mysterium fidei*».

E ao pronunciar estas palavras, ao ouvir pronuncial-as, muitas almas piedosas fazem um acto de fé, acceitando com amor o mysterio revelado, mas ahi limitam as suas aspirações, sem pensar que um mysterio é uma **realidade,** e que, como realidade, esconde verdades comprehensiveis e praticas.

O que pretendo neste primeiro capitulo é abrir o horizonte da Eucharistia, é mostrar a sua influencia na vida, a sua ligação com todas as outras verdades, a tal ponto que ella é como o **eixo** sobre o qual se sustenta e gira toda a vida christã. *Memoriam fecit mirabilium suorum* (Psal. CX. 4).

I. MYSTERIUM FIDEI

É um mysterio, isto é: uma verdade que ultrapassa a penetração de nossa intelligencia.

E' certo; mas não basta fazer um acto de fé; é preciso que a fé seja, não um simples **amen** de nossa vontade á verdade revelada, mas um **assentimento** da *intelligencia*, sob o impulso do nosso querer e o auxilio da divina graça.

O verdadeiro acto de fé não depende unicamente da vontade, mas tambem da intelligencia. A intelligencia quer a **verdade;** a vontade quer o **bem.**

A verdade é uma **realidade objectiva;** não é um mytho, nem uma imaginação.

O mysterio é **um véu,** mas um véu que encobre *realidades*. Não é um ponto obscuro nos nossos dogmas, é um véu que encobre uma luz tão intensa que o espirito humano não póde fital-a.

O homem, para contemplar o sol, serve-se de um vidro enfumaçado, de um papel em que fura um pontinho pequenino, e através deste furo que é um véu, fita o astro luminoso. O papel não é um obstaculo; é um véu, mas um véu que tempera a intensidade da luz solar, e permitte ao fraco olhar examinar os seus segredos.

Assim, no mysterio eucharistico.

Dizem que ha obscuridade!

—Não. O que ha é *intensidade* de luz que offusca; e Deus lança sobre a verdade luminosa o véu do mysterio, para que o nosso fraco espirito possa fital-a, analysal-a, applical-a á nossa vida.

Devemos estudar o mysterio com *precauções*, na sua *irradiação*, mais do que em seu fóco. E assim, em vez de encontrar nelle um simples véu, perceberemos harmonias maravilhosas, que os indifferentes podem suspeitar, mas que só as almas piedosas descobrem.

O mysterio é o véu que nos esconde apênas o **como** da verdade, pois o *como* pertence a Deus, é seu segredo, sua gloria e seu poder; para o homem ha o objecto do mysterio, suas analogias, sua razão de ser, suas bellezas, sua utilidade e suas lições: e tudo isso é comprehensivel e é pratico.

Porque nos revelaria Deus mysterios, si nelles não houvesse uma como medula substancial escondida?

Porque revelar ao homem o que elle não póde comprehender?

Deus não deve, nem póde fazer isto, e, de fàcto, não o fez.

Elle nos revelou **verdades,** realidades; mas quando taes verdades são refulgentes demais, a ponto de se tornarem invisiveis pelo **excesso**

de luz, Deus modifica, suaviza esta luz, lançando sobre ella um véu que esconde o fóco luminoso, e deixa apparecer mais claramente as verdades que precisamos conhecer. Através deste véu do mysterio, quantas verdades luminosas apparecem aos nossos olhos!

Tudo isto se realiza na Eucharistia. É o Sacramento do amor, mas de um amor tão intenso, que é preciso lançar sobre elle o véu do mysterio, para que não offusque o nosso olhar.

Todos conhecem o **Sacramento** e o **sacrificio;** poucos são aquelles que comprehendem as **relações** intimas e sagradas que ligam, de modo inseparavel, este divino mysterio aos demais mysterios e verdades da religião.

E' que desejo fazer comprehender aqui.

II. ENCARNAÇÃO E EUCHARISTIA

A Eucharistia é a renovação e a continuação da Encarnação.

Sto. Agostinho exprimiu esta verdade, dizendo que nas mãos do sacerdote, como no seio da Virgem Maria, o Filho de Deus encarnou-se: *In quorum manibus sicut in utero virginis Filius Dei velut encarnatur.*

O santo Bispo tinha razão. De facto, considerando a *encarnação* e a *transubstanciação,* em seus principios, em seu modo de ser e em seu fim, encontramos uma perfeita analogia entre os dois mysterios.

Vejamos simplesmente aqui o **principio,** ou o modo de producção. Ha duas causas assignaladas pelo *symbolo* dos Apostolos:

A operação do Espirito Santo.

O consentimento da Sma. Virgem. *Et encar*

natus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine. (Symb. Nicéa)

Como na Encarnação, o Espirito Santo intervém de modo realissimo na consagração.

Como se fará isto?—dizia a Virgem Santa ao Archanjo, que lhe annunciava a encarnação do Verbo. (Luc. I. 34)

E Gabriel respondeu: *O Espirito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altissimo te cobrirá com a sua sombra.* (Luc. I. 35)

Do mesmo modo, diz S. João Damasceno, si me perguntardes como se faz o corpo de Christo no altar, «*Quommodo fiet istud?*», eu vos responderei que o Espirito Santo age e faz, pela sua ineffavel virtude, o que nosso espirito não póde comprehender.

No momento da consagração o Espirito Divino desce invisivelmente sobre o altar, cobre a hostia com a sua sombra, extende-se sobre as profundezas do calice, como, no começo do mundo, se extendia sobre a superficie das aguas para fecundal-as (Gen. I. 1) e, em um instante, emquanto o sacerdote pronuncia umas breves palavras, o corpo de Jesus Christo está sobre o Altar.

E' com o consentimento e pela palavra da Virgem Santa que se operou a Encarnação; é por outra palavra humana, — a palavra virginal do sacerdote,—que cada dia, e em todos os logares, se renova para nós a **segunda Encarnação.**

Uma primeira vez, cinco palavras apenas realizaram o mysterio: *Fiat mihi secundum verbum tuum* (Luc. I. 38); são tambem cinco palavras que caem dos labios tremulos do sacerdote: *Hoc est enim corpus meum* (Math. XXVI. 26), e a presença real está realizada.

Nada parece ter sido mudado; as palavras ressoaram no ar e apagaram-se; mas o golpe echoou até ao seio do Padre Eterno; e Jesus Christo desceu ás profundezas de um pão, que já não o é mais.

E assim por diante. Podia-se escrever um livro sobre as analogias do Filho de Deus na Encarnação e sobre o seu **modo de ser** na Eucharistia. De ambos os lados é sempre o *Deus escondido*, dos prophetas: *Vere tu es Deus absconditus* (Is. XLV. 15).

Em Nazareth, nas entranhas de Maria, Elle se reveste da nossa pobre humanidade; no Altar, Elle se serve das apparencias, como de um véu, para esconder a sua propria humanidade. As santas especies cobrem o corpo e a alma de Jesus Christo, como em Nazareth o corpo e a alma encobriam a divindade. Outróra Elle se contentou em velar a sua natureza divina, agora a propria natureza humana fica escondida. *Latebat sola deitas, at hic latet simul ac humanitas*, diz Santo Thomaz.

Paremos aqui. O que é necessario salientar é que tudo isso é a obra do *Espirito Santo* e da *Sma. Virgem;* são os dois auxiliares, os dois **agentes** deste ineffavel mysterio.

E sendo elles os dois agentes, uma primeira vez, para a Encarnação, devem sel-o no prolongamento deste mysterio, isto é, na Eucharistia.

A palavra que domina estes factos e estas analogias é a palavra do Symbolo: *Et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine.*

* *

A Eucharistia é o prolongamento da Encarnação, não somente **no modo de ser,** mas tam-

bem no **modo de operar,** e no **fim** que se propõe nesta operação.

Porque se fez Jesus Christo Homem?

Para poder soffrer, morrer pelos homens e salval-os. Para ensinar-lhes a verdade. Para trazer-lhes o amor.

Triplice razão, simples e fecunda de ensinamentos. O amor é o movel divino de tudo. *Sic Deus dilexit mundum.* (Joan. III. 16)

Encarnou se por amor, *immolou-se por amor*; (Galat. II. 20). Dar-se-á em alimento por amor. (Joan. VI. 56). Será a luz de todo homem, por amor. (Joan. I. 9)

Como o foi em sua Encarnação, Jesus Christo deve ser na Eucharistia: **alimento, luz e amor.** Elle deve continuar este prolongamento da Encarnação, alimentando a nossa alma, illuminando o nosso espirito, accendendo em nossos corações as chammas do amor. Não disse Elle, de facto, que *vinha trazer o fogo sobre a terra, e que o seu desejo era que elle se accendesse em todos os corações? Ignem veni mittere in terram.* (Lucas, XII. 49)

Tal é a obra de Jesus na Eucharistia. Assim deve ser. O contrario não seria logico. Então Jesus Christo veiu a este mundo, os judeus tiveram a felicidade de vel-o, de ouvil-o, estes judeus endurecidos e ingratos, e nós, que chegámos 19 seculos depois, não teriamos mais sinão a lembrança deste mesmo Jesus?!

Não poderemos vel-o, ouvil-o, tocal-o, sentir o calor de seu coração e o ardor de suas palavras?

Elle falou, e a sua palavra só chegaria até nós através das brumas de 19 seculos?

Elle amou tão ternamente os seus Apostolos, os arrependidos, os soffredores, e o calor do seu

coração não chegaria até nós sinão através da frieza de 1900 annos?

O povo, nas estradas da Palestina nas areias do deserto e á beira dos lagos, beijou-lhe os pés, as vestes, e até os traços de suas pégadas; e nós, que vivemos longe da Palestina e distantes daquelles tempos remotos, não poderiamos mais encontrar nem siquer um objecto por Elle tocado, para beijal-o e apertal-o sobre o nosso coração?

Oh! não! Isto seria cruel, isto seria injusto! Emfim, por pobres que sejamos, o nosso desejo de vel-o, de ouvil-o e tocal-o, bem vale o desejo e as aspirações dos judeus, que o cercavam.

Não! não!... Isto seria um **Christo morto,** um Christo sepultado, um Christo esquecido!

O meu coração protesta, como protesta o mundo inteiro.

O que quero é um Christo vivo, um Christo que ame, um Christo que fale!—Um Christo escondido, si quizerem, mas visivel de qualquer modo.

Si isto fosse impossivel, J. Christo teria mentido.

Porque disse Elle, então: *Não vos deixarei orphãos—non relinquam vos orphanos?* (Joan. XIV. 18).

Porque então exclamou Elle com tanto ardor: *Eu amarei a quem me ama? Qui diligit me... et ego diligam eum.* (Joan. XIV. 21)

Oh! não! é impossivel que isso não seja a verdade; sendo-o, nós temos o direito a um Jesus Christo vivo, amante, cujo olhar nos converta como converteu a Pedro, e cuja voz nos ensine, como ensinava as multidões de outróra.

III. Onde está O CHRISTO COMPLETO?

Onde estaes, ó grande Deus, ó Deus amoroso! *Magister, ubi habitas?*

Será possivel que Deus habita com os homens sobre a terra? (2 Paral. VI. 18)

Elle está na divina Eucharistia! É aqui que Elle nos chama.

Magister adest et vocat te!, dizia Martha a Magdalena, e assim repete a Egreja a cada um de nós.

Entro num templo catholico. Vejo ali um Altar, um Tabernaculo humilde, dourado; porém o silencio que o cerca, a pequena lampada accesa, dão quasi a impressão de um quarto funebre... Si alguem fala, é com voz baixa e abafada; tudo é solemne...

O Tabernaculo toma o aspecto de um sepulcro; os linhos sagrados parecem-se a lençóes funebres, e o proprio sacerdote, digno, venerando, de olhos baixos, parece estar perto de um ataúde, onde jaz um defunto. E no meio deste silencio impressionante, a Egreja repete o seu convite, que se encontra muitas vezes bordado no antependio do Altar: — *Magister adest et vocat te — O Mestre está ahi e te chama* (Joan. XI. 28).

Olho para o Tabernaculo; um sacerdote apresenta-me uma Hostia branca, emquanto de seus labios tremulos caem estas palavras: — *Ecce agnus Dei—Eis o cordeiro de Deus, eis Aquelle que perdoa os peccados do mundo.* (Joan. I. 29)

Sinto a alma commover-se. Oh! sim, eu preciso de perdão; a minha alma soluça aos pés do divino Misericordioso. Mas não basta. O perdão apaga *o passado* e quem me garante **o futuro?...** Preciso de força, de coragem, de anhelo!

E o sacerdote continúa extendendo-me, de

mão tremula, a Hostia divina: *Corpus Domini... Que o corpo de Jesus Christo conserve a tua alma para a vida eterna* (Liturg).

Oh! promessa e realidade divinas! A minha alma perdoada e fortalecida adquire o direito á alliança divina — *Quem come deste pão viverá eternamente.* (Joan. VI. 59).

Tudo isso é divinamente bello! Mas não estou satisfeito ainda.

Fixo o olhar ardente e prolongado sobre a Hostia Santa como para penetrar através do véu mysterioso que esconde o meu Deus... e parece-me que ha um *Jesus Christo*, que meu coração procura e que não está ahi.

E' Jesus... E' Elle, é certo.—*Ego sum...* Mas o Jesus do Tabernaculo está mudo, não fala.

O' Jesus, onde está a tua palavra? Porque não a conservaste através do véu que te encobre?

E' verdadeiramente prolongar a tua Encarnação o ficar mudo entre nós!

E não somente Jesus **não fala** no Altar, mas Elle ali **não governa.** Alimenta as almas, mas não as dirige. Falta-lhe o seu sagrado ministerio, o seu poder espiritual, como lhe falta a palavra.

O' Jesus, que fizeste do teu baculo de Pastor? —*Ego sum bonus Pastor*, e porque, ficando entre nós, deixaste a metade de ti?

E, continuando a examinar o Sacramento eucharistico, acho a Hostia sagrada tão fria, tão insensivel! Porque, ó grande Deus, não está ella cercada de um nymbo de luz? Porque não se irradia della uma chamma de amor?

O' Jesus, não é a Eucharistia o mysterio do amor? *Cum dilexisset suos...* (Joan. XIII. 1) Onde escondeste este amor?

O' Jesus, no teu Tabernaculo encontro ape-

nas uma metade do Jesus que a minha fé procura, que a minha esperança implora e que o meu amor adora e quer apertar contra o peito.

Ha uma metade de ti que eu aqui procuro e que não encontro neste Tabernaculo mudo, onde Tu não falas e onde não sinto o teu amor!...

E como é grande esta metade que falta! Poder-se-ia quasi dizer que é a mais importante.

Esse Jesus que percorria as cidades da Galiléa ensinando publica e infallivelmente a todos, onde está Elle?

Essa palavra infallivel que é a unica capaz de impedir as almas de *serem fluctuantes e levadas ao sabor de todo o vento e doutrina* (Ephes. IV. 14), esta autoridade e esta jurisdicção, sem as quaes *nós parecemos como ovelhas sem pastor.* (Math. IX. 36). Onde estão ellas?

E este amor tão doce e tão suave, que converteu a Magdalena, que fez soluçar a S. Pedro, que attrahiu as multidões, que prostrava os peccadores e que fazia dizer aos proprios phariseus: *Vejam como elle o amava* (Joan. XI. 36), onde está este Jesus? Onde está este Coração que se commovia, que chorava e murmurava palavras tão doces aos ouvidos daquelles que soffriam: *Mulier, noli flere.* (Luc. VII. 13), onde está tudo isto, ó Jesus?

E' certo: Jesus Christo é tudo isto na Eucharistia; mas Elle está ali não só como Deus, mas como *Homem-Deus*, e como tal parece estar incompleto... ter dividido estes attributos, entretanto essenciaes.

A Eucharistia é **um véu,** bem o sei, mas o véu é transparente, e si elle não me permitte penetrar até o fundo do mysterio, elle me deixa entrever, entretanto, o Jesus completo.

O mysterio veda-me a porta do **como isso**

se faz, mas permitte-me a entrada no objecto que elle esconde, e este objecto é Jesus, é sua palavra, é seu amor.

A minha fé mostra-me a **Pessoa** de Jesus escondido: creio, Senhor... és Tu mesmo; creio e adoro de joelhos, mas eu quero ouvir a tua palavra, quero sentir o calor de teu Coração, quero como que experimentar o beijo de teus labios divinos.

O véu esconde-me a tua **Pessoa.** E a tua **palavra,** onde está? E o teu **amor,** onde refulge?

O véus, rasgae-vos!... Como o véu do Templo, na hora do sacrificio do Calvario, rasgae-vos, de alto a baixo, e deixae-me ver o «Santo dos Santos», o Jesus de minha fé, de minha esperança de meu amor, o Jesus completo. — *Et velum templi scissum est medium.* (Luc. XXIII. 45)

IV. OS TRÊS VÉUS MYSTERIOSOS

Triplice véu que encobre o Christo completo: a sua **Pessoa,** a sua **voz** e o seu **amor.** São três mysterios!

Sem duvida, Jesus Christo teria podido perpetuar e universalizar a sua presença real num unico mysterio. Não o quiz. Porque?

Ha muitas razões, e necessario seria escrever um livro para expôl-as todas; reservemol-as para mais tarde.

Não o quiz; é o bastante. *Dominus est.*

Preferiu esconder-se sob este triplice véu. Para satisfazer esta inclinação do coração que aspira a não se separar daquelles que ama, Elle se fez uma **triplice presença** entre nós, completamente distinctas umas das outras, embora inseparaveis. Talvez seja uma imagem da Sma. Trindade: o Padre, o Filho, o Espirito Santo, isto é,

Poder, luz e **amor,** todos três ineffaveis e que, reunidos, constituem a extensão total da Encarnação, a sua irradiação perfeita através do tempo e do espaço.

Mysterio admiravel dos três véus que nos escondem Jesus Christo!

E quaes são estes três véus?

O vosso coração tel-os-á nomeado, antes que a minha penna os tenha descripto!

O primeiro véu são as **especies** Sacramentaes, são as apparencias da Hostia que encobre a Pessoa divina de Jesus Christo.

O segundo véu é o **Papado,** é o Pontifice infallivel de Roma, que encobre a voz infallivel de Jesus Christo.

O terceiro véu é a **Sma. Virgem Maria,** medianeira universal de todas as graças, que encobre o amor infinito de Jesus Christo para com os homens.

E' o **Christo completo...** É o Christo, não simplesmente vivo, mas:

O Christo que fala.

O Christo que ama.

O Christo que salva o mundo, derramando sobre elle os thesouros de sua misericordia.

E' Deus comnosco. *Vocabunt nomen ejus Emmanuel... nobiscum Deus.* (Math. I. 23)

E' o Christo: **alimento, luz** e **amor.**

E' o Padre Eterno que crêa.

E' o Filho que resgata.

E' o Espirito Santo que santifica.

E' a continuação da Encarnação: *Et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine.* (Symbolo)

Eis três coisas que pareciam, á primeira vista, completamente differentes, quasi oppostas, e que podemos,—digo melhor—devemos **unir** num

mesmo amplexo de amor, porque o proprio Deus as uniu inseparavelmente.

A Communhão, o Papa, a Virgem Maria. É um unico Mysterio; são três faces do mesmo mysterio; são **três véus** que nos escondem o mesmo Jesus Christo.

Quão pouco conhecida é esta verdade!

Parece quasi uma novidade, e é uma instituição divina!

São três artigos de fé, que se unem, que se completam, que se explicam um pelo outro.

A **presença real,** substancial, de J. Christo no Sacramento do Altar.

A **presença infallivel** de Jesus Christo no Papa.

A **presença amorosa** de Jesus Christo na Sma. Virgem Maria, como Mãe de Deus e Medianeira de todas as graças.

A terceira presença, referindo-se á **mediação universal** da Sma. Virgem, é uma verdade certa, embora não seja ainda artigo de fé.

E' o mesmo Jesus Christo, considerado em sua **Pessoa** divina, em sua **palavra,** em seu **amor.**

A Virgem Santa é Mãe de Jesus e Medianeira, passando todas as graças do Salvador **por ella.**

Ora, a graça é uma participação á natureza divina: —*divinae consortes naturae,* (2 Pet. I. 4) e toda a graça sendo uma communicaçãa do amor divino, e este amor passando pela Sma. Virgem, podemos dizer que ella é a **representação,** o canal do amor divino.

Ella não é a **fonte** do amor, como o Papa não é fonte da verdade. Tudo vem de Jesus: Maria Sma. é o canal deste **amor,** o Papa é o ca-

nal da **verdade.** Ambos estão ligados á fonte, que é Jesus Christo.

Jesus Sacramentado, em seus accidentes, não fala, não ama. O pão não é para isso, é um alimento. A sua Pessoa divina, escondida no mysterio do Altar, é a fonte de tudo; e desta fonte Elle derrama sobre as almas: *força,* pela Communhão; *luz,* pelo Santo Padre o Papa, *amor,* ou graça, pela Sma Virgem.

Adoravel mysterio de união!

A **Hostia** é o véu que encobre a sua *Pessoa* divina.

O **Papa** é o véu que esconde a sua infallivel *verdade.*

Maria Sma. é o véu que nos transmitte o seu *amor.*

V. UNIÃO INSEPARAVEL

Continuemos a perscrutar o mesmo mysterio, e chegaremos a conclusões theologicas, de uma exactidão rigorosa, por todos acceitas, mas por poucos comprehendidas, porque não lhes conhecem a base doutrinal.

Começamos a conhecer a Jesus Christo Sacramentado, mas não conhecemos bastante a doutrina que faz o *Papa,* nem a que faz a *Mãe de Deus.*

São três pharóes, mas o fóco luminoso é um só: Jesus Christo.

Jesus Christo dando o seu **corpo** e a sua alma como alimento das almas, pela Communhão; dando a sua **doutrina,** pelo Papa; dando as suas **graças,** pela Sma. Virgem.

São três canaes:

A **Communhão,** pela qual passa a sua Pessoa.

O Papa, pelo qual passa a sua doutrina.
A Virgem Santa, pela qual passam as suas graças.

A vontade recebe da Communhão uma FORÇA DIVINA.
A intelligencia recebe do Papa a LUZ divina.
O coração recebe de Maria Santissima o AMOR DIVINO.

Pela Communhão, o homem *fortifica-se.*
Pelo Papa, o homem *eleva-se.*
Pela Virgem Santa, o homem *transfigura-se.*

A Communhão mostra-nos o BEM.
O Papa mostra-nos a VERDADE.
Maria Sma. mostra-nos o AMOR.

E' a realização da doutrina tão divinamente exposta pelo Salvador a S. Thomé: *Ego sum via, veritas et vita* (Joan. XIV 6). *Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*

Pela Eucharistia Elle é a VIDA das almas: *Eu sou o pão da vida.* (Joan. VI. 35)
Pelo Papa Elle é a VERDADE dos espiritos: *Quem vos escuta escuta a mim.* (Luc. X. 19)
Pela Sma. Virgem, Elle é o CAMINHO do amor: *Eu sou a Mãe do puro amor.* (Eccli. XXIV 24)

Jesus Christo é tudo para nós... d'Elle tudo emana; tudo volta a Elle.
Esta mesma verdade foi synthetizada pelo Espirito Santo, nos Proverbios: *Lex, Lux, Via* (Prov. VI. 23)

A Eucharistia é a LEI do amor.
O Papa é a LUZ do amor.
Maria Sma. é o CAMINHO do amor!

A Egreja applica á Sma. Virgem este texto

da Sagrada Escriptura: *Em mim ha toda a graça do caminho e da verdade—In me omnis gratia viae et veritatis.* (Eccli. XXIV. 21)

E' sempre a mesma união divina: a **graça,** o **caminho,** a **verdade.**

A graça é *Jesus Christo.*
A verdade é o *Papa.*
O caminho é *Maria Santissima.*

No ensino da Egreja, como na explicação espiritual da Biblia, encontramos sempre esta triplice união.

Apresenta-se uma difficuldade.

A presença de Jesus Christo, na *Eucharistia,* é um facto da **ordem da natureza,** no sentido que as apparencias que o encobrem continuam a pertencer a esta ordem, embora a substancia tenha sido mudada.

A presença de Jesus Christo, na *palavra* do Papa, é um facto da **ordem da graça,** no sentido que é uma preservação de todo erro dada ao Papa, falando ex-cathedra.

A presença de Jesus Christo, na *Sma. Virgem,* Medianeira das graças é um facto da **ordem da gloria,** no sentido que Maria Sma. já pertence a esta ordem, e não está mais corporalmente na terra.

Será isto uma difficuldade?...

Não, não! E' um novo *jacto de luz* divina, um relampago... é uma nova synthese da verdade exposta.

São Paulo na sua linguagem energica, diz: *Christus heri et hodie: ipse et in saecula.* (Hebr. XIII. 8) Isto é: o Christo abrange tudo, o passado, o presente, o futuro — em outros termos: a *natureza,* a *graça,* a *gloria* — a terra, o céu, a eternidade.

E encontramos isso em Jesus Christo, considerado sob o **triplece véu** que o esconde a nossos olhos.

Seu Corpo *natural*, na Eucharistia.
Sua palavra *espiritual*, no Papa.
Seu amor *glorioso*, na Virgem Santa.

A natureza *alimenta*.
A graça *transforma*.
A gloria *corôa*.

E' o Christo... o Christo em tudo... é o seu reino universal, no mundo, na graça, na gloria, *omnia et in omnibus Christus* (Gal. III. 11.)

Divina, incomparavel união, que devemos comprehender para dar a cada componente o valor qeu merece.

Assim unidos, comprehenderemos melhor:

O valor da Communhão.
A devoção ao Papa.
O culto de Maria Santissima.

Não são mais três devoções separadas, mas uma **unica devoção:** a devoção Catholica, central, racional, theologica, a devoção a Jesus Christo, á sua *pessoa*, á sua *palavra*, ao seu *amor*.

Almas queridas, precisaes de força?
—Ide ao **Altar,** commungae!
Precisaes de luz?
—Ide ao **Papa,** escutae-o!
Precisaes de amor?
—Ide a **Maria,** invocae-a!

VI. A TINDADE TERRESTRE

A idéa acima enunciada merece maior desenvolvimento, porque exprime o que na Religião

ha de mais divino e ao mesmo tempo de mais forte e fraco, de mais visivel e de mais escondido, de mais profundo e ao mesmo tempo de mais alto.

Eis a **Religião inteira,** em sua base, em seu desenvolvimento, em sua gloria.

Sem a **Eucharistia,** Jesus Christo ficaria um desconhecido, um incomprehendido; o Christianismo seria uma religião do passado, mas não do presente.

Sem o **Papa,** Jesus Christo seria um Deus mudo, um Deus que não governa, que não ensina, que não mostra o caminho; o Christianismo seria um cháos.

Sem **Maria Santissima,** Jesus Christo seria um Deus de Majestade e de poder, não seria mais o Pae querido, o Esposo das almas puras.

São três verdades basicas, essenciaes: uma verdadeira **Trindade terrestre** formando, num unico mysterio, três mysterios distinctos mas inseparaveis, como são inseparaveis e distinctas as três Pessoas divinas da Trindade celeste.

A Egreja Catholica é uma sociedade visivel, é um corpo perfeito,como diz o Apostolo: *Ita multi, unum corpus sumus in Christo* (Rom. XII, 5). Este corpo deve ter uma cabeça que transmitta as suas ordens á intelligencia e á vontade, ás grandes faculdades da nosssa alma.

A cabeça é Jesus Christo: *Qui est caput Christus.* (Ephes. IV. 15).

O Christo pela Communhão, communica sua força á vontade: *Ut servi Christi facientes voluntatem Dei* (Ephes. X. 9).

Elle transmitte, pelo Papa, a sua luz, á intelligencia — *sum lux mundi.* (Joan, VIII 12).

Pela Sma. Virgem, Elle inflama de amor os corações—*imflamatum est cor meum* (Psl. 72, 21)

E' o corpo completo; não póde faltar nenhuma destas partes *essenciaes*, pois do contrario seria a ruina.

A historia ahi está, para provar esta verdade. Onde falta um destes elementos, a religião vae decahindo.

Sem *Communhão* a **vida christã** desapparece.

Sem *obediencia* ao Papa a **doutrina** se corrompe.

Sem amor á *Sma. Virgem* a **virtude** periclita.

O seculo XVI, nos deu um memoravel exemplo desta verdade.

Quando Luthero desertou da Egreja, pretendeu não se separar nem de Jesus Christo nem da Sma. Virgem, (pelo menos elle assim o dizia, e podemos dar-lhe credito neste particular!) quiz apenas rejeitar o **Papa**, cnja autoridade o obrigava a evitar o erro e a trilhar o caminho da verdade.

Rejeitou, pois, o Papa. revoltou-se contra elle. Pretendeu limitar-se a esta suppressão, mais o infeliz não sabia que a Eucharistia, o Papa e a Sma. Virgem são **inseparaveis.**

Os espiritos da Reforma dividiram-se, os erros multiplicaram-se; Luthero quer intervir. Em vão se intitula prophéta, Apostolo, enviado de Deus, reformador; tudo cáe e a anarchia augmenta.

Entretanto, Jesus Christo stava ainda presente sobre os Altares da Reforma. Havia Padres, havia Bispos legitimos que consagravam validamente, porém era um **Christo mudo,** e este

Christo era impotente para defender-se e para defender a doutrina.

A Eucharistia ficou abandonada. Pouco a pouco, o proprio Tabernaculo ficou deserto..

A Sma. Virgem, que Luthero pretendia conservar como ultima lembrança da grandeza perdida, tambem desappareceu como que arrastada pela onda da revolta e, com ella, o Christo desappareceu definitivamente da reforma de Luthero.

Hoje, o protestantismo conserva apenas uma Biblia, uma letra morta!

O Christo desappareceu da seita, porque haviam desapparecido o Papa, a Eucharistia e a Mãe de Deus. E o que aconteceu com a Reforma sempre ha de acontecer.

Jesus Christo completo está escondido atrás deste **triplice véu;** rejeitando um, os outros cahem e Jesus Christo desapparece.

Onde ha Communhão frequente, docilidade ao Papa, amor á Sma. Virgem, ahi ha tambem a plenitude da religião, a virtude e a santidade.

Onde desapparece um destes elementos, a religião vacilla, corrompe-se e desapparece.

E' um facto historico, como é uma verdade theo'ogica: *Qui vos spernit me spernit* (Luc. X. 16) — *Quem vos despreza, a mim despreza*, tinha dito o Salvador ao primeiro Papa, e por elle, ao Papado de todos os tempos.

As obras de Deus são de uma simplicidade e de uma unidade que desnorteiam, ás vezes, a intelligencia humana.

O homem, vendo as obras divinas tão bellas, tão immensas, tão profundas, começa necessariamente a analysal-as, a dividil-as, para melhor distinguil-as; porém, si tal divisão é necessaria, tem sempre o inconveniente de romper a **unidade**

do plano divino e a unidade das verdades doutrinaes.

E' o que tem acontecido com a divina Eucharistia.

Os theologos distinguem a presença real, o Sacramento, o Sacrificio, a Communhão — quatro aspectos da Eucharistia.

Falando do Papa, novamente distinguem o Papa como homem e o Papa como autoridade, mostrando-nos o seu magisterio infallivel, com o triplice poder doutrinal, legislativo e judiciario, representados pela tiara pontifical.

Falando da Sma. Virgem, outras distincções se impõem, como sejam: a predestinação, a dignidade, privilegios, papel, virtudes, meritos, gloria, culto e mediação universal.

Cada assumpto absorve o theologo que, procurando salientar a *doutrina especial*, é obrigado, muitas vezes, a sacrificar a **doutrina geral,** a synthese admiravel, a ligação das diversas partes da doutrina num unico feixe central.

E' deste modo que um mysterio fica isolado de outro, com o qual elle tem, entretanto, uma connexão necessaria.

A Eucharistia, estudada isoladamente é divinamente bella; a Communhão é divinamente fecunda; o Papado, mesmo isolado, tem um esplendor sem igual; a Sma. Virgem tem um encanto incomparavel; collocando porém estas três devoções uma ao lado da outra, como a emanarem de um **principio unico,** adquirem uma belleza e uma firmeza, que não podem ter ficando separadas deste centro.

A Eucharistia é o centro unico, vital, a fonte, mas deste centro commum emanam estes três raios luminosos que são: a **Communhão, o Papa** e a **Sma. Virgem.**

A Communhão, como sendo a **força** divina.

O Papa, como sendo a **palavra** de Christo.

A Sma. Virgem, como sendo o **canal** de seu amor. A Eucharistia torna-se, deste modo a *synthese do plano divino* e a *vida da Egreja.*

E' Jesus Christo, como *principio e fim,* como alpha e omega; tudo vem delle, tudo volta a Elle.

E' Elle que **alimenta** pela Communhão.

E' Elle que **ensina** pelo Papa.

E' Elle que derrama o seu **amor** pela Sma. Virgem.

Ante o que acabámos de ver, Sto. Agostinho exclamava: *O Sacramentum pietatis! O vinculum unitatis! O vinculum caritatis!*

Sob este triplice aspecto, vê-se o Christo completo, abrangendo toda a doutrina christã.

VII. CONCLUSÃO

Muitas e grandes verdades theologicas têm passado diante de nosso olhar neste primeiro capitulo.

Muito resta a dizer ainda; mas o que precede tem apenas por fim rasgar o véu do horizonte eucharistico, e mostrar ás almas ardentes os aspectos novos e ainda pouco conhecidos do Sacramento do amor.

O que tenho procurado mostrar é que a Eucharistia **não é um Sacramento isolado,** que vem collocar-se ao lado dos seis outros Sacramentos.

Todos os Sacramentos são necessarios para a plenitude da vida christã, mas a Eucharistia além desta necessidade particular, tem uma connexão com a vida de toda a Egreja. Poder-se-ia dizer que os outros Sacrsmentos excepto a *Ordem*

que se relaciona com a Eucharistia, e o *Matrimonio*, que se refere á raça humana, são como **pessoaes,** emquanto a Eucharistia é um **Sacramento geral,** donde emana a vida da Egreja e a vida das almas.

É um estudo a fazer ainda, e que ha de fazer-se, de certo, para mostrar como tudo se relaciona, como tudo na Egreja se liga com a Sagrada Eucharistia.

Aqui tenho procurado mostrar esta ligação, deixando a outros a iniciativa e o trabalho de mostrar os pormenores desta *Synthese divina.*

A Religião Catholica assim estudada tomará um aspecto de unidade incomparavel, que será a **glorificação** da divina Eucharistia, do Papa e da Sma. Virgem—triplice glorificação que, mais do que nunca, se impõe em nossos dias.

Em frente á impiedade que blasphema, diante da Maçonaria que solapa, no meio do protestantismo que desorganiza, cercada pelo espiritismo que desequilibra, e sob as ameaças do communismo que mata, a Egreja Catholica deve erguer a fronte, sempre radiante, porque é eterna, e mostrar a sua admiravel **cohesão,** a sua força divina e o seu amor heroico até á morte.

É preciso **mostrar** o Christo reinando sobre as almas e sobre o mundo — o **Christo-Rei.**

E' preciso **mostrar** o Christo ensinando e governando as almas e as nações — o Christo na pessoa do **Papa.**

E' preciso **glorificar** o Christo amando e salvando as almas pela sua graça—o Christo na pessoa da Medianeira universal das graças: — a **Sma. Virgem Maria.**

Deste modo, o Christo Salvador parece aproximar-se de nós, baixar até nós, para continuar

a sua vida mortal, vida de apostolado, de consolação e de amor.

O Papa eleva-se até á altura que lhe compete como sendo o representante e Vigario de Jesus Christo... e vendo-o como sendo o véu do proprio Christo, comprehende-se melhor em que consiste o seu **magisterio** infallivel. A Sma. Virgem, por sua vez, nos apparece sob uma luz que é a de seu Filho, mas que o é tambem da sua propria dignidade e da grandeza de seu papel de **Medianeira.**

Maria Sma. deixa de ser, como ella é para certas almas pouco instruidas, um adorno, um enfeite da Religião; torna-se uma *peça constitutiva*, e, na ordem actual das coisas fica sendo uma peça essencial; ella é a manifestação do amor infinito de Deus, na ternura, na misericordia, no desvelo que salienta tão bem a sua condição de mulher, de Virgem e de Mãe.

Maria mostra-se em toda a plenitude de seu poder de *Medianeira universal* das graças. (1)

Eis, pois, divinamente realizado o admiravel texto do Symbolo: *Et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine,* e que os Santos resumiram muito bem pelo texto classico: *Tudo para Jesus, nada sem Maria.*

A conclusão pratica destas considerações é salientar e apresentar uma invocação do Santo Padre Eymard, approvada e indulgenciada pela

---

1) No presente estudo torna-se impossivel abranger este assumpto inteiramente; limitamo-nos ás relações de Maria Sma. com a Sagrada Eucharistia.

O leitor, desejoso de conhecer as outras irradiações da Eucharistia, encontral-as-á em outros volumes já publicados, como são: *O Christo, o Papa e a Egreja — A Virgem Maria* ou principios theologicos da vida de intimidade com a Sma. Virgem — *Contemplações evangelicas* 1 vol. — *O meu dia com Maria*, etc.

Santa Egreja, invocação esta que resume integralmente tudo o que tenho exposto sobre a união da Sma. Virgem com a Eucharistia.

Domina Nostra Sanctissimi Sacramenti, o. p. n. — Nossa Senhora do Santissimo Sacramento, rogae por nós.

Titulo expressivo e luminoso, que nos indica as relações que existem realmente entre a Sma. Virgem e o Santissimo Sacramento.

Esperemos que este bello titulo seja um dia incluido entre as bellas invocações das Ladainhas Lauretanas.

Durante os horrores da guerra, a Egreja deu a Maria Sma. o titulo de *Rainha da paz.*

Nesta hora de reparação, de levantamento material e espiritual, todos os olhares se devem dirigir para a Sagrada Eucharistia e para a suave mediação daquella, a quem devemos este mysterio de amor.

Ella é a Rainha da paz!

Ella é tambem a *Senhora do Santissimo Sacramento*, que é o fóco da paz almejada.

Praza a Deus que os grandes Congressos Eucharisticos promulguem esta doutrina eucharistica e peçam ao Santo Padre a inclusão deste titulo nas Ladainhas Lauretanas.

Deste modo, estas relações serão lembradas não só nas *invocações,* mas nas *exposições doutrinaes,* que se costuma fazer destas invocações!

Eucharistia—Papa—Sma. Virgem!

Força — luz — amor!

Nossa Senhora do Santissimo Sacramento, rogae por nós, fazei que amemos o Santissimo Sacramento e o Santo Padre, o Papa!

CAPITULO II

ORIGEM E ACTUALIDADE deste titulo

Já conhecemos a admiravel, e podia-se mesmo dizer a curiosa **synthese** da Sagrada Eucharistia, como sendo o centro de irradiação e resumo de toda a religião: *Memoriam fecit Mirabilium suorum.* (Psal. CX. 4)

E' este um ponto que nunca se poderá salientar bastante: —*Omnia et in omnibus Christus.*

Esta palavra é conhecida, porém o que não o é bastante é a applicação pratica deste texto.

O Christo **é tudo,** para todos.

Mas qual é este Christo?

Para uns é um Christo *historico*... Para outros é um Christo simplesmente *evangelico.*

E' mais que tudo isto. Deve ser o **Christo eucharistico.**

A Eucharistia não é simplesmente uma lembrança, uma doutrina, um meio, uma devoção, como muitos pensam, mas sim, Jesus Christo vivendo entre nós, como Elle vivia em Jerusalém, em Nazareth, durante a sua vida mortal.

E' Elle pessoalmente presente em nossos Tabernaculos—*Eis que estou comvosco todos os dias*

até a consummação dos seculos. (Math, 28. 20).

Não é preciso, pois, procural-o ao longe, nas nuvens do passado, nas brumas do futuro ou nas vacillações das idéas modernas; é preciso procural-o onde Elle reside.

E a sua residencia corporal e divina é a **Eucharistia.**

E' ali que o Christo continúa a ser o unico *caminho,* a unica *verdade,* a unica *vida* (Joan, XIV. 6) *de todo homem que vem a este mundo.* (Joan. I. 9)

I. A SYNTHESE DA RELIGIÃO

A Synthese da Eucharistia consiste em reconstituir o Christo completo, tal qual Elle era nos dias de sua vida terrena.

Elle é o Deus dos vivos e não dos mortos: —*Non est Deus mortuorum, sed vivorum* (Marc. XII. 27); e, como tal, é mister que Elle continúe, não simplesmente a sua vida de Victima e de immolação, mas o seu ministerio de Pastor, de Apostolo e de Pae amoroso.

E Jesus Eucharistia faz tudo isso.

Elle se faz **pão divino,** para fortalecer as vontades.

Elle se faz **verdade,** para illuminar as intelligencias.

Elle se faz **amór,** para attrahir os corações.

Mas tudo isso é sublime e divino demais para os nossos olhos mortaes; por isso, Elle lança o véu sobre estes três adoraveis mysterios; um véu de gaz e bastante transparente para não deixar subsistir a duvida, e bastante espesso para não violentar a nossa liberdade e tirar-nos o merecimento da fé.

É Elle... é certo! Podemos exclamar com S. Pedro, com a mesma fé e a mesma certeza: *Tu és o Christo, o Filho de Deus vivo* (Math. XVI. 16); mas si *o Christo resuscitado não morre mais,* como diz o Apostolo (Rom. VI. 9), tambem não póde ainda manifestar a sua gloria aqui na terra; isto é o privilegio da mansão celeste, *em recompensa da nossa fé.* (1 Petr. I. 7)

Que faz Elle então?

Lança sobre estes mysterios sublimes um véu mais mysterioso ainda, pois a intensidade da luz offuscaria o nosso olhar.

Vemos a **Hostia...** É um véu, que esconde o Christo.

Vemos um ancião vestido de branco — o **Papa.** E' um véu que esconde a verdade divina.

Vemos, com os olhos da fé, a **Sma. Virgem,** doce e sorridente... E' um véu que nos esconde o Coração amoroso de Deus, o seu desvelo e sua ternura sem limites.

São três véus... e cada um nos esconde uma das partes do Christo completo e integral.

A **Communhão** é a força divina.

O **Papa** é a verdade divina.

Maria Sma. é o amor divino.

E tudo isso se irradia da Eucharistia, com a luz e o calor se irradiam do sol.

Jesus Christo, reinando na gloria celeste, é tudo para os bemaventurados.

Jesus Christo, escondido nas trevas terrenas do Tabernaculo, é tudo para os homens de fé.

A Eucharistia é o centro do Christianismo, como é o centro das almas.

No plano divino tudo converge para Elle, do mesmo modo que, no espirito de um artista, tudo

converge para o idéal proposto: — *Finis legis... Christus, ad Justitiam omni credenti* (Rom. X. 4).

Estabelecidas estas verdades fundamentaes, podiamos dizer, usando termos novos, para exprimir verdades antigas que:

a Communhão é a FORÇA da Eucharistia.
o Papa é a PALAVRA da Eucharistia.
a Sma. Virgem é o AMOR da Eucharistia.

E este ultimo titulo está concretizado na invocação já approvada pela Egreja: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento,* o qual queremos analysar, examinar e perscrutar aqui.

II. A ORIGEM DO TITULO

Nossa Senhora do Smo. Sacramento foi o titulo dado á Sma. Virgem, pelo beato Padre Eymard, (1) fundador da Congregação do SS. Sacramento.

Era em primeiro de Maio de 1868, anno de sua morte. Prégando elle o retiro em São Mauricio, diante de sua communidade, terminou a sua instrucção com estas palavras: «Honraremos Maria sob o titulo de *Nossa Senhora do Smo. Sacramento!* Sim, digamos com confiança, digamos com amor: Nossa Senhora do Smo. Sacramento, Mãe e modelo dos adoradores, rogae por nós que recorremos a vós».

---

1) Este homem admiravel nasceu em Mure (Isère) França, em 1811, Depois de ordenado, entrou na Sociedade de Maria, onde, durante 17 annos foi o exemplo de todas as virtudes. O seu idéal foi o Culto do SS. Sacramento, e para espalhar este culto fundou duas Congregações religiosas: a dos Padres Sacramentinos, em 1856, e a das Servas do SS. Sacramento. Morreu em 1868. A sua causa foi introduzida em Roma em 1908, tendo sido declarado Bemaventurado em 1925.

O santo ficou radiante, commovido; acabava como por inspiração, de dar á Sma. Virgem um dos mais bellos e profundos titulos que a piedade póde imaginar.

Era isto uma prophecia.

Rasgando o horizonte do porvir, parece ter como que entrevisto a gloria futura do SS. Sacramento e o seu grande e universal triumpho na epoca das ultimas lutas da Egreja... e associou a Sma. Virgem a esta gloria eucharistica, com um titulo que exprime admiravelmente as relações entre Jesus Sacramentado e sua divina Mãe.

Nossa Senhora do SS. Sacramento é um nome novo, como dizia o Beato P. Eymard, mas que exprime uma cousa muito antiga.

Ha na Egreja um phenomeno que se póde intitular o "desenvolvimento das devoções". Este desenvolvimento existe tanto para as devoções, quanto para os dogmas.

O dogma é eterno e immutavel; porém certos dogmas a principio pouco conhecidos, são melhor estudados para serem defendidos contra os ataques da impiedade, donde resulta um conhecimento mais amplo e mais profundo, assim como recebe uma expansão mais popular; ao que chamamos crescimento exterior do dogma.

Ora, o dogma é a base das devoções. Sendo o dogma mais conhecido, a devoção correspondente toma novo impulso.

E' o que podemos notar na historia da Egreja, e este facto mostra admiravelmente o dedo de Deus nos acontecimentos do mundo — *Digitus Dei est hic.*

Encontramos tambem o dedo de Deus no titulo que pretendemos estudar neste livro, e convém salientar a hora providencial em que nasceu e se desenvolveu, para o triumpho da Egreja.

III. O NASCIMENTO DAS DEVOÇÕES

É uma das scintillancias do genio de Bossuet em seu "Discurso sobre a Historia Universal," o ter mostrado, através das hesitações, das lutas e barbaridades humanas, a Deus, dirigindo, orientando, e aproveitando de tudo, para o bem de seus eleitos — *Diligentibus Deum omnia in cooperantur in bonum.* (Rom. VIII. 28)

Taes considerações são o producto da fé e do genio: da fé que sabe elevar-se acima das apparencias externas e do genio que sabe penetrar nestas apparencias, e nellas descobrir o dedo de Deus. Devemos applicar o mesmo methodo ao apreciar as devoções.

Vejamos isso, embora superficialmente e sem profundas considerações, para melhor apreciar o bello titulo de "Nossa Senhora do Smo. Sacramento."

* * *

Á primeira aurora do Christianismo, os fieis, perseguidos, e esmagados sob os pés dos imperadores pagãos, têm de esconder no seio dos subterraneos a sua fé e o seu culto.

E' a hora do soffrimento, da humilhação e da destruição.

Deus vae apresentar a esses generosos confessores, a essas sublimes virgens e a esses martyres heroicos, um dogma de fé, de esperança, e uma devoção correspondente que os estimule e sustente: — *É o Christo resuscitado.*

Estes heroes do Christianismo, perseguidos, escondem-se nas catacumbas, nas grutas, nas entranhas da terra, e ahi vão desenhando, pintando e esculpindo a imagem de Jesus resuscitado. — E' o symbolo da esperança.

Elle soffreu e morreu tambem, mas resuscitou.

E os Christãos soffrem, morrem, com o olhar sobre o Christo resuscitado, modelo de sua propria resurreição.

E' como a proclamação do primeiro dogma na Egreja.

E' a primeira devoção, a devoção da ESPERANÇA, que vem juntar-se ao dogma da fé, proclamado pelo Christo e pelos Apostolos.

* * *

Apparece Constantino e com elle o Christianismo sóbe ao throno.

Os fieis sahem de seus templos subterraneos e escuros, e apparecem na superficie da terra.

Nesta hora de triumpho, sem que elles pensem no facto apparece o estandarte do Christianismo: —*é a Cruz.*

É o dogma da morte do Salvador... é a devoção á sua paixão dolorosa.

Na dor era-lhes mister a imagem do triumpho; no triumpho é-lhes preciso a imagem da dor!—E' o reino da Cruz!

Ella se eleva, pois, triumphante, adornando os templos e os diademas dos Cesares, cercada de honra, de gloria e de veneração.

O divino Crucificado, até ali sepultado nas catacumbas e no peito de seus filhos, apparece coberto de sangue e de chagas.

Os braços dos fieis se elevam, as suas mãos se extendem para Elle, os joelhos dobram-se, e Jesus Crucificado excita na alma christã um prolongado brado de fé e de esperança.

Fé, esperança, caridade.—É como o desenvolvimento gradual destas verdades theologicas, que

vai reformando o mundo e elevando-o acima do paganismo moribundo.

* * *

Chega a decadencia do baixo imperio. Os barbaros do norte lançam-se sobre elle, semeam devastações, ruinas e assassinios. Mas a Egreja os espera, ella, a eterna civilizadora. E sabeis o que ella apresenta a esses Francos, Godos, Longobardos, e demais barbaros, para prostral-os por terra e civilizal-os?

O Christo ainda... mas desta vez, o Christo coroado de espinhos, as mãos, os pés e o lado gottejantes de sangue, como do Coração gotteja o amor.

O olhar languido, ensanguentado deste Christo triumphante pelo seu sangue, parece fixar-se sobre esses barbaros... A esta vista, um arrepio percorre essas hordas de selvagens... Elles olham, examinam, sentem-se enternecidos... e eil-os de joelhos, batendo no peito e soluçando diante do Deus martyr, vencedor do tempo e dos homens.

Um sopro de vida, de enthusiasmo passa sobre a velha Europa.

As multidões param, exultam-se, e, ao brado mil vezes repetido de *"Deus o quer!"*, nações inteiras se levantam, abandonam tudo, e põem-se em marcha, para libertar o sepulcro d'Aquelle que elles começaram apenas a conhecer, mas que já amam até ao sacrificio.

E a vista de Jerusalém arranca soluços a essas rudes almas de soldados, soluços que vão até ao desmaio, e ás vezes até á morte.

* * *

Sob a influencia destes anhelos de fé ardente, de enthusiasmo vehemente, as almas materializam-

se, e a religião é ameaçada de tornar-se toda exterior.

E' preciso outra devoção que obrigue os Christãos a se recolherem em si mesmos, fazendo-lhes apreciar o encanto da vida interior, a união intima com Deus.

Esta nova devoção estava como de reserva. Ella já era antiga... tinha descido do Cenaculo e do Calvario, mas era preciso dar-lhe o attractivo, o anhelo do enthusiasmo.

—É a Sagrada **Eucharistia!**

Ahi, sim, perto do divino prisioneiro, as almas se inflammam e se transfiguram; ellas aprendem a chorar aos pés de Jesus, a reparar, a adorar, com um amor de paixão.

Em face da nova devoção, nascida das necessidades e das aspirações das almas, surgem três genios immortaes: S. Boaventura, Sto. Thomaz e Thomaz de Kempis, o autor da Imitação, e estes genios procuram em seus corações, em sua fé ardente, cantos que estejam á altura das aspirações universaes.

Quem imitará os accentos de fé e de amor apaixonados dos hymnos de Santo Thomaz, dos Commentarios de São Boaventura e do livro da Imitação ?

E' inimitavel... é um monumento historico-dogmaticos... são echos da outra vida

IV. NOS ULTIMOS TEMPOS

Vão passando os seculos... Novos horizontes se abrem... Novos males penetram na sociedade... Novos perigos ameaçam a vida christã!...

E' a emancipação da mulher... é o feminismo exaggerado... é o sensualismo deprimente.

O mundo espera ancioso o remedio...

Não póde faltar, pois somente Deus póde salvar as nações.

E eis que se levanta, doce, sorridente, meigo como a aurora, o culto da Sma. Virgem Maria.

Os Apostolos de Maria, surgem de todos os lados. São os Santos Ildefonso, Isidoro, João Damasceno, Cyrillo, Methodio, Bernardo, Alberto Magno, Antonino, Lourenço Justiniano, Casimiro de Polonia, Bernardino de Senna, Luiz de Gonzaga, Stanislau, Francisco de Sales, João Berchmans, João Eudes, Vicente de Paulo, Berulle, Condren, Olier, Montfort, Affonso de Liguori, Gabriel d'Adolorata, o Cura de Ars, etc., etc...

Nunca a devoção á Sma. Virgem tinha recebido tal impulso. E' o reino de Maria. E' o seculo de Maria. — *Ad Jesum per Mariam.*

E a humilde Virgem, como para approvar este fremente enthusiasmo, como para responder ao chamado de seus filhos, mostra-se successivamente:

Em Paris, á Irmã Catharina Labouré (1830);
Em Suissa, a uma religiosa (1835);
Em Roma, a Ratisbonna (1842):
Em Salette, aos pastores (1846):
Em Toscana (Arreto) a uma joven (1853);
Em Lourdes, á Santa Bernadette (1858):
Em Pontmain, encorajando á esperança (1871);
Nos Estados Unidos, em São Luiz (1872);
Em Suissa, em Neubois, a diversas pessoas (1872);
Em Batignolles, a diversas pessoas (1873);
Em Pellevoisin, a um grupo de crianças (1876).

E assim por diante, em Campocavalle, Castelpetroso, Rovigo, Quito, Campetello, Fatima, Beauraing, Banneux, etc.

A devoção a Maria Sma. lançou suas raizes, penetrou nas almas e as preparou admiravelmente para novas manifestações de amor.

Mas Maria Sma. não é o fim; ella é o caminho. O seu reino é necessariamente uma introducção ao reino de Jesus.

É o que aconteceu.

* * *

Um dia o Coração adoravel do Filho de Deus mostrou-se radiante á Sta. Margarida Maria, manifestando o seu desejo de invadir o mundo e de transfigural-o pelo seu amor:

Eis o coração que tanto amou aos homens... Eu vim trazer o fogo do amor á terra, e o meu desejo é que elle abraze todos os corações—Ignem veni mittere in terram. (Luc. XII. 49)

E só Deus sabe quaes são os effeitos luminosos que deixaram na humanidade estas apparições de Paray-le Monial e a deliciosa doutrina do Coração de Jesus.

Esta doutrina, esplendida coroação do culto de Maria Sma, transforma o genero humano e, pela voz infal'ivel do Successor de São Pedro, do Santo Padre Pio X sobretudo, eis que a Communhão frequente penetra e invade o mundo.

Hoje o Tabernaculo é um centro da vida, de amor e de reparação.

O culto do Coração de Jesus veiu unir-se á Sagrada Eucharistia e suscitar a bella e tocante devoção do *Coração Eucharistico de Jesus.*

* * *

Outros males ameaçam a sociedade: o socialismo, o communismo procuram destruir a familia, o santuario do lar.

E eis que Leão XIII, o Papa do Rosario e do

culto de S. José, proclama a devoção á Sagrada Familia, modelo da familia christã.

Maria Sma. é o modelo da joven, da esposa, da mãe; o Menino Jesus é o modelo dos filhos; S. José é o modelo dos operarios.

A Sagrada Familia é o modelo da união, da concordia, da piedade familiar que constitue a força e o encanto do lar christão.

A' dissolução da familia a Egreja oppõe os suaves exemplos de Jesus, de Maria e de S. José.

* * *

Mas os tempos passam, como passam os homens!...

A luta pela vida, as concurrencias, as discordias entre as nações, a falta de fé mutua, tudo lança o homem numa actividade febril, inclina-o para a terra, com perigo de esquecer-se do céu.

E' preciso novo remedio, o ultimo talvez, o remedio dos ultimos tempos.

E para dal-o ao mundo, Deus suscita um homem admiravel, um apaixonado da Eucharistia e da Sma. Virgem, o qual numa synthese admiravel, entrelaça o espirito de adoração e o espirito de amor filial, mostrando-nos a **Jesus Sacramentado e a Sma. Virgem** intimamente ligados neste Sacramento de amor.

Este homem providencial é o santo Pedro Julião Eymard.

E' um amoroso, é um clarevidente, é um Apostolo, é um doutrinador, é um fundador.

Era preciso tudo isto para saccudir a indolencia do seculo XIX., e collocar acima de sua vida agitada o **Ostensorio** divino, para adorar a Jesus, e venerar a Sma. Virgem, para apresental-a como modelo perfeito da vida eucharistica.

O Santo homem soube cumprir a sua missão e realizar o seu idéal — o idéal do nosso seculo — a adoração perpetua do Smo. Sacramento.

A Congregação de Sacerdotes, por elle fundada, tem por fim apresentar as adorações do mundo a Jesus Eucharistico; como a Congregação das religiosas, tambem por elle fundada, tem por fim imitar a vida eucharistica da Sma. Virgem após a Ascenção de seu Filho.

Eis a bella, a triumphante invocação de S. Pedro Eymard —*Nossa Senhora do Smo. Sacramento,* que passamos a analysar.

V. N. SRA. DO SMO. SACRAMENTO

Porque esta nova invocação?

Terá ella applicação pratica nas necessidades de nossa epoca, nas exigencias das almas e da sociedade?

—Perfeitamente.

Deus tudo faz *com peso e medida, com força e suavidade* (Sap. VIII. 1).

Irradiação de uma alma de santo, como é o sto. Padre Eymard, tal invocação possue já um valor subjectivo, e adquire um valor objectivo por sua propria significação.

Estamos no *Seculo Eucharistico.*

Foi este seculo providencialmente preparado pelo Papa da Eucharistia, S. S. Pio X.

Maria Sma. como introductora de Jesus no mundo, preparou as almas, para que o seu divino Filho pudesse reinar nellas como Mestre absoluto.

Pio X abriu os Sacrarios, e abriu as almas. Jesus Eucharistia, adorado na solidão de seu Tabernaculo, ficou sendo o alvo de todas as aspirações.

Foi como um relampago que rasgou o seio do firmamento, de um polo ao outro; e a scentelha rutilante foi a Hostia branca, adorada, cujas apparencias encobrem a Majestade divina, verdadeiramente presente nella.

A Communhão frequente, diaria, que sempre foi a grande aspiração do Coração de Jesus, espalha-se, intensifica-se, augmenta dia a dia e torna-se uma quasi necessidade para todas as almas piedosas.

O Brasil entrou admiravelmente neste impulso eucharistico.

Deus lhe deu um grande Cardial, S. Excia. Rvma. D. Sebastião Leme, alma de escól, coração apaixonado pela Eucharistia e pela Sma. Virgem.

Sob a inspiração desta nobre actividade, o culto eucharistico foi-se extendendo pelos Congressos, pela adoração perpetua, pelo esplendor do culto exterior, pelas ligas e uniões em pról da Communhão das crianças, dos intellectuaes, dos militares, etc.

Hoje a Communhão frequente é uma realidade: — é a força viva da Egreja, no meio das lutas da hora presente.

* * *

Mas não basta commungar, é preciso **commungar bem.**

Si toda Communhão é uma consolação para o Coração de Jesus, nem sempre é ella uma força para nós.

A Communhão é um **alimento.**

Deus suscitou o *appetite* deste alimento.

E' preciso ainda *assimilal-o.*

A alimentação vale tanto quanto ha assimilação.

A Communhão é sempre santa, divina, em si mesma, mas para que seja proveitosa, é preciso preparação, acção de graças, da nossa parte.

A Egreja nos ensina, sem duvida, como devemos fazer isso; porém, o adagio popular é conhecido—*Verba movent, exempla trahunt.* Precisavamos de um modelo, de um exemplo.

E para coisa tão sublime, não bastava um exemplo qualquer.

Era mister um exemplo, um modelo tão **alto,** que pudesse attrahir as almas; tão **suave,** que ninguem ficasse com receio; tão **popular,** que todos pudessem comprehendel o; tão **irresistivel,** que vencesse todas as opposições.

E este exemplo, nimbado de ternura, de amor, de maternal condescendencia, cheio de misericordia, de irresistivel attractivo, é a Virgem Sma.— a Mãe de Jesus, que tambem é nossa Mãe.

Eil-a que apparece, bella, radiante, com o Menino Jesus nos braços, e Elle, igualmente sorridente, apresenta nos em sua mãozinha acariciante o calice e a Hostia sagrada.

De seus labios divinos, e aqui ternamente infantis, cahem estas palavras, que os seculos repetem, mas não comprehendem bastante— *Venite ad me omnes — Vinde a mim, vós todos que trabalhaes e estaes fatigados, e eu vos alliviarei.* (Math. XI. 28)

E olhando para a Hostia sagrada, a Virgem Santa numa adoração muda e como que extatica, apresenta ao mundo seu Jesus, invisivelmente presente na Hostia adoravel, pedindo a todos que venham com ella, e por ella, adoral-o, e como ella recebel o na Communhão sagrada—*Commedite panem e bibite vinum... quæ miscui vobis* (Prov. IX. 5). Comei o pão divino e bebei o vi-

nho celeste que eu preparei em minhas entranhas, para a salvação do mundo.

Espectaculo divino... Convite irresistivel. E foi nesta hora que o Espirito Santo poz nos labios de um santo, depois de ter infundido em seu coração, este brado de amor, que se deverá repercutir até ao fim dos tempos: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento, Mãe e modelo dos adoradores, rogai por nós que recorremos a vós!*

E á vista desta nova estrella que ia aureolar a fronte da Immaculada, inclinaram-se os Anjos e saudaram em côro a sua Rainha, a Mãe deste Deus que está glorioso no céu, e escondido nos Tabernaculos da terra.

Maria é a Senhora da Encarnação, ella deve ser tambem a Senhora da extensão da Encarnação, que é a **Eucharistia.**

Ahi está o exemplo, o modelo perfeito, suave, attrahente, que os homens devem imitar e reproduzir, para se tornarem dignos adoradores da divina Eucharistia, e dignos receptaculos da Hostia sagrada, pela Communhão.

VI. O MODELO PERFEITO

O modelo, para ser perfeito, deve ser ao mesmo tempo a expressão viva da verdade... e adaptado ás necessidades do momento.

Hoje o mundo atravessa uma crise...

Elle presume ser forte de *intelligencia.*
Elle é fraco de *vontade.*
Elle é desequilibrado de *coração.*

Dahi a triplice fonte de males que hoje penetram na sociedade.

O mundo é *orgulhoso,* as vontades são *vacillantes;* os corações são *depravados.*

Haverá quem ouse negal-o? Basta olhar em redor de nós: — o espectaculo é publico e geral.

O orgulho gera a independencia, a revolta: — o mundo está em revolta contra tudo e contra todos.

A vacillação da vontade arruina o caracter, a palavra empenhada, a dignidade: — hoje ninguem tem confiança em seu semelhante, a desconfiança é geral.

A depravação do coração quer e propugna o divorcio, o amor livre, o goso, a *lama*: —hoje a sociedade está pisando no lamaçal das modas, dos cinemas, do nudismo, do cocainismo, etc.

Oh! Maria! ó Mãe! ó Senhora! apparece ainda uma vez, e que a tua imagem, alva e pura, domine e irradie-se sobre estas ruinas fumegantes da humanidade, para mostrar-lhe o abysmo em que ella se afunda e o céu que ella desconhece.

Apparece, ó Mãe, salva a sociedade... Abre os Tabernaculos silenciosos, abre os corações sobretudo... e aproxima os teus filhos sedentos de amor, do Tabernaculo do amor, para que no encontro destes dois filhos teus, o Filho divino e o filho humano, as intelligencias comprehendam o seu idéal, as vontades se formem no bem, os corações aspirem ao amor verdadeiro.

E' o vosso papel de Mãe, de Mãe de Jesus e de Mãe dos homens, de Mãe do Justo e Mãe do peccador.

O modelo não podia ser mais perfeito.

Elle é a expressão da bondade, da misericordia, do amor de Deus; é o sorriso da Virgem-Mãe.

Elle está adaptado ás nossas grandes e urgentes necessidades.

Ao nosso orgulho a Virgem vem trazer a sua incomparavel humildade: —*Ecce ancilla Domini.*

Ás nossas vacillações ella vem trazer a sua firmeza, a sua doce conformidade á vontade divina: — *Fiat mihi secundum Verbum tuum.*

Aos corações depravados ella vem trazer a pureza de seu amor, o seu carinho de Mãe, a sua fidelidade de esposa, o seu sorriso de Virgem: — *Benedicta tu inter mulieres!*

Este triplice remedio para os males actuaes, a doce Virgem nol-o apresenta pelas mãos de seu Filho; — ella os apresenta a Jesus; Jesus nos apresenta o seu calice e a Hostia santa, dizendo: — *Eu sou o pão vivo, que desci do céu; quem comer deste pão viverá eternamente...* (Jo. VI. 51)

E' *Nossa Senhora do Smo. Sacramento* convidando as almas, e attrahindo-as aos pés de Jesus. E ao mesmo tempo que ella attrae as almas, lhes ensina como devem adorar, amar e receber este mesmo Jesus. Ella é a **manifestação** suave da bondade de Deus; ella é tambem o **modelo** perfeito a imitar para commungar com fervor e fructo.

VII. CONCLUSÃO

Eis, pois, a origem gloriosa do titulo de *Nossa Senhora do Smo. Sacramento,* e a sua perfeita adaptação ás necessidades da epoca.

Não digam que é novidade. Não é o nome que importa; é o que elle exprime. A verdade que tal nome exprime é antiga, como disse o S. Padre Eymard.

No seu prefacio ao Tratado sobre a Sma. Virgem, Suarez, o theologo positivo por excellencia, diz a respeito do silencio evangelico sobre a Mãe de Jesus, uma verdade, que aqui tem a sua applicação:

«Não é sem designio particular do Espirito

Santo, que diversos mysterios e privilegios de Maria não foram assignalados no Evangelho, nem transmittidos pela tradição.

«Deus quiz, deste modo, dar ás gerações futuras mais extensa faculdade de meditar e de considerar estes mysterios, de dizer e escrever sobre a Sma. Virgem mais coisas além das que se possuiam até aqui, deduzindo-as pelo raciocinio, dos principios estabelecidos (Suarez: De Incarnatione: — T. XIX)».

Ao Evangelho não incumbia dizer tudo. Bastava-lhe estabelecer os **principios,** deixando ao nosso amor o cuidado de deduzir as conclusões, conforme as epocas e as necessidades.

Deus conserva em deposito auxilios que não conhecemos, para manifestal-os na hora precisa.

O Padre Faber escreve com muita razão:

«Aquelle que poude encontrar um ponto de vista differente, donde nossa querida Mãe appareça melhor e mais alta, achou novo meio de santificação, pois adquiriu novo poder de amor» (O precioso sangue)

No caso presente, nem precisamos recorrer ao raciocinio, para encontrar o titulo de *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

A novidade aqui não existe, nem na devoção, nem siquer no nome.

Que verdade mais evangelica do que aquella que figura no Capitulo primeiro de S. Matheus: —*Maria de qua natus est Jesus* (Math. I. 16)?

E' tambem do mesmo Evangelho esta outra verdade: — *Invenerunt puerum cum Maria Mater ejus* (Math. II. 11).

Que significam estes textos?

O primeiro nos diz que Maria é *Mãe de Jesus;* o segundo, que Maria e Jesus estão unidos

e que, para achar a Jesus, é preciso 'procural-o nos braços de sua Mãe.

Isto é inteiramente evangelico.

O titulo de N. Sra. do Smo. Sacramento é a traducção espiritual, sinão literal, destes passos do Evangelho.

Maria Sma. nos é apresentada como Mãe de Jesus, Mãe de Deus, pois Jesus é Deus. Melhor ainda: como Mãe do Menino Deus—*puerum cum matre ejus.*

Temos, pois: Maria, Mãe do Menino Deus, ou ainda: Nossa Senhora do Menino Deus.

Ora, como já dissemos, a Eucharistia é o prolongamento da Encarnação.

O Menino Deus é a Encarnação.

A Eucharistia é o prolongamento da Encarnação; deste modo, são identicas as invocações: Nossa Senhora da *Encarnação* e *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

E' um nome novo apenas pelo termo, porém muito antigo pela significação e pela verdade.

A sua origem, quanto *ao termo*, veiu-nos do santo Padre Pedro Eymard; quanto á *verdade*, veiu-nos do Espirito Santo, no Evangelho.

E além de ter origem divina, este titulo é a expressão de uma verdade absolutamente necessaria em nossos dias, e admiravelmente adaptada ás necessidades da epoca.

Ha de ser a grande devoção destes tempos: —a devoção fecunda que attrahirá as almas aos pés do Tabernaculo e inspirar-lhes-á o amor da Sagrada Eucharistia.

CAPITULO III

SIGNIFICAÇÃO DESTE TITULO

Não será inutil estudar em todos os pormenores o titulo de *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

Convém notar que, na linguagem ecclesiastica, como na linguagem biblica, o termo escolhido tem fundamento na propria cousa significada, de sorte que as palavras sacramentaes e dogmaticas não podem ser alteradas, nem substituidas por termos equivalentes, sob pena, ás vezes, de nullidade ou de heresia.

Na linguagem divina a palavra é um objecto *Res non verba.* Tudo ahi é sagrado.

Quando a Egreja approva um termo, um titulo, uma invocação, este termo tem um valor doutrinal, que é sagrado e que deve ser estudado.

E' o que fazia dizer aos antigos: *modus precandi, modus credendi*—O modo de rezar é o nosso modo de crer.

A Egreja approvou a invocação:—"Nossa Senhora do Smo. Sacramento", e enriqueceu-a de indulgencias.

E' o bastante para que tal invocação, sendo um modo de orar, seja tambem o modo de *crer.*

Procuremos, pois, entrar bem no sentido desta expressão.

I. A EVOLUÇÃO DOUTRINAL

O dogma catholico tem valor eterno quanto á sua substancia. E' desta que se póde dizer de modo absoluto: *Nihil sub sole novum.* (Eccl I. 10)

A revelação divina dos dogmas terminou desde os tempos apostolicos, de modo que já não póde haver novas revelações publicas.

Apesar desta immutabilidade, ha, entretanto, um verdadeiro **desenvolvimento** nos dogmas, no sentido que a doutrina revelada se vai tornando mais clara e mais bem comprehendida pelos homens. (1)

O dogma, como verdade revelada, permanece immutavel, porém, pelo estudo e pela discussão, os homens penetram nestes dogmas e vão comprehendendo, aos poucos, certos aspectos novos, que lhes estavam velados a principio.

A evolução doutrinal póde formular perguntas novas e em consequencia dar novas respostas, ou formular conclusões novas.

Quando o Apostolo recommenda evitar *profanas vocum novitates*, (1. Tim. VI. 20) não entende prohibir expressões novas, que nada têm de profanas, mas são a efflorescencia natural do espirito theologico.

Tratando-se de culto, cabe á autoridade ecclesiastica decidir si tal ou tal invocação determinada, póde ser acceita ou deve ser rejeitada.

Nestas expressões póde haver, ás vezes, inexactidões, confusões de idéa da parte do povo, porém convém notar que *"propter abusum non tollitur usus"*, por haver abuso, não se póde eliminar o uso.

Que haja pessoas de pouca instrucção que não comprehendam a extensão e a belleza de novos

---

1) Ver o nosso livro «*O Anjo da Luz*»—sexta polemica.

titulos dados á Sma. Virgem, é natural, mas isso não é razão de impedir a expansão da piedade na alma daquelles que comprehendem as bellezas destas expressões.

Por haver pessoas que abusem do fumo e do alcool, não ha razão de supprimir estes elementos, o que é necessario é **regulamentar** o seu uso, pois o mal não está no **uso,** mas exclusivamente no **abuso.** Assim acontece com todas as devoções.

O culto de Maria Sma. foi exaggerado na edade media, por uns fanaticos, chamados Mariólatras, que pretendiam prestar á Sma. Virgem um culto divino.

A Egreja, sempre vigilante, repelle os excessos, como repelle as deficiencias, mantendo sempre a verdade unica, igualmente distante dos dois extremos.

Outros pensam que, destacando um ponto secundario do culto, o objecto principal deste culto póde cahir em esquecimento.

Não ha perigo, porque o Sacerdote ou os livros doutrinaes que salientam este ponto secundario, saberão collocal-o de modo que, em vez de esconder o objecto **principal,** lhe dê mais relevo e mais vida.

Aliás as partes secundarias são feitas para dar mais relevo á parte principal. Numa obra bem feita — e as obras de Deus são todas bem feitas — tudo converge para um fim unico, central, e por mais que se saliente um lado secundario, elle nunca poderá substituir, ou simplesmente escurecer o ponto principal.

Assim com a invocação em questão. Ella significa e exprime as relações da Sma. Virgem com a divina Eucharistia.

Ora, estas relações são **reaes,** e sendo o,

realçam, com nova luz, os dois termos que os exprimem.

Estudar Na. Sra. do Smo. Sacramento é pois estudar tanto a Sagrada Eucharistia, como a Sma. Virgem, para depois deduzir as relações que existem entre elles.

II. DIVERSAS DENOMINAÇÕES

A expressão, composta de dois termos unidos pela particula: *de* ou *do*, indica uma relação, sem especifical-a entretanto.

Os termos exprimem e abrangem, pois, a questão de ambos os lados.

Aqui, é **Maria Sma.,** em todos os seus privilegios, em toda a sua vida, como é a **Eucharistia** em seus diversos pontos de vista, como sejam: a presença real, o sacrificio, a communhão, etc... Tudo isso pertence ás relações que existem entre Jesus e Maria.

Allás, é costume da Egreja deixar aos termos toda a amplidão de sua significação.

Diz-se: Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Salette, Nossa Senhora de Pontmain, Nossa Senhora de Fatima, Nossa Senhora de Banneux, porque ella se dignou manifestar-se nestes logares, recebendo dahi diversos nomes, que significam todos a mesma Nossa Senhora.

Não é isto, aliás, o que acontece diariamente entre nós? A mesma pessoa póde apresentar-se em diversos logares, com titulos diversos que a recommendam.

Um Medico póde ser Senador, Consul, etc., na mesma cidade. A pessoa é uma só; entretanto, ella se apresenta perto do leito dos enfermos, como Medico e é chamado como tal: Sr. Doutor.

No Senado, elle se apresenta como Senador, e ahi é chamado: Sr. Senador.

No Consulado, elle despacha os negocios como Consul, e todos lhe chamam: Sr. Consul.

E' o que acontece com a Sma. Virgem; ella tem grande numero de titulos, porque tem grande numero de officios, de prerogativas, e cada uma lhe merece um titulo distinctivo.

As Ladainhas Lauretanas são uma successão admiravel destes diversos titulos, que exprimem, cada um por si, uma prerogativa especial da Mãe de Jesus.

Para quem não sabe penetrar no sentido destas invocações, as ladainhas parecem uma agglomeração de palavras ôccas, sem nexo e sem razão.

Sim, assim póde ser para os ignorantes e os distrahidos!

Para as pessoas piedosas taes ladainhas constituem uma verdadeira theologia popular. Cada invocação é uma perola da corôa da Immaculada; podia-se mesmo dizer que é uma pagina da historia do mundo e das almas. Que ineffavel visão de grandeza não apresentam estes titulos de; *Santa Maria, Santa Mãe de Deus, Santa Virgem das Virgens, Mãe de Christo, Mãe da divina graça*, etc...

E' tão suave, que o proprio impio, si comprehendesse estas palavras, cahiria de joelhos, para saborear a doçura destes nomes.

As ultimas invocações lembram-nos os ultimos acontecimentos mundiaes.

Rainha do Santo Rosario,—é a victoria de Lepanto sobre os musulmanos, que invadiram a Europa.

Rainha concebida sem peccado—é a procla-

mação do dogma da Immaculada Conceição e das apparições de Lourdes.

Rainha da paz — é a lembrança do grande morticinio que, durante 4 annos, ensanguentou a Europa e perturbou o mundo.

Que é que falta?

Apenas um titulo para fechar, com chave de ouro, estas suaves invocações.

Estamos no seculo eucharistico. Os Congressos eucharisticos e marianos vão se multiplicando na Egreja, com immensos fructos. A Virgem Sma., doce guarda do Tabernaculo, vê o seu Jesus triumphar do pharisaismo moderno, como outróra triumphára do pharisaismo judaico. Ella tem o direito de ver assignalado o seu triumpho, pela inclusão nas Ladainhas, deste novo titulo: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

A primeira e ultima invocação das Ladainhas formariam, deste modo, uma ligação perfeita: Santa Maria, Nossa Senhora do Smo. Sacramento, rogae por nós.

Oh! peçamos, em nossas preces, que o Espirito Santo, inspire o Chefe da Egreja, para a realização desta introducção, e que esta honra, esta gloria seja obra do illustre e santo Pontifice Pio XI, que tão gloriosamente dirige a Egreja na hora presente.

SS. Bento XV incluiu na ladainha o titulo de *Regina pacis.*

Queira o seu successor incluir o titulo de *Domina Nostra Smi. Sacramenti.*

III. OS NOMES DE MARIA

A Egreja dá a Maria Sma. varios nomes, cuja razão de ser e significação propria é applicavel á Mãe de Jesus.

A impiedade zomba destes titulos, emquanto a indifferença meneia a cabeça. O impio e o ignorante não comprehendem como a Virgem Maria, que é uma só, possa receber centenas de nomes differentes.

E' um facto... e um facto que prova o quanto Maria Sma. é invocada no mundo e qual a confiança que a humanidade nella deposita.

Ella é uma só... e tem centenas de nomes.

Um Soneto singelo, mas suave, nos vai revelar o segredo:

NOSSA SENHORA E AS ROSAS

Disse-me, um dia, um velho atheu, sorrindo:
«Nossa Senhora, si é uma só, porque ha de
haver, desfigurando-lhe a unidade,
tantas Nossas Senhoras?» Era lindo

o dia. Em torno estavam colorindo
um jardim, no esplendor da virgindade,
rosas. E quantas! Que variedade!
todas volladas para o azul infindo.

Eu não lhe respondi. Mostrei-lhe, apenas,
aquellas rosas, que de tão serenas
inda me pareciam mais formosas.

E o velho atheu, vendo-as, em sã consciencia,
na fórma varias, mas iguaes na essencia,
Viu que Nossa Senhora é como as rosas.

Como é simples e como é expressivo!
Nossa Senhora é como as rosas,
Varias na fórma, iguaes na essencia.
Ha mais de mil especies de rosas, portanto

mais de mil nomes de rosas; e entretanto: só ha uma rosa!

Conforme o clima, os paizes, os logares, e até as pessoas, a rosa recebe outro nome: mas é sempre a **rosa.**

Maria Sma. é uma só, mas cada um, conforme a sua devoção ou as suas necessidades, póde dar-lhe um nome differente.

O pobre orphamzinho que chora, implorando a Virgem Maria, póde chamal-a: *a Mãe dos orphams.*

A viuva desolada, implorando a Virgem Maria, póde chamal-a: *a Mãe das dores.*

A joven pura e piedosa, implorando a Virgem Maria, póde chamal-a: *a Virgem purissima.*

O pobre que soffre e passa miserias, implorando a Virgem Maria, póde chamal-a: *a Mãe dos pobres.*

O doente que geme, sob o peso da enfermidade, póde chamal-a: *a saúde dos enfermos.*

O moribundo nos ultimos transes da agonia, póde chamal-a: *a padroeira da boa morte.*

Só ha uma Maria Sma., mas ella muda de nome, como mudam de nome as rosas, para melhor exprimir o seu desvelo, a sua protecção para com aquelles que a imploram.

E não somente ha esta variedade, mas ha uma outra mais admiravel ainda.

Maria Sma. sendo unida a todos os mysterios da religião e a todas as phases da vida de seu divino Filho, recebe o nome de cada um destes mysterios.

Ella é a Virgem predestinada, a Virgem figurada, a Virgem prophetizada: mas é uma Virgem só.

Ella é a Filha do Padre Eterno, a Mãe do

Filho, a Esposa do Espirito Santo; mas é uma unica Virgem Maria.

Ella é a Virgem do Templo, de Belém, de Nazareth, do Egypto, do Calvario, da Eucharistia, da Ascenção e da Assumpção; mas é uma Virgem só.

Ella é Nossa Senhora do presepio, das dores, da gloria, do Smo. Sacramento, conforme o mysterio a que fica associada; mas é uma só e mesma Nossa Senhora.

Eis o que já seria bastante para demonstrar a legitimidade da nova invocação: Na. Sra. DO Smo. SACRAMENTO.

IV. NECESSIDADE DA DEVOÇÃO á Maria

Cada uma das invocações, ou cada um dos privilegios de Maria Sma. dá logar e assumpto para uma devoção ou culto especial.

Ha devoções na Egreja, que se impõem, que são absolutamente necessarias; ha outras, sempre uteis, mas facultativas. A Egreja é um immenso canteiro, onde ha flores de todas as côres e matizes, para todos os gostos e todas as vistas.

Querer adoptar todas as devoções, seria impossivel.

Querer omittir todas, seria loucura.

E' preciso fazer uma escolha.

Umas destas devoções são de absoluta **necèssidade;** por exemplo, o culto da Eucharistia, todos os mysterios da vida, paixão e morte do Salvador. Ninguem póde ficar insensivel aos mysterios que se referem á Pessoa de Jesus Christo. Ninguem póde tambem ficar insensivel ao culto da Sma. Virgem, em geral.

E' uma necessidade.

Este culto é **moralmente** necessario para a salvação, e é **absolutamente** necessario para a perfeição. Tal é a doutrina de Santo Affonso e de muitos outros theologos, como o é da propria Egreja, que adoptou e sanccionou esta opinião.

Ha, dizem os theologos, um preceito indirecto que nos obriga a honrar e invocar a Sma. Virgem. (Gury-Compl. theol. mor.)

Santo Affonso resume o ensino theologico a este respeito. Citemos apenas uma passagem. tiradas da "Glorias de Maria".

«A utilidade e a santidade da invocação á Sma. Virgem, diz elle, não podem ser postas em duvida, sem faltar á fé.

«Pretendemos affirmar, deste modo, que a intercessão de Maria é necessaria para a salvação, não de necessidade absoluta, mas de **necessidade moral,** para empregar a palavra adequada.

«Esta necessidade provém da vontade de Deus que quer que todas as graças que Elle concede, passem pelas mãos de Maria, segundo o sentimento de São Bernardo, sentimento hoje adoptado por todos os theologos e todos os Doutores.

«Confessamos que Deus é a fonte de todos os bens, o Senhor absoluto de todas as graças, e que Maria é apenas uma simples creatura, que recebe o que obtem da vontade divina.

«Quem ousaria negar, entretanto, que haja tantas razões, quantas conveniencias em affirmar que Deus, afim de exaltar esta sublime creatura que elle ama tanta e que escolheu para Mãe de seu Filho, nosso Redemptor, quiz que todas as

graças concedidas ás almas, resgatadas por Jesus Christo, passassem pelas mãos de Maria, e por ella nos fossem dispensadas.

«Confessamos que Jesus Christo é o unico Mediador de justiça, e que nós alcançamos as graças e a salvação em virtude de seus merecimentos; porém, dizemos que Maria é a Medianeira de graça. Tudo o que ella alcança é alcançado pelos merecimentos de Jesus Christo em cujo nome ella pede; mas não deixa de ser verdade que todas as graças que solicitamos nos são communicadas pela sua intercessão». (Glor. de Maria—I. p. Cap. V.)

Completemos estas indicações do Sto. Doutor, com uma passagem do Bemaventurado Grignon de Montfort, referindo-se ao mesmo assumpto, mas entrando em mais pormenores ainda.

O grande Apostolo de Maria Sma. assim escreve:

«Si a devoção á Maria Sma. é necessaria a todos os homens para alcançarem simplesmente a sua salvação, ella é muito mais necessaria para aquelles que são chamados a uma perfeição particular.

Eu não creio que uma pessoa possa adquirir uma união intima com Nosso Senhor, e uma perfeita fidelidade ao Espirito Santo, sem grande união com a Sma. Virgem e grande dependencia de seu auxilio.

Deus entregou a Maria as chaves do reino do amor divino, e o poder de entrar e de fazer entrarem os outros nos mais sublimes caminhos e nas mais secretas perfeições». (Tract. da verdadeira devoção, C. I.)

E' o que fazia dizer a S. Luiz de Blois: «Nós podemos dizer de Maria Sma. com muito

mais razão, o que Pharaó disse de José: *A nossa salvação está em suas mãos — Salus nostra in manu illius est.* (De Laud. V. I. II.)

V. A DEVOÇÃO PARTICULAR

A devoção a Maria Sma. é pois uma necessidade: necessidade **moral** para a salvação; necessidade **absoluta** para a perfeição.

Mas não basta ter uma devoção em geral. A devoção é necessariamente uma inclinação *determinada.*

Seria o caso de repetir o reclame de um film ultimamente exhibido: *Pouco amor não é amor.*

O homem não póde amar, si não ama qualquer objecto determinado, do mesmo modo que não póde ter uma devoção completa, si o objecto desta devoção não fôr determinado.

A devoção é uma *qualidade.*

Ora, toda qualidade suppõe um objecto ao qual adhere, como suppõe uma pessoa de quem faz parte. Ha uma relação necessaria entre os dois termos.

Não basta ter devoção á Maria Sma. em geral; temos que adoptar necessariamente uma das feições determinadas desta devoção.

Cada um deve ter uma devoção **particular,** uma virtude particular, que é propria a cada um e que o distingue dos outros.

Podemos applicar á devoção o que o Santo Padre Eymard diz do amor.

E' um pedacinho de ouro, que convém citar aqui. Eil-o:

«O amor não triumpha em nós, escreve o santo, sinão quando é uma paixão de vida.

Sem isso, póde-se produzir actos isolados

de amor, mais ou menos frequentes: a vida não é tomada, não é dada.

Sem uma paixão não se chega a nada; a vida não tem meta; arrasta-se uma vida inutil.

Na ordem da salvação, é necessario ter uma paixão que domina toda a nossa vida, e lhe faça produzir para a gloria de Deus, todos os fructos que o Senhor della espera.

Amae tal ou tal virtude, tal verdade, tal mysterio, com paixão. Dedicae lhe toda a vossa vida, consagrae-lhe os vossos pensamentos e os vossos trabalhos; sem isso nada alcançareis, sereis apenas um jornaleiro, em vossa esphera; nunca sereis um heroe». (A div. Euch. I. serie)

São Pedro Eymard tem paginas sublimes a esse respeito, e de uma psychologia admiravel.

Elle diz ainda: (cito apenas umas phrases desconnexas, tomadas em diversos logares)

«Toda virtude, todo pensamento que não termina na paixão, que não acaba por se tornar paixão, jamais produzirá algo de grande.

O homem genial, ao conceber uma obra-prima, radiante, abrange-a pelo olhar da alma. Para realizal-a, empregará todos os meios possiveis, fará todos os sacrificios, nada o desanimará. Dominado pela sua obra, fitando-a com os olhos a todo momento, não póde della afastar a imaginação».

Vai a este assumpto um verso de um poeta, triste pelas suas idéas de impiedade, como é glorioso pelo seu genio literario: Victor Hugo.

Elle escreve com muito acerto, e com muita poesia:

Somente vive quem luta,
Quem traz na alma e sobre a fronte
Um designio inabalavel;

Quem galga o aspero cume
De um destino alevantado;
Quem vai pensativo e cheio
De sublime aspiração,
Levando diante dos olhos,
Toda noite, todo dia,
Ou algum santo trabalho,
Ou então um grande amor.

E' a expansão poetica do sentimento de S. Pedro Eymard.

Podiam se multiplicar taes passagens, pois todas ellas proclamam a necessidade de concentração sobre um ponto **determinado.**

Aliás é o que diariamente se verifica na vida social.

Para a Medicina, por exemplo, todos recorrem aos especialistas.

Porque isso?

Porque todos comprehendem que um Medico que se concentra sobre um assumpto especificado da arte medica, torna-se mais perito e mais experiente. E' logico.

Dahi os oculistas, dentistas, etc., e um sem numero de especialistas em molestias determinadas.

Um Medico torna-se uma celebridade na especialidade escolhida, emquanto raras vezes chegará além do vulgar, mantendo-se na generalidade da arte.

Assim acontece comnosco no terreno religioso das devoções.

O homem deve especializar-se numa devoção particular, como deve especializar-se na pratica de uma virtude determinada.

Sem isso, teremos a *vulgaridade*, nunca o **heroismo.**

Antes de ser um heróe é preciso ser qualquer coisa determinada.

Não se comprehenderia um grande guerreiro, sem ter sido soldado.

Não se comprehende um santo, sem ter sido um Catholico fervoroso.

Não se comprehende um grande devoto da Sma. Virgem, sem que se tenha concentrado sobre um ponto determinado desta devoção.

Esta concentração dá á devoção a sua força productiva, conquistadora, que é o proprio de toda nobre paixão.

VI. GRANDES MALES
Grandes remedios

A devoção a Maria Sma. é necessaria. Esta devoção, porém, é um canteiro onde florescem, em sua virginal belleza, rosas, lirios, margaridas, violetas, jasmins, etc.

Offertemos um ramalhete á nossa querida Mãe. Quaes são as flores que mais lhe agradam, que mais combinam com as nossas aspirações, com o idéal da nossa vida e com as circumstancias do momento?

Não se póde recolher tudo — póde ser um pouco de tudo — porém, para que o ramalhete tenha uma feição e expressão proprias, é preciso que uma qualidade de flores domine sobre todas as outras.

Assim o ramalhete de nossa devoção. Não podemos applicar a devoção aos diversos mysterios da Sma. Virgem: á sua Immaculada Conceição, Annunciação, Visitação, Vida no Templo, em Nazareth, em Belém, no exilio, no Cenaculo, ao pé da Cruz, na descida do Espirito Santo, ao pé do Tabernaculo, na Assumpção, na gloria do

céu, etc., etc., mas entre estes diversos mysterios, cada qual mais bello que o outro, devemos escolher um que corresponda á dupla aspiração de nosso coração e de nosso seculo, um, que realize melhor o duplo fim de toda devoção,— que é desapegar-nos da terra e aproximar-nos de Deus.

Temos já reflectido sobre isso?

Não deixamos, talvez, voar a nossa devoção, como voam os encantadores passarinhos na liberdade da incommensuravel natureza?

Taes passarinhos vôam, brincam, hoje na abundancia e amanhã gemem na privação, hoje na liberdade dos prados floridos e amanhã atraz das paredes frias da prisão.

A devoção é uma cousa racional, espiritual, que tem o seu papel na vida, pois a devoção é o pharol que nos orienta em meio das procellas da vida: — é como o navio que nos leva para os braços de Deus.

Ora, o navio deve ser adaptado tanto ao peso que tem de transportar, como á habilidade do piloto que deve dirigil-o.

Hoje estamos num seculo que se póde chamar o **seculo eucharistico.**

A devoção eucharistica está penetrando nas almas cada vez mais, está se tornando o idéal de todos aquelles que ainda são capazes de idéal.

De outro lado, a Eucharistia é o grande remedio dos quasi irremediaveis males que assolam e solapam a nossa sociedade vacillante.

As vontades estão sem firmeza, sem anhelo, sem paixão nobre, porque a intelligencia está viciada pelas leituras immoraes, bolhevistas, espiritas, protestantes... que depositaram no espirito o fermento da revolta, da ambição, do goso,

que é hoje o abysmo das nações e o ferrete ignominioso dos individuos.

A intelligencia está nas trevas do materialismo e já não enxerga a luz dos holophotes sobrenaturaes; tudo para ella é materia e prazer.

A vontade vacilla e já não sabe procurar outro idéal, sinão o goso terreno, a celebridade ephemera, a felicidade do ouro.

O coração, este, então, não está simplesmente doente, está grandemente hypertrophiado... gangrenado, hydropico. Não conhece mais o nobre, o puro, o sublime amor, que eleva e transforma; só conhece o amor oriundo da triplice concupiscencia de que fala S. João e a que chama: — *concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum et superbia vitae.* (I. Joan. II. 16).

O remedio, o grande remedio contra todos estes males está na Eucharistia.

A Eucharistia é o *antidoto* destes germens de ruina.

Ella é o idéal do espirito, contra o idéal da materia, figurado pela carne.

Ella é o idéal do recolhimento, contra o idéal da dissipação figurado pelos olhos.

Ella é o idéal da humildade contra o idéal da revolta figurado pela soberba.

Na Eucharistia está o grande remedio para curar o grande mal.

A Eucharistia deve, pois, occupar logar dominante em nossa vida, logar central.

VII. A DEVOÇÃO ACTUAL

Sendo a Sagrada Eucharistia a grande devoção de nossa epoca, a devoção central, dominan-

te, devemos adoptal-a em sua plenitude, em toda a extenção de sua instituisão e de sua applicação.

Ora, como o temos repetido: a Eucharistia é o prolongamento da Encarnação.

A Encarnação é Maria Sma. dando Jesus ao mundo.

A Eucharistia é ainda Maria Sma. dando o mundo a Jesus Eucharistia.

Mãe e filho são inseparaveis, como são inseparaveis o principio e a consequencia.

Não se póde separar Jesus e Maria, sem tirar do primeiro a irradiação de sua bondade, e sem tirar da segunda a causa de sua grandeza. A devoção á Maria Sma. segue á devoção a Jesus: segue-lhe as phases e o desenvolvimento,

Quando se honra Nosso Senhor **na Cruz,** invoca-se Nossa Senhora das Dores.

Quando se honra a vida **occulta** de Jesus, contempla-se a Virgem de Nazareth.

Quando se contempla o **presepio,** recorre-se á sua Santissima Mãe.

A Mãe segue em toda a parte os estados do Filho. Hoje, diz S. Pedro Eymard, o culto da Sagrada Eucharistia estende-se, invade o mundo. A devoção a Nossa Senhora deve tambem crescer e estender-se como a devoção á Eucharistia.

E o nome desta devoção é: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento,* ou Maria Sma. unida a Jesus Sacramentado.

Reproduzimos aqui o que escrevemos ha perto de 30 annos, num livro que é hoje o Manual de todas as almas religiosas, amantes da Sma. Virgem. (1)

Nada mais solidamente estabelecido do que

1) «O meu dia com Maria».—Ma Journée avec Marie.

as relações da Sma. Virgem com o Smo. Sacramento de nossos Altares.

A Eucharistia é Jesus ficando entre nós, ou como diz admiravelmente o P. Eymard: «E' Jesus Christo passado, presente e futuro».

E' Jesus Christo **passado,** a quem o devemos?

— Á Maria Santissima.

E' della que nasceu. E' do sangue purissimo da Virgem que foi formado o corpo virginal de Christo.

E o Christo **futuro,** em seu triumpho, em seu ultimo advento, a quem o deveremos ainda?

— A' Maria Santissima.

E' por ella que Jesus quer reinar. E' junto della que julgará as nações. E' em suas mãos que entregará os eleitos, para leval-os ao céu.

E o Christo **presente,** em outros termos: O Salvador vivendo comnosco sob os véus eucharisticos, a quem o devemos?

—Sempre á Maria Sma.

A Eucharistia não é outra cousa, sinão a Encarnação prolongada: E' Belem, é o Egypto, é Nazareth, é o Cenaculo, é o Calvario, continuados.

E o que era o encanto de Jesus na pobreza, miseria da gruta, do exilio, do Cenaculo e até do martyrio?

Era a presença de sua Mãe Immaculada. Maria estava perto delle, Ella era a sua consolação, o seu throno, a sua intermediaria, para communicar as suas graças aos homens.

No Tabernaculo, Jesus Christo precisa ainda dos mesmos serviços.

De quantas ingratidões não está elle cercado! Quantas almas passam, indifferentes, diante

deste fóco de amor, sem siquer conceder-lhe um olhar!

E Jesus, muitas vezes, fica só entre nós, não tão somente com a porta do Tabernaculo fechada, mas até com a da egreja, onde Elle reside.

Oh! não, não, Jesus, si quizestes permanecer entre nós e nunca deixar-nos apesar de nossas fraquezas e de nossas miserias, parece-me que é por causa de vossa divina Mãe, que está ahi perto de vós, que nos substitue, que vos ama e vos adora.

Depois de nos ter dado o *Jesus do presepio*, que foi tão zelosamente guardado contra as perseguições de Herodes, Maria Sma. deu-nos o *Jesus do Tabernaculo* que, com ternura igual, deve guardar contra os modernos Herodes, que procuram matal-o.

Como é suave representar-se Maria guardando, consolando o seu divino Filho e fazendo-lhe companhia na solidão do Tabernaculo, como ella o fazia no abandono da gruta, na pobreza de Nazareth e na immolação do Calvario.

Maria está perto do Tabernaculo. Como está ella ahi?

Pouco importa, mas ella ahi está. Ella nos espera, para introduzir-nos ao pé do Filho bem amado.

VIII. CONCLUSÃO

Breve teremos de estudar a união admiravel que existiu e que continúa a existir entre Jesus e Maria.

O tempo e o espaço podem apagar a lembrança; não apagam o amor depositado no coração pela communhão do sangue. Os paes continuam a amar os filhos, como os filhos continuam

a amar os paes, através do tempo, do espaço e até mesmo através das sombras do tumulo.

Por isso, Maria Sma. não póde ser separada de seu Filho, e ella deve ser hoje a *Senhora da Eucharistia*, como outróra foi a *Senhora do presepio e do Calvario.*

Ella está pois ali perto do Tabernaculo, unida a seu Filho pelo laço do sangue, do amor e das funcções divinas que deve exercer perto delle.

Maria é **Medianeira** das graças, e sobretudo, Medianeira do Tabernaculo, fonte de todas as graças.

Tudo, tudo deve convergir para o Tabernaculo e para a Virgem Santa do Tabernaculo.

É o ponto luminoso da epoca. E' o grande attractivo das almas. E' a fonte da regeneração de que precisa a nossa sociedade abalada em seus alicerces e vacillante pelos embates dos erros, da impiedade e do sensualismo.

Nossa Senhora do Smo. Sacramento é pois uma devoção que se impõe, pela vontade divina, pelas circumstancias e necessidades.

Não basta ver o Tabernaculo, ver a sua gloria, o seu brilho; é preciso participar delle, viver delle, em outros termos, é preciso entrar em contacto com Jesus Sacramentado.

Ora, Maria Sma. é a **Introductora** da Eucharistia, como ella é a **distribuidora** de suas graças.

São suas duas grandes funcções. Introduzir-nos aos pés de Jesus, approximar-nos delle; fazer-nos comprehender, não o mysterio, mas **o senso** da Eucharistia.

E depois de ter aberto a porta do Tabernaculo para mostrar-nos o seu Jesus, ella deve abrir os nossos corações para que Jesus possa entrar nelles.

Elle em mim e eu nelle! — É a grande, a divina prece de Jesus a seu Pae, para os seus filhos.

Eu nelles e tu em mim, ó Pae, para que elles sejam consummados na unidade e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste, como amaste tambem a mim.

Pae, quero, que, onde eu estou, estejam tambem commigo aquelles que me déste, para verem a minha gloria que tu me déste, porque me amaste antes da creação do mundo! (Joan. VII. 23, 24)

E' a grande prece eucharistica!

Jesus nos amou até ao fim. O seu amor levou-o até o Tabernaculo.

Elle quer que aquelles que o amam estejam com Elle.

E quem o amou mais terna e mais apaixonadamente do que Maria Sma.?

E' preciso, pois, que ella esteja onde Elle está.

Maria Sma. não póde desertar o Tabernaculo.

Ella em Jesus e Jesus nella.

Ella é como o Tabernaculo de Jesus.

Tabernaculo quente como o coração de uma mãe.

Tabernaculo alvo como o coração de uma Virgem.

Tabernaculo ardente, como a alma de um martyr.

E este Tabernaculo se chama: **Nossa Senhora do Santissimo Sacramento.**

Titulo expressivo, significativo, tão profundo quão suave.

E' bem como o dissemos: — *res, non verba.* São poucas palavras, mas é um mundo de idéas, de verdades e de esperanças!

CAPITULO IV

MARIA E A SS. TRINDADE

As obras de Deus são eternas e perfeitas (Deut. XXXIV. 4). Seu olhar abrange, num **presente eterno,** o passado e o porvir. — *Eis que, tu, Senhor, conheceste todas as cousas, as novissimas e as antigas... conheceste as passadas e julgaste das futuras* (Psal. 138. 3).

Deus realiza as suas obras, tal qual as idéou desde a eternidade.

A eternidade é a sua esphera; a nossa é o tempo.

O tempo é creado, ou melhor: concreado por Deus. Elle é **o increado,** estando, deste modo, acima e além do tempo presente. *Et ipse mutat tempus et aetates* (Dan. II. 21).

Para comprehender bem as obras de Deus, é preciso não limital-as ao tempo presente, mas elevar-se até além de sua origem, até ao seu principio. — *Deus dispõe tudo com medida, numero e peso* (Sap. XI. 21), *e attinge de uma extremidade á outra com suavidade.* (Sap. VIII 1)

A Eucharistia é sem contestação, **a grande obra** de Deus, a obra principal, preparada desde toda a eternidade, com um especial desvelo e amor. *In caritate perpetua dilexi te* (Jer.

XXXI. 3). E' desde a eternidade que o seu amor preparou esta maravilha do amor, e esta maravilha desceu das alturas da gloria. Como disse o Salvador: *E' um pão vivo descido do céu* (Jo. VI. 51).

Este pão não foi idéado, nem fabricado aqui na terra: existiu desde a eternidade no seio de Deus, pois para Deus a eternidade é um **unico momento,** reunindo o presente, o passado e o futuro.

Sendo assim, podemos dizer que este pão divino existiu, desde toda a eternidade no plano divino.

Não é uma creação terrestre; é uma **Instituição,** é a realização no tempo de um plano concebido na eternidade.

Vamos considerar neste Capitulo a Eucharistia, sob este ponto de vista, como sendo a obra prima de Deus, preparada por Elle desde a eternidade, e como, desde o principio, Maria Sma. foi incluida neste plano, contractando, deste modo, uma união especial com cada uma das três pessoas divinas.

Será a Eucharistia contemplada:

No seio do Padre Eterno.
No seio de Maria Sma.
No seio do Tabernaculo.

I. A GRANDE OBRA DE DEUS

As obras de Deus são admiraveis, diz o Psalmista. *Mirabilia opera tua* (Ps. 138. 14).

E' caracteristico das obras divinas o serem admiraveis pela harmonia firme e suave.

Para alcançar um effeito, Deus não age sempre directamente, como causa primeira, mas

serve-se de *causas segundas,* que são effeitos de outras causas até remontar á causa primeira.

Parece um mechanismo de relogio.

Deus é a mola motora de tudo, porém transmitte sua acção através de varias rodinhas, até chegar ao ponteiro, que é o ultimo effeito.

E' o que os philosophos chamam: *causa causata,* uma causa proveniente de outra causa, emquanto a primeira causa é chamada: *causa incausata,* ou causa sem outra causa.

A Eucharistia, como presença real de Jesus Christo, não é simplesmente como o são os outros Sacramentos: *um meio* para alcançar um fim, mas é **um fim.**

Ora, todo fim é a realização de um meio, é o effeito de uma causa e toda causa é uma força em actividade.

Esta primeira força em actividade ou causa primeira da Eucharistia é a SS. Trindade.

A SS. Trindade é a causa da *Encarnação.*

A Encarnação é a causa da *maternidade* da Sma. Virgem.

A maternidade de Maria é a causa da *Redempção.*

A Redempção é a causa da *Eucharistia.*

A SS. Trindade é pois a *causa incausata,* a causa primeira da Sagrada Eucharistia, e Maria Sma. é unida a esta causa primeira, sendo ella uma causa instrumental, physica, escolhida por Deus.

Da SS. Trindade á Sagrada Eucharistia ha uma gradação suave, terna, cheia de amor e de misericordia.

Tudo vem de Deus; tudo volta para Deus.

A Eucharistia é uma obra de Deus *ad-extra.* É a presença de Deus na Hostia adoravel, não

somente em sua natureza *divina*, mas tambem em sua natureza *humana*.

E como as obras de Deus, *ad extra*, são communs a cada uma das três Pessoas divinas, dahi resulta que na Eucharistia, o Padre, o Filho e o Espirito Santo estão, todos os três, verdadeiramente presentes no seio do Tabernaculo, como estão presentes no seio da eternidade.

O Tabernaculo é o céu na terra... E' o creador no seio da Creação.

E' Deus no principio e no fim:—*Ego sum principium et finis* (Apoc. I. 8).

E Maria Sma. é unida a Deus, neste principio, neste meio e neste fim.

O Principio de tudo é a SS. Trindade, e Maria Sma. lhe é unida como Filha, como Mãe e como Esposa.

O meio da realização da Eucharistia é a maternidade divina de Maria: e Maria lhe é unida, como a mãe é unida ao filho.

O fim é a Eucharistia: e Maria lhe é unida, como sendo a carne de Jesus, carne da sua carne, formada da substancia virginal de seu corpo.

União admiravel esta de Maria com Jesus—união tão estreita que se torna, num sentido largo, *physiologicamente*, **pessoal**, em seu seio.

Jesus, é, sem duvida, uma Pessoa distincta de Maria, porém esta Pessoa vive physiologicamente pela pessoa de Maria.

A genitora é mãe da *pessoa* de seu filho, embora não o seja de sua alma que é creada por Deus, mas como nunca esta alma existiu, sem o corpo, desde que a mãe concebe o corpo, concebe tambem a pessoa do filho, composta de corpo e alma.

A Pessoa de Jesus Christo é divina.

Maria Sma. é, pois, Mãe de uma Pessoa que é divina, embora não o seja da divindade desta Pessoa.

Podemos dizer que pela sua maternidade Maria Sma. entrou na *ordem divina.*

A expressão é quasi ousada: entretanto é rigorosamente exacta.

Para produzir um vegetal, é preciso pertencer á ordem *vegetal.*

Para produzir um animal, é preciso pertencer á ordem *animal.*

Para produzir um racional, é preciso pertencer á ordem *racional.*

Para produzir uma **Pessoa que é divina,** é preciso pertencer á **ordem divina.**

Maria é pois elevada á ordem divina, para poder produzir, por obra do Espirito Santo, um **Filho** com sua **Pessoa divina.**

Maria não é Deus, como o é Jesus Christo, mas ella é unida á divindade, na Pessoa de seu Filho que é Deus.

Esta união **pessoal** não é, como em Jesus Christo, uma união substancial, mas sim uma união physica, physiologica, pertencente á ordem **divina,** pois o seu Filho é Deus.

E esta união intima, começada no plano divino com a SS. Trindade, vem terminar na Eucharistia, como em seu **fim.**

Jesus Christo, depois da Redempção, é sobretudo o Deus da Eucharistia.

Maria, unida a este Deus-Eucharistico, é pois a Mãe de Jesus-Eucharistia, ou *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

E' a grande obra de Deus!

II. NO SEIO DO PADRE ETERNO

O Apostolo disse: *Jesus Christo era hontem, Elle é hoje, Elle será sempre* (Hebr. XIII. 8).

Elle era hontem. É a eternidade de origem no seio do Padre Eterno.

Elle é hoje. É a sua morada no tempo, no seio da Virgem Maria.

Elle será sempre. É a sua permanencia no meio dos homens, no seio da Eucharistia, que perpetúa a sua presença até ao fim dos seculos.

O Filho de Deus não tem começo; elle concretiza, em synthese divina, o passado, o presente e o futuro: Elle é eterno.

Elle nasceu no tempo, no seio da Virgem Maria; entretanto, nunca começou a nascer, e nunca deixou de nascer.

Como explicar isso?

E' porque nunca o Padre Eterno existiu sem o Filho.

O Filho foi gerado, mas é eternamente gerado, porque a eternidade não tendo começo não póde ter fim.

Do mesmo modo que nunca houve momento em que o Filho não fosse nascido, assim nunca houve, nem haverá momento, em que deixará de nascer.

E' na eternidade, e não no tempo, que se produz a sua inexplicavel geração.

Elle procede da intelligencia do Padre Eterno, por via de geração.

Elle é a intelligencia que o Padre Eterno tem de si mesmo.

Elle é a expressão de todas as perfeições do Padre Eterno.

Elle é mais que a semelhança do Padre Eter-

no—É-lhe **consubstancial,** é a sua imagem viva e substancial.

Não é o mesmo que o Padre; é uma pessoa distincta: a do Filho.

A geração do Filho não é, pois, um mysterio realizado e passado... não é um acontecimento produzido em certa epoca remota, antes da existencia do tempo.

O que é eterno deve continuar sempre. Só o que começa póde ser interrompido. A geração do Filho nunca começou; não póde pois ser interrompida: **é eterna.**

Para formar-se uma idéa da eternidade, é necessario não perder de vista que o Filho, sendo igual ao Padre, é continuadamente gerado no seio do Padre, no momento presente, como o é desde a eternidade.

Nunca houve um instante em que o Filho não fosse gerado, e nunca haverá em que não seja actualmente gerado. Si não continuasse sempre deixaria de ser eterno.

Generationem ejus quis enarrabit? exclama o Propheta (Isai. LIII. 8—Act. VIII. 33).

Mas não é só isso.

O Verbo, assim gerado eternamente entre os esplendores do increado, procedendo do Padre Eterno, permanece nelle. Elle é **immanente.**

É um novo abysmo de grandezas!

Ha em nós um phenomeno identico.

Quando pensamos qualquer cousa, a idéa desta cousa produz-se em nossa intelligencia e, embora este pensamento proceda de nós, permanece entretanto em nós.

Ha ahi dois objectos: o **eu,** que pensa e o **pensamento** que provém deste *eu.*

O pensamento é distincto da pessoa, mas não é separado della.

E' uma producção *immanente*.

Assim tambem em Deus.

O Filho procede do Padre, sendo distincto do Padre, mas permanece no Padre, é inseparavel do Padre.

O Espirito Santo não procede do Padre, por via de *geração*, como o Filho.

Deus póde reproduzir-se só uma vez, porque se reproduz inteiramente em seu Filho; só lhe resta dar-se **pelo amor.**

Vêde o Padre e o Filho, um em face do outro.

O Padre contempla o seu Filho, a sua perfeita imagem.

O Filho, por sua vez, contempla o Padre em si.

Desta dupla contemplação nasce nelles a mesma aspiração de amor.

Ora, o objecto contemplado, de ambos os lados, sendo **infinito,** esta aspiração é igualmente infinita.

Duas Pessoas infinitas, contemplando-se mutuamente, sendo ambas de uma belleza infinita, amam esta belleza com um *amor infinito*, e este amor do Padre para o Filho e do Filho para o Padre constitue uma nova Pessoa divina: o Espirito Santo.

Esta terceira Pessoa é igualmente INFINITA, e é IMMANENTE, pois a aspiração de amor não faz sinão unir as duas Pessoas já *immanentes*, que a emittem.

A Pessoa do Filho, produzida pela *intelligencia*, apresenta com o Padre Eterno o caracter de SIMILITUDE, emquanto o Espirito Santo, pro-

duzido pela vontade (amor) representa o caracter de **attracção.**

A similitude não falta ao Espirito Santo, sem duvida, pois embora não a tenha em virtude da *processão,* Elle a tem em virtude da sua *natureza,* que lhe é commum com as duas outras Pessoas.

Isto se fez deste modo, isto se faz, e isto se fará eternamente.

Eternamente o Padre se conhece pelo Filho que gera.

Eternamente o Filho conhece o Padre de quem é gerado.

Eternamente o Padre e o Filho se unem pela aspiração de amor.

Eternamente o Espirito Santo é produzido pelo amor do Padre e do Filho.

Eternamente estas três Pessoas divinas, constituidas num **unico ser,** numa **unica natureza,** continuam a sua **vida immanente,** numa actividade eterna que se chama **circumincessão,** de uma palavra latina que significa: movimento de um a outro, uma especie de envolvimento, de penetração mutua.

E' a plenitude da vida de Deus, de uma vida sem vacuo, sem limites!

E' a vida eterna que não conhece um primeiro dia, e que nunca conhecerá um ultimo.

É o **dom** mutuo que completa a divindade.

E' o **termo** glorioso, onde termina a sua actividade infinita.

É o **amor** que dá á sua vida um objecto digno della.

É a **união** intima que faz a sua unidade.

Tal é a vida do Filho de Deus no seio do Padre Eterno. Geração eterna, vida eterna, vida

immanente, vida de intimidade infinita, vida de circumincessão.

Desta vida no seio do Padre, o grande Deus baixará um dia da eternidade até ao tempo, do infinito até ao finito, do increado até ao creado, para se tornar Hospede da Virgem Immaculada e depois dos nossos Tabernaculos.

E' uma descida infinita; mas Deus é amor, e o amor não recúa deante do sacrificio: *Deus Caritas est, et qui manet in caritate in Deo manet, et Deus in eo.* (1. Joan. IV. 16)

Nesta descida, já desponta no horizonte a doce figura da Virgem Immaculada, que será a *escada luminosa de Jacob*, pela qual o Eterno baixará até ao seio da Creação.

A Virgem bemdita de Nazareth fica como que á espera da hora marcada nos designios divinos, mas já unida intimamente, pelo plano divino, a cada uma das Pessôas da SS. Trindade.

III. NO SEIO DA CREAÇÃO

Deus não tem somente uma vida immanente, *ad intra;* tem tambem uma vida *ad extra.*

A vida do Filho de Deus no seio do Padre é uma vida sem creaturas, desenvolvendo-se na *immanencia* eterna, qual um oceano immenso, cujas aguas se elevam e se abaixam, encapellando-se e recahindo sobre si mesmas, sem nunca sahir de seu vasto leito.

Não havia ainda creaturas, entretanto as creaturas existiam em Deus.

O Filho de Deus encarnado, o Christo, o Deus-Homem, este Jesus nascido da Virgem Maria, era, num sentido largo, eternamente o Filho de Maria, em sua Pessoa eterna.

Audivimus... quia Christus manet in aeternum (Joan. XII. 34).

Desde toda a eternidade, a sua humanidade predestinada fazia parte desta vida divina.

Na fonte da divindade, qual num espelho crystallino, havia uma vida eterna das creaturas, que deviam existir um dia, que se deviam succeder numa successão de creação sem fim.

O conhecimento da santa humanidade de Christo fazia parte saliente desta vida, de modo que, pela presciencia divina, o Verbo humanado existiu desde toda a eternidade.

Christus erat heri (Heb. XIII. 8)

A' vista da existencia eterna das creaturas, no plano divino, nos póde parecer extranho e mysterioso que a existencia *real* das creatuaas tenha demorado tanto!!

E' um erro; não houve nenhuma demora: a Creação, em Deus, é eterna; é apenas *temporal* quanto á execução no tempo.

Suppondo mesmo que a creação dos Anjos e do mundo se tivesse effectuado milhares de seculos antes, ella não existiria mais cêdo por causa disso.

O tempo começou a existir depois da creação do mundo: é uma concreação. No acto da creação não existia ainda.

Anjos e mundo foram creados antes e fóra do tempo, de modo que, para estas creações não existiu ainda precedencia de tempo; só havia a eternidade.

Não ha pois, para Deus, antes da creação, prioridade de *tempo,* só póde haver, prioridade de *ordem.* Não ha precedencia nos decretos, mas ha precedencia na execução.

Estas noções, um tanto abstractas para pessoas pouco acostumadas a penetrar no fundo dos dogmas, são necessarias para comprehender pa-

mo Maria Sma. está unida a Deus em todas as suas operações *ad extra.*

Uma simples pergunta vae servir de transição e collocar-nos em frente da Virgem Immaculada. Esta pergunta é a seguinte: Qual é o primeiro aspecto da creação na intelligencia divina, na ordem da precedencia?

A resposta é simples, mas de grande alcance.

Deus vê primeiro o que ha de **mais perfeito** em cada ordem.

Olhando para a natureza creada, o que Deus depara primeiro é uma **natureza creada,** elevada ao mais alto grau de sublimidade.

Tal natureza creada é a que foi unida a uma Pessoa divina: E' a humanidade de Jesus Christo.

O que Deus viu desde a eternidade, antes de toda creação, é o que mais se aproximava da natureza divina.

Devia ser uma **natureza creada.**

Devia esta natureza ser unida á **natureza divina.**

Estas duas naturezas, embora distinctas, deviam unir-se numa unica **Pessoa divina.**

E' Deus feito homem, existindo eternamente como Deus, e começando a existir, como homem, no seio da Virgem Maria.

A primeira sahida de Deus fóra de sua ineffavel Trindade, em suas obras *ad extra,* é, na intenção do Creador, a união de sua natureza divina á natureza humana.

E' a passagem do Creador até ás creaturas.

E' a ponte de juncção entre o finito e o infinito, entre a eternidade e o tempo.

E esta ponte de juncção, humana pela natureza e divina pela dignidade, chama-se o **seio virginal** de Maria.

E' a encarnação do Verbo divino.

Jesus Christo torna-se, deste modo, o **primogenito** *de todas as creaturas, a imagem visivel de Deus invisivel* (Col. I. 15).

E a humanidade de Jesus é, não simplesmente a **primogenita,** a primeira de todas as creaturas, mas a **causa** de todas as outras. *Ut sit ipse primogenitus in multis fratribus,* diz o Apostolo (Rom. VIII. 29)

Jesus é o primeiro e a Elle se referem todas as demais creaturas. Todas se grupam em redor delle, todas estão em relação com Elle, todas são formadas sobre Elle.

Elle é a cabeça da creação angelical, da creação humana e de todas as demais creações. *Finis legis Christus* (Rom. X. 4).

* * *

Tal é o decreto divino.

E como será executado este decreto?

Pela Encarnação.

A Encarnação torna-se, assim como que o **centro** da execução do decreto divino; tudo depende da Encarnação... e a Encarnação, nos designios divinos, depende de Maria, de seu consentimento.

Ora, a obra da Encarnação não é somente a obra do Filho de Deus, é uma obra *ad extra;* logo, é obra de cada uma das três Pessoas da SS. Trindade.

São, pois, as três Pessoas divinas que vão entrar em contacto com Maria. A SS. Trindade inteira vae entrar em actividade, *ad extra,* para realizar este mysterio, e não somente para realizal-o, mas para determinal-o, ou decretal-o.

Para Jesus Christo poder baixar ao seio de

de Maria, é preciso que seja **enviado** por Deus e **recebido** pela Virgem Immaculada.

Porque ser enviado?

O Filho de Deus, pela lei da *immanencia*, que o liga eternamente ao Pae e ao Espirito Santo, não póde vir a este mundo, mas deve ser *enviado* é o que se chama: Missão divina. *Sicut misit me Pater, et ego mitto vos* (Joan. XX.21).

Que é uma missão divina?

E' ser enviado algures, para ahi, sob novo titulo, exercer uma missão.

As missões divinas estão contidas nos actos intimos donde procedem as Pessoas divinas.

O Padre dá missão ao Filho, no proprio acto que o produz.

O Padre e o Filho dão missão ao Espirito Santo, na aspiração infinita donde emana a Pessoa deste.

O Padre não póde **receber** missão, por ser o principio dos dois outros.

O Espirito Santo não póde **dar** missão, por não ser principio de nenhuma Pessoa divina.

E notem que estas missões são **eternas** no pensamento de Deus.

Ellas são de hoje, como são de hontem e como são de amanhã.

Cada um de nós estava incluido nesta missão, antes mesmo de nascermos, como o effeito está incluido na sua causa.

E nesta missão está incluida, de modo especial, uma creatura que deve ficar associada a cada uma das três Pessoas divinas, para as missões do Filho de Deus e do Espirito Santo.

Esta creatura é a Virgem Immaculada.

Ella deverá ser, como ella o é:

A Filha do Padre Eterno.

A Mãe do Verbo humanado.

A Esposa do Espirito Santo.

Ella está, como tal, incluida nas missões divinas.

O Padre envia o seu Filho, para *nascer de seu seio virginal.*

O Padre e o Filho mandam o Espirito Santo *cobril-a de sua sombra fecunda,* para que della possa nascer o Verbo Eterno!

Missões ineffaveis que nos revelam a **predestinação** da Sma. Virgem, desde toda a eternidade.

Deixemos para mais adiante as conclusões que devemos tirar desta união ineffavel de Maria com a SS. Trindade, em relação com a Eucharistia.

Convém assignalar, entretanto, que as Missões divinas, eternas, no pensamento de Deus, referem-se de modo particular ao Salvador e a sua Mãe Immaculada, pois o primeiro não existe sem a segunda.

Desde que Deus decretou que o seu Filho nasceria de uma mulher, devia associar esta mulher ao destino de seu proprio Filho.

Ora, lembremo-nos que a Encarnação é um MEIO: o fim é a salvação do mundo e a Eucharistia.

Maria é, pois, unida com estes dois mysterios da salvação e da Eucharistia; união admiravelmente expressa pelos titulos de Medianeira das graças (1) e Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

Como dissemos acima, para poder encarnar-se, o Filho de Deus deve ser *enviado* e ser *recebido.*

---

1) Consultar sobre este e diversos outros pontos, o nosso livro: *A Mulher Bemdita,* onde estas questões são pormenorizadamente tratadas.

Elle é enviado pelo Padre Eterno; Elle será recebido, aqui na terra, pela Virgem Maria.

Maria contrae, pois, uma relação sagrada, intima, ineffavel, com o proprio Padre Eterno. Ella se torna O MEIO da missão divina em geral, e o **termo** desta missão, em particular, emquanto o termo da missão do Verbo divino é a Encarnação em seu seio virginal, para d'ahi, revestido de um corpo humano, começar a sua obra de Salvador.

IV. MARIA, A PRIMOGENITA

O Filho de Deus vem fundar a ordem sobrenatural. Sua missão exige uma creatura intelligente e livre, a quem Elle se una, por uma união **pessoal**.

É a união mais perfeita que póde existir entre Deus e a creatura, havendo acima apenas a união *hypostatica*, pela qual duas naturezas se unem numa unica pessoa, como em J. Christo.

Em Maria ha união physica entre a Pessoa divina de seu Filho e a sua propria pessoa humana, porém as duas pessoas ficam completamente distinctas, de modo que a Pessoa de Jesus é e fica divina, emquanto a pessoa de Maria é e permanece humana: ha união **pessoal**, não ha união **hypostatica**, propriamente dita.

Desde a eternidade estava determinado, nos designios de Deus, que o Verbo Eterno baixaria a este mundo, para resgatal-o, elevál-o, salval-o. Deus se fará homem. —*Et Verbum caro factum est* (Joan. I. 14).

Este primeiro decreto inclue outro.

Deus **enviará** o seu Filho, mas é preciso que alguem o **receba** na terra.

Este segundo decreto é a escolha daquella que deve receber o Filho de Deus: a sua Mãe, pois Elle quer nascer da mulher.

Este decreto, eterno como o primeiro, é admiravelmente cantado pela Egreja: *Non horruisti Virginis uterum.*

O Filho de Deus nascerá de uma Mãe... de uma Mãe Virgem, de uma Virgem-Mãe. *Ecce Virgo concipiet et pariet filium* (Isai. VII. 14).

E esta Virgem é Maria Sma. *Et nomen Virginis Maria* (Luc. I. 27).

O Verbo, desde toda a eternidade escolheu aquella que devia ser a sua Mãe, no tempo. *Ab aeterno ordinata sum* (Prov. VIII. 23)

Si nós pudessemos escolher a nossa Mãe, e não somente escolhel-a, mas creal-a, formal-a, como haviamos de fazel-a bella, terna, adornada de todas as qualidades e de todos os privilegios!

O que não é dado ao homem, porque o nascimento da mãe precede o nascimento do filho, o Verbo divino pôde fazel-o, e o fez.

Antes de toda creação Elle disse, o que dirá mais tarde na terra: *Ecce Mater mea* (Marc. III. 34).

Elle mesmo a escolheu e formou para ser uma *digna Mãe de Deus*, digna do mysterio ineffavel da união com a propria Pessoa divina de Jesus.

Elle mesmo preparou-a, para que pudesse fornecer-lhe o sangue que fará pulsar o seu Coração sagrado, para que, de sua substancia virginal ella formasse esse Corpo que havia de ser o Corpo de uma Pessoa divina, para que ella fosse Mãe, digna de servir, durante nove mezes, de Tabernaculo da divindade. *Ecce Tabernaculum Dei cum hominibus* (Apoc. XXI. 3).

È um axioma theologico que, Deus destinando alguem para qualquer officio, lhe communica todas as qualidades necessarias para exercel-o dignamente.

Era pois necessario que Elle preparasse para si um Tabernaculo digno de sua grandeza, de sua gloria, de sua perfeição e da obra que vinha realizar neste mundo.

Maria é uma simples creatura, mas Deus póde elevar as creaturas ás alturas de seus designios.

Maria Sma., no plano divino, remonta á fonte da creação, de modo que não ha nada de accidental na escolha que Elle fez de Maria: é uma escolha eterna.

Ella foi escolhida pelo proprio Deus, para ser a Mãe do Verbo feito homem.

O Salvador quiz visitar as suas creaturas e, para entrar neste mundo, Elle escolheu Maria, como porta, pela qual ia fazer a sua entrada. *Haec porta Domini* (Ps. 117. 20).

Ella é pois uma creatura unica, escolhida por Deus.

Tudo que a theologia ensina a respeito de Maria repousa sobre sua escolha eterna e efficaz, feita no seio do Padre Eterno.

* * *

Vejamos agora como Maria Sma. é unida á SS. Trindade e a cada uma das três Pessoas divinas.

Esta união é a medida de sua grandeza, pois o homem se torna grande, á medida que elle se aproxima de Deus.

Deus é um Ser simples, sem composição; em relação com os homens, podemos, entretanto, distinguir nelle:

O Ser divino.
A vida divina.
A actividade divina.

Deus é o Ser por si mesmo, isto é, que não deve a existencia a nenhum outro ser, mas que a possue toda inteira em si mesmo.
Por isso Elle é o Ser primeiro, necessario, eterno.

A vida divina são as processões ineffaveis, pelas quaes o Filho procede por geração do Padre Eterno; e o Espirito Santo por processão do Padre e do Filho.

Como dissemos acima, isto sempre se fez, desde toda a eternidade e sempre se fará, pois é da essencia mesmo da vida de Deus. Esta geração e esta processão são SUBSTANCIAES, porque são eternas, e IMMANENTES, porque desenrolam-se entre as três Pessoas divinas.

A **actividade divina** é aquella que se exerce sobre as três Pessoas divinas, de modo infinito, chamada *circumincessão.*

A vida e a actividade de Deus confundem-se em certo ponto, pois Deus, sendo um acto puro, é essencialmente a vida em acção; ha entretanto uma distincção real no sentido que a vida de Deus é exclusivamente em si e por si, emquanto a sua actividade se exerce *ad intra* e *ad extra.*

Em outras palavras: SER, VIVER, AGIR, são os três termos que nós temos para significar a plenitude do Ser.

O homem tem um **ser** emprestado, fragil, limitado.

O homem **vive** pouco, e muitas vezes vive mal.

O homem **age** num quadro estreito.

Deus possue estas três prerogativas, numa perfeição infinita, sem limites, sem fim.

Elle é o **Ser absoluto,** a vida absoluta, a acção absoluta.

Ego sum qui snm (Exod. III. 14).

Ego sum vita (Joan. XI. 25).

Pater meus operatur et ego operor (Joan. V. 17).

E' o distinctivo de Deus; é a parte incommunicavel de seu Ser infinito.

Deus não somente EXISTE, mas VIVF.

Ora a vida é uma expansão do proprio ser.

A vida de Deus é eterna; por isso deve permanecer entre as Pessoas divinas: deve ser *immanente.*

Toda vida deve ser productiva, fecunda, sinão seria egoismo.

Deus não póde produzir mais em sua adoravel Trindade; Elle esgotou-se em sua vida immanente, pela geração do Filho; e unido ao Filho, pela processão do Espirito Santo.

Para Deus só póde haver esta dupla fecundidade: a da INTELLIGENCIA e a da VONTADE.

Para produzir mais, Elle deve produzir *ad extra.* E' uma fecundidade finita, porém immensa:

E' a creação do mundo e dos homens.

E' quem será o PROTOTYPO desta producção *ad extra,* que se chama: Creação?

Este prototypo é o Filho de Deus, o Verbo divino, feito homem, no seio da Virgem Maria.

Elle deve ser o PRIMOGENITO de toda a creatura, conforme a palavra do Apostolo: *Imago Dei invisibilis, primogenitus omnis creaturae* (Col. I. 15).

A palavra: primogenito, suppõe **geração.**

O Verbo divino não quer baixar simplesmente ao mundo, Elle quer nascer da mulher.

E este *primogenito*, nos diz São Lucas, nasceu da Virgem Maria: *Et peperit Filium suum primogenitum* (Luc. II. 6).

Eis uma premissa evangelica, absolutamente certa. Juntemos-lhe outra premissa certa, e teremos uma conclusão theologica certa.

Aquella que dá a vida ao *primogenito* de toda creatura é necessariamente A PRIMOGENITA de todas as mães.

Ao lado do Filho primogenito, temos pois a Mãe primogenita.

E' por isso que a Egreja applica á Virgem Santissima este texto do Ecclesiastico: *Eu sahi da bocca do Altissimo, como a primogenita, antes de toda a creatura. Eu fiz nascer no céu uma luz inextinguivel* (Eccl. 24. 5).

O primogenito entre os homens, e a primogenita entre as mulheres, desde este tempo, isto é, desde a eternidade, são inseparavelmente unidos no mesmo decreto divino.

A Mãe é feita para o Filho; o Filho é feito para a Mãe. Os seus destinos são eternos e irrevogavelmente unidos.

E' o decreto divino, eterno, de tudo o que deve operar o Verbo divino, e do modo que deve operal-o.

O Christo é a luz eterna: — *Ego sum lux mundi* (Joan. VIII. 12).

Mas cabe a Maria fazer nascer no mundo esta inextinguivel: *Ex qua mundo lux est orta.* (Ave Regina)

Como tal, a Virgem Santa é para sempre unida a todas as obras *ad extra* da SS. Trindade.

Ella nos apparece ao lado de Jesus, desde a eternidade, como a sua Mãe.

Como tal, ella fica associada ao Padre Eterno, como sendo a sua Filha querida. Ella será Mãe, no tempo, do mesmo Filho de que o Padre é Pae na eternidade.

Notemos o texto citado: *Eu sahi da bocca do Altissimo.*

O que sáe da bocca é o **Verbo.**

O Verbo de Deus é chamado **Filho,** porque é o primogenito.

Maria, sendo associada á obra do Verbo Eterno, deve ser chamada **Filha,** porque é a primogenita.

Jesus Christo é o producto da vida divina e da vida humana. Elle é Deus e Homem. Como Deus é Filho do Padre Eterno; como Homem-Deus é Filho de Maria Sma., por obra do Espirito Santo.

O Espirito Santo representa a fecundidade DIVINA.

A Virgem Santa representa a fecundidade HUMANA.

Destas duas vidas resulta uma vida divina-humana: o Homem-Deus.

A vida divina é exclusivamente propriedade de Deus; a vida divino-humana provém de Maria e do Espirito Santo.

As duas vidas, que se unem para a producção de uma nova vida, chamam-se: **Esposos.**

Maria é pois a Esposa do Espirito Santo.

Aqui nos apparece a Virgem Immaculada em todo o esplendor de sua grandeza sobrehumana, póde-se dizer: divina. Ella é, de facto:

Filha do Padre Eterno.
Mãe do Filho de Deus.
Esposa do Espirito Santo.

Eil-a unida pelos laços de *consanguinidade* ao Verbo Eterno, e em consequencia com as duas outras Pessoas divinas.

Ella é: Filha, Mãe e Esposa de Deus.

Lembremo-nos do **termo** destas relações, cujo centro é Jesus Christo.

Jesus Christo baixou ao seio de Maria, para salvar o mundo e permanecer comnosco na divina Eucharistia.

A Eucharistia é o ultimo termo da obra redemptora.

A Eucharistia, sendo o prolongamento da Encarnação, que é uma obra *ad extra*, participa do mesmo privilegio; e embora Deus esteja ali escondido, invisivel, as apparencias eucharisticas, que são como a sua roupagem, o véu Sacramental que o esconde, demonstram a sua presença physica, real.

Maria, como Filha do Pae, relaciona-se pois com a Eucharistia.

Como Mãe do Filho, é a Mãe do Filho Eucharistico.

Como Esposa do Espirito Santo, a Euchäristia é em parte a sua obra.

Todos estes titulos resumem-se na palavra: **"Nossa Senhora".**

Ella é: Nossa Senhora, em todos os mysterios de Christo.

Nossa Senhora, como primogenita das mães.

Nossa Senhora do Verbo encarnado.

Nossa Senhora do Salvador immolado.

Nossa Senhora do Redemptor eucharistico.

Nossa Senhora do **Smo. Sacramento.**

E' o seu grande titulo, o seu titulo universal, que resume todos os outros.

E' o mais completo, o mais sublime, o mais fecundo de todos os seus titulos; o titulo que ti-

ra a sua origem dos decretos eternos de Deus e termina na grande manifestação do amor de Deus, na terra... Titulo escripto no SEIO DE DEUS Eterno, e escripto no SEIO DOS NOSSOS TABERNACULOS.

V. MARIA, MÃE DA GRAÇA DIVINA

Já estudamos Deus em seu SER e em sua VIDA.

Ha um terceiro attributo essencial de Deus: A ACTIVIDADE.

Os philosophos definem Deus: *Actus purus*, um acto puro.

Os theologos definem-no: *Deus Caritas est*, a Caridade.

No fundo é a mesma definição. Os theologos dizem **o que é** Deus; os philosophos dizem **como Elle é.**

Deus é caridade, mas caridade em acção.

Deus age eternamente... não descança... não póde descançar...

O descanço é uma consequencia do esforço e da fadiga.

Ora, como já vimos, Deus é a propria vida, a vida infinita: é VIVER E' AGIR.

A acção é, pois, da essencia de Deus. Elle age sempre. Elle exerce esta acção em sua propria essencia.

A acção divina *ad intra* consiste: para o Padre, na contemplação de seu Filho; para o Filho, na contemplação do Padre; para o Espirito Santo, na contemplação mutua do Pae e do Filho.

Esta Contemplação é o **dom mutuo** que completa o seu ser.

É o **termo** glorioso e infinito, onde termina a sua poderosa actividade.

É o **amor** que dá á sua vida um objecto digno della.

É a aproximação que faz a sua perfeita **unidade.**

Oh! que vida suave e poderosa! Nada falta á sua plenitude!

A sua actividade é tão vasta que as suas aspirações; e estas aspirações são sem limites, são infinitas.

Viver é produzir!...

Amar é dar!...

A relação entre aquelle que ama e o que é amado, chama-se: **amizade.**

Que ineffavel amisade entre vós, ó Padre, ó Filho, ó Espirito Santo! Amizade que fórma a essencia da vossa vida.

Vós sois a amizade perfeita, amisade que exclue todo egoismo, porque cada uma de vossas adoraveis Pessoas communica ás duas outras, tudo o que possue; amizade que não admitte separação; pois a mesma substancia vos une.

Oh! Trindade adoravel, vós sois um extase eterno.

O extase é um arroubo que faz sahir de si mesmo

Vós, oh! Padre, vós sahis de vós, para exprimir o vosso Filho.

Vós, oh! Filho, sahis de vós, para retribuir o amor do Padre Eterno!

Vós, oh! Espirito Santo, vós sahis de vós para unir o Padre e o Filho!

A Trindade é completa, infinita em sua acção *ad intra.*

Nada de creado póde entrar neste ineffavel extase, nesta acção reciproca que, para sempre, envolve e une as três Pessoas divinas em uma unica substancia.

Mas do mesmo modo que ha uma acção *ad-intra*, ha tambem uma acção *ad extra*.

Estas duas acções são correlativas.

A vida é o principio da acção.

Viver eternamente é agir eternamente.

Ha homens que não agem, porque não vivem: deixam-se viver.

Deus é a vida infinita, logo age de modo infinito... É um acto puro.

A acção divina *ad extra* é a **amizade.**

Deus ama; é por isso que age.

Elle age na medida de seu amor: e este amor é infinito.

E Elle age em quem mais o ama.

E qual é a creatura a quem Elle dedica mais amizade?

Deve ser necessariamente aquella que mais se aproxima delle pelo amor e pela santidade, aquella que, segundo a expressão do Archanjo: *é cheia de graça e bemdita entre todas as mulheres.*

É Maria Sma. a creatura privilegiada, a unica que se aproxima delle, tanto quanto uma creatura póde aproximar-se do Creador.

Maria, pela sua maternidade divina pertence á **ordem divina.**

Pelos laços indestructiveis a Mãe é unida ao Filho.

A gloria do Filho envolve a Mãe. A grandeza do Filho serve de throno á Mãe; e ambos apparecem na visão eterna do Altissimo, uma ao lado do outro, comprehendidos num mesmo decreto.

Deus dá a sua Mãe tudo o que póde dar... Elle dá sempre... Elle dá eternamente, para exaltal-a, glorifical-a acima de todas as creaturas.

O amor não conhece limites; *Mensura amandi, amare est sine mensura,* diz Santo Agostinho.

O amor de Deus é infinito. Deus não póde dar o infinito, pois a creatura, sendo finita, é incapaz de conter o infinito, mas Elle dá o immenso, o incalculavel, até fazer de Maria uma **digna Mãe de Deus.**

O Filho de Deus é infinito em sua natureza divina; o Christo é infinito em sua Pessoa, que é divina; Elle é humano em sua humanidade, que é creada.

A Mãe devia ser tudo isso, para ser digna Mãe de um tal Filho; porém é impossivel. Deus, em sua acção *ad extra*, não póde dar o infinito; Elle o deu, em sua acção *ad intra,* esgotou-se; Maria, porém, é tudo o que póde ser a Mãe de Deus.

O Padre communica á sua Filha o seu **poder.**

O Filho communica á sua Mãe a sua **santidade.**

O Espirito Santo communica á sua Esposa o seu **amor.**

Maria, deste modo, é a manifestação humana e radiante:

Do poder do Altissimo: *Virgo potens.*

Da santidade do Verbo: *Sancta Dei Genitrix.*

Do amor do Espirito Santo: *Vas electionis.*

Tudo isso resume-se no titulo: *Mater divinae gratiae.*

A graça é um *poder;* é uma participação á natureza divina, a esta natureza que é: amor, a este amor que é: a **graça.**

Maria é Mãe da divina graça.

O deposito, o arsenal, o manancial das graças é a divina Eucharistia.

Si Maria é a depositaria, a intermediaria

das graças divinas, é, consequentemente a depositaria e a distribuidora da Sagrada Eucharistia.

E esta depositaria tem nome: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

Ella é a *predestinada,* pelo poder divino.
Ella é a *elevada*, pela maternidade divina.
Ella é a *glorificada*, pela mediação universal.

Poder, grandeza, misericordia, são os três caracteres da mediação universal de Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

Deste modo, encontramos, desde a eternidade, nos pensamentos e nos decretos eternos do Altissimo, a successão dos mysterios que se deverão realizar um dia, no tempo, e terminar em synthese, na Sagrada Eucharistia.

Os decretos eternos revelam-nos a Virgem Santa, inseparavelmente unida a todos estes mysterios, e na ordem actual, comoparte constitutiva.

Filha do Padre Eterno.
Mãe do Redemptor.
Medianeira das graças eucharisticas.

É a triplice corôa de Nossa Senhora do Smo. Sacramento, que a propria Trindade eternamente lhe poz na fronte immaculada.

VI. MARIA, ASSOCIADA ás acções divinas

A Virgem Immaculada está associada a todas as actividades *ad extra* da SS. Trindade.

Esta actividade é dupla: abrange a **vida** e as **acções.**

Esta vida torna-se, de certo modo, visivel pela vida de Jesus Christo. As acções são o resultado combinado das três Pessoas divinas.

A vida de Jesus era fazer a vontade de seu Pae — *Meus cibus est ut faciam voluntatem ejus qui misit me* (Joan. IV. 34). E' a união amorosa com seu Pae e o Espirito Santo.

Maria Sma. entra nesta união amorosa, unida como é a cada uma das três Pessoas divinas.

As acções de Deus neste mundo tendem todas á salvação e santificação dos homens, o que se faz pela **graça.**

Maria Sma. deve ter um papel preponderante na distribuição desta graça, e ser a Medianeira universal das graças.

Deste modo ella é unida á vida e ás acções, *ad extra*, da SS. Trindade.

A acção de Deus manifesta-se no mundo pelas missões divinas, e Maria Sma. entra de certo modo, em cada uma destas missões.

Santo Thomaz trata magistralmente deste assumpto na 43ª questão da *prima-pars*. E' um estudo que tem a sua applicação ao officio da Mãe de Deus, nas acções da SS. Trindade.

Num primeiro artigo o Anjo da Escola explica o conceito das missões divinas, e mostra como a missão de uma Pessoa divina differe da missão de uma pessoa humana.

Num segundo artigo elle distingue as duas missões do Filho de Deus: a **invisivel** e a **visivel.**

Pela sua missão invisivel o Verbo nos introduz na *eternidade.*

Pela sua missão visivel Elle entrou no **tempo.**

Pela sua missão invisivel o Verbo nos constituiu filhos de *Deus.*

Pela sua missão visivel Elle se constituiu Filho do **homem.**

Pela missão invisivel o Verbo apodera-se da nossa *personalidade,* para divinizal-a.

Pela sua missão visivel Elle apoderou-se da nossa **natureza,** para santifical-a.

Estas duas missões do Filho de Deus são bem distinctas, e não podem ser confundidas. E' por meio dellas que podemos distinguir os dois privilegios da Virgem Santa: a sua **filiação** e a sua **maternidade** divinas.

Maria nasceu Filha do Deus unico, em três Pessoas, e tornou-se depois Mãe de Deus, Mãe da segunda Pessoa divina.

São dois privilegios, sinão inseparaveis, pelo menos distinctos.

Tiremos destes principios as conclusões que seguem:

Ha, no Filho de Deus, uma missão **invisivel** e outra **visivel.**

Só as missões *invisiveis* são rigorosamente necessarias, em si mesmas.

As missões *visiveis* fazem melhor comprehender as invisiveis.

As missões invisiveis referem-se á salvação, á santificação, á gloria.

As missões visiveis referem-se á Encarnação, á Redempção, á Eucharistia.

A Eucharistia é uma missão visivel, emquanto é o prolongamento da Encarnação, que é visivel, e emquanto contém, embora de modo invisivel, a Pessoa sagrada de Jesus Christo, que é visivel pela sua humanidade, embora se conserve escondido atrás do véu das apparencias eucharisticas.

Eis um ponto muito luminoso pela propria explicação de Santo Thomaz que dá, deste modo, á Virgem Santa, o titulo de *Nossa Senhora*

do Smo. Sacramento, sem exprimil-o em termos proprios.

Maria é de facto, o objecto primeiro e fundamental desta triplice missão invisivel do Verbo Encarnado, como o é da sua missão visivel.

O Filho de Deus vindo a este mundo, espiritualmente pela sua graça, para *salvar, santificar e glorificar,* devia antes de tudo exercer estas funcções para com aquella que tinha escolhido como **Mãe.**

E' o que elle fez divinamente.

Santificou a sua Mãe, adoptando-a como tal, predestinando-a para todas as graças que uma creatura póde receber.

Salvou a sua Mãe da quéda original, conservando-a Immaculada, pela applicação antecipada dos fructos da Redempção.

Glorificou a sua Mãe, destinando-a para ser a Rainha do céu e da terra, em recompensa de suas virtudes e de seus meritos.

Jesus, que é: *Nosso Senhor,* uniu-se á sua Mãe, neste triplice mysterio das suas missões invisiveis, de modo que Maria tornou-se *Nossa Senhora.*

* * *

As missões visiveis vão completar este titulo.

A triplice missão visivel é: a *Encarnação,* a *Redempção,* a *Eucharistia.*

A Encarnação é propriamente o mysterio da Virgem Immaculada. E' Deus feito homem. *Et incarnatus est, de Spirito Sancto, ex Maria Virgine.* (Symbolo)

A encarnação suppõe um triplice elemento: o pae, a mãe, a prole.

O pae não dá a vida: dá o **principio** da vida.

A mãe tambem não dá a vida: dá os **elementos** da vida.

Da união dos principios e dos elementos resulta a vida que Deus elevou, desde a primeira creação, á ordem **racional,** pela combinação destes dois elementos essenciaes.

O Espirito Santo deu o principio da vida de Jesus Christo; não de um modo natural, como nas gerações naturaes, mas de um modo *sobrenatural*, porque Jesus Christo devía nascer milagrosamente da Virgem Santissima.

A Virgem forneceu-lhe os elementos constitutivos humanos, formados de seu sangue purissimo. O fructo divino desta união sobrenatural da sombra fecunda do Altissimo e da Virgindade inalteravel de Maria, é a Pessoa do Verbo Encarnado, o Filho de Deus.

E Maria é Mãe desta Pessoa.

Jesus Christo é carne da sua carne, osso de seus ossos, sangue de seu sangue.

Jesus irá immolar-se, subirá ao Calvario, descerá ao calice do eterno sacrificio; e esta carne rasgada, pisada, immolada, do Verbo divino feito Victima, recolhida pelo Espirito Santo, terminará o seu sacrificio no **Tabernaculo,** onde encontraremos ainda, eternamente unidos, no mesmo amplexo de amor, sinão no mesmo sacrificio:

Acceitando o sacrificio de seu Filho: o Padre Eterno;

Offerecendo-se ao Padre Eterno: o Verbo divino;

Servindo como de laço de união: o Espirito Santo;

Unindo-se a este sacrificio eterno: a Virgem Immaculada.

Maria ali deve estar:

Acceitando este sacrificio, como Filha do Padre Eterno;

Immolando-se com seu Filho, como coredemptora de Jesus;

Sanccionando este sacrificio, como Esposa do Espirito Santo.

Sente-se logo quão intimamente Maria é unida á divina Eucharistia, por este triplice laço: de Filha, de Mãe e de Esposa.

Pelas missões **invisiveis** de Deus, Maria torna-se: Senhora—*Nossa Senhora.*

Pelas missões **visiveis** ella é: **Nossa Senhora do Smo. Sacramento.**

E' a expressão completa, nitida, de sua união com Deus e de todas as suas grandezas.

VII. CONCLUSÃO

Acabámos de percorrer, em synthese, grandes e sublimes verdades.

Estas verdades que, á primeira vista, pareciam ter apenas relação remota com a divina Eucharistia e com a Sma. Virgem, são, entretanto, como acabámos de vel-o, a base, o fundamento destas relações e a origem da união inseparavel, que une para sempre Jesus e Maria.

É preciso não esquecel-o: as obras de Deus são eternas, e é na eternidade que se devem procurar o fundamento e a razão destas obras.

É o que temos procurado fazer neste capitulo.

Deixando para mais tarde os **factos,** temos procurado os **principios,** para que estes

principios sirvam como de conductor na multiplicidade dos factos, e nos mostrem sempre a parte de Deus e a parte do homem, as leis divinas que presidem tudo, e os factos humanos que são ou a applicação ou a violação destas leis.

Em breve synthese, percorramos mais uma vez o conjuncto destas verdades, para melhor graval-as no espirito e destacar claramente a parte dogmatica que forma a estructura da doutrina Eucharistica e Mariana.

O grande principio das obras divinas é que tudo vem de Deus e que tudo volta a Elle.

O Senhor fez tudo o que existe para elle (Prov. VI. 4), *e não dá a sua gloria a outrem,* como diz o Propheta (Isai. 48, 11)-*Et gloriam meam alteri non dabo.*

Já comprehendemos como a Sagrada Eucharistia está essencialmente ligada á SS. Trindade. Procuremos descobrir tambem, pelo mesmo processo de deducção, qual a relação que existe entre a Sma. Virgem junto á SS. Trindade e junto á Eucharistia.

Muito se tem escripto sobre as Communhões da Virgem Santa; ninguem ainda nos apresentou Maria em suas relações intimas com a propria Eucharistia.

Estas relações, entretanto, existem, não simplesmente como accidentes, mas como parte constitutiva do adoravel Sacramento do Altar.

E' uma concepção nova, será um estudo novo de uma realidade eterna, como são eternas todas as realidades divinas.

É preciso encontrar o fundamento das relações eucharisticas entre Jesus e Maria, não na propria Eucharistia, pois ahi já são consequencias, mas nos grandes dogmas que são as causas da Eucharistia, na propria SS. Trindade.

Temos esboçado neste capitulo as grandes linhas desta união admiravel, para depois proval-a, em seu logar proprio.

É preciso salientar desde já este principio da união, para elle nos orientar depois através da exposição dos pormenores.

As obras de Deus são eternas, porque para Elle não ha *futuro;* tudo lhe é presente actualmente em sua immorvel eternidade.

Desde a eternidade Elle resolveu mandar a seu Filho fazer-se homem para resgatar e salvar a humanidade.

Este Filho devia nascer de uma mulher-virgem—*Ecce Virgo concipiet et pariet filium* (Isai).

Decretando o mysterio da Encarnação, Deus pelo mesmo decreto predestinou a Virgem Maria como devendo ser a Mãe de seu Filho.

Sendo Mãe do Filho de Deus, por escolha do Padre Eterno, pela operação do Espirito Santo, a Virgem torna-se verdadeiramente, como a chama a Egreja:

Filha do Padre Eterno.
Mãe do Filho de Deus.
Esposa do Espirito Santo.

Ella entra nas relações mais intimas com a SS. Trindade e com cada uma das três Pessoas divinas.

Mãe do Filho de Deus, ella é, de facto, associada a todas as obras de Deus, não *accidentalmente*, nem *essencialmente*—seriam os dois extremos, mas **inseparavelmente,** em virtude da vontade divina.

Ora, sendo eternas as obras de Deus:

O Pae não póde regeitar a sua **Filha.**
O Filho não póde desprezar a sua **Mãe.**

O Espirito Santo não póde repudiar a sua **Esposa.**

Maria, sendo Filha, Mãe e Esposa de Deus, nas obras *ad extra*, deve conservar para sempre e em toda parte a sua dignidade e o seu papel.

Desde a eternidade ella tem o seu logar predestinado, no **começo,** no **decurso** e no **termo** das obras divinas.

No **começo** é a SS. Trindade.
No **percurso** é a Encarnação e a Redempção.
No **termo** é a Sagrada Eucharistia.

Triplice auréola que abrange, em sua irradiação, todo o plano divino do amor de Deus para com os homens.

Triplice laço que prende numa unidade perfeita a grande obra de Deus, em suas três manifestações:

O céu, a manifestação da sua **gloria.**
A terra, a manifestação de seu **poder.**
A Eucharistia, a manifestação de seu **amor.**

Triplice operação da SS. Trindade, *ad extra*, adoptando a Sma. Virgem como Filha, como Mãe e como Esposa.

Triplice irradiação de bondade divina, fazendo do Tabernaculo o instrumento de sua **anniquillação,** o instrumento de sua **gloria,** o intrumento de seu **amor.**

Em todas estas manifestações, a Sma. Virgem nos apparece unida a Deus, apoiada sobre Deus, escondida em Deus.

Com quanta gratidão e amor devemos acclamar a Virgem Santa, dando-lhe o nome que resume todas as suas glorias, todo o seu poder

e todo o seu amor: — *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

Nome que lhe vem do céu, que lhe foi dado antecipadamente, desde toda a eternidade, pela escolha que della fez a SS. Trindade.

Nome que a Virgem conquistou pelo seu martyrio, pelas suas lagrimas e pelo seu immenso amor.

Nome que ella conserva através dos seculos, pela sua presença espiritual junto ao Tabernaculo, onde ella adora e ama o seu Filho no abandono do Sacrario, como o adorava no anniquillamento do presepio e na agonia do Calvario.

Si ella é a Senhora **do céu,** pela sua escolha pela SS. Trindade, ella é a Senhora das dores ao **pé da Cruz,** e a Senhora do Smo. Sacramento, junto a Jesus **Sacramentado.**

CAPITULO V

O SEIO DA VIRGEM-MÃE

Conhecemos a origem do Verbo divino no seio do Padre Eterno.

E' o seio que o gerou desde a eternidade.

E' a sua origem eterna, como Deus. Havia de ter uma origem terrestre, como homem.

O Decreto de sua Encarnação foi assignado desde a eternidade.

Elle vae baixar á terra... vae deixar o seu throno glorioso, ou melhor, sem deixal-o, pois a omnipresença é o seu attributo; vae encarnar-se no seio da pura e Immaculada Virgem Maria, por Elle escolhida, predestinada, formada á sua sublime dignidade de Mãe de Deus.

É a segunda étapa do Filho de Deus, a sua segunda morada.

Contemplemol-o nesta nova morada.

O Verbo Eterno do Padre vae revestir a sua **Pessoa divina** de uma natureza humana, conservando integra a natureza divina, e unindo estas duas naturezas á Pessoa divina.

A Virgem Maria está divinamente preparada para recebel-o.

A Immaculada Conceição é o preludio deste drama ineffavel.

A sua alma adornada de todas as riquezas

divinas que uma creatura póde receber, está preparada ao grande mysterio da Encarnação.

Ella espera... o mundo espera... e o proprio Filho de Deus, encantado pela belleza e a santidade de sua futura Mãe, parece esperar a hora de tornar-se o seu Filho.

Através dos seculos echoava, como um convite esperançoso, o cantico maravilhoso dos Prophetas: *Rorate coeli desuper!*

Derramae, ó céus, lá dessas alturas, o vosso orvalho, e as nuvens façam chover o justo; abra-se a terra e brote o Salvador, e ao mesmo tempo nasça a Justiça!... (Isai. XLV. 8).

Estudemos este mysterio, percorrendo o triplice Tabernaculo do Filho de Deus que podemos intitular:

O seio do Padre Eterno;
O seio de Maria Sma.;
O seio do Tabernaculo.

I. O DOM DE DEUS

O Filho de Deus, o Verbo do Padre Eterno, é tambem o **dom** do Altissimo, pois é a Elle que o Eterno confiou a *Missão* divina de Salvador.

Dar é tão suave!... Dar é tão bom!...

Beatius est magis dare, quam accipere (Act. XX. 35), dirá um dia o Salvador.

O Bem tem necessidade de dar.
E Deus é o summo Bem.
Quem é bom dá e dá a si mesmo.
Deus se dará a si mesmo, na Pessoa de seu Filho.

Elle quer dar como Deus! Isso é um dom divino: *Sic enim Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret* (Joan. III. 16).

Mas porque quer Deus servir se da Virgem Sma. para transmittir-nos o dom ineffavel de seu Filho?

Elle podia, em sua divina sabedoria, apresentar-nos o Christo de diversos modos!

Escutemos S. Francisco de Sales resumindo a doutrina de Santo Thomaz (1):

«Deus podia fazer de diversos modos a humanidade de seu Filho; por exemplo, podia creal-a do nada, não somente quanto á alma, mas até do corpo; ou ainda podia formar o seu corpo de qualquer barro existente como fez o de Adão. Mas deliberou que esta existencia se realizasse por geração extraordinaria, elegendo a Sma. Virgem, por cujo intermedio o Salvador seria, não somente **homem,** mas **filho** do genero humano».

E quaes são as razões desta medida?

Os Santos Padres indicam razões tão solidas quão graciosas.

Eis diversas entre muitas outras:

PRIMEIRA RAZÃO:

Deus quer mostrar-se fiel á lei da fecundidade, promulgada na origem das cousas humanas.

A lei da fecundidade é a lei caracteristica de tudo o que vive neste mundo.

Os philosophos chamam-lhe a **lei do germen,** porque tudo neste mundo começa por um germen; **lei do progresso,** porque tudo se vae desenvolvendo; **lei de vida,** porque é o principio de tudo o que vive.

Fiel a esta lei de fecundidade, Deus deter-

1) Tratado do amor divino. l. II. cap. IV. — Sto. Thomaz: Summ. 3. p. q. 31, art. 4.

minou que o Verbo Eterno seria dado ao mundo, passando por todas as phases de fecundidade. Elle seria concebido, desenvolver-se-ia, nasceria, cresceria, seria criança, adolescente, homem, adaptando-se exteriormente á grande lei do desenvolvimento.

Puer autem crescebat et confortabatur (Luc. I. 80).

SEGUNDA RAZÃO:

A igualdade dos dois sexos na familia humana. O estado de inferioridade da mulher foi a grande chaga social, antes da vinda do Messias. Deus quer curar esta chaga, ennobrecendo a mulher.

A mulher era uma escrava dos caprichos do homem.

Fazendo-se homem, pelo intermedio de uma mulher, o Filho de Deus ennobrece, ao mesmo tempo, os dois sexos.

Santo Agostinho diz muito bem: *O Christo tomou um, mas o tomou da outra.* (1)

Quantas conveniencias, quantas delicadezas de belleza e amor nascem da apparição de Jesus nos braços de Maria.

TERCEIRA RAZÃO:

Dissipar o medo de Deus. Desde o peccado original o homem tinha medo de Deus.

Adão tinha dado o exemplo. Elle já exclamára: *Ouvi a vossa voz, e tive medo, e escondi-me de vossa face* (Gen. III. 8, 10).

Quando na Antiga lei um anjo apparecia aos

---

1) De fide et Symb. C. IV.

judeus, estes cahiam com a face em terra, e exclamavam: *Vi Deus, vou morrer* (Êxod. XX. 19).

Si Jesus Christo tivesse apparecido de repente, na idade de homem forte, cercado de majestade, os homens teriam fugido, tomados de medo. Os peccadores, os pequenos, se teriam escondido nas cavidades da terra.

Com a presença de Maria Sma. tudo muda. Quem tem medo de uma criancinha?

Uma criancinha nos nasceu, um filho nos é dado, exclama o Propheta (Isai. IX. 6).

Póde-se ter medo de ir ao presepio?

Os Pastores não se escondem ao ouvirem o Anjo annunciar-lhes a grande nova, porque o signal dado não é simplesmente do Redemptor, mas de uma **criancinha**, envolta em panninhos e deitada num presepio: *Invenietis infantem pannis involutum* (Luc. II. 12).

Elles exclamam logo: — *Transeamus usque Bethlehem* e chegando ali, *encontraram Maria, José e o Menino deitado no presepio* (Luc. II. 16).

Como tudo isso é sublime e suave!

Uma Virgem, sua Mãe, apresenta a criancinha ás caricias e aos beijos dos Pastores.

Quem póde ter medo de tal apparição?

Como o Altissimo procedeu com acerto para dissipar o medo de Deus, e tornar-se attrahente!

E este attractivo de Deus é a *Virgem Santa*.

QUARTA RAZÃO:

Os homens precisam de uma mãe na religião, como na vida social.

De facto, em que consiste a religião?

Consiste num duplo movimento: Deus incli-

nando-se para os homens e os homens elevando-se até Deus.

Deus: para escutar e ajudar. O homem: para adorar e implorar.

Ora, neste duplo movimento: de Deus que desce e do homem que sobe, não deve haver um ponto de encontro, o intermedio de uma Mãe?

Deus baixa do céu, e vem, Elle primeiro. Para effectuar a sua vinda, é necessario que tenha uma Mãe.

O homem depois sobe... eleva-se para Deus.

Poderá Elle fazel-o sem intermedio de uma Mãe?

A Sagrada Escriptura diz: *Ubi non est mulier, ingemiscit ingens* (Eccl. 36. 27).

Sem o carinho de mãe o pobre geme.

Escutae os gemidos dos pobres protestantes. Luthero privou-os da Mãe. Quanto soffrem por causa desta privação!

Maria Sma. perto de Jesus, attráe. suaviza tudo, apresenta-nos, encobre as nossas fraquezas: — ella é o *sorriso da religião.*

O Crucifixo sem Maria tem qualquer cousa de duro, de triste!

Com Maria aos pés, o Crucifixo illumina-se de ternura e de amor.

Meu Deus, como fizestes bem, para animar-nos a ir até vós, em collocar Maria Sma. em meio caminho de vossa divindade.

QUINTA RAZÃO:

Permittis a uma mulher cooperar na regeneração, como a primeira mulher, Eva, tinha cooperado na perdição da humanidade.

Eva apresentára o fructo de morte, Maria apresentará o fructo de vida.

Eva foi a causa das lagrimas, Maria será, tal um sorriso do céu, a causa da nossa alegria.

Eva cooperou na nossa separação de Deus; Maria será o traço de união que nos liga a Elle.

Maria é a segunda Eva, mas de officio radicalmente opposto. E' por isso que o Archanjo a saudou dizendo: *Ave*, que é o inverso de Eva, como para exprimir a reparação que Maria devia executar na humanidade.

SEXTA RAZÃO:

Prolongar sua vida na terra, pela Eucharistia. D'entre todas as razões esta é a mais terna e a mais tocante. Jesus devia vir a este mundo para salval-o, não somente uma vez, mas **continuadamente,** através dos seculos, em todos os tempos e em todos os logares.

Elle é o Pae de todos, e um Pae nunca abandona seus filhos.

Ora, si Elle viesse com a majestade de triumphador, deveria perpetuar este estado. Seria um Pae glorioso, como já temos no céu, não porém um Pae carinhoso, como precisamos nas agruras da vida.

Elle virá, pois, na humildade, na pequenez, nascendo de uma Virgem-Mãe, recebendo do coração desta, qualquer cousa de maternal, de terno, que é peculiar ás mães.

E vindo neste estado, Elle poderá prolongar a sua vida mortal, escondido no Tabernaculo, como estava escondido no seio da Virgem.

O Jesus Eucharistico será o Jesus de Maria. A Eucharistia será o prolongamento da Encarnação.

Nesta como naquella, teremos Jesus, o Salvador, e teremos Maria Medianeira.

Ah! Jesus póde ficar sozinho no silencio e, ás vezes, no abandono do Tabernaculo.

Para fixal-o definitivamente entre nós, é preciso prendel-o, ligal-o; sinão á vista da ingratidão e da miseria dos homens, Elle seria capaz de fugir, repetindo a palavra que dirá um dia ao sahir do Cenaculo: *Surgite, eamus hinc* (Jo. XIV. 31), vamo-nos longe daqui.

Mas com Maria Elle não póde fazer isto; Elle será nosso prisioneiro de amor, e perto delle, para consolal-o e adoral-o, está presente, com seu affecto de Mãe, a Sma. Virgem.

Ella será o laço que o fixa e o prende para sempre em seu silencioso Tabernaculo.

Como é bello o **plano** divino, e como é sublime o **dom** de Deus!

E este dom admiravel recebe novo relevo pelo livre consentimento da Virgem.

Deus decretou dar o seu Filho ao mundo, como criancinha; mas este dom e este nascimento fica dependente do consentimento de Maria.

Deus não dará o seu Filho sem ter obtido o consentimento de Maria.

Deste modo, o dom é de Deus, e este dom é tambem o dom de Maria.

E' Deus quem o dá, mas é Maria quem nol-o transmitte.

Como tudo isso é suave e manifesta o coração paternal de Deus, e o coração amoroso da Virgem Immaculada!

II. O PRIMEIRO TABERNACULO

O negocio mais importante de todos os tempos vae decidir-se.

Trata-se de obter o consentimento da Vir-

gem Sma. para o Filho de Deus poder entrar na familia humana.

O logar onde devia effectuar-se a união do Verbo com a natureza humana é o pequenino aposento da santa ermida de Nazareth, onde morava a Virgem escolhida.

E' durante a contemplação de Maria, a sua grande occupação, que o Verbo divino tomou posse de seu Templo creado.

Mas não veio bruscamente.

Antes de se apresentar, manda o seu mensageiro, o Archanjo Gabriel, saudar em seu nome a Virgem escolhida e communicar-lhe a grande nova.

Elle veio, isto é, o luminoso Archanjo, pedir, em nome de Deus, o consentimento de Maria á Encarnação. O Creador não quiz agir neste grande mysterio sem o livre consentimento de sua creatura.

O Mensageiro escolhido é Gabriel, o mesmo que tinha predito a Daniel a vinda do Messias após setenta semanas de annos.

A prophecia é a seguinte: *Setenta semanas* (de annos) *foram abreviadas sobre o teu povo e sobre a tua cidade santa afim de que a justiça eterna seja trazida, e o Santo dos Santos seja ungido* [Daniel, IX. 24].

A Vulgata diz: *Abreviatae sunt*—foram abreviadas.

O texto hebraico diz: *decretado;* o da versão dos Setenta diz: *apertado;* a Chaldaica diz: *cortado;* e o arabe diz: *correr* com celeridade.

Todos exprimem, de facto, uma **abreviação,** uma decretação urgente.

E quem foi a causa desta abreviação?

Todos os exegétas dizem: — A Sma. Virgem.

De que modo?

Pela sua intercessão amorosa e ardente, Maria pedia, supplicava, que Deus mandasse o Salvador promettido, e ella o attrahiu pelo fervor de sua prece e o encanto de sua pureza.

Emquanto os espiritos celestes cantavam seus hymnos suaves, e a Virgem Santa estava como absorta em Deus, na mais extatica contemplação, Gabriel baixou do céu, e apresentou-se diante da Virgem, sob fórma humana, com o rosto resplandecente, trajando um vestido luminoso, e envolto numa gravidade celeste.

Gabriel, o embaixador do Altissimo, conserva-se em pé, dirigindo-se á Maria:

Ave, Maria, cheia de graça,
O Senhor é comvosco,
Bemdita sois vós entre as mulheres!

Nunca um anjo falára a uma creatura em termos tão magnificos.

Nunca o céu transmittira nova tão grande aos filhos dos homens.

Nunca estiveram em jogo interesses de importancia igual...

Maria perturba-se diante de tanta gloria. Ella se refugia no silencio, entre a humildade de seu coração e a verdade que lhe revela o Anjo.

Ella pensa, cala-se, pede um esclarecimento, e deixa cahir de seus labios virginaes o consentimento pedido: *Ecce ancilla Domini: — Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra.* (Luc. I. 38]

Maria proclama-se *escrava*, e esta escravidão gloriosa dá a liberdade a Deus para entrar em seu **seio** virginal, em sua **alma** immaculada e em seu **corpo** sem mancha, proclamando-a: **sua propria Mãe.**

Deus é livre; o caminho está aberto; Maria é este caminho.

Ella dá o signal de consentimento, pronunciando o seu *Fiat mihi!* e logo são rompidas as correntes que ligavam a execução dos planos divinos.

A fecundidade divina, qual nuvem majestosa illuminada pelos raios do sol, envolve a Virgem em contemplação.

Gabriel desapparece e, sem o menor fremito, sem ruido, no meio do silencio da noite, o Verbo Eterno de Deus, revestido da natureza humana, que a Virgem Immaculada lhe acabava de dar, está sentado num novo throno que se chama: o seio virginal de Maria.

O decreto divino estava executado; a Creação estava completa pela vinda do proprio Creador.

Bem longe, nos espaços estrellados, uma immensa jubilação irradiava-se no meio das regiões do mundo angelical.

Mas a Virgem nada ouvia.

Ella não escutava...

A sua cabeça ficou inclinada sobre o peito, e a sua alma mergulhada em muda adoração.

O mundo dormia... O céu exultava... O Verbo tinha-se feito carne... O mysterio estava realizado...

O Verbo Eterno tinha começado a sua vida humana sobre a terra. Elle havia tomado posse deste Tabernaculo Immaculado que tinha sido preparado desde a eternidade.

É o primeiro Tabernaculo de Deus neste mundo: *Ecce Tabernaculum Dei cum hominibus et habitabit cum eis* [Apoc. XXI. 3)

Até ahi, Deus tinha apparecido transitoriamente, de passagem, qual relampago que illumina as trevas da noite, mas nunca tinha fixado residencia neste mundo.

Acaba de fixar-se entre os homens de modo definitivo... Elle tem a sua morada, o seu throno luminoso como o sol, pela pureza, como cantou o Propheta-Rei: *Et thronus ejus, sicut sol* (Psal. 88. 38), preparação deste outro throno onde residirá para sempre, no silencio e na immolação de seu amor, até á consummação dos seculos: *Ecce vobiscum sum, usque ad consummationem sæculi* (Matth. 28, 20)

III. PRELUDIOS EUCHARISTICOS

Qual é a vida de Jesus neste primeiro Tabernaculo, neste Tabernaculo vivo e santo?

O principio já enunciado nol-a indica.

A Eucharistia é o prolongamento da Encarnação.

Conhecendo o prolongamento, conhecemos, pois, a fonte primeira.

Este primeiro Tabernaculo é o archetypo do segundo Tabernaculo, o de nossos Altares.

A vida neste primeiro Tabernaculo é o preludio da vida eucharistica, através dos seculos.

Que faz Jesus na Eucharistia? Elle adora a seu Pae, immola-se e santifica as almas.

Encontramos sempre na vida de Jesus estes três elementos que, de qualquer modo, nos manifestam a presença da SS. Trindade.

Pela lei eterna da **immanencia**, que une para sempre: o Padre, o Filho e o Espirito Santo, numa unica **natureza** divina, as obras *ad extra* são communs ás três Pessoas divinas:

Na Eucharistia temos Deus inteiro, Deus completo, temos pois a SS. Trindade ou as três Pessoas divinas.

No seio de Maria Sma. encontramos esta

mesma divindade inteira: o Padre, o Filho e o Espirito Santo.

Só o Filho tomou a natureza humana, porém a sua personalidade sendo divina, fica inseparavel e eternamente unida ás Pessoas do Padre Eterno e do Espirito Santo.

O seio da eternidade contém: a Trindade divina. O seio de Maria contém esta mesma Trindade.

O seio do Tabernaculo eucharistico abrigará, por sua vez, esta Trindade soberana.

A Encarnação e a Eucharistia são duas obras divinas, *ad extra* e, como taes, communs a cada uma das três Pessoas divinas.

Deus, sendo um acto puro, uma actividade eterna, onde estão estas três Pessoas, está tambem a sua acção pessoal.

O Padre é o poder de Deus; compete-lhe de modo especial: *a adoração.*

O Filho é o amor de Deus para com os homens; compete-lhe de modo especial: *a immolação.*

O Espirito Santo é a transfiguração da humanidade pela graça: compete lhe de modo especial: *a santificação.*

Tal é a vida completa, eterna do Verbo divino Encarnado, como será a sua vida no Tabernaculo: adorar a Deus, immolar-se, santificar as almas.

As três Pessoas divinas operam esta obra admiravel.

São três raios luminosos que se irradiam do seio de Maria.

O primeiro eleva-se até Deus: — é a *adoração.*

O segundo fica para Jesus:—é a *immolação.*

O terceiro desce para os homens: — é **a** *santificação.*

É a eternidade, é o infinito, é o céu e a terra que se reunem ahi, neste ponto, neste Tabernaculo, que se chama o **seio da Virgem.**

São bem os preludios da vida eucharistica de Jesus; é uma verdadeira *vida eucharistica.*

Ha entretanto uma differença essencial entre a vida de Jesus no seio de Maria, e a sua vida no Tabernaculo do Altar.

Em ambos Elle *adora, immola-se e santifica,* porém o objecto da santificação é differente.

No seio de Maria, Elle santifica a sua propria Mãe.

No Tabernaculo, Elle santifica todos os que delle se aproximam.

A primeira santificação é **particular;** a segunda é **universal.**

Esta distincção é fundamental, e abre a nossos olhos, já maravilhados, novos horizontes de santidade e de grandeza para a Sma. Virgem, mostrando ao mesmo tempo a união intima, de sua vida com a vida eucharistica de seu Jesus.

No paragrapho seguinte analysaremos este facto admiravel de santificação, servindo o Corpo de Jesus como instrumento physico da graça, preludio de nossos Sacramentos.

Vejamos primeiro a vida de *adoração* e de *immolação* de Jesus.

O culto devido a Deus devia ser, necessariamente, a principal occupação de Jesus no seio de Maria. Era a sua idéa dominante, como era a idéa dominante da Virgem: — *Adorate eum, qui fecit coelum et terram* (Apoc. XIV. 7).

Continuadamente Jesus tinha os olhos fixados sobre Deus e sobre si.

A sua occupação soberana consistia em adorar a Deus, como autor da natureza e da graça.

A sua alma era qual incenso vivo que, de dia e de noite, elevava para o céu o perfume de suas adorações: *Dirigatur oratio mea sicut incensum in conspectuo tuo*, repetia Jesus com o Propheta-Rei (Psal. 140. 2).

Como Deus, o Christo era igual a seu Pae; como Homem, lhe era inferior, e podia dar livre curso ás suas homenagens, que eram ao mesmo tempo divinas e humanas.

E ao mesmo tempo que adorava a Deus, o Verbo Encarnado immolava-se.

Tudo era immolado por Elle: o seu destino, a sua obra, a sua vida.

Desde o primeiro instante desta vida mysteriosa, no seio de uma Virgem, Elle offereceu-se a seu Pae, sem reserva e para todos.

Elle tomou sobre si o fardo inteiro dos peccados dos homens, Elle acceitou o peso da Cruz e a amargura do calice, e não parará no caminho da immolação, sinão depois de ter esgotado a ultima gotta de fel e ter sido prégado vivo na Cruz, que Elle começou a carregar, desde o seio materno.

E tudo isso é feito com inteira liberdade, de modo que os seus merecimentos são infinitos, cada um de seus actos é de um merecimento infinito.

Elle se entrega prisioneiro no seio da Virgem, como carregado de todos os crimes.

Elle não sahirá desta prisão, sinão para soffrer e immolar-se de modo definitivo.

Elle quer depender de sua Mãe, ser-lhe devedor da vida, do alimento e da conservação.

Elle é o **Verbo Eterno,** mas aqui não fala; guarda o silencio, como o guardará mais

tarde diante de seus algozes, e o guardará eternamente no Tabernaculo.

A sua vida é **immolar-se,** pelos soffrimentos, a fraqueza, a oração, a obediencia e os desejos.

Elle soffria ahi, por antecipação, as dores que o esperavam para mais tarde, e experimentava, de antemão, e do modo mais agudo, as dores de sua propria Mãe, de seus martyres e de seus eleitos.

A sua alma gozava as delicias da visão beatifica e ao mesmo tempo estava entregue ás mais cruciantes torturas. Este contraste tinha por effeito apresentar em pleno relevo as fraquezas de seu Corpo, como são: a incapacidade de falar, de mudar de posição, de fazer uso de seus sentidos; e é a este estado que Elle será reduzido, mais tarde, no Sacramento do Altar.

Podia-se fazer a descripção pormenorizada da vida de Jesus no seio de Maria, e applical-a depois, termo por termo, ao Smo. Sacramento.

O parallelo seria completo e a analogia tocante. Passemos além, mais tarde teremos de retomar esta harmonia para encontrar nella a vida eucharistica do Salvador, presente em nossos Altares.

IV. A COMMUNHÃO ANTECIPADA

Si a vida de Jesus no seio de Maria é um preludio da sua vida eucharistica em nossos Tabernaculos, a recepção deste Jesus por Maria é uma Communhão antecipada.

Commungar é receber o Corpo, o Sangue e divindade do Salvador velados pelas especies eucharisticas.

A Encarnação foi para Maria uma verdadei-

ra Communhão. Ella recebeu em seu seio virginal o Corpo e o Sangue de Jesus, milagrosamente produzidos pelo seu sangue purissimo e para sempre unidos á divindade.

E' uma Communhão... E que Communhão!

Nossas Communhões são uma imagem desta primeira Communhão, a mais completa, a mais perfeita, a mais divina de todas as Communhões que se deviam seguir no curso dos seculos.

Em nossas Communhões ha união espiritual, real, de nosso corpo com o Corpo de Jesus, porém não ha união **physica,** immediata, directa.

Tocamos os accidentes, as especies, as apparencias que são como que o vestido que envolve o Corpo de Jesus; não podemos tocar na substancia do Homem-Deus.

Não será inutil fazer uma observação a respeito dos accidentes eucharisticos.

Certas pessoas, e até certos livros fazem acreditar que as apparencias ou especies eucharisticas, deixam de existir, para deixar só subsistir o Corpo de Jesus Christo.

Tal idéa está errada; é o erro do idéalismo eucharistico, adoptado por Descartes, Arnaud e P. Maignon.

A transubstanciação converteu a substancia do pão, na **substancia** do Corpo e do Sangue do Salvador: é uma mudança de substancia. Os accidentes, que são uma **realidade objectiva,** continuam como dantes, sem nenhuma mudança de sua natureza physica.

A **substancia** (de *sub-stare)* é o que está debaixo dos accidentes, o que existe em si, sem ter necessidade de adherir a outra cousa.

Os **accidentes** ao contrario não podem existir em si mesmos, sinão numa substancia; por

exemplo: a côr, que não póde subsistir em si mesma sem uma substancia a que adhere.

Tocando, por exemplo, a Hostia Sagrada, tocamos directa e immediatamente as especies, os accidentes, e mediata e indirectamente o corpo de Jesus Christo.

Sto. Thomaz exprime esta doutrina com a sua acostumada penetração e clareza, no officio do Smo. Sacramento (Lect. VI.)

"Os accidentes persistem, diz elle, sem sup«porte, neste Sacramento, para que a fé perma«maneça, emquanto o corpo visivel é recebido «invisivelmente, escondido sob as especies estra«nhas; os sentidos são, deste modo, preservados «de decepção, julgando, pelos accidentes, o seu «objecto naturalmente conhecido".

Os accidentes conservam pois a sua realidade **objectiva,** de modo que o que vemos é bem a côr da Hostia, e o que apalpamos é bem a extensão desta Hostia, a sua dimensão, etc., ficando a **substancia** do Corpo e do Sangue de Jesus Christo, escondido sob estas apparencias, como um corpo humano sob os seus vestimentos.

A permanencia ou a realidade objectiva das especies eucharisticas, no dizer de Suarez, é um ponto certo, uma doutrina de fé (Disp. 56. sec. n 1); segundo outros este ponto póde ser considerado como proximo da fé (Franzelin: th. XVI).

Ora, é a substancia do pão que é convertida na substancia do Corpo e do Sangue de Jesus Christo. Os accidentes permanecem; e são somente estes accidentes que nós tocamos physicamente, e de modo immediato.

O contacto com a substancia do Corpo de Jesus Christo é um contacto espiritual, indirec-

to, como quando tocamos nas mãos, revestidas de luvas, de qualquer pessoa.

Em Maria Sma. o contacto é verdadeiramente physico: de corpo a corpo, immediato, directo. A união entre Jesus e Maria é unica em seu genero.

A união das mães é já admiravel. Após a união do corpo e da alma não se póde imaginar união physica mais intima do que aquella.

Citemos a este respeito uma passagem de **Bossuet**:

«Não se póde admirar bastante os meios de que a natureza se serve para unir as mães com seus filhos, ella procura fazer destes dois seres um ser unico. Para isso o primeiro cuidado da natureza é lígar os filhos ao seio da mãe, ao ponto que a sua alimentação e a sua vida passem pelos mesmos canaes correndo juntos os mesmos perigos, como si fosse uma unica pessoa. (1)

Tal é a união que o Verbo Eterno quiz contractar com Maria Sma.

Digamos mais: A união entre a Sma. Virgem e Jesus é mais intima ainda.

E' de fé que Maria é **Virgem** na conceição de seu Filho, como é de fé que ella é a **Mãe de Jesus.**

Jesus quer ficar devedor de sua humanidade unicamente á Sma. Virgem, como Elle é devedor de sua divindade ao Padre Eterno só.

Fóra a acção da SS. Trindade, não ha sinão Maria a concorrer na origem da existencia humana de seu Corpo e de seu Coração.

---

1) Bossuet: Festa da Compaixão da S. V., 1· ponto.

Para Elle não ha pae, segundo a carne, ha só mãe. (1)

Maria só tem este Filho unico, concebido e nascido della, pela unica e exclusiva operação do Espirito Santo.

Que é que Maria forneceu virginalmente a Jesus?

O corpo.

Mas este Corpo não se concebe, sinão para ser unido á alma e á Pessoa de Jesus, de modo que a maternidade virginal de Maria refere-se **á Pessoa de Jesus,** e esta Pessoa é a do Verbo divino.

Pensar que Maria Sma. é apenas a Mãe do Corpo de Jesus, e não de sua Pessoa, é uma das heresias dos protestantes.

Tiremos deste principio esta simples conclusão:

O Filho de Maria é Deus, como o Padre e o Espirito Santo. Estas três Pessoas, embora distinctas, são inseparaveis.

Maria é pois a Mãe do Eterno, ella é a **Mãe de Deus.**

Que união e que dignidade!...

Os theologos vão até dizer que é nma **dignidade quasi infinita.**

A Bemaventurada Virgem, diz Santo Thomaz, pelo facto de ser Mãe de Deus, tem uma dignidade infinita, que lhe vem do bem infinito, que é Deus. (2)

E Suarez conclue com esta sentença doutrinal, dizendo: «Esta dignidade de Mãe de Deus

---

1) S. José tem junto de Jesus a paternidade moral, e não a paternidade physica.

2) Beata Virgo ex hoc quod est Mater Dei, habet dignitatem infinitam, ex bono infinito quod est Deus. (Sum. theol. I. q. 25, a VI. ad 4)

é de ordem superior; pertencendo ella, de certo modo, á ordem **hypostatica,** considerando-a intrinsecamente e tendo com ella uma união necessaria». (1)

* * *

Uma tal união physica e moral entre Jesus e Maria eleva esta ultima a uma **dignidade** unica, que lhe merece um **culto** unico na Egreja; mas ha mais do que isto.

A **união** com Jesus é a raiz da dignidade.

A **dignidade** é a base do culto.

O **culto** é a expressão de nossos sentimentos.

Não temos de tratar aqui deste ponto que somente indirectamente se refere ao nosso assumpto.

Nesta união, neste contacto, de Jesus e de Maria, ha um principio doutrinal que deve concentrar a nossa attenção, pois se refere directamente á Sagrada Eucharistia.

Ao tratar-se de Deus a lei moral que define as uniões modifica-se, completa-se.

Para as creaturas esta lei, é que *"a união physica tem por fim a união moral"*.

Para Deus deve-se ajuntar: *"a união moral tem por fim a união da graça"*.

A graça tem por fim: *a união gloriosa no céu.*

A graça é uma participação da natureza divina, conforme a expressão de São Pedro: *Ut per hæc efficiamini divinæ consortes naturæ* (2 Pet. 3. 4).

---

1) Pertinet quodam modo ad ordinem unionis hypostaticæ, illam enim intrinsece respicit (De myst. Chr.: Disp. I. 3, 2 n. 4).

A natureza de um sêr é o principio interior de seus actos, ou si se quizer: o que faz viver de tal ou tal modo determinado.

Não podemos participar da **personalidade** de Deus, que é incommunicavel, mas podemos participar de sua **natureza,** isso é: podemos agir como elle *sobrenaturalmente.*

O **contacto** de Jesus e de Maria não é um simples contacto como o do presepio, da cruz, ou do tumulo, com o corpo de um Deus feito homem.

Este contacto é de uma ordem á parte, é o contacto da mãe com seu filho.

A theologia ensina que Maria, pela sua maternidade foi honrada com a **affinidade** com Deus (1) e com a **consanguinidade** com Jesus Christo, que é Deus, sendo esta união a razão do culto de hyperdulia que lhe prestamos.

Ter a mesma carne, o mesmo sangue que um Deus, dar, e dar ella só, pelo maior de todos os milagres, sob a acção divina, a substancia da carne e do sangue que devem salvar o mundo, que sublime e incomparavel privilegio, que communhão divina! Maria recebia e dava, e nesta troca mutua, havia mais que dadiva, havia uma **communhão de vida,** de graça, de santidade que nenhuma lingua humana é capaz de exprimir.

V. A FONTE DAS GRAÇAS

Os autores costumam estudar o mysterio da Encarnação, como fonte da grandeza e do poder da Virgem Santissima. É uma verdade certa.

Ha um aspecto menos conhecido, e entre-

1) Summ. theolog. II., 2. q. 103 a 4, ad 2.

tanto, de uma extensão incalculavel neste mysterio.

A Encarnação, communicando á Virgem Immaculada o sublime titulo de *Mãe de Deus,* lhe põe nas mãos um meio de santificação, que não se nota bastante.

Costumamos considerar Maria Sma. divinamente preparada pela effusão das graças, e a sua fiel correspondencia a estas graças, como digna Mãe de Deus; e esquecemos facilmente que esta Encarnação não suppõe simplesmente, mas dá a graça.

É um verdadeiro Sacramento, não universal, ou pelo menos para muitos, como os outros Sacramentos, mas especial, particular á Sma. Virgem. Podia-se dizer que é o **Sacramento da Virgem.**

Consideremos um instante este novo aspecto da Encarnação do Verbo divino no seio de Maria.

Um principio geral theologico nos vae mostrar logo que a Encarnação foi para Maria Sma. uma verdadeira fonte productora de graças.

Este principio é o seguinte: *Quanto mais um ser se une a seu principio, tanto melhor recebe as suas influencias.*

Quanto mais perto alguem fica da fonte, tanto mais participa da abundancia de suas aguas.

Quanto mais alguem se aproxima de um fóco de calor, tanto mais sente os effeitos caloríficos deste fóco.

Ora, o principio da graça é Jesus Christo, **causa principal,** pela sua divindade, **causa instrumental,** pela sua humanidade.

A Virgem Santa foi entre todas as creaturas a mais proxima de Jesus Christo, em sua humanidade, visto ter Jesus recebido della a natureza humana.

Deve-se pois concluir que ella alcançou uma plenitude de graças acima de todas as creaturas! (1)

O raciocinio de Sto. Thomaz é o seguinte: "O que determina a medida das graças é a união mais ou menos estreita com a **humanidade** ou a divindade de Jesus Christo.

Ora, será possivel estar mais perto que Maria da humanidade adoravel?

Pode-se dizer que esta natureza é qualquer coisa de Maria, visto ter sido tomada de Maria, e durante nove mezes se ter nutrido e ter respirado por ella.

Si foi o bastante tocar na orla do manto de Jesus para ficar curado: *Virtus de illo exibat et sanabat omnes;* si Jesus pôde santificar o Precursor através das entranhas maternas, que não terá Elle operado em sua Sma. Mãe, que tocou mais que o seu manto, que attingiu a sua humanidade, por uma especie de união substancial?

Sendo este contacto o mais intimo de todos, e não havendo medida nesta união, não deve tão pouco haver medida na graça. que della deriva; parece que o oceano inteiro deve ter-se derramado nella. (2)

Como já dissemos acima, é difficil estar mais perto da **natureza divina** do que Maria Sma.

A Mãe de Deus, de facto, pertence á **ordem hypostatica** e eleva-se até aos confins da divindade.

Em Jesus Christo as duas naturezas são in-

---

1) Summ theolog. II. p. q. 27, a 5.

2) Hugon. La mère de grace — Etudes theologiques, prim. parte.

separaveis, de modo que attingir o Christo homem é attingir o Christo Deus: — *Per Christum hominem ad Christum Deum*, dizem os Santos.

Maria Sma. sendo de todas as creaturas a que fica de mais perto ligada ao Christo **visivel,** aproxima-se, pelo facto, mais perto da **divindade.**

Ligada, deste modo, mais estreitamente que os outros, á humanidade, que é como o **reservatorio** das graças, ella fica ligada á divindade, que é a **fonte** destas graças, e recebe estas graças com mais abundancia que os outros.

É sempre o mesmo principio que rege estas relações. Deus quer a união physica para alcançar a união espiritual da caridade.

O facto de nascer da Virgem, e de estar em contacto continuo com ella, equivale pois a **uma lei,** a uma obrigação sagrada de communicar-lhe a graça.

Entramos aqui plenamente na analogia que existe entre a Encarnação e a Eucharistia, que faz da segunda o prolongamento, a continuação da primeira.

Para o nosso estudo este ponto é, pois, de primeira importancia.

A noção exacta da Encarnação é o bastante para concluir que ha, da parte de Deus, uma especie de **instituição,** de conferir a graça, pelo contacto physico da *humanidade* do Verbo com Maria, como será mais tarde uma **instituição divina** de conferir a vida sobrenatural ás nossas almas, pelo contacto real dos Sacramentos.

Os Sacramentos são **causas verdadeiras** (instrumentaes, segundo Santo Thomaz) fracas, pouco importa, mas produzem entretanto seus effeitos de modo *infallivel*, nas pessoas que não lhes ponham obstaculos.

O contacto da humanidade de Jesus Christo, que é o instrumento junto á divindade, deve agir com uma efficacia ainda maior.

E Maria Sma. não lhe punha o minimo obstaculo; ao contrario ella lhe apresenta as disposições mais perfeitas e heroicas.

Nada põe limites á graça da parte de Maria, e Jesus poderá em tal caso pôr limites á sua generosidade?

Não; deve dar-se sem medida, enchendo o coração immaculado de sua Mãe.

VI. O EFFEITO SACRAMENTAL

Sendo a Encarnação o archetypo da Eucharistia, convém, para comprehensão das maravilhas eucharisticas, explorar todos os recantos do grande mysterio do Filho de Deus feito homem.

A união ineffavel entre Jesus e Maria é o modelo da união eucharistica que continúa a existir entre o Filho e a Mãe.

Estamos entrando no dominio que se póde chamar o dominio sacramental da Encarnação.

Não se espante o leitor com as apparentes novidades que vamos descobrindo.

Todo conhecimento novo é uma descoberta para quem o ignorava.

A religião é divina, portanto immensa, inexgotavel.

O estudo abre continuadamente novos horizontes para a intelligencia, como a contemplação descobre novas fontes de amor para o coração.

Não deixemos a rotina invadir, nem o espirito nem o coração, pelo *"consueta vilescunt"*.

Elevemo-nos e penetremos os sublimes mysterios da fé. A religião não receia o estudo, a luz; ella receia apenas a ignorancia e o vicio.

A religião é de luz, e a luz não teme a luz. O erro é das trevas, e as trevas temem a luz: —*Et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt* (Joan. I. 5).

E' a opposição entre o Christo e o mundo, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal.

Acabámos de dizer que ha um EFFEITO SACRAMENTAL na Encarnação.

Em que consiste este effeito?

Para comprehendel-o, basta rememorar em que consiste a EXCELLENCIA e a EFFICACIA dos Sacramentos.

Consiste ou depende da medida em que nos unem mais a Deus.

O mais perfeito dos Sacramentos é, pois, aquelle que contém com a virtude divina (e todos os Sacramentos a contêm) a propria Pessoa de Jesus Christo.

Isto é claro. A pessoa e a sua virtude é mais excellente do que a virtude só.

A concepção do Verbo, que traz a Maria Sma. a virtude e a Pessoa divina, deve pois realizar tudo o que produz a Communhão, e mais do que isso.

Na Eucharistia Jesus dá-se inteiro, mas sob apparencias estranhas.

Na Encarnação Elle se deu a Maria sob a fórma verdadeira e propria e por um contacto IMMEDIATO. (1)

Pela Eucharistia Elle nos faz participantes de sua vida, porém Elle não participa de nossa vida, não recebendo nada daquelle que communga.

Na Encarnação Elle é formado da substancia de sua Mãe; Elle vive de Maria, como o fructo vive da seiva da arvore; Elle tem de Maria o alimento e a respiração.

1) S. Bernardo: Sermo 29 in Cant. n. 8.

Em troca é, pois, necessario que Elle alimente Maria, com sua divindade.

A cada onda de vida que Maria lhe communica, Jesus responde com uma communicação mais abundante de seus dons sobrenaturaes.

Jesus vive de Maria, na ordem natural; Maria vive de Jesus, na ordem sobrenatural.

Todos os effeitos da Eucharistia, todos os extases da Communhão são aqui ultrapassados e sem comparação.

E entretanto quantas maravilhas produz cada dia o banquete eucharistico!

Santo Thomaz procura dar-nos uma idéa destas maravilhas.

Este Sacramento, diz elle, confere a graça de um modo espiritual, com a virtude da caridade.

Por isso São João Damasceno compara a Eucharistia á brasa ardente que foi mostrada ao Propheta Isaias.

A brasa não é simplesmente lenha, é lenha unida á chamma. Assim a Hostia não é simplesmente a carne de Jesus Christo, é a sua carne unida á divindade.

E como diz São Gregorio, o amor de Deus não fica ocioso, elle opera grandes cousas onde se encontra.

Assim este Sacramento, por sua natureza e quanto depende de sua virtude, não confere simplesmente os habitos de graça e caridade, mas excita ainda os actos, segundo a linguagem do Apostolo: *Charitas Christi urget nos* (2 Cor. V, 14).

A alma é espiritualmente fortificada neste Sacramento pelas delicias sobrenaturaes com que Deus a innunda, conforme a palavra do Cantico

dos Canticos: *Comedite, amici,... bibite... inebriamini carissimi* (Cant. V. 1).

Estes effeitos são indicados por Santo Thomaz em sua Summa theologica (III. p. q. 79, a 1. ad 2).

O que Santo Thomaz diz da Eucharistia, devemos dizel-o e de um modo mais excellente, do mysterio da Encarnação.

A Encarnação era para Maria uma Eucharistia real, physica, divina, produzindo nella effeitos verdadeiramente sacramentaes.

Para comprehender o que operou em Maria a concepção do Verbo divino, seria preciso reunir num faixo unico:

Todos estes effeitos do grande Sacramento reunidos, desde a sua instituição até ao fim dos tempos.

Todas as Communhões dos Santos os mais fervorosos, no decurso dos tempos.

A ultima Communhão do ultimo dos justos no supremo sacrificio do fim do mundo.

A unica presença de Jesus, por si mesmo e pela sua virtude propria, conferia os habitos de graça e de caridade.

Esta presença excitava, multiplicava os actos, innundando a Virgem de todas torrentes das celestiaes consolações.

E' um mundo... é um abysmo... deante do qual os homens só têm o silencio e a admiração.

Tudo póde resumir-se neste principio: a graça corresponde ao amor e mede-se por elle.

Para comprehender a immensidade das graças outorgadas a Maria, precisariamos conhecer o seu amor a Deus e o amor de Deus a ella: o que é absolutamente impossivel.

A Virgem ama de toda a sua vontade, de todo o seu espirito, de todas as suas forças, e

deste modo ella é *toda Mãe*, toda Mãe de amor, *ut fieret mater caritatis cujus Pater est caritas Dei* (1)

VII. CONCLUSÃO

O seio de Maria é, pois, como acabamos de ver, a maior maravilha deste mundo.

E' a reproducção do seio do Padre Eterno.

E como é admiravel esta reproducção! No seio eterno, o Verbo divino repousa na deslumbrante majestade de sua gloria.

Baixando ao seio da Virgem Santa, o Filho de Deus formará a sua vida mortal, nos moldes de sua vida eterna.

No seio do Pae ha a dupla vida de **immanencia,** e de **circumincessão,** vida em seus elementos, vida em sua actividade.

A vida immanente do Verbo Eterno, no seio de Maria, é, em primeiro logar, a santificação de sua propria Mãe.

E' a sua obra principal, durante o tempo que elle depender de Maria; é a sua unica obra, por ora, ficando para mais tarde a redempção immediata dos homens.

Maria devia ser o Archetypo de santidade neste mundo, e de gloria no outro.

Era o idéal a realizar

E Jesus quiz realizal-o por si mesmo. Ao contacto da fonte infinita da santidade, o ser da Virgem Santa ficou como saturado do ser de seu Filho, e o Filho ia transformando gradualmente esta existencia já tão luminosa, estimulando-a na

---

1) Cfr. a nota da pagina, em que explicamos que nós só tocamos o Corpo de Jesus Sacramentado de modo *mediato*, sendo a sua substancia velada pelas apparencias ou accidentes da Hostia.

pratica progressiva de todas as virtudes e de todos os heroismos.

A variedade como a excellencia das graças, de que Jesus cumulava a sua Mãe, está muito acima da nossa comprehensão.

Todas as graças fructificaram em Maria; nenhuma ficou ociosa, de modo que ella crescia continuamente em virtude e santidade.

Maria era um mundo, no qual Jesus estava incessantemente occupado.

E ao mesmo tempo que Elle santificava a sua Mãe, continuava a sua VIDA BEATIFICA, a sua vida de CICUMINCESSÃO que é a grande maravilha da vida intima do Salvador.

Ahi, no estreito espaço deste Tabernaculo virginal, o Padre Eterno continuava a contemplar o seu Filho humanado; o Filho continuava a contemplar a seu Pae; e desta aspiração de amor mutuo o Espirito Santo apparecia como o laço eterno da união divina.

E Maria, cujo seio materno é o throno onde se operam estas maravilhas, sente-se investida de titulos, que para sempre a unem á SS. Trindade.

O SEU SEIO é a imagem do seio do Padre Eterno.

O TABERNACULO será um dia a imagem de seu proprio seio.

Ha nestes três seios uma vida de *immanencia* e de *circumincessão,* que deve perpetuar-se, no amor, ao qual fica associada á Virgem Immaculada, e que faz della:

a FILHA do Padre Eterno;
a MÃE do Filho de Deus;
a ESPOSA do Espirito Sonto,

Filha, Mãe e Esposa.

Filha do Padre Eterno, pela sua *predestinação.*

Mãe do Filho, pela *Encarnação de Jesus.*

Esposa do Espirito Santo, pela *distribuição* das graças, que ficam depositadas na divina Eucharistia e donde Maria deve applical-as ás almas.

Estes três termos exprimem as três ordens que devem formar a morada do Filho do Homem: o Padre Eterno, Maria e o Tabernaculo.

O primeiro pertence á ordem da **gloria;**
O segundo pertence á ordem da **graça;**
O terceiro pertence á ordem da **natureza.**

São os três reinos estabelecidos por Deus.

A gloria desce das alturas;

A natureza sobe dos abysmos;

E ambos encontram-se no seio da Immacuda, na graça.

A natureza para chegar á gloria deve passar pela graça.

O homem para chegar a Deus deve passar pela Sma. Virgem.

Maria Sma. une, deste modo, em suas mãos virginaes, as duas extremidades: **Deus e o homem,** para reconcilial-os e unil-os para sempre no amplexo do amor.

E' este encontro que o Espirito Santo cantava: — *Dives et pauper obviaverunt sibi* (Prov. XXII. 2). Maravilhas divinas que causam vertigem á intelligencia humana.

Só no céu comprehenderemos um pouco mais estas maravilhas, e a sua contemplação será uma das fontes da eterna felicidade.

E tudo isso está resumido neste titulo tão curto e tão simples: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

CAPITULO VI

IDENTIDADE
entre Jesus e Maria

Temos a tratar aqui uma questão subtil, que muitos scientistas consideravam quasi insoluvel, mas que entretanto não devemos omittir, sob pena de não termos uma noção completa e solida da doutrina que nos revela a intimidade entre Jesus e Maria.

Esta questão abrange diversos pontos, entre outros: a identidade dos seres da mesma especie, identidade relativa entre paes e filhos, o segredo biologico, o turbilhão vital etc.

Taes questões, á primeira vista, parecem menos assumptos de piedade que de physiologia, mas convém lembrar que a sciencia não somente não contradiz, mas apoia, fortifica e illumina a piedade.

A fé e a razão são as duas azas para voar até Deus.

A fé é uma luz *divina.*

A razão é uma luz *humana.*

O homem precisa destas duas luzes, pois elle tem em si uma parte divina: a alma, e uma parte humana: o corpo.

Querer limitar-se á fé seria imprudencia, seria expor-se a uma piedade sentimentalista.

Querer contentar-se com a segunda seria maior imprudencia ainda, seria lançar-se no baixo racionalismo.

E' preciso que os dois: a fé e a sciencia se dêem as mãos para a consecução de um mesmo idéal.

A fé illumina a razão, e a razão dá á fé a convicção que evita as illusões.

Penetremos pois com amor, estas questões scientificas, para fazer dellas um dos pedestaes das verdades religiosas.

I. A DUPLA IDENTIDADE

Chama-se identidade o que faz que uma coisa é a mesma que uma ou diversas outras coisas.

Entre todos os seres da mesma especie, ha identidade de **natureza** e diversidade de **pessoa** ou de coisa.

Chama-se *pessoa*, todo individuo dotado de intelligencia e de liberdade, sendo este termo opposto ao termo *coisa*.

Na especie humana, todos os homens têm a mesma natureza humana, e cada homem tem a sua personalidade distincta.

Póde-se distinguir uma dupla identidade: uma absoluta, outra relativa.

A identidade **absoluta** existe dentro de cada um de nós.

O homem nasce, cresce, envelhece, mas sente perfeitamente que é sempre **elle,** e que, nas vicissitudes accidentaes que atravessa, o seu **eu** permanece sempre identico a si mesmo.

E' o que veremos em breve, estudando a

questão do turbilhão vital; o que mais nos interessa actualmente é a identidade **relativa** que póde existir entre diversas pessoas.

E' aquella que existe entre a mãe e o fructo de seu seio.

Para evitar toda confusão, lembremo-nos que a criança, mesmo nas entranhas maternas, é sempre um ser numericamente distincto, embora physiologicamente unido á mãe.

O sangue da mãe e do filho é individualmente distincto, havendo entretanto uma identidade especifica de seus elementos constitutivos.

A criança, mesmo no seio materno, é um individuo, uma pessoa distincta da mãe, pois tendo a criança um corpo proprio (mesmo sendo apenas embryão] e uma alma, já possue a personalidade e a natureza numerica, essencialmente distincta da pessoa e da natureza da mãe.

Mas, si ha esta differença, esta distincção de natureza e de pessoa, ha entretanto uma **identidade** relativa entre a mãe e o filho.

A criança é uma parte da mãe, uma como mesma coisa com a mãe.

Aristoteles considerava este facto como um principio incontestavel (1) e Santo Thomaz com os Escolasticos são da mesma opinião.

Cajetano no seu Commentario sobre a questão 31, de Santo Thomaz (3 a 6 pag.), diz que a principal e primeira parte da criança é a porção da substancia que recebe de seus paes; por isso é chamada: *primigenia caro*, a primeira carne gerada.

Esta primeira substancia da criança, formada do sangue da mãe, augmentada pela alimen-

1) Magn. Moral, lib. I. C. 34.

tação sanguinea da mãe, torna-se o corpo que, após o nascimento, a mãe alimenta com o seu leite, durante um tempo mais ou menos longo.

É esta vida commum, physiologicamente unida, que funda a **identidade** entre a mãe e o filho.

Esta identidade é de uma especie á parte, muito mais intima e completa que a da nutrição commum.

A alimentação, que a natureza administra á criança nas entranhas maternas, é mais que uma simples nutrição, como quando se toma um alimento de fóra.

O alimento de fóra deve, primeiro, ser dissolvido, decomposto, imbuido de certos succos que o transformam, separando a parte *assimilavel* da parte vehicular, para depois poder ser absolvido pelo organismo.

Para a nutrição do embryão, ou criança em formação, o organismo materno faz este trabalho de dissolução, de separação, necessario para ser um alimento assimilavel.

Estando o alimento assim preparado, falta apenas ser assimilado.

No começo, como veremos em breve, a mãe transmitte o seu sangue vivo, de uma vida vegetativa e sensitiva, até á plena formação do coração no embryão.

Depois desta primeira phase de identidade completa que se póde chamar identidade absoluta, vem a segunda phase, na qual o coração já funcciona por si mesmo.

O embryão tendo uma alma creada por Deus e um corpo em formação, já constitue um ser numericamente distincto, uma pessoa distincta da mãe.

Nesta segunda phase o alimento preparado

pela mãe serve para alimentar duas pessoas: a mãe e a criança.

A mãe toma para si parte deste alimento, emquanto uma outra parte é assimilado pelo organismo da criança, mudado em seu sangue, o qual, por sua vez, vae formando e completando o seu proprio corpo.

Ao nascimento da criança succede uma terceira phase, que vae enfraquecendo cada vez mais o principio de *identidade*: é a alimentação lactea, a amamentação.

O leite materno é uma especie de carne e de sangue liquidos, misturado com outros elementos que lhe servem de vehiculo; porém o leite já exige uma preparação pela decomposição, a separação, até se tornar assimilavel.

A quarta phase é a alimentação de fóra; esta nada mais tem de commum com a *identidade* materna: o corpo está formado; este alimento de fóra tem por fim a augmentação, a solidificação dos orgams já existentes.

* * *

Decretada a Encarnação do Filho de Deus, na occasião que a Virgem Sma. disse o seu *Fiat mihi,* o Altissimo, por um prodigio unico, communicou ao seio de Maria a fecundidade, sem intervenção de creatura e sem perda de sua Virgindade.

A Virgem Santa apresentou uma gotta deste sangue virginal, dotado de vida vegetativa e sensitiva, e Deus creou neste embryão aindo informe a alma que devia unir-se substancialmente a este Corpo em formação, para constituir a Pessoa do Verbo encarnado, do Filho de Deus feito homem.

Creada a alma de Jesus, houve immediatamente entre Jesus e Maria: *identidade* de substancia.

A primeira gotta de sangue que a omnipotencia divina fecundou milagrosamente, era integralmente sangue de Maria, e exclusivamente de Maria, de modo que o embryão, que devia formar este sangue, nenhum elemento recebeu de fóra, que perturbasse a *identidade* perfeita entre o seu sangue e o proprio embryão.

Nas outras mães ha um elemento de fóra que perturba a identidade do sangue da mãe na primeira formação do embryão, mas em Maria tudo era della e exclusivamente della; Jesus era o fructo de sua virgindade milagrosamente fecundada por um milagre do Altissimo.

Desde o momento desta fecundação milagrosa, que corresponde á creação da alma, Jesus era uma Pessoa numericamente distincta da Mãe, mas substancialmente identica com a sua Mãe.

Este estado perdurou até a formação do Coração do Filho que é o primeiro orgam em actividade.

O coração é formado e impulsionado pelo coração da mãe, até a formação rudimentar dos membros que possam receber e transmittir os alimentos da mãe, feitos por ella assimilaveis, e assimilados pelo organismo da criança.

Quanto tempo dura esta primeira estructura? Os medicos calculam que o coração funcciona por si mesmo após dois mezes e meio, sendo o embryão completo. sem entretanto poder possuir vida independente.

A vida physiologica com o coração continúa ainda, porém ha já nova ligação physiologica com os intestinos, pela arteria umbilical, para que o feto possa por si assimilar, o que até

este dia lhe havia sido ministrado directamente pelo sangue da mãe.

E' o começo da segunda phase: o embryão chama-se então: feto, em linguagem medica.

A mãe não transmitte mais o seu proprio sangue ou substancia para a formação do filho, que já está rudimentariamente formado, mas sim alimentos *assimilaveis*, que vão directamente para os orgams correspondentes da criança que os assimila, muda em sangue, e leva através do corpo este sangue vivificante e constructor.

Jesus, no seio de Maria, recebe pois a alimentação assimilavel, a mesma que a da Sma. Virgem, de modo que o alimento, preparado pelo organismo de Maria, para tornar-se a sua propria substancia, torna-se, por assimilação propria, a substancia de Jesus.

Na primeira phase havia verdadeira *identidade substancial*, de sangue a sangue; aqui ha identidade *relativa*, de assimilação a assimilação, pois a substancia preparada, feita assimilavel pelo organismo de Maria, vae ser **assimilada** por duas pessoas distinctas e por duas operações distinctas: a de Maria e a de Jesus.

Aqui a substancia de Maria não se torna a substancia de Jesus, como na primeira phase, mas a de Jesus é tirada do alimento preparado de Maria, e assimilada por operação propria.

II. A IDENTIDADE RELATIVA

A identidade substancial de sangue, entre Jesus e Maria, não é uma piedosa ficção, como acabámos de ver, é uma realidade tocante.

O texto do Evangelho exprime esta verdade: *Maria, de qua natus est Jesus.* (Math. I. 16).

E' della, de Maria, e não somente nella que nasceu Jesus.

Após a identidade absoluta da concepção, que dura poucas semanas, vem a identidade relativa, da primeira assimilação, e depois o nascimento.

Após o nascimento a *identidade relativa* vae diminuindo ainda, á medida que a criança se separa do seio materno.

O leite materno, que é ainda uma parte do sangue da mãe, continúa a alimentar a criança; este alimento, entretanto, não é mais o puro sangue da mãe, mas sim um sangue misturado com outros elementos nutritivos que vão, aos poucos, afrouxando a identidade relativa, **não da constituição** fundamental da criança, mas sim da sua formação quantitativa.

Os alimentos de fóra vão, pouco a pouco substituindo a alimentação materna, até romper toda relação nutritiva entre a mãe e o filho.

Mas pouco importa. O corpo da criança está completo, como organismo; já funcciona por si, de modo que se póde dizer que tal organismo foi integralmente formado pela mãe, conservando sempre com a mãe uma identidade relativa de formação.

Os alimentos tomados de fóra augmentarão a parte quantitativa, as proporções, as forças do corpo; entretanto o corpo como tal **é o mesmo** recebido da mãe, conservando com ella uma identidade relativa.

Tal identidade tem sido combatida pela theoria do turbilhão vital, porém, como veremos abaixo, tal theoria não possue a extensão, nem a força que lhe attribuem seus adeptos, e si diminue a identidade relativa, nunca chega a destruil-a.

Para não cahir no exaggero, é mister não

perder de vista o que acima já dissemos da identidade relativa.

Dizendo que o Corpo de Jesus possue uma identidade relativa com o da Sma. Virgem, não queremos dizer que no Corpo de Jesus Christo haja ainda qualquer coisa do corpo de Maria.

Não. No principio, de facto, houve qualquer coisa, porém, desde que o organismo de Jesus entrou em funccionamento, assimilou-se tudo o que havia nelle, de modo que a substancia della tornou-se a sua propria substancia, não conservando mais com a substancia da Virgem Sma. sinão a *identidade* de origem, que chamamos identidade relativa.

O Veneravel Béda diz muito bem: «Jesus, concebido no seio virginal, tomou a carne, não do nada ou de outrem, mas da carne materna. (1)

Uma vez organizado este corpo, onde irá o Salvador haurir os elementos deste sangue precioso, que lançará em todos os tecidos do Corpo para nutril-o e desenvolvel-o?

Deverá hauril-o, como faz todo coração humano, em sua origem, nos elementos do sangue materno. (2)

Estes elementos, é a vós, ó Maria, que o Verbo se dignou pedir.

Vós não sois, pois, estranha a este Corpo e a este Sangue adoravel, a este thesouro da Redempção, a este preço inestimavel de nossa salvação.

E' o que fez exclamar ao sabio Cornelio a Lapide: *Habuit, ob Filii Dei maternitatem, dominium in omnia.*

---

1) Conceptus ex utere virginali, carnem non de nihilo, non aliunde, sed materna traxit ex carne Christus (Ven. Bed. Exp. in Luc. 1. 4, t. 3).

2) Cl. Bernard: Sciencia experim.:—Phys. do Cor. p. 335.

O Senhor, diz Sto. Agostinho, recebeu a sua carne, da carne de Maria, e como Elle viveu aqui na carne, Elle nos deu esta carne a comer para a nossa salvação. (1)

E', pois, certo que Jesus recebeu da substancia da Sma. Virgem o Corpo e o Sangue. Não é, sem duvida—e este é o ponto onde alguns escriptores naufragaram na verdade,—não é o corpo de Maria Sma. que está no Corpo de Jesus, como o corpo e o sangue dos paes não estão no corpo dos filhos, pois cada ser tem a sua composição substancial, propria, independente, mas sim o Sangue e a carne de Jesus, substancialmente independentes, são tirados, são formados do corpo e do sangue de Maria.

A seiva, que circula numa arvore, é uma só, e esta seiva é o elemento organizador, formador, da arvore, das flores e dos fructos desta arvore.

Comendo o fructo da arvore, podemos dizer, não que comemos a seiva da arvore, mas sim, o fructo formado pela seiva.

E' a seiva, sem duvida, mas a seiva transformada, tendo tomado uma nova fórma, constituindo nova substancia, um novo ser independente da arvore.

E tão independente é este fructo, que, uma vez formado, póde ser retirado da arvore, sem que esta soffra por esta privação.

O fructo, entretanto, não deixa de ser o fructo de tal arvore, o producto proprio, substancial, da sua seiva fecunda.

Assim entre Jesus e Maria.

Maria Sma. é a arvore fecunda, da qual de-

---

1) De carne Mariae carnem accepit. Et quia in ipsa carne hic ambulavit, et ipsam carnem nobis manducandam ad salutem dedit (S. Aug. Com. in Psalm. 98).

via desabrochar esta flor maravilhosa, este fructo divino que é Jesus.

Jesus nasceu de Maria Sma.. como o fructo nasce da seiva da arvore.

Jesus é o fructo bemdito de seu seio, a flor divina de sua virgindade.

Elle foi formado pela seiva virginal de seu sangue.

Elle foi desenvolvido sob o impulso do leite virginal de Maria, que é o sangue materno, liquido, como dizem os physiologistas.

E isso até separar-se do seio virginal para nutrir-se de alimentos terrenos.

Jesus é de Maria... é todo de Maria... é o fructo de Maria, mas não é Maria... ou melhor é Maria ainda, mas Maria como prolongada em Jesus, como os filhos são o prolongamento dos paes.

E' Jesus de Maria... é a seiva e o fructo... é o Filho e a Mãe.

Concluamos com uma deducção impossivel, imaginaria, mas que apesar de sua impossibilidade, terá a vantagem de gravar em nossa mente a verdade acima exposta:

Desde que o Espirito Santo formou do sangue purissimo de Maria o Corpo do Filho de Deus, do Verbo encarnado, ella trazia em seu seio a Pessoa de Jesus Christo.

Nos primeiros dias da Encarnação, Jesus Christo era apenas, como corpo, umas gottas de sangue de Maria, unidas á alma e á divindade de Jesus.

Si nesta hora, emquanto o Sangue de Jesus era ainda o proprio sangue de Maria, sendo pois este sangue substancialmente identico ao de Maria, si nessa hora, por impossivel que seja, Jesus Christo tivesse podido instituir a Sagrada

Eucharistia, teria havido na Eucharistia qualquer coisa de Maria.

Na Hostia Sagrada estaria, de certo, o Corpo, a alma e a divindade de Jesus Christo, porém este Corpo, não tendo orgams em actividade e não tendo ainda assimilado o sangue de Maria que o estava formando, teriamos ao lado de Jesus inteiro, completo, umas particulas que poderiamos chamar: o sangue de Maria.

Desde que o Coração do Filho de Maria entra em funccionamento, Elle assimila o sangue virginal, que deixa de ser o sangue de Maria para tornar-se o seu proprio sangue.

A identidade absoluta desappareceu, para ceder o logar á identidade relativa.

III. A IDENTIDADE CORPORAL

Tendo o Salvador instituido a Eucharistia antes de começar a sua dolorosa Paixão, na edade de 33 annos, deve-se concluir que a identidade entre Elle e a sua divina Mãe foi se enfraquecendo pouco a pouco, á medida que se afastava do principio productivo desta identidade.

Qual é o grau de identidade corporal que persevera através das continuas mudanças do corpo?

E' a pergunta que temos de responder aqui.

Para bem comprehender o phenomeno physiologico, é bom lembrarmo-nos que o principio da vida é a propria fórma substancial, ou a **alma.**

A alma é o principio estavel e permanente, que conserva o ser na unidade, apesar do fluxo incessante dos phenomenos que começam e terminam, e apesar das mudanças perpetuas que soffrem as moleculas.

Cada um de nós sente perfeitamente que fica **identico** a si mesmo, em cada um dos instantes que compõem a existencia.

Pensamentos, memoria, responsabilidade, são testimunhas resplandecentes de nossa identidade.

A sciencia mostra-nos o corpo humano em perpetuo movimento... as moleculas que o constituem vão se mudando, são substituidas por outras novas... as partes gastas, envelhecidas, vão-se desaggregando e são rejeitadas pela secreção, emquanto novas vão, parte por parte, molecula por molecula, substituindo as velhas; é o phenomeno que a sciencia chama: **Turbilhão vital.**

O corpo humano é um aperfeiçoado laboratorio chimico, onde Deus, pelas causas segundas, opera as mais admiraveis transformações.

As moleculas do organismo estão continuadamente em circulação, entrando no corpo pela nutrição e pela respiração, e sahindo, para voltar ao ambiente externo, depois de cumprida a sua missão.

Passados annos, diz a sciencia, o organismo não possue mais nenhuma das moleculas que o constituiam outróra.

Considerado e acceito o phenomeno completo do *turbilhão vital*, ninguem entre nós pode dizer que o corpo que agora tem é o corpo recebido de seus paes.

O proprio Labão, na Biblia, não teria podido dizer ao seu sobrinho Jacob: *Tu és meus ossos e minha carne — os es et caro mea* (Gen. 29, 14).—*Nonne os meum et caro mea es?* (2. Reg. XIX. 13).

Sob este ponto de vista, o Corpo de Jesus,

quer glorioso, quer eucharistico, nada mais possuiria do que recebera de Maria.

Felizmente, tal phenomeno é falso, é irreal e abstracto. O turbilhão vital é uma realidade, mas uma realidade que não tem a extensão que certos scientistas lhe querem dar.

O que os filhos recebem dos paes não é uma **molecula inerte,** uma materia morta, mas sim um **germen** activo, um principio de vida vegetativa e sensitiva, infuso numa materia e que deve desenvolver-se sobre outra materia, sem que a mudança das moleculas o faça perecer.

Este ponto é **essencial** e demonstra a **identidade** conservada através das necessarias modificações do turbilhão vital.

Sendo a molecula, recebida dos paes, um germen animado, vegetativo e sensitivo, a materia sobre a qual elle deve exercer a sua actividade é o proprio sangue da mãe.

Elle age sobre este sangue, transformando-o em sua propria substancia. A molecula primeira, recebida dos paes, **não é** absorvida pelo sangue, mas mais tarde, se apropriará os elementos recebidos de fóra.

Ha uma mudança, uma transformação continua, porém o que é transformado é o alimento de fóra, emquanto o elemento primeiro, essencial, continúa sempre o mesmo, cada vez mais o **mesmo,** como a arvore crescendo, augmenta suas dimensões, ficando sempre a mesma arvore.

A molecula recebida dos paes é, pois, um principio vital, activo, que assim la a si tudo o que lhe vem de fóra, e não é assimilada por nenhum outro alimento. E' nesta molecula que Deus infunde a alma racional.

Isso prova claramente que a **identidade** inicial entre os paes e os filhos continúa perfeita, integra, sem a minima mudança **essencial**.

Isso expli a quantidade de phenomenos physiologicos, psychologicos e até espirituaes.

Um filho, crescido, continúa a revelar as tendencias dos paes, suas qualidades, seus defeitos, porque tudo isso já estava incluido na **molecula** animada, que recebera dos paes.

A molecula, desenvolvendo-se, pelo principio de sua propria actividade, taes tendencias desenvolvem-se igualmente, como contidas na molecula viva, e não provenientes de outros elementos.

Esta explicação tem uma applicação directa sobre o dogma do peccado original.

Ninguem entre nós possue uma molecula do corpo de Adão e Eva; entretanto, todos nós recebemos delles a vida; e ao lado das boas tendencias, elles nos communicaram com o **germen vital** um sem numero de inclinações perversas, augmentadas pela série de peccados de varios antepassados nossos, e diminuida pelos actos de virtudes praticados por outros.

O peccado original não está, pois, nem na materia, nem no **germen** vegetativo e sensitivo que é transmittido pelos nossos primeiros paes a todos os seus descendentes, mas sim na **união da alma** a este germen.

Santo Thomaz ensina que a alma é maculada, porque é unida a um corpo formado de um germen corrompido, do mesmo modo que soffreria si fosse unida a um corpo ferido.

Este germen, de vida vegetativa e sensitiva, é o que recebemos de nossos paes, e é neste germen que Deus crea a alma.

A alma é innocente, pura, antes da união,

mas por occasião da união ella contráe o peccado; ou, em outros termos mais theologicos, ella perde a innocencia de que era revestida.

O peccado original, de facto, não é uma mancha *positiva,* mas a *privação* da innocencia; e esta privação é para ella uma especie de mancha, no sentido que a alma fica privada de uma qualidade que tinha antes do peccado de Adão.

Negar este facto redundaria em negar o peccado original.

Postos estes principios, ser-nos-á facil comprehender a identidade permanente entre o Corpo de Jesus e o de Maria.

* * *

Dizem os physiologistas que, no espaço de 7 annos, a quasi totalidade das moleculas do corpo humano são substituidas por outras, permanecendo entretanto a mesma fórma do organismo.

Isso acontece com as moleculas vivas, que se gastam e se estragam pelo tempo.

Será preciso admittir o mesmo phenomeno para as partes que formam a ossatura do corpo, e seus grandes orgams circulatorios?

Parece que não. E' quasi certo que não.

A sciencia não poude ainda fixar com certeza em quanto tempo as moleculas do corpo humano se renovam.

A opinião mais adeantada, mas que não provou ainda bastante a sua hypothese, é que o corpo humano muda completamente de sete em sete annos, com carne e ossos.

Outros estendem este periodo até dez annos, outros até vinte, outros ainda até quarenta annos.

Não temos ainda sobre estas questões pro-

vas certas, capazes de resolver as opiniões e de dirimir as discussões.

A opinião, que tende a dominar hoje e que offerece mais garantias de probabilidades, é aquella que pensa que ha, de facto, uma substituição completa das moleculas por outras, porém não em tempo igual para as diversas partes.

A razão é simples e logica. As partes do corpo, que mais agem, devem gastar-se mais depressa, e precisam de uma substituição mais frequente.

O corpo humano é uma machina perfeita. Ora, numa machina ha partes solidas, de equilibrio, de sustento, que nunca se gastam, porque não estão directamente em movimento.

No corpo humano o mesmo movimento deve reproduzir-se. Ha partes em continuo e ininterrupto funccionamento, como o apparelho circulatorio, respiratorio, lymphatico, digestivo, etc.

Comprehende-se que taes apparelhos, em continua actividade, estragam-se mais depressa; e portanto precisam de substituição mais rapida que outras partes, que soffrem menos e que têm um papel de equilibrio, de sustento, de apoio ou de protecção, como é, em geral, a ossatura, o tronco, etc.

A opinião logica é, pois, que si as primeiras partes precisam de substituição total, no espaço de sete annos, outras peças podem durar vinte, outras trinta, outras cincoenta annos e umas provavelmente nunca desapparecem totalmente.

A identidade relativa conserva-se entre os corpos de Jesus e de Maria, permanecendo perfeita entre elles, já pelo germen vital, já pela propria lei do turbilhão vital.

Até a edade de 33 annos o Corpo de Jesus poude ter soffrido grandes alterações, substitui-

ção de novas moleculas, de modo a ter sido mudado em grande parte, porém é certo que este Corpo conservára partes intactas, integras, directamente recebidas do corpo e do sangue da Sma. Virgem.

Seja como fôr, mas o certo é que o corpo fica identico a si mesmo, embora não fique chimicamente, nem physiologicamente o mesmo.

Eis porque as mães consideram sempre os seus filhos, como *carne da sua carne e sangue de seu sangue*, e isto não somente durante os 7 primeiros annos, mas a vida inteira.

Quanto á Maria Sma., ella póde, com mais razão ainda, considerar o seu Filho, como carne da sua carne e sangue de seu sangue, porque ella não partilha com ninguem a honra de tel-o formado em seu seio, de sua propria substancia.

IV. O TURBILHÃO VITAL

Uma explicação e uma refutação do systema do turbilhão vital não será inutil.

Chama-se turbilhão vital a theoria dos physiologistas, que ensinam que o corpo humano renova-se inteiramente, carne e ossos, em certo tempo determinado.

E' uma hypothese que hoje se trata geralmente como provada, mas que não está tão bem provada como o pretendem seus adeptos.

Tal hypothese apoia-se, em grande parte, sobre as experiencias de Flourens. (1)

Ora, taes experiencias são bastante incompletas e não demonstram o que se lhes pretende fazer demonstrar; são pouco decisivas ainda

1) **Flourens: De la vie et de l'intelligence.**

e dão origem a muitas incertezas, vacillações e duvidas.

O P. Moreux, em seus livros scientificos, mostra a fraqueza dos argumentos adduzidos e a precipitação com que foram formuladas as conclusões destes argumentos. (1)

Em vista da importancia desta questão, em relação com a **identidade** do Corpo de Jesus Christo com o corpo da Sma. Virgem, através do tempo, e na hora da instituição da divina Eucharistia, não será inutil penetrar no ámago das hypotheses formuladas, como no fundo das questões philosophicas que regem a hypothese sustentada.

Sem procurar novidades, é entretanto precioso e util perscrutar as verdades e fixar rigorosamente as conclusões que se relacionam com o ensino religioso.

A sciencia **fala muito,** pela razão muito simples, que ella **não fala;** são os scientistas que falam; são elles que lhe emprestam uma linguagem e esta linguagem é delles e não della.

De outro lado, a sciencia vive e se sustenta de hypotheses, succedendo-se uma á outra, até encontrar uma certeza relativa.

Desconfiemos, pois, um pouco das theorias, antes que tenhamos provas de seu valor.

Das experiencias feitas nos animaes, Flourens concluiu com a seguinte lei:

«Todo orgam apparece e desapparece, faz-se e desfaz-se, e uma unica cousa fica, aquillo que faz e desfaz, que produz e destróe, isto é: a força que vive no meio da materia e a governa. (2]

1) Th. Moreux: Que deviendrous-nous après la mort?
2) De la vie et de l'intelligence, pag. 16 a 21.

Tal lei tem uma base, é certo, porém os scientistas, um pouco ás pressas, concluiram neste sentido:

Um homem é uma fórma através da qual passa incessantemente uma torrente de materia. (1)

Elle recebe o que lhe é necessario e rejeita o superfluo. Neste particular, parece-se com um rio: as particulas, que o compõem um instante, são logo rejeitadas... ao ponto que em trinta dias o corpo recebe uma composição nova.

E' a opinião de outro scientista (2) que taxa de exaggero enorme a hypothese que fixava em 30 annos a mudança do corpo humano.

De **sete annos** a sciencia chegou a **trinta dias.**

Uma hypothese destróe outra.

Infelizmente a segunda não vale mais que a primeira.

Outro scientista (3) mostra muito bem a inanidade destas hypotheses, e demonstra que as provas feitas nada provam.

A physiologia moderna demonstra que os ossos participam da vida do organismo, sendo inervados por ramificações nervosas, atravessados por canaes ligados ao systema circulatorio. Demonstram, destas primeiras experiencias, que o *periosteo* fabrica osso, como o figado fabrica assucar.

Em certas molestias do osso póde-se esvasiar o osso, e o *periosteo,* estando em bom estado, encarrega-se de refazer o que falta. (4)

---

1) Conflit de la science e de la religion, pag. 91.
2) Molechott: La circulation de la vie, pag. 150.
3) J. Delbœuf: La matière brute et la matière vivante, pag. 110.
4) Experiences du célèbre chirurgien L. Ollier.

A Cirurgia tem, em nossos dias, audacias incriveis, mas perguntando pelos resultados, os cirurgiões respondem que as funcções osseas attenuam-se pela edade.

E' esta mudança averiguada que forma a base de nossa contestação a respeito do **turbilhão vital.**

* * *

Uns pormenores são aqui necessarios.

O osso, durante a sua existencia, segue uma evolução bem marcada.

O embryão é simplesmente *mucoso.*

Depois torna-se *cartilaginoso.*

Aos poucos vae-se *ossificando.*

De 20 a 25 annos é *osso formado.*

Dahi em diante o trabalho do periosteo torna-se menos necessario; a substancia calcarea (Phosphato e cabornato de calcio principalmente), que se estende entre as cellulas osseas, occupa um logar cada vez mais preponderante.

Os ossos definitivamente formados deixam de crescer, e parece difficil admittir que a *materia interior ossificada* seja a séde de movimentos que carregam sempre a assimilação e a desassimilação. (1)

E' sabido que, na velhice, a fractura de certas partes do esqueleto, como do collo, do femur, por exemplo, é irremediavel, e as soldaturas fazem-se difficilmente; o *periosteo* torna-se pouco a pouco um involucro fibroso, perdendo toda actividade cellular.

Nestes phenomenos de renovação que um exame superficial tenderia a generalizar nos seres vivos, é preciso distinguir entre o periodo de

1) Cfr. E. Gley. pag. 133.

formação do organismo e o *organismo* formado.

Os dentes nascem e crescem; porém quem acreditará que a sua substancia se renova?

Si assim fosse, não se comprehenderia porque um dente cariado e desinfectado não póde reformar-se por si mesmo.

E que utilidade teria tal mudança continua?

Porque teriam os primeiros elementos perdido as suas qualidades primitivas?

Nenhuma de suas funcções legitimas exige semelhante transformação.

Privando a criança de carbornato e de phosphato de calcio, o esqueleto não se constróe mais, e a criança torna-se fatalmente rachitica.

Isto é certo, mas acontecerá o mesmo com um adulto?

Eis o que se devia provar de modo definitivo.

A Physiologia demonstra que um adulto normal perde mais ou menos 25 grammas de substancias mineraes por dia; deve substituil-as sob pena de perecer, porém a utilização desta materia inorganica faz-se de modo differente no homem formado e na criança.

Na criança os ossos formam-se rapidamente, a tal ponto que o esqueleto infantil augmenta de mais um kilo, no primeiro anno, fixando em seus tecidos 4 a 5 grammas de phosphatos de calcio por semana. E' a construcção *plastica*.

Nos adultos, nos quaes não ha mais crescimento, as substancias mineraes exercem um papel *funccional*, mantendo em equilibrio a circulação geral.

* * *

Na hypothese da renovação total, ha ainda outras difficuldades a resolver.

Como explicar, por exemplo, que nenhuma medicação cure, mas simplesmente attenue o rheumatismo ou a gotta, sendo entretanto taes affeições hereditarias?

A quantidade dos elementos e suas relações nada explicam; é preciso recorrer necessariamente á *qualidade.*

Para derribar a theoria da renovação do corpo ou *turbilhão vital,* basta encontrar no corpo uma unica molecula de materia que não muda.

Existirá tal molecula?

Deve existir!... Existe.

E' verdade, que, embora não derrube as hypotheses do turbilhão vital, enfraquece entretanto este systema, reduzindo-o ás proporções modestas: que no corpo humano ha substancias que mudam e ha outras que permanessem.

E' a hypothese que temos adoptado neste estudo.

Os argumentos de Flourens têm um valor real, porém apenas são hypotheses, e taes hypotheses não destroem ainda as provas *metaphysicas,* fornecidas pela *Philosophia perennis.*

Contra a tal mudança total do organismo, levantam-se numerosas perguntas, que a hypothese do turbilhão vital ainda não resolveu nem resolverá.

Si é da essencia da vida, como dizem, ser fluente, qual um rio torrencial, digam-nos os scientistas, porque não é a vida um crescimento continuo?

Do nascimento á puberdade o homem *desenvolve-se,* seu corpo aperfeiçoa-se; depois, durante uns annos *permanece* num estado quasi fixo: é a maturidade; e depois vem a *decadencia,* a decrepitude.

Donde provém a lassidão e o gasto do organismo?

Será effeito da alma?

Mas a alma, sendo simples, espiritual e indivisivel, não está sujeita á lei da *letalidade.*

Será effeito do corpo?

Deve ser o composto humano que envelhece...

Sim, mas neste caso, surge outra difficuldade.

Si o nosso corpo renova-se incessantemente, não se comprehende a razão porque os materiaes importados soffrem uma depreciação, incorporando-se ao organismo.

Por terem chegado mais tarde, isto é, num mechanismo funccionando desde annos, as moleculas de azoto, de carbono e de hydrogenio, não são por isso menos boas e nutritivas.

Estamos aqui diante de uma hypothese, como se vê, que póde ter o seu valor, mas que não é ainda bastante provada, para constituir uma verdade certa e fundamental.

Indicamos aqui, apenas, a caducidade da hypothese do **turbilhão vital,** sem rejeital-a completamente, reservando para o capitulo seguinte a applicação desta hypothese á identidade do corpo de Jesus e de Maria.

Não se deve desprezar as descobertas scientificas, mas não se deve tambem tão pouco, dar-lhes uma extensão e uma certeza que a experiencia lhes não reconhece ainda.

E' o caso de dizer que «a verdade fica no meio».

V. A IDENTIDADE INDIVIDUAL

Dos principios enunciados, tiremos agora umas conclusões que nos vão aproximando do que pretendemos demonstrar: a identidade **in-**

dividual do homem, em geral, e, como consequencia doutrinal, a identidade individual do Salvador, na edade em que instituiu a divina Eucharistia; sendo o seu Corpo, neste tempo, o mesmo Corpo recebido da Sma. Virgem, como tal ha a mesma identidade individual, que continúa no Smo Sacramento do Altar.

A conclusão é importantissima; convém, pois, que as premissas desta conclusão sejam rigorosamente estudadas e theologicamente definidas.

Não se renovando inteiramente o corpo, como acabámos de dizer, deve se concluir que ha em nós *qualquer cousa que nos é proprio,* que nos pertence, e não pertence a outrem.

Deve haver em nós uma *materia* corporal, uma *causa* radical de nossa individualização, qualquer cousa que recebemos de nossos paes, que forma o nosso fundo, a nossa herança, e que funcciona sob a *dependencia da alma.*

E' este supporte da identidade que devemos procurar aqui, e que deve fornecer-nos a solução do problema da identidade do individuo.

Estudemos um instante o *ser vivo;* encontraremos em seu desenvolvimento o que é *delle* e o que *não é delle.*

Todo individuo, desde o seu nascimento, acha se na necessidade de prover a sua existencia pela alimentação.

Diariamente o organismo perde pela secreção e a utilização dos elementos materiaes que deve substituir pela alimentação solida ou liquida.

A physiologia nos ensina que, para manter o organismo em bom estado, precisamos de:

2500 gr. de agua;
20 » de saes mineraes;
400 « de hydratos de carbono;
65 « de gordura;

107 gr. de albuminoides, com o necessario oxigenio para a respiração.

Tal é a ração de um adulto.

Uma pergunta surge logo. Para que servem emfim estas substancias?

Si é o alimento que sustenta a vida, porque, em um dado momento, torna-se tal alimento insufficiente?

E' por falta de lembrarem-se de tal pergunta que certos physiologistas inventam hypotheses sem fundamento.

Haverá uma differença de utilidade entre o alimento destinado ao menino que **cresce** e o **ancião** que inclina do lado da morte?

Perfeitamente!... e uma simples observação vae fornecer-nos a prova.

Certos passaros engolem pedrinhas; outros absorvem saes calcareos em abundancia, como as crianças. Nos primeiros as pedras servem de meio de digestão; nos segundos servem para edificar a ossatura.

Ha pois o alimento que constróe e o que mantem o individuo.

Do nascimento á puberdade o alimento tomado é um elemento **constructor.**

No adulto o alimento **sustenta,** repara.

A reparação suppõe o gasto.

E donde vem o gasto?

Certas partes do organismo cessam, em certo tempo, de crescer e de reparar-se.

A materia viva é capaz de refazer por si mesma a parte que lhe foi tirada, porém este privilegio parece diminuir, á medida que se vae subindo a escada dos seres.

Nos homens a ablação de um dedo é irreparavel, uma cicatriz fica visivel a vida inteira, uma tatuagem nunca mais desapparece.

Ora, suppondo que a materia se renova incessantemente, tudo isso se torna inexplicavel.

Não ha aqui uma simples ferida ou perda accidental de substancia, mas introducção na *derma* de uma materia colorada que o *fluido vital* devia eliminar aos poucos.

E nada disso acontece, porque a propria *derma,* a partir de certa edade, não muda mais.

Donde se póde concluir que, em dado momento, o organismo formado não se repara mais e gasta-se, estraga-se, cansa.

Os physiologos nos mostram como os nervos tornam-se pouco a pouco menos ageis, as articulações ossificam-se e ankilosam-se, o pulso bate com menos força, a respiração accelera-se, a assimilação torna-se mais vagarosa, a nutrição dos tecidos é mais imperfeita, a substancia cerebral fixa com mais difficuldade novas acquisições.

Tudo isso prova que as moleculas cerebraes não são mais substituidas, e deste modo explica-se como todo ser que vive **gasta-se,** envelhece e está condemnado a morrer.

* *

Notemos, entretanto, que o gasto não attinge simultaneamente todos os orgams. Conforme os individuos, uns envelhecem mais depressa que os outros, mas desde que um orgam essencial deixa de exercer as suas funcções, é a molestia que abala o organismo inteiro e produz a morte.

A theoria da mudança total do organismo é pois um tanto chimerica. Ha mudança, é certo, porém tal mudança, contrariamente ao que pensam certos biologistas, não é a substancia propriamente viva, o protoplasma cellular qne é car-

regado pelo *turbilhão*, mas sim, as materias elaboradas pelo *protoplasma*, materias que se apresentam como gorduras e *glycogenio*, que são incessantemente destruidas e renovadas.

A identidade individual é, pois, uma realidade *physica* e não simplesmente *moral*, como certos scientistas, um tanto precipitados, promulgaram.

Taes hypotheses não deixam de ter fundamento, porém como sóe acontecer no facto das novas descobertas, os autores, ou antes seus admiradores, querem dar a estas descobertas consequencias que sahem fóra de suas premissas.

E' o caso do fluido vital. Elle existe, é certo, mas não se estende, até aonde pretendem estendel-o certos biologistas,

E' um phenomeno accidental que não muda a substancia, e como tal não destróe a identidade individual.

A alma de Jesus Christo foi creada por Deus, e desde o primeiro momento, destinada a receber a individuação do Corpo que lhe seria formado pelo sangue purissimo da Sma. Virgem.

O Corpo de Jesus, formado no seio da Virgem Immaculada, pela virtude fecundante que o Espirito Santo communicou a Maria foi individuado desde a sua formação, pela alma sacrosanta do Salvador, e esta alma habitou o seio virginal, unida á propria divindade.

A natureza humana de Jesus recebeu a sua individuação pela união da alma creada por Deus, e do Corpo, formado pelo sangue virginal de Maria.

Eis a Virgem em sua união admiravel com Jesus, e em virtude da permanencia da individualidade em Jesus, que não fica em nada diminuida pelo *fluido vital*, esta mesma união con-

tinúa na Eucharistia, sendo Jesus, para sempre o Filho de Maria, a carne da sua carne.

Maria Sma. fornecendo ao Salvador o Corpo, é, pelo facto, a causa *efficiente* da individuação da humanidade de Jesus, continuando a ser na Eucharistia a causa material desta mesma natureza humana, e por conseguinte do Corpo individuado pela propria Pessoa divina.

Assignalemos aqui, apenas, estas divinas intimidades, deixando á perspicacia do leitor as conclusões affectivas a tirar destas relações admiraveis.

VI. O SEGREDO BIOLOGICO

Até aqui temos podido seguir, passo por passo, as indicações dos physiologistas e psychologos, mas á medida que vamos penetrando nos intimos arcanos da natureza, esta parece esconder os seus segredos, e em vez de estudar os phenomenos materiaes para chegar aos phenomenos immateriaes, é preciso inverter o methodo e recorrer á sã philosophia e ás conclusões theologicas para lançar um raio de luz sobre questões que materialmente nos escapam.

O que acabámos de ver dos phenomenos do turbilhão vital, da identidade individual, parece afastar-nos de nossa meta, que é de ver qual é a união intima que une Jesus e Maria, durante a sua vida mortal, e depois em sua vida eucharistica.

Estes preliminares que são pouco conhecidos até pelas pessoas cultas, são absolutamente necessarios para poder fixar com firmeza a doutrina que aqui queremos provar: a união intima, excepcional, entre Jesus eucharistico e a sua divina Mãe.

Resta um ultimo ponto a elucidar aqui, que é já uma conclusão do que precede e uma base para a fixação doutrinal da verdade a provar.

Trata-se da questão **biologica** propriamente dita.

Esta questão póde resumir-se na seguinte pergunta: Como se faz a geração?

O organismo materno é puramente passivo neste acto?

Ou será elle activo-passivo?

Ha grandes discussões a este respeito.

A natureza envolve no mais profundo mysterio os segredos da geração, de modo que as suas leis escapam a todas as observações.

Para o nosso caso, a questão é sem importancia.

A maternidade da Sma. Virgem é differente das outras maternidades.

Entretanto ha um ponto que muito nos interessa a respeito da transmissão do peccado original.

Donde vem o peccado original, e como nos é transmittido?

Será somente o pae que transmitte a vida, pela virtude activa, e a Mãe será um simples elemento passivo?

Em outros termos: o pae será só a causa *efficiente* da vida, e a mãe uma simples causa *material?*

Não póde ser.

E' preciso admittir, como aliás a biologia moderna começa a admittir, que a mãe não é uma causa simplesmente material, mas uma *causa efficiente parcial,* que é completada pela causa efficiente, tambem parcial, do homem.

O homem e a mulher constituem uma **causa efficiente** completa da geração.

Do mesmo modo que a união do corpo e da alma constituem a vida humana, em sua essencia, assim o pae e a mãe, pela sua união fecundante, constituem o germen do homem futuro, de modo que um sem a outra nada póde, e que ambos trazem uma parte activa na organização da vida que está para desabrochar.

Esta theoria explica admiravelmente o mysterio da Encarnação, em seus pontos explicaveis.

Jesus Christo é verdadeiramente Filho de Adão ou do Homem, como Elle mesmo o diz.

Venit Filius hominis (Luc. VII. 34).

Ut sciatis quia Filius hominis habet potestatem (Math. IX. 6).

Oportet Filium hominis multa pati (Luc. IX. 22).

Mas, como é Elle Filho *do homem*, não de *um homem*, mas da humanidade?

Elle não teve pae aqui na terra; nasceu por obra do Espirito Santo.

Si é o pae que transmitte a vida, sendo a mãe um simples instrumento material, J. Christo é e fica Filho de Deus, mas não póde ser Filho de Adão.

Entretanto Elle diz sel-o.

Deve pois, sel-o, devéras.

Admittindo que tanto a mãe como o pae transmittem a vida, como causas combinadas *efficientes* em sua união, o mysterio fica elucidado. Jesus Christo é verdadeiramente o Filho *do homem*, Filho de Adão, não pelo pae, mas pela Mãe, pela Sma. Virgem Maria.

Expliquemos esta doutrina, summamente gloriosa para a Virgem Immaculada e que lança um jacto de luz meridiana sobre a união de Jesus-Eucharistia e a sua santa Mãe.

Os recentes exegétas pensam que o Espiri-

to Santo communicou á Maria Sma. o *total das forças vitaes,* paternas e maternas.

Em outros termos: Deus fez em Maria Sma., directamente e **por creação** o que, na geração commum, faz o pae natural.

Elle podia crear o germen vital de Jesus Christo, ou o proprio Corpo de Jesus Christo.

A primeira creação seria **mediata; a** segunda seria **immediata.**

Elle adoptou a creação mediata, creando em Maria Sma. o germen vital, que se devia combinar com o principio vital da Virgem para formar o Corpo do Salvador.

Deste modo, Maria Sma. não perde a sua virgindade e Jesus não é filho de **um** homem, mas Filho *do homem*, isto é: Filho da raça humana.

É neste sentido que se deve entender as palavras do Evangelho: *A virtude do Altissimo te cobrirá com a sua sombra* (Luc. I. 35).

Tal interpretação é logica e litteral.

A virtude do Altissimo: isto é: a virtude activa, geradora, que é proprio de Deus, e que Elle communica ás creaturas.

Te cobrirá com a sua sombra: isto é: ser-te-á dado directamente, sem intervenção do homem. A sombra, de facto, é projectada pelo objecto, sem contacto com o objecto que a recebe.

Taes palavras excluem a acção de Deus em Maria e a acção do homem.

Deus communica-lhe, a ella somente, um poder, que segundo a lei commum, communica ao homem e á mulher juntos, no acto da geração.

Assim entendido, o *acto generativo* de Maria Sma. foi, de todo ponto, perfeito na intensidade e na integridade das funcções.

O Corpo de Jesus é deste modo um Corpo perfeitissimo, pois nada póde perturbar o organismo virginal da Immaculada, como nada póde perturbar a omnipotencia divina, que lhe entrega um poder, uma virtude que nunca foi outorgada a outra creatura.

A maternidade de Maria apresenta, deste modo, o auge da operação da creatura, fazendo desta Mãe completa e integra, a creatura unica entre todas as creaturas, *a mulher bemdita entre as mulheres.*

Tal interpretação tem a vantagem immensa, de afastar radicalmente a idéa materialista e grosseira, que attribue ao Espirito Santo o desempenho das funcções de pae, na conceição de Jesus.

Maria Sma. é, pois, pela virtude que o Espirito Santo lhe communica, a *causa efficiente* completa da geração do Verbo divino.

Jesus é Filho do Homem e é Filho de Deus.

Mas é filho do homem num sentido mais extenso, mais elevado, mais sublime que os outros homens.

Nós somos filhos de **um** homem.

Jesus é Filho **do** homem.

Elle é Filho da humanidade regenerada, purificada, restabelecida, na ordem da justiça, santidade e innocencia.

Elle é **homem,** nós somos homens cahidos, tendo do homem apenas a *natureza*, as aspirações, mas tendo perdido em parte as prerogativas do homem.

Jesus é o **idéal** humano.

E Elle é Filho da Virgem Sma.

Este *Filho idéal* foi gerado pela *Mãe idéal.*

Si Jesus é: o homem perfeito, Maria é: a mulher perfeita.

Si Jesus é o representante do homem, Maria é a representante da mulher.

E estes dois seres ficam tão intimamente unidos, que participam de uma mesma vida durante nove mezes, continuando depois a conservar uma identidade relativa através do tempo e da propria eternidade.

O segredo biologico abrindo-se, revela-nos deste modo e ao mesmo tempo:

a pureza virginal de Maria Sma.;
a sua preservação do peccado original;
a humanidade e a divindade de J. Christo;
a maternidade integral da Virgem Santa;
a união continua entre Jesus e Maria;
a continuação relativa desta união na Sma. Eucharistia.

Tudo isto, de facto, está fundado sobre o titulo que o Salvador dá a si mesmo: *o Filho do homem.*

O Filho do homem veiu salvar o que tinha perecido (Math. XVIII. 11).

Si não comerdes a carne do Filho do homem, não tereis a vida em vós (Joan. VI. 34).

O Filho do homem não veiu para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redempção por muitos (Math. XX. 28).

VII. SANGUE DE JESUS E DE MARIA

Procuremos no sangue da Sma. Virgem a continuação da prova de identidade do Corpo de Jesus e Maria.

Que é o sangue? Qual é a sua importancia, sob o ponto de vista chimico e moral?

Qual é a relação entre o sangue de Maria Sma. e o Sangue do Redemptor?

O exame destas questões não póde deixar de interessar-nos.

O sangue é a carne liquida, dizem os physiologistas.

O sangue humano, segundo os dados da sciencia, compõe-se, além de outros elementos, de uma multidão de *corpusculos,* que nadam na parte liquida, e se chamam *globulos.*

Taes corpusculos sanguineos são *animados* de uma vida vegetativa e sensitiva: nascem, vivem e morrem.

Nisto o sangue distingue-se da seiva nutritiva das arvores que é um liquido nutritivo *inanimado,* que se eleva em virtude da lei da *capilaridade,* emquanto o sangue é vivo e impulsionado pelo coração.

A vida dos corpusculos e sua fórma são entretidos pelo oxigenio e si este lhe faltar, sucumbem.

Taes corpusculos agitam-se nas veias aos milhares.

O seu numero é muito menor na circulação arterial, onde morrem por falta de oxigenio.

E' a razão porque o homem e o animal não podem viver, nem um instante, num ambiente sem oxigenio, morrendo logo asphyxiados.

Quanto mais o coração é commovido e palpita sob a impressão de qualquer sensação, mais estes seres microscopicos precipitam-se, segundo o impulso que lhes é communicado, de modo que, em uns instantes, elles percorrem todos os orgams da circulação e espalham-se em todas as partes do corpo, ora para dar aos membros mais vigor, ora para communicar á imaginação mais força e dar, deste modo, ao desenvolvimen-

to da intelligencia mais vivacidade, ao pensamento mais esplendor e mais intensidade ao amor.

Si, ao contrario, taes corpusculos diminuem ou desapparecem, é o enfraquecimento, é a molestia, é a morte (1)

E' pois com toda verdade que se póde dizer que a *vida está no sangue.*

A falta de oxigenio mata primeiramente os corpusculos vivos das arterias. Não encontrando o gaz tonico nos pulmões, estes corpusculos morrem, e a sua morte produz a paralysia do coração e a asphyxia do individuo.

A morte começa nos corpusculos vivos do sangue, continúa no coração e termina nos membros do corpo.

O estudo do sangue lança uma verdadeira projecção de luz sobre a união de sangue entre Jesus e Maria.

O sangue humano não é uma simples seiva vegetal que percorre as fibras capillares das plantas, communicando-lhes, pela absorpção, os elementos nutritivos de que está carregado. O sangue é vivo, com uma vida propria embora não independente. E' carne em solução; é no sangue que está a vida; é, pois, elle que dá a vida, por intermedio do coração que a propulsa em todo o corpo.

Dizer, pois, que o sangue de Jesus é o sangue de Maria, é dizer mais que affirmar que a carne de Jesus é a carne de Maria.

A carne é já uma como propriedade substancial da nova pessoa.

O sangue não tendo alcançado ainda a **transformação,** é a carne ainda liquida e como tal, mais proxima da fonte donde tira a origem.

---

1) Cl. Bernard: — Sangue arterial.

O sangue de Maria é o producto da assimilação dos alimentos tomados por ella.

Este sangue, elaborado em seu seio, em seu organismo, é o alimento que forma o seu proprio corpo, como forma o Corpo de seu Filho.

E' o mesmo sangue, e este sangue produz um duplo effeito, ou melhor o mesmo effeito em *duas pessoas.*

Em Maria Sma., este sangue sustenta as forças; no Menino-Deus, forma e desenvolve o organismo.

Este sangue virginal é transmittido ao Menino Jesus, *como sangue,* e é o proprio Coração de Jesus, que **transforma** este sangue em seu Corpo.

Eis porque o coração é o primeiro orgam que apparece no embryão.

E' um pequenino ponto—*punctum saliens*—dizem os biologos, no qual se nota um movimento apenas perceptivel. (Cl. Bernard).

Após umas horas, ha globulos que apparecem, é o sangue em formação, embora o embryão seja apenas uma massa cellular informe.

E' sob a influencia das palpitações deste coração em formação, que o sangue vae penetrando nesta massa, que as veias vão apparecendo, e é em redor destas veias, que os orgams vão se manifestando successivamente.

Quem vae infiltrando estas primeiras gottas de sangue neste coração é a mãe; é o seu proprio coração que está ligado ao coração da criança em formação!

É a mãe que lhe vae dando o sangue, que Deus anima, pela creação de uma alma espiritual, constituindo, deste modo, o que a sciencia chama o **germen vital.**

E a mãe vae dando o sangue, e o coração

da criança vae se desenvolvendo sob a pulsação do coração da mãe, até poder começar o desenvolvimento, o crescimento, transformando em carne o sangue que recebe da mãe.

* * *

A Philosophia moderna, seguindo o impulso da doutrina thomista, diz que **viver é mover-se por si mesmo,** por uma operação que faz parte do agente e permanece nelle, o desenvolve e aperfeiçoa.

A vida é pois um movimento **activo,** que mantem, alimenta e aperfeiçoa.

O proprio ser vivo forma o seu organismo, assimila-se os alimentos de fóra, e reproduz-se num semelhante identico a si mesmo.

Ora, o que é verdade, em geral, de todos os homens vindos neste mundo, é tambem verdade do Filho adoravel de Maria.

E' o que fazia dizer a São Pedro Damião: «Emquanto Deus se encontra de três modos em todas as outras creaturas, Elle se encontra em Maria, de um quarto modo, a saber: a **identidade,** porque Elle é uma mesma cousa com ella, neste sentido que a Mãe e o Filho têm uma mesma carne (Serm. I. de Nat. Marc.].

Si nos fosse dado, diz o padre Tesnière (N. Sra. do Smo. Sacramento) penetrar pelo pensamento, no momento da Encarnação, neste santuario de toda pureza, que é o seio de Maria, onde o Espirito Santo, como numa maravilhosa officina, opera a maior de suas obras, veriamos ahi a augusta Virgem fornecer ao Artista divino umas gottas de seu sangue purissimo, para formar delle o Corpo do Verbo humanado.

Depois do Verbo se ter feito carne, e se ter

demorado, durante nove mezes, neste céu de virtudes e de amor, augmentado e crescido pela substancia de Maria, Elle apparece no mundo, carregado nos braços de sua Mãe, nutrido pelo seio que o proprio céu enchia: *Sola Virgo lactabat ubere de coelo pleno.*

Maria Sma. deu o seu sangue, formou de seu sangue o Coração de Jesus e este Coração, sempre pelo sangue de Maria, durante 9 mezes, foi-se desenvolvendo, constituindo o seu proprio Corpo.

Mas, reflictamos bem: este Corpo, assim formado, o foi inteira e exclusivamente pelo sangue de Maria.

Suas primeiras moleculas, suas primeiras cellulas, o amago, as fibras, os tecidos de seus ossos, de suas veias, tudo foi tirado da substancia virginal do sangue de Maria.

Que união admiravell Que união unica!... Que união divina! Jesus é todo de Maria, como Maria é toda de Jesus. Estão compenetrados um no outro, a tal ponto que não se póde separal-os, sem tirar a vida de um, causando sérias perturbações na vida da outra.

Sangue de Maria formando o Sangue de Jesus. Sangue de Jesus formando o seu proprio Corpo.

E este Corpo é o mesmo que possuimos na Eucharistia.

Oh! então, digam-me: qual é a união que existe entre Jesus e Maria?

Qual é a intimidade entre Jesus e Maria?

—E' a união de sangue.

E' a união mais intima que se póde imaginar.

São duas pessoas unidas pelo mesmo sangue.

Na Encarnação, é o Filho e a Mãe. No prolongamento da Encarnação, elles continuam a ser

o que eram neste primeiro mysterio, formando uma identidade relativa de sangue.

Jesus é do sangue de Maria!
Parece quasi um sonho... uma poesia!
Não!... é a realidade.

Oh! Maria, admiravel Virgem Maria, como me appareceis grande e sublime no officio physico de vossa maternidade divina!

E vós, ó Jesus, como me pareceis pequenino no seio da Virgem Santa... pequenino, pois viestes humilhar-vos e exaltar a vossa Mãe... E a grandeza de vossa Mãe corresponde ao vosso proprio anniquillamento.

O amor, para poder descer, deve fazer-se grande.

O amor, para poder subir, deve fazer-se pequeno.

E' a sentença evangelica: *Qui se humiliat, exaltabitur* (Luc. XIV. 11).

Comprehendeis agora, porque, na hora da immolação dolorosa, na hora em que todos abandonam a adoravel victima do Calvario, Maria Sma. ficou em pé, firme e inabalavel, fixando o olhar moribundo e o peito entre-aberto de seu Jesus?

E' ella que deu a Jesus a **primeira gotta** de sangue, é ella, é somente ella, que póde **recolher** a ultima gotta que brotará de seu Coração ferido.

E' sangue de seu sangue. Ella foi a fonte primeira deste sangue; ella devia ser ser o seu ultimo recipiente.

Ninguem, a não ser Maria, podia recolher estas ultimas gottas *de sangue e de agua — Et continuo exivit sanguis et aqua* (Joan. XIX. 34)

symbolo da Egreja e dos Sacramentos. (1)

E' o que exprime admiravelmente um escriptor do primeiro seculo, dramatizando o facto.

«Todos os Apostolos fugiram, diz Nicephoro, por medo dos judeus; Maria ficou só com S. João, para ser a testimunha de todas as scenas do Calvario. Quando ella vê aberto o lado de seu Filho, toma um vaso e nelle recolhe o sangue e a agua que sahem de seu Coração adoravel». (2)

Eis como a Virgem Santa, tendo dado tudo, recebe tudo.

É a ella que devemos tudo o que recebemos de Jesus: a fé, os Sacramentos, a graça, o reino eterno.

É pois licito chamar-lhe: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento,* pois é por este bello titulo que exprimimos a influencia materna que ella exerce sobre o Sangue de seu Filho, e que deve exercer sobre os meritos do Salvador.

E' a primeira phase desta união physica admiravel entre Jesus e Maria, durante a vida mortal, e que mysticamente continúa através dos seculos no Santissimo Sacramento do Altar.

VIII. CONCLUSÃO

O que acabámos de contemplar deve deixar em nosso espirito uma visão de luz que é a *união intima* de Jesus e de Maria, durante a sua vida mortal e depois na divina Eucharistia.

O que queremos salientar, contra uma sciencia em evolução e cujas hypotheses ainda va-

1) In hoc vulnere lanceae fluxuque sanguinis et aquae, significatam esse Ecclesiae formationem ex latere Christi, dormientis in cruce, dicunt Patres (Suarez in 3 pars d. 41).

2) Histor. Eccl.: lib. I e 30.

cillantes e pouco provadas parecem enfraquecer a união sagrada entre Jesus e Maria, é que tal **identidade relativa** não é uma simples supposição, mas um facto provado, que ficará em pé, firme e inabalavel, através das fluctuações da sciencia e das opiniões.

Ser-nos-ia facil citar, em abono deste sentimento, autoridades de primeiro valor.

O P. Dalmacio Heck reuniu estes argumentos num livro, cheio de doutrina e de sciencia, citando, como defensores da mesma these, Eusebio de Emse, Arnaldo de Chartres, Novato, Guerra, Herra, Zelada Velasquez, Vega, Cornelio a Lapide e outros.

Entre as muitas citações feitas pelo P. Dalmacio, ha uma tirada das obras do theologo Scherlogo, que merece particularmente a nossa attenção. É a seguinte:

«O fructo das entranhas de Maria é a Eucharistia, diz elle, não somente porque Jesus, que está nella contido, sahiu do seio da Virgem, mas ainda porque a substancia de sua carne que della tomou, nunca foi inteiramente separada de seu corpo, tendo sempre sido conservada, pelo menos uma parte, ficando, deste modo, unida para sempre ao Verbo, no céu e na Eucharistia».

Ricardo de S. Lourenço já tinha dito antes: «Nós nos alimentamos no Altar, da carne e do sangue de Maria, pois a carne que comemos é a mesma substancia da Virgem, da qual o Espirito Santo tomou emprestado esta pequena *porção*, da qual formou, por obra divina, o Corpo de Jesus Christo.

E elle ajunta: «E' com toda a verdade que ella póde, ella tambem, a terna Mãe, dizer-nos: *a minha carne é verdadeiramente um alimento e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida*».

Santo Anselmo, por sua vez, diz: «A carne que Jesus tomou de Maria, a Egreja nol-a dá diariamente, como alimento.

São Bernardino não é menos expressivo.

«Que direi, exclama elle, para melhor exaltar esta carne tão digna que foi formada da substancia da Virgem gloriosa, sinão que é nesta carne tomada emprestada da Virgem bemdita, tirada de seu corpo, como a pedra da montanha, predita por Daniel. E' nella que consiste, que se completa este Sacramento, a gloria e o fundamento de todos os Sacramentos da Egreja, isto é, a Sma. Eucharistia.

Para resumir as provas que acabamos de enumerar, podemos dizer, pois, com o P. Tesnière:

«Maria dando a substancia de seu sangue purissimo, para formar a humanidade do Verbo, nutrindo-o durante nove mezes com o seu sangue, e amamentando-o depois com o seu leite virginal, Maria entra em Jesus Christo: a sua substancia torna-se o sangue, a carne, os ossos de Jesus Christo; até esta edade, o Corpo de Jesus é um composto da substancia de Maria.

Elle cresce, augmenta; esta substancia original desenvolve-se e recebe o accrescimo de todas as causas da vegetação natural; de modo que não se póde distinguir mais, nem separar, por não existir mais nenhuma distincção physica.

Mas, que é que póde impedir-nos de penetrar mais avante, e de distinguir no Corpo de sus, por meio do escalpello mais cortante da **razão** e da **fé,** os diversos elementos que entraram em sua composição?

Pois bem: não é necessario vel-os pelos olhos do corpo; a razão nos mostra nelle a substancia de Maria, convertida em sua propria sub-

stancia e, como tal, unida inseparavelmente ao Verbo, vivificada, informada pela alma de Jesus, substancia, numa palavra, que se tornou Elle mesmo.

É isto o que procuramos no estudo de que nos occupamos. E' o bastante para mostrar-nos, em Maria, a causa original, radical da Eucharistia.

Nosso amor está satisfeito, pois recebendo o Corpo de Jesus, recebemos a substancia de Jesus, tirada da substancia de Maria, que é o seu primeiro fundamento.

As considerações physiologicas que acabámos de fazer, confirmam, scientificamente, esta conclusão.

A união physica, moral, consanguinea entre Jesus e Maria, não é simplesmente uma realidade natural; é uma realidade que ultrapassa as nossas realidades, porque é obra da Omnipotencia divina.

O turbilhão vital, cuja extensão temos refutado, tomado no rigor da sciencia e do bom senso, nos mostra a união persistente, nunca alterada, entre Jesus e Maria.

A lei da **identidade individual** aperta mais este laço sagrado, emquanto a lei *biologica* dá milagrosamente uma profundeza imperscrutavel, pondo diante dos nossos olhos como o resumo de todas as maravilhas operadas no seio da Virgem Immaculada.

Após este estudo, ser-nos-á facil determinar com rigor, e sem discussão, a ineffavel intimidade de Jesus e de Maria, a sua união unica, de corpo, de almas, de espirito e de actividade.

E' o que contemplaremos no capitulo seguinte.

CAPITULO VII

A UNIÃO CELESTE

A identidade absoluta no começo da Encarnação, e depois a identidade *relativa permanente*, nos mostram entre Jesus e Maria uma união tão intima, tão sagrada, que quasi dá vertigem.

E' uma união que não é da terra: é celeste.

E' a imagem, embora incompleta, da união que une para sempre, num laço divino, as três Pessoas da SS. Trindade.

Após o nascimento do Filho de Deus, a identidade vae-se afrouxando, para ceder o logar a outros mysterios, menos abstractos, mas divinamente deliciosos, que não podemos omittir, sem deixar na sombra uma das auréolas mais refulgentes, que adornam a fronte da querida Mãe de Jesus.

Não é mais a identidade, mas é a *união celeste* entre Jesus e Maria, nos primeiros mezes e annos desta vida ineffavel, que começou em Belém, estendeu-se até Nazareth e deve perpetuar-se no Tabernaculo.

Ha neste mundo uniões admiraveis; porém, aqui, neste desterro, tudo é imperfeito, tudo é limitado.

Em Deus tudo é eterno:—Elle é *a eternidade*.

A união, que Deus contráe com a creatura,

é uma união divina, que ultrapassa todas as concepções humanas.

Como medir a intimidade e a extensão desta união?

O metro de medição dos homens é humano, curto e fragil.

Como medir obras divinas, com este metro humano? É impossivel!

Oh! Deus, inclino-me diante de vossa Majestade.

Quando o amor não acha palavras para exprimir o que sente, canta.

Diante de tudo que acabo de ver, não encontro mais expressões capazes de exprimir o que sinto. Quero cantar...

Quero cantar o nome de Maria, a manifestação deste sagrado nome, a Hostia da Encarnação e da Eucharistia, o beijo da Sma. Virgem, o leite virginal de Maria, etc...

Tudo isso não se descreve, nem se pinta; a penna é dura demais, o pincel por demais rigido; só a harpa de um coração amante póde cantar taes cousas.

Que o meu coração seja a harpa, ó Maria, e que os vossos dedos virginaes façam vibrar as cordas desta harpa, para apresentar a Jesus um hymno digno de seu amor.

I. O NOME DE MARIA

Não ha nada de inutil nas obras de Deus.

Os proprios nomes são realidades...

O nome de Maria vem de Deus: — Deus foi o primeiro que pronunciou tão bello nome.

Só Elle podia dar um nome a sua santa Mãe.

Do mesmo modo são nomeados, authenticamente e em alta voz, os filhos da Egreja, quan-

do pelo baptismo são gerados á vida da graça, deste mesmo modo, no momento em que Deus creou a alma da Virgem das Virgens, a Augusta Trindade **nomeou Maria,** e nomeou-a, bem alto, na Assembleia dos Anjos.

Deus, em si mesmo, a tinha nomeado desde a eternidade. Conceber ou nomear para Elle é uma e mesma cousa.

Deus, revelando aos seus anjos o mysterio da Encarnação, declinou-lhes, naturalmente, o nome da creatura privilegiada, que seria a Mãe de seu proprio Filho.

Imaginem-se, si possivel, a admiração, o espanto extatico dos anjos ao ouvirem que o proprio Deus enviaria o seu Filho, para nascer de uma creatura!

Como deviam prostrar-se para honrar esta creatura, exaltada acima da sua propria grandeza!

E quem é esta creatura? — *Quae est ista?*

Qual é o seu nome, ó grande e sublime Deus? Qual é este nome glorioso? — exclamaram elles em côro.

E no silencio infinito da eternidade, na suave immobilidade que distingue o céu, o Eterno declinou um nome... um nome pensado por Elle, indicado por Elle, escolhido por Elle só... E este nome... os seculos o repetirão com lagrimas nos olhos, sorrisos nos labios e amor no coração...

Et nomen Virginis Maria (Luc. I. 27).
Maria... *O nome da Virgem é Maria!*

Porque: Maria?

Não ha nada de inutil nas obras divinas Tudo é significativo!

Um dia Deus mudou o nome de Abrão no de *Abrahão,* porque devia ser o pae de um grande povo: — *Appellaberis Abraham* (Gen. XVII, 5.)

Mudou o nome de Jacob no de *Israël:* — *Non vocaberis ultra Jacob, sed Israël* (Gen. 35, 10) porque lutára contra o anjo.

Mudará ainda, um dia, o nome de Simão no de *Pedro,* porque Pedro devia servir de fundamento á Egreja—*Et imposuit Simoni nomen Petrus* (Marc. III. 16).

Não devia Deus nomear tambem a Virgem Santa, como nomeou o filho de Zacharias e de Isabel? — *Vocaberis nomen ejus Johannes* [Luc. I. 13).

Devia nomear o Filho e a Mãe.

O Filho era Jesus: — *Vocabis nomen ejus Jesum* (Math. I. 21].

O nome da Mãe será Maria: *Et nomen Virginis Maria.*

Qual é, então, a significação deste nome, tão suave, tão melodioso, tão attrahente?

Os exegétas nos dão uma triplice significação:

Maria: — *exaltata:* exaltada;
Maria: — *Domina*: Senhora;
Maria: — *Stella maris:* Estrella do mar.

Cada uma das três Pessoas divinas de certo lhe deu este nome:

O Padre *exaltou* a sua Filha;
O Filho *escolheu* a sua Mãe;
O Espirito Santo *nomeou* a estrella luminosa da humanidade.

Ella é a **exaltada,** pelo poder do Padre;
Ella é a **Senhora,** pelo amor do Filho;
Ella é a **estrella** do mundo, pela luz do Espirito Santo.

Já vimos (1) o nome de *exaltada* e de *es-*

1) Cfr. cap. V., § III. Preludios Eucharisticos, p. 132.

trella, falando das relações de Maria Sma. com a SS. Trindade. Lembremos aqui, apenas, que ella é, desde a sua nomeação, a **Senhora**—*Domina :*

Senhora do Presepio... Senhora do Calvario,
Senhora da divina Eucharistia.

Ao ouvir este nome, pronunciado por Deus, os anjos repetiram-no com transportes indiziveis. Elles lêem até no fundo das palavras que ouvem, e percebem intuitiva e repentinamente toda a significação, toda a extensão destas palavras, abrangendo todos os seus aspectos.

Ouviram, pois, e comprehenderam o sagrado nome de Maria: — *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

De repente, viram no horizonte do futuro estes milhares de Tabernaculos, onde jazia, como num sepulcro, a Hostia adoravel, transformada pela palavra creadora de Deus, pelos labios do Sacerdote, no Corpo e na divindade do Verbo Eterno.

E viram ao lado destes Tabernaculos, no proprio Tabernaculo, abraçada ao ciborio doirado, mysticamente presente na Hostia divina, a physionomia luminosa e radiante da Virgem Santa, adorando a Jesus, velando perto de Jesus, immolando-se com Jesus, apertando-o sobre o seu coração, para preserval-o dos insultos e dos sacrilegios dos homens...

Viram tudo isso... e os anjos cantaram, em côro, o que nós hoje cantamos:

Domina Nostra Sanctissimi Sacramenti!
Ave, Ave, Maria.

Foi a primeira *Ave Maria,* cantada no céu, a qual o archanjo Gabriel devia um dia trazer á terra, para dirigil-a directamente á Virgem já existente.

O nome de Maria é inseparavelmente unido ao nome de Jesus, como são unidos os seus corações na vida eucharistica dos Tabernaculos.

A gloria do céu tem seus esplendores e seus extases, na possessão do Bem amado. O Tabernaculo tem suas agonias e o seu Calvario, mas o amor não quer o proprio gozo, elle aspira unicamente a felicidade do Ser amado.

E a felicidade de Jesus não é somente a gloria do céu; é tambem o amor dos corações arrependidos.

E estes corações, elle não os encontra no céu.

O arrependimento é flor desta terra—a flor preferida do Tabernaculo.

O arrependimento evoca a *Misericordia*. E a Misericordia é Maria, a Senhora do Smo. Sacramento.

II. A MANIFESTAÇÃO DA VIRGEM

O nome da Sma. Virgem era conhecido entre os anjos.

Ella era, na concepção dos anjos, a futura Mãe do Redemptor, não só do Redemptor do Presepio e do Calvario, mas da redempção continuada pela Sagrada Eucharistia.

Ella já era conhecida como: *a Senhora do Smo. Sacramento.*

E os seculos foram-se succedendo sobre a terra...

A eternidade, em seu ponto immutavel, honrava a futura Virgem, Mãe e Rainha.

Virgem, como flor desta terra.
Mãe do Filho de Deus.
Rainha dos proprios anjos.

Ella já era como o laço que devia unir, para sempre, o tempo e a eternidade.

Chegou o tempo da manifestação desta creatura privilegiada.

Em Nazareth, humilde e desconhecida vivia a joven Maria.

Ella era só isso perante os homens... Ella era outra cousa perante Deus.

Os anjos esperavam a hora marcada, e esta hora havia chegado.

Deus mandou o archanjo Gabriel, encarregado de uma missão divina, junto á Virgem de Nazareth,

Gabriel significa: *virtude* ou força de Deus.

De todas as mensagens de que foram já encarregados os espiritos luminosos, esta era a mais importante.

E o archanjo, *virtude de Deus*, desceu e manifestou-se á humilde Virgem de Nazareth. *Ave, ó cheia de graça, o Senhor é comvosco, bemdita sois vós entre as mulheres* (Luc. I. 28).

Maria perturba-se. O archanjo explica: *Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus; eis que conceberás e darás á luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.*

Maria perturba-se ainda mais.

Como se fará isso, pois não conheço varão?

O archanjo explica o mysterio: *O Espirito Santo descerá sobre ti, e a virtude do Altissimo te cobrirá com a sua sombra* (Luc. I. 35).

O mysterio está realizado!... Era um relampago!...

A terra cantava, repetindo as palavras do propheta: *Céus, enviae do alto o orvalho, e que as nuvens façam chover o justo! Abra-se a terra e germine o seu Salvador* (Isai. 45. 8).

No meio da noite... por entre a natureza adormecida, o orvalho celeste, virtude fecundante do Altissimo, desceu sobre a pessoa de uma humilde Virgem, em extase de amor... e esta terra virgem germinou o seu Salvador.

Maria era **Mãe de Deus.**

A terra possuia o seu proprio Creador.

Elle, o Deus infinito, Hostia divina, jazia, qual ponto imperceptivel, no Tabernaculo virginal, no ciborio doirado do seio da Virgem Sma.

O seu primeiro santuario, o seu primeiro Tabernaculo, o seu primeiro ciborio era o coração da Virgem escolhida, desde a eternidade, e acclamada no céu, pelos anjos, como a *Senhora* do Verbo divino feito homem.

Ave, Maria, Domina Nostra Sanctissimi Sacramenti.

Era a primeira *Ave Maria* celeste, trazida á terra pela virtude divina que é Gabriel.

Jesus jazia no seio de Maria. O mundo não o conhecia ainda.

No principio era o Verbo, o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus.

Nelle estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

E a luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não a comprehenderam (Joan. I. 5).

As trevas não a comprehenderam... Maria não pertencia ás trevas...

Ella era luz... toda luz... **cheia de luz.**

Ella comprehendeu o Verbo divino feito homem.

Ella o recebeu de joelhos... de braços estendidos, olhos cheios de lagrimas e o coração liquefacto pelo amor e a gratidão.

O anjo podia, devia retirar-se. Jesus estava em Maria, residia em Maria.

O luminoso archanjo desappareceu.,. e já no firmamento os anjos cantavam em as suas liras de fogo: *Gloria in excelsis Deo... et in terra pax hominibus!*

A paz... estava no coração de Maria. Deus acabava de organizar o primeiro Tabernaculo... e neste Tabernaculo virginal, a virtude divina, o Altissimo, tinha depositado a primeira Hostia sagrada, contendo verdadeiramente o Corpo, o Sangue, e a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo.

A sagrada Eucharistia, antes de estar instituida officialmente, já existia neste mundo. E o primeiro Tabernaculo chamava-se desde então: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

Sanctificavit Tabernaculum suum Altissimus (Psal. 45. 5).

Meu Deus, como são grandes, como são sublimes os vossos designios!

Desde esse tempo, os cherubins de fogo cercavam a Hostia divina e o seu Tabernaculo vivo—Maria—para adorar a primeira e venerar a segunda.

Esta Hostia, quasi imperceptivel, mas viva, com uma vida eterna, desenvolvia-se no seio de Maria, era nutrida pelo sangue de Maria, amava pelo coração de Maria e immolava-se pela salvação das almas, até poder fazer a sua solemne entrada no mundo que veiu resgatar.

E' o Deus perfeito. Não é porém ainda um homem perfeito.

A Virgem deve aperfeiçoal-o, formal-o, dar-lhe, de seu sangue, um Corpo que Elle possa immolar um dia no Calvario, dar-lhe um sangue com que Elle possa regar a terra culpada, e que mais tarde possa perpetuar-se na sagrada Eucha-

ristia, pela instituição official e publica deste divino Sacramento.

Como Maria nos apparece inseparavelmente unida a Jesus, exercendo a sua funcção principal, a sua grande funcção que parece resumir todas as outras funcções: — ser a Mãe da Hostia divina, *a Senhora do Smo. Sacramento!*

Ella é o Tabernaculo vivo, formado pela virtude divina, para conter o Verbo divino encarnado.

Tabernaculo, modelo perfeito de nossos Tabernaculos, como sois quente, amoroso!... e como são frios e insensiveis os nossos Tabernaculos que, entretanto, contêm o mesmo Deus...

Oh! Gabriel, descci sobre elles, para que a vossa virtude os aqueça, ou melhor, aqueça os nossos corações, que devem ser o seu Tabernaculo vivo.

III. A HOSTIA DA ENCARNAÇÃO

A Encarnação do Verbo é a Eucharistia em **germen,** em formação.

A ultima ceia é o seu **desabrochamento.**

O Calvario será o seu **sacrificio.**

O Tabernaculo, a sua **morada.**

O coração do homem será o seu **idéal.**

O Christo é, antes de tudo, acima de tudo, a Hostia da salvação: *Tradidit semetipsum pro nobis oblationem et hostiam Deo.* (Ephes. V. 2].

Esta Hostia devia constar de duas partes: de uma parte divina e de uma parte humana.

A parte divina foi dada pela virtude do **Altissimo.**

A parte humana é dada pela **Sma. Virgem.**

A Hostia, que é o objecto directo e proprio da Eucharistia, deve conter o Deus completo e o Homem completo.

Deus, com a sua substancia, a sua essencia, a sua personalidade, elementos que se confundem em Deus, por ser Elle o ser simples e completo.

O homem com sua substancia, com a sua natureza, isto é, com corpo e alma, deve estar ahi presente.

E é Maria Sma. que deve fornecer-lhe este corpo.

A Hostia será, como todos os seres, composta de *materia* e *fórma*: A materia da Hostia divina é o Corpo de Jesus, a fórma é a sua alma unida á divindade.

E' desta união que resulta a Eucharistia — *Deus commosco*: *Nobiscum Deus* (Math. I. 23).

E Maria Sma. é o seio abençoado onde deve effectuar-se, para sempre, esta união ineffavel entre Deus e o homem, entre o Creador e a creatura: *Beatus venter qui te portavit* (Lucas, XI. 27).

Ella é o Sacerdote mystico, que, pela primeira vez, faz descer Deus sobre a terra, unindo-o, em unidade de pessoa á natureza humana.

São as nupcias mysticas do Verbo Eterno.

Em mais de vinte logares, o Evangelho nos fala de nupcias, dizendo que somos convidados a assistir a ellas: *Beati qui ad coenam nupciarum Agni vocati sunt* (Apoc. XIX. 9).

A sala destas nupcias do Cordeiro divino é o seio da Virgem Maria.

E' ahi, em presença da côrte celeste, que o Verbo divino, despojando-se de sua gloria, vem revestir-se da natureza humana, que deve esconder a sua divindade.

E estas nupcias não são simplesmente de alegria, são essencialmente **de Hostia,** de Victima.

E' dahi, desta sala de festim, que N. S. Jesus Christo exclama, dirigindo-se a seu Pae, como o diz o Apostolo: *Por isso, entrando no mundo, diz: Não quizeste hostia, nem oblação, mas me formaste um corpo...* (Hebr. X. 5). *Eis-me que venho para fazer, ó Deus, a tua vontade.*

Por esta vontade somos santificados mediante a oblação do corpo de Jesus Christo, feita uma vez (Hebr. X. 10).

A idéa da **Hostia** domina todo o plano da Encarnação.

E' a Hostia do **seio** de Maria.
E' a Hostia do **Cenaculo.**
E' a Hostia do **Calvario.**
E' a Hostia do **Tabernaculo.**

E' uma só Hostia... é a mesma Hostia, nas quatro phases de sua existencia.

A sua *formação* no seio de Maria.
A sua *instituição* official, no Cenaculo.
A sua *immolação* no Calvario.
A sua *conservação* no Tabernaculo.

Deste modo, do seio da Virgem até ao Tabernaculo, ha uma continuidade de plano, de fins. *E' o Alpha e Omega, o começo e o fim.*

E Maria Sma., tendo sido tão intimamente unida ao principio, não póde faltar ao fim.

As obras divinas, diz Bossuet, são sem retrospecção. Deus põe o principio e ellas devem ficar marcadas neste principio.

Deus não póde servir-se de Maria, para começar uma obra e regeital-a, depois de ter terminado esta obra.

E assim vemos, em toda a parte, Maria Sma

unida ao seu divino Filho. Vemol-a em todos os estados de Jesus Christo: *Erat Mater Jesu ibi.*

No nascimento, no desenvolvimento, na vida escondida, na vida publica, na paixão e na morte, na resurreição, na ascenção, no Pentecostes, na fundação da Egreja, etc., etc., sempre encontramos Maria ao lado de Jesus, como podia ella faltar, em se tratando da Sagrada Eucharistia?

E' absolutamente impossivel.

Maria não deixa, não póde deixar Jesus...

Em sua vida Eucharistica, Jesus continúa, pois, a viver em companhia de sua Sma. Mãe. — *Mater mea, neque fas est ut avertam faciem tuam* (3 Reg. II. 20).

Maria é a guarda vigilante do Tabernaculo, como ella o foi do presepio.

Como está ella ahi presente?

Pouco importa; o certo é que ella está ahi por uma presença *especial*... não somente unida a Jesus, pela identidade relativa, mas de um modo todo especial, como a **mãe** perto do seu filho, como a **thesoureira** perto do seu thesouro, como a **medianeira** perto daquelles que devem reconciliar-se.

Basta lembrar-nos que o caminho de Belém conduz ao Tabernaculo, passando pelo Calvario, e que em toda parte Maria está presente — *Stabat juxta crucem Jesu, mater ejus* (Joan. XIX. 25].

E' o que fazia dizer a Monsenhor Gay, que «entre Jesus e Maria, havia uma circulação de vida, uma reciprocidade de amor, uma doação activa, total, incessante, uma como especie de *circumincessão*, que se póde exaltar e louvar, mas que desafia toda lingua humana.

E' uma imitação e um reflexo do estado respectivo das três Pessoas divinas.» (1)

1) Mgr. Gay: — Elevations: 13 Elev.

IV. O PRIMEIRO BEIJO DE MARIA

O beijo é a maior expressão de ternura e de amor que o homem póde dar.

O Cantico dos Canticos está repleto destas expressões amorosas: — *Osculetur me, dilectus meus, osculo oris sui* (Cant. I. 1).

Quando dois amigos se encontram, dão-se um aperto de mão, e parece que sob a pressão das mãos, a amizade vae-se fortalecendo, pelo contacto de ambos.

Quando a intimidade é maior, os amigos apertam-se um contra o peito do outro; e neste amplexo parece que o amor circula de coração a coração, e se fortalece numa fusão reciproca.

Sendo a intimidade formada por laços sagrados, como entre paes e filhos, esposos, irmãos, o simples aperto de mão seria frieza, o proprio abraço seria incompleto, e elles se beijam com ternura.

E este beijo é mais que uma manifestação de amor; é o proprio amor, a ternura sagrada que só os laços de sangue e de vida explicam e legitimam.

Quando Jesus entrou neste mundo, pela Encarnação, foi a alma pura, foi o coração virginal da Virgem Santa que imprimiu o primeiro beijo sobre o Coração do Menino Jesus.

Antes que os labios se tocassem, os corações viviam no amplexo da virgindade e do amor.

E depois que Jesus nasceu, depois que elle fez a sua solemne entrada neste mundo, passando das puras entranhas aos braços da Virgem, sem romper o crystal purissimo de sua virgindade, quem teria a coragem e a virtude necessaria, para, em nome da humanidade, imprimir

sobre aquella fronte divina o primeiro beijo de amor?

A Eucharistia será, mais tarde, o beijo prolongado e apaixonado de todas as almas amantes.

Esperando esta hora, é preciso que elle receba o beijo amoroso das creaturas, representadas pela mais santa das creaturas.

Este beijo é o da Virgem Maria.

Escutemos a este respeito a bella e suave pagina do piedoso Monsenhor Gay, o pintor incomparavel das ternuras entre Jesus e Maria! (1)

«O primeiro acto, diz elle, foi adorar o Menino Jesus e prestar-lhe todas as homenagens, em nome da creação inteira.

Depois desta adoração muda, mas sublime, Maria contemplou o divino Menino... pela primeira vez.

Este olhar devia ser uma caricia, e ter a impressão de uma uncção.

Emfim, quem póde duvidar do facto: *Maria beijava Jesus.*

Talvez que antes de contemplal-o, ella o adorava longamente.

De certo, ella o considerava longamente, antes de lhe dar o beijo de seus labios.

Parece-me que ella foi procurar este beijo, não somente no mais intimo de si mesma, mas sim, muito além, no coração mesmo de Deus, cujo santuario era.

Parece-me que, sem perder um instante, ella preparava este beijo, como o perfumador que prepara um balsamo de grande valor em que quer fazer entrar todos os extractos.

Este primeiro beijo devia ser como o beijo da auréola illuminando a natureza adormecida.

---

1) Mgr. Gay: Elevations sur la vie et la doctrine de J. Chr.

Todas as suas potencias contribuiram, todas as suas graças se concentraram, por assim dizer, se ultrapassaram.

Este beijo era o seu **fructo.**

Nada mais solemne, nada tão suave, tinha sido visto desde a origem das cousas.

O que se teria podido julgar um sonho, desde esta hora era um facto e um facto notorio na historia da humanidade, e até na gloria do céu.

A creatura imprimiu os seus labios sobre esta adoravel face de Deus, cujo resplendor faz tremerem os anjos.

Si Jesus tivesse baixado a este mundo, unicamente para receber este beijo, que a sua creatura lhe dava, pelos labios immaculados e quentes de sua Mãe, Elle teria tirado uma alegria immensa de sua Encarnação, e se teria congratulado comsigo mesmo por tel-a decretado.

Além disso, póde-se entrever deste triplice acto de amor: a sua *adoração*, o seu *olhar* e o seu *beijo,* uma honra singular que ella tributava a cada uma das três Pessoas divinas, conforme o caracter que ellas tiram das relações ineffaveis, que constituem a sua vida.

A **adoração** da Virgem referia-se ao Padre Eterno, principio e fonte da divindade.

A **contemplação** referia se ao Filho, que nasceu, por assim dizer, da contemplação do Padre Eterno, e que é o objecto sempre presente deste olhar eterno.

O **beijo,** emfim, referia-se ao Espirito Santo, que é o beijo do Padre Eterno e do Filho, procedendo dos dois, por via de amor e como amor.

Para terminar dizendo tudo, necessario seria narrar ainda o que o Menino Jesus retribuiu

á sua Mãe em troca do que ella lhe deu neste momento. Não se póde duvidar que houvesse nesta hora, entre elles, uma troca admiravel.

Deus não póde ficar atraz, em nada, e com ninguem.

A creatura só lhe póde dar o que delle primeiro recebera; e si Deus quer que ella lhe dê, é sempre com o intuito do poder dar-lhe mais depois».

O beijo virginal de Maria preludirá aos beijos amorosos, que todos os labios virginaes devem, no decorrer dos tempos, depositar sobre a Hostia virginal que é o Corpo de Jesus.

Cada adoração ao pé do Tabernaculo, cada olhar amoroso sobre a Hostia divina, cada Communhão fervorosa, é a repetição, a continuação da sublime scena de Belém.

Meu Deus, quantas adorações tem excitado a silenciosa e muda adoração de Maria!... Quantas contemplações extaticas têm suscitado a contemplação de Maria!... Quantos beijos ardentes, tremulos de emoção, humidos de lagrimas, tem provocado o beijo ardente da Virgem Santa!

Oh! Maria!... Oh! Belém!... Oh! Eucharistia!

E' sempre o mesmo Jesus, é sempre a mesma Mãe!... E' sempre a Virgem amante do presepio, como é sempre a *Senhora do Smo. Sacramento,* prolongando, através dos seculos, o seu officio de Mãe de Deus, velado, a primeira vez, sob as apparencias de uma criança adoravel, e continuando a velar-se, no Tabernaculo, sob as apparencias de uma pequena Hostia!...

Mas é sempre Jesus...

E é preciso que Maria Sma. continue sempre a adoral-o, a contemplal-o, a depositar sobre os seus labios divinos o *beijo virginal* de sua pureza sem par e de seu amor sem igual.

V. O LEITE MATERNO

Mgr. Gay, em suas «Elevações sobre a vida de Jesus Christo», tem uma passagem que exprime admiravelmente a doutrina acima exposta.

Procuremos resumil-a aqui.

Depois de ter prestado seus deveres ao Deus que acabara de dar á luz, Maria tinha de cumprir para com Elle o ministerio de sua maternidade.

Para isto ella precisava de uma assistencia especial do Espirito Santo, e de luzes particulares.

De facto, não se tratava aqui unicamente de Maria ser Mãe, mas no caso inaudito, nunca visto, de ser *Mãe de Deus.*

Ora, nem homem, nem anjo algum sabia o que uma tal Mãe devia fazer.

O segredo ficou escondido no mais recondito da sciencia divina e como que no centro do amor infinito.

Só Deus podia revelal-o á sua creatura, como lhe pertencia elevar esta creatura ao nivel de uma missão tão sublime.

E Deus fel-o com a sua sabedoria acostumada.

Quando havia chegado o momento, a Virgem Santissima não teve a minina hesitação, nem embaraço.

Ella sabia que o seu Filho, sendo a vida personificada, sustentando com sua força a tudo o que existe, era capaz de manter a sua propria vida corporal, entretanto, ella comprehendia que, collocando-se nas condições das outras crianças, elle quiz sujeitar-se ás servidões ás quaes estava sujeita a sua fragil existencia.

Maria comprehendeu que era preciso dar ao Filho o leite materno, sendo para Elle uma

necessidade cuja privação fal-o-ia soffrer e gemer.

Ella achou adoravel que as cousas fossem dispostas deste modo.

A candura, com que o Menino Deus tomou o seio materno, é unica neste mundo, e só a Virgem Santa poude imital-a, apresentando-lhe o seu leite virginal.

Oh! como são santas estas cousas!..,

Uma alma piedosa sente tornar-se virgem, só em coneideral-as.

Uma mulher nutrindo, com o seu leite, o proprio Deus, oh! cousa admiravel!

E o que é mais admiravel ainda é a ingenuidade com que a Virgem Santa presta este serviço ao seu proprio Creador.

O seu acto foi como a symphonia de todas as virtudes angelicas e humanas,

Pela sua pureza ella era nisso tão criança, quanto o seu Jesus!

Ella imitava e commungava delle, neste mysterio da infancia divina, como sendo a sua primeira discipula, destinada a tornar-se a Mestra principal de muitos outros.

Este seio, que só Deus e seus anjos tinham visto, ella o apresentou a Jesus, tal a rosa que desabrocha, descobre-se ao sol nascente, sob o calor de seus raios.

Foi qualquer cousa de suave, de tranquillo, como o é a primeira apparição do dia no horizonte.

Uma Virgem, velando o seu rosto, nunca será tão casta do que esta Virgem desvelando os seus seios.

Ella era mais que um lirio; *era um campo de lirios;* este campo de que a Esposa dos canticos *faz as suas delicias* (Cant. II. 16).

O céu inteiro ficou como que extasiado diante desta visão sublime.

A adoravel Trindade parecia sorrir diante da Mãe e do Filho... sendo o Filho de Maria o proprio Filho de Deus.

Parece-me que, pela operação da Omnipotencia divina, o licor vivificante que passava do seio de Maria aos labios do Menino Jesus, devia reunir todas as excellencias, todas as suavidades, dispersas no universo inteiro...

Penso que o leite de Maria foi como a quintessencia de tudo o que ha de doce e de bem-fazejo no mundo dos corpos.

Não era aliás um acto de justiça? E Maria não estava officialmente encarregada de cumprir esta justiça, para todos, e em nome de todos?

Toda creatura geme e dá á luz, diz S. Paulo (Rom. VIII. 22).

Porque isso?

Certamente, por muitas razões, mas entre muitas outras tambem pela seguinte: A creatura aspira a dar qualquer cousa áquelle de quem tudo recebe.

E o mundo começava, nesta hora, pela Sma. Virgem, esta **restituição** beatificante.

Foi o preludio da sua libertação e a aurora do supremo e esplendido estado ao qual aspira, e que Deus lhe manda esperar.

A alma de Maria não podia deixar de ter consciencia disto.

Semelhante a uma abelha vigilante ella devia ir recolher em espirito, no universo inteiro, a flor mais exquisita de todas as cousas, para mistural-a no leite com que ia alimentar e refrescar o Creador». (1)

---

1) Elevations sur la vie et la doctrine de J. Chr.—Sixième elevation.

VI. UMA EUCHARISTIA SYMBOLICA

Em tudo o que precede temos resumido a descripção suave e tão docemente colorida do santo Bispo de Anthedon, cuja linguagem parece antes um hymno de amor, que uma contemplação, diante do berço do Menino Deus.

O nosso fim é salientar cada vez mais a união intima, a união ineffavel que existe entre Jesus e Maria durante a vida e que continúa a existir entre elles, no fundo silencioso do Tabernaculo.

Taes verdades não se expõem, cantam-se. Taes espectaculos não se descrevem, contemplam-se pela fé e a humildade.

Tudo ahi é tão divinamente simples... e tão simplesmente divino.

Deus se apraz em fazer as cousas mais sublimes, sob a apparencia das acções mais simples.

Para as almas grandes, tudo é grande nas obras divinas; como para as almas pequenas, tudo parece estreito e mesquinho.

Continuemos a resumir e a citar o piedoso Monsenhor Gay, em sua contemplação do mysterio do Verbo feito homem, referindo-se agora mais directamente á Sagrada Eucharistia.

A primeira phrase do illustre Prelado é um verdadeiro lampejo.

Que é que se póde dizer desta alactação, e o que não se póde dizer?

Foi como a Eucharistia humana de Jesus. —E' uma palavra profunda deste profundo pensador que foi Monsenhor Gay.

A Eucharistia *divina* é Jesus Christo alimentando as almas com o seu Corpo e Sangue divino.

A Eucharistia *humana* é Maria Sma. alimen-

tando o Corpo humano de Jesus, pelo seu leite materno.

São duas eucharistias:

A primeira, *descendo do céu,* para alimentar as almas.

A segunda, *subindo da terra,* para alimentar a vida terrena do Verbo Eterno.

A primeira é a *substancia divina.*
A segunda é a *substancia de Maria.*

A primeira é o *pão dos anjos.*
A segunda é o *leite da Virgem.*

A primeira dá a *vida divina* aos homens.
A segunda dá a *vida humana* a Deus.

Admiravel relação entre estas duas eucharistias!

Eis agora as applicações desta comparação:

Jesus nos gera á vida divina, pelo Baptismo; porém, por divina que seja, esta vida fica enferma, e os enfermos que a recebem precisam augmentar e fortalecer esta vida. para que ella possa perdurar.

Eis porque Deus lhes preparou um alimento divino, para que, mergulhando, por assim dizer, em sua propria fonte, a vida destes deuses em formação, possa conservar-se.

Este alimento, que é o proprio Jesus, é a divina Eucharistia.

Ora, do mesmo modo, Maria tinha dado á luz desta vida o seu Jesus:—era isto como o baptismo humano de Deus; mas para que Deus pudesse viver humanamente depois deste nascimento, era mister que uma especie de eucharistia correspondente a este baptismo viesse perpetuar o effeito por elle produzido.

E este baptismo foi o leite da Virgem.

Do mesmo modo que o baptismo, que é o Sacramento de nosso nascimento divino, não é conferido sinão uma vez, emquanto a Communhão eucharistica reitera-se tantas vezes, que se torna o pão quotidiano de nossas almas; assim tambem o mysterio do nascimento de Jesus, tendo-se realizado uma só vez, foi cada dia, e diversas vezes por dia, que a Sma. Virgem aleitava o seu divino Filho.

Semelhante ao Manná, que, como diz a Sagrada Escriptura *continha o sabor e a virtude dos outros alimentos* [Sap. XVI. 20), assim o leite virginal de Maria, após o seu proprio sangue, era o licor mais suave e mais nobre que póde existir no mundo.

E como tudo era harmonioso em Maria!... Emquanto o seu seio derramava o leite sobre os labios de seu Jesus, a sua alma derramava-se amorosamente na alma de seu Filho; ella dava-se a Elle, numa viva libação de ternura.

Era o magnifico cumprimento de um dos sentidos desta prophecia: *a impetuosidade do rio alegra a cidade de Deus* (Psal. 45. 5).

A cidade de Deus é, aqui, a humanidade de Jesus; o rio que a alegra, é a dupla effusão do leite e do amor de Maria.

Maria Sma. comprehendia que para Jesus tudo devia terminar numa immolação sangrenta.

O rochedo de Belém representava-lhe o rochedo do Calvario, e no madeiro do presepio ella já divisava o patibulo da cruz.

Ella não ignorava que esta fonte de leite, que bratava de seu peito, e ia para Jesus, formaria este Sangue que, em breve, Elle derramaria até a ultima gotta.

Seu coração, illuminado e forte, contempla-

va esta transformação de seu leite em sangue, e a effusão suprema e total deste Sangue redemptor.

Ella seguia tudo, e sentia que, pelo seu officio de Mãe de Deus, era o centro, o cume, a fonte deste sacrificio.

Tudo depende de Jesus, e Jesus depende della.

Resumindo em si mesma, como **Virgem** e como **Rainha,** o mundo inteiro, ella o dá em Communhão, a Jesus, pelo leite com que ella o alimenta; emquanto ella dá o proprio Jesus, que ella resume tambem, em communhão ao mundo. Eis os mysterios adoraveis de intimidade, de união entre Jesus e Maria, entre Deus e Maria, entre o mundo e Maria...

Maria, representante da terra, dá o mundo a Jesus.

Jesus, representante do céu, dá o céu a sua Mãe.

O céu e a terra encontram-se num amplexo de amor e misericordia no seio da Virgem Santa, para fazer habitar o céu na terra, e para elevar a terra até a gloria do céu — *Misericordia et veritas obviaverunt sibi—Justitia et pax osculatae sunt* (Psal. 84, 11).

VII. RELIQUIA DE MARIA

Um sabio e piedoso escriptor diz que a Eucharistia é uma *reliquia de Maria* e a reliquia mais authentica e preciosa que a terra possue.

A expressão póde parecer nova; a realidade, porém, não deixa de ser uma verdade, que precisa, entretanto, ser explicada para não deslizar no erro.

Uma reliquia é qualquer cousa que tenha pertencido a uma pessoa, como parte della.

Ora, como já vimos, pela união que existe entre a mãe e o filho, póde-se dizer que o filho é uma parte physica, formada pela mãe...

A mãe, dando o seu sangue para formar o filho, dá-lhe qualquer cousa que lhe pertence substancialmente.

No principio o filho é mais que uma *reliquia* da mãe, é o producto integral da sua substancia.

No decorrer dos annos, esta união physica se vae desaggregando, de certo, pelas substancias de fóra, que completam os primeiros elementos; porém os primeiros elementos constitutivos nunca desapparecem inteiramente, de modo que o filho fica sempre uma especie de reliquia da propria mãe.

É o que acontece com Jesus e Maria, de modo que na epoca em que o Salvador instituiu a Sagrada Eucharistia, Elle era ainda uma reliquia da Virgem Santissima, e tendo mudado o pão e vinho na substancia que Elle tinha nesta hora, Jesus continúa a ser na Eucharistia *uma reliquia* de Maria Sma.

O Padre Mackault explica a significação do termo por elle empregado. Resumamol-o aqui.

Si nada tivesse ficado de Maria Sma. aqui na terra, o dia de sua gloriosa Assumpção teria sido um dia de tristeza para nós.

E' verdade que uns logares privilegiados possuem restos preciosos de suas vestes, de seus moveis, até hoje preservados da corrupção, pelo seu puro contacto; consta até que uns santuarios mais beneficiados ainda conservam, com summa veneração, alguns de seus cabellos.

Mas, ó Mãe de misericordia, como toda a

Egreja vos reclama, em todos os logares da terra, como sua advogada e protectora, ella deseja tambem em toda parte ser beneficiada por vossas reliquias.

Os fieis serão mais confiantes em suas preces, podendo offerecel-as a Nosso Senhor, sob os auspicios de uma reliquia de seu corpo, onde o Salvador achou uma morada tão deliciosa.

Pois bem, Maria nos attendeu; em cada Tabernaculo possuimos as suas reliquias, e até as mais preciosas que se possa imaginar.

O Espirito Santo nos ensina que os filhos são reliquias de seus paes, *sunt reliquiae homini pacifico* (Ps. 36. 37) e Elle promette ao justo que deixará após si reliquias honradas, emquanto as reliquias dos peccadores serão exterminadas — *reliquiae impiorum interibunt* (Ps. 36. 38).

Jesus, na Eucharistia, é uma digna reliquia de Maria, pois está ahi, com o seu Corpo e o seu Sangue.

Este Corpo e este Sangue Elle os tomou de Maria, Elle é o Filho de Maria, e como tal, é a reliquia mais preciosa e a mais authentica de sua querida Mãe.

*

Eu sei, ó Jesus, que vos recebo na Eucharistia, como Deus e como homem; si, pois, segundo a vossa palavra, aquelle que vos vê, vê tambem o vosso Pae, assim tambem, quem vos recebe, não recebe, de certo, a vossa Mãe, mas recebe a substancia de vossa Mãe, transformada em vossa propria substancia.

E o piedoso Padre Mackault conclue:

Oh! duplo favor deste Sacramento adoravel, que me dá o Filho formado da Mãe, Jesus

feito de Maria. *Misit Deus Filium suum factum ex muliere* (Galat. IV. 4).

Oh! Virgem Santa, como este pensamento me alegra ao contemplar a Hostia Sagrada, considerando-a como uma reliquia preciosa, na qual vós occupaes um logar glorioso!

Si se julgam felizes aquelles que possuem qualquer objecto, santificado pelo vosso contacto, quanto mais feliz é a minha sorte, pois eu possuo na Eucharistia a mais bella reliquia de vosso Corpo, que se possa almejar—*Funes ceciderunt mihi in praeclaris. (1)*

A idéa de reliquia, por incompleta que seja, exprime, entretanto, nos limites que as palavras humanas possam exprimir as cousas divinas, uma verdade profunda; a incomparavel união physica e espiritual entre Jesus e Maria, na vida; e a união *especial* entre Jesus e Maria, na divina Eucharistia.

Lembremo-nos sempre, para evitar qualquer equivoco doutrinal, que a Sagrada Hostia contém unica e exclusivamente o Corpo, a alma e a divindade de Jesus Christo, e que nella não está presente physicamente o corpo da Sma. Virgem. *E' uma presença espiritual gloriosa,* como veremos em breve.

Si Maria Sma. ahi estivesse presente physicamente, não se poderia mais adorar a Hostia Sagrada, pois que o culto supremo de adoração dirigindo-se á Hostia, recahiria sobre a Santissima Virgem, o que seria uma heresia.

O ponto doutrinal de demarcação que nunca póde ser violado, é que está presente o Corpo de Jesus, **formado do corpo** e do sangue da Sma. Virgem.

O sangue de Maria Sma., passando pelo Co-

1) P. de Mackault: Med. Ass. Maria. I. II.

ração de Jesus, uniu-se substancialmente com Jesus, foi transformado no Corpo de Jesus; não sendo mais o corpo de Maria, mas o Corpo de Jesus, formado por elementos fornecidos por Maria.

A phrase da Egreja, em uso em seus hymnos, não é simplesmente uma phrase de piedade, mas, sim, a expressão dogmatica de uma verdade:

Ave, verum corpus, natum de Maria Virgine.

Salve, ó corpo verdadeiro, nascido da Virgem Maria.

VIII. CONCLUSÃO

A breve elucidação acima nos permitte continuar a bella applicação da palavra **reliquia,** sem receio de desviar-nos da doutrina certa. Jesus é uma reliquia de Maria; e mais e melhor ainda, é uma **reliquia viva.**

Os filhos são reliquias vivas de seus paes. Jesus vivo na Eucharistia é uma reliquia viva de Maria.

Todos apreciam um fragmento de osso de um martyr ou de um santo, porque acreditam que uma virtude especial reside nestas reliquias. (1)

Mas a reliquia de Maria, que repousa no Santissimo Sacramento do Altar, como que encrustada no Corpo de Jesus, está viva, com a vida do proprio Jesus, o Filho de Deus vivo, o autor da vida, a vida do proprio Deus! (2)

Quando me aproximo da reliquia de um Santo, diz o P. Tesnière, é para tocal-a um instante, maximé, para beijal-a com respeito; Maria Sma., porém, leposita a sua santissima reliquia na Eucharistia, não somente para podermos vel-a, to-

1) P. Tesnière: N. D. de Tr. S. Sacrem.
2) P. Mackault: Op. cit.

cal-a, mas para introduzil-a em nós, para unil-a a nós e fazer-nos um só com ella.

O' Santa reliquia de Maria, quando vós estaes em mim, não é tão somente para curar os males do corpo, mas é sobretudo para expellir delle os males mais crueis da alma.

O' reliquia divina, expulsae de meu coração tudo o que é peccado; ponde em mim a humildade, a devoção, a mansidão, a pureza, o amor e todas as virtudes que de vós emanam.

Maria, a Mãe de toda bondade e de toda formosura, nos convida a gozar de seu fructo, a saborear os seus perfumes, a contemplar as suas encantadoras bellezas. Ella nos convida ao beijo de seus labios; pois, tomando a Hostia Sagrada, esta reliquia de Maria, encontramos nella como o beijo de seus labios virginaes e o calor de seu coração materno—*Osculetur me osculo oris sui.*

O' Jesus, fazei-me crescer no amor de **Maria!**

Ó Maria, fazei-me crescer no amor de **Jesus!**

Ah! possam os nossos corações confundir-se no amor do Filho e da Mãe.

Ao amor devemos juntar a honra de Maria ser tão intimamente unida a Jesus Eucharistico, que é o seu proprio Filho.

Será a realização da aspiração de Arnaldo de Chartres: A gloria do Filho é inseparavel da gloria da Mãe, e ambos ficam confundidos num unico louvor. (1)

Terminemos estes pensamentos pelas piedosas citações do Padre Mackault, cuja doutrina, aliás, tem sido aqui resumida.

Todos os Santos, diz elle, recebem uma dupla honra da Eucharistia.

1) Manifestum est individuam esse Matris et Filii gloriam, commune esse utriusque Praeconium. (Arn. Carn.)

A primeira é que as egrejas, e especialmente os altares, consagram-se em presença de suas reliquias.

A segunda é que, na mesa do Senhor, fazemos memoria dos martyres, não como dos outros que repousam em paz, para allivial-os pelas nossas preces, mas sim, para alcançar o merito de sua intercessão.

Tratando-se de Maria, ó Jesus, vós quereis que a vossa santa Mãe participe das honras de vosso Sacramento, de um modo muito mais intimo.

Certos de que ella está em vós, e vós nella, nós a reconhecemos e a veneramos comvosco no Altar.

E' ahi que queremos honral-a com um culto mais extenso do que a todos os vossos santos, porque ella é a vossa Mãe, emquanto os santos são apenas vossos servos.

Por isso, é Maria que, na Liturgia Sacra da Missa, é a primeira nomeada pelo Sacerdote, na commemoração dos Santos, invocando e orando a Deus *"pela gloriosa e sempre Virgem Maria", Mãe de Deus e do Nosso Senhor Jesus Christo que vae immolar-se sobre o Altar.* (Canon Missae)

Depois da Consagração, o Sacerdote une-se ainda a Maria e chama-a de novo em seu auxilio para ser digno de receber Aquelle, que ella recebeu a primeira vez em seu seio virginal.

Alegro-me, pois, conclue o piedoso autor, ao ver todas as honras que a Egreja vos presta neste adoravel mysterio: — E' a vossa mais digna reliquia.

O Corpo e o Sangue, que ahi é offerecido, pertencem-vos; é justo, pois, que recebaes, pelo vosso proprio Filho, mais honras do que os anjos e os santos são capazes de vos dar no céu!

CAPITULO VIII

AS CAUSAS DA EUCHARISTIA

A união entre Jesus e Maria é ineffavel, e quanto mais se vae penetrando nos arcanos desta intimidade, mais se vae descobrindo as riquezas ahi accumuladas pela mão do Omnipotente: —*Fecit mihi magna qui potens est.*

As considerações piedosas que mostram a superficie, já tão bella, destes grandes dogmas, deixam entrever o que seria si nos fosse dado penetrar mais avante e lançar um olhar, embora timido e respeitoso, sobre estas immensidades que o Tabernaculo encerra.

E' uma contemplação... e é tambem um estudo. Devia ser um extase...

Ao lado das grandes verdades dogmaticas e asceticas, apresentam-se theses philosophicas que servem como que de fio conductor no estudo destas maravilhas.

Ha em theologia e em philosophia o que se costuma chamar a *causalidade.*

O estudo das causas é importantissimo, para o conhecimento dos effeitos e das relações que existem entre causa e effeito.

Ora, na Sagrada Eucharistia existe esta **causalidade,** tanto como Sacramento productor da graça, quanto pela presença real, substan-

cial, do Verbo divino, cuja humanidade é igualmente uma causa productora da graça.

E não somente a Eucharistia é causa, mas por sua vez ella é o effeito de outra causa.

Convém conhecer tudo isso, pois nada é pequeno do que faz conhecer melhor o Santissimo Sacramento.

I. NOÇÕES DE CAUSALIDADE

As causas da Eucharistia são novos abysmos, porém, são abysmos luminosos, é um novo firmamento estrellado.

Vejamos a parte da Virgem Santa nestas **causas.**

Chama-se **causa,** aquillo pelo que um ser é *constituido,* em sua natureza, ou *produzido* em sua existencia, ou *conhecido* em nosso espirito (*id unde res, aut est, aut fit, aut cognoscitur)*

As realidades corporaes são *constituidas* por um duplo principio: um elemento **passivo** com o qual se faz a cousa, por ex.: o *marmore* com o qual se fabrica um objecto; um outro elemento especifico que faz a cousa ser o que é, collocando-a numa hierarchia, num modo determinado de ser.

A planta, por exemplo, é collocada em sua especie pelo principio da vida vegetal, e o homem pela sua alma racional.

O elemento passivo de que a cousa é feita é a *causa* **material;** e aquillo que ajuntado á causa material faz que a cousa seja o que ella é, é a *causa* **formal.**

Ambas estas cousas são intrinsecas, pois entram na propria constituição do ser, de modo que o ser é o resultante e o concurso dos dois.

O homem, por exemplo, não é nem um cor-

po, nem uma alma, mas essencialmente um e outro.

Para produzir um objecto, um duplo principio é exigido: o *autor* e o *motivo* que determina o autor a produzir o objecto.

O autor chama-se causa **efficiente,** e o motivo chama se causa **final,** sendo ambos extrinsecos ao objecto.

Ha pois quatro causas ou quatro elementos que concorrem para a producção de um ser, sendo as duas primeiras *intrinsecas* e as duas outras *extrinsecas.*

1—Causa material.
2—Causa formal.
3—Causa efficiente.
4—Causa final.

Três noções dimanam do conceito de causa real.

1—A influencia *physica* do lado da causa, e dependencia do lado do *effeito,* que recebe como dadiva toda a perfeição que possue.

2—A distincção real entre causa e effeito, do contrario não haveria influencia efficaz na primeira nem dependencia verdadeira na segunda.

3—A prioridade da causa, pois a causa deve produzir e dar; ora, é preciso existir antes de produzir, possuir antes de dar.

O termo *principio,* diz menos que *causa.* O principio não implica uma influencia positiva de sua parte, nem uma dependencia real da parte de seu termo. É a razão porque póde haver nas três Pessoas da SS. Trindade relações de principio e termo, em razão de origem, mas não de causa e effeito.

Segundo a divisão supra, estudemos um instante cada uma destas quatro causas em particu-

lar, para termos a noção exacta de que modo a Sma. Virgem participa de cada uma dellas; e participando da causa, como e a que ponto ella participa do *effeito*.

Será permittido dizer que Maria Sma. é a causa do Smo. Sacramento, estabelecendo, deste modo, uma relação de *effeito* e *causa?*

Havendo esta relação de effeito e causa, o nosso horizonte abre-se além dos primeiros contornos; e provado que Maria Sma. seja causa da Sagrada Eucharistia, podemos considerar esta ultima como um *effeito*, intima e inseparavelmente ligado á Virgem Immaculada; noutros termos: encontramos justificada em seu principio doutrinal a invocação de: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento*, como fica provado o titulo de Nossa Senhora de Lourdes, demonstrando que a Virgem Santa appareceu realmente em Lourdes. Tal apparição seria a causa, e o titulo: "Nossa Senhora de Lourdes" seria o effeito desta causa.

Para evitar o exaggero, é necessario considerar attentamente cada uma dessas causas e applical-as á Virgem Sma.

II. A CAUSA MATERIAL E FORMAL

Estas duas causas, como dissemos acima, são *intrinsecas* ao objecto, emquanto as causas efficiente e final lhe são *extrinsecas*.

A causa material é o elemento passivo de que a cousa é feita e a causa formal é aquillo que lhe dá a sua natureza propria.

E qual é a causa material de Jesus-Eucharistico?

E' o sangue purissimo de Maria.

Maria de qua natus est Jesus.

O Corpo de Jesus-Eucharistico, velado sob

as especies sacramentaes, é o mesmo Corpo de Jesus do Presepio, de Nazareth, do Calvario, e este Jesus foi formado do sangue purissimo de Maria.

Maria é a materia prima com a qual Deus fez o Corpo do Verbo humanado; como um artista faz uma estatua de um bloco de marmore.

O bloco de marmore precioso é a Virgem Santa; e deste bloco o artista divino, que é o Espirito Santo, modelou esta estatua perfeita, que é o Deus-Homem: Jesus Christo.

Para que a materia constitua um ser, é preciso que a causa formal junte-se a esta materia, para lhe dar a sua natureza propria.

E qual é a causa formal de Jesus-Eucharistico?

E' a divindade.

Jesus Christo, como homem, tem um corpo e uma alma, como qualquer homem. Elle pertence á raça humana, mas não tem personalidade humana. Tanto o Corpo como a alma são substancialmente unidos á divindade; e por esta união que a theologia chama hypostatica (união pessoal), a Pessoa de Jesus Christo é uma Pessoa divina.

A humanidade e a divindade conserva cada uma a sua natureza e as suas operações, porém, só ha uma Pessoa, a Pessoa *divina* de Christo.

E' pois a divindade, pela união hypostatica, que dá á Pessoa de Jesus a sua natureza propria, que é ser: Homem-Deus.

Na Sagrada Eucharistia temos esta mesma Pessoa, este mesmo Homem-Deus, cuja dupla causa intrinseca é deste modo o sangue purissimo da Virgem Sma.: **causa material,** e a divindade: **causa formal.**

Estas duas causas formam a maravilhosa harmonia intrinseca da Eucharistia.

Jesus é Filho unico de Deus-Padre, desde toda a eternidade; é Filho unico de Maria Sma., no tempo.

Maria Sma. está unida á divina Eucharistia, como a causa está unida ao effeito, e é distincta da Eucharistia, como a causa é distincta de seu effeito.

E o que realça ainda mais a sua grandeza, é a sua união com a causa formal: a divindade.

Duas causas produzem um unico effeito: o sangue de Maria junto com a divindade formam a causa completa, productora deste maravilhoso effeito: um Deus-homem.

A Hostia divina recebe em suas alvas apparencias este producto divino-humano, para o qual deram-se as mãos a divindade e a humanidade, a SS. Trindade e a Virgem Immaculada.

Oh! perguntem agora qual é a união existente entre Jesus-hostia e a Virgem Santa.

União ineffavel da causa productiva e do effeito produzido... união de sangue, união de amor, união com a propria divindade. E este estado de encarnação continúa se através dos seculos, na divina Eucharistia, que é uma encarnação continua, um eterno prolongamento da Encarnação.

Oh! suave, oh! sublime união de Jesus e de Maria, de Maria e da Eucharistia!...

A Eucharistia não é mais uma simples lembrança de Jesus encarnado; é este mesmo Jesus encarnando-se, num acto perpetuo, no seio da Virgem Immaculada.

O Tabernaculo torna-se o segundo santuario de Nazareth, em cuja solidão a Virgem Santa continuará a responder ao mensageiro celeste, que o Padre Eterno lhe envia, o seu: *Fiat mihi secundum verbum tuum.*

E ao ouvir esta voz dulcissima, o Filho de Deus baixa do céu, torna-se o Filho de Maria e continúa a immolar-se cada vez que o Sacerdote offerece o Santo Sacrificio.

Exteriormente tudo está mergulhado no silencio do santuario, mas basta o Sacerdote subir os degraus do altar, deixar cahir de seus labios as palavras outróra pronunciadas pelo proprio Christo, para se renovarem os mesmos mysterios de Nazareth, de Belém e do Calvario.

E estes mysterios renovam-se por intermedio da Virgem Santa.

Ella continúa a ser a causa material destes sublimes mysterios, pois é sempre em seu seio purissimo que o Verbo divino se encarna, que Elle nasce, e o Corpo que se immola é o producto da carne virginal de sua Mãe.

Maria é pois realmente a *causa material* da Eucharistia, como ella o era da Encarnação. E Deus é a causa formal, porque dá ao Verbo humanado a sua natureza propria, a natureza de homem-verdadeiro, como era Deus-verdadeiro, numa unica pessoa divina.

Admiravel união de *causa* entre Deus e Maria!

São duas causas, que, pela sua união, produzem o mesmo effeito; e este homem-Deus é o que reside na Eucharistia.

Deste modo Deus é como que o senhor do Santissimo Sacramento e Maria Santissima, *Nossa Senhora do Santissimo Sacramento.*

III. CAUSA EFFICIENTE da Eucharistia

A causa extrinseca é egualmente dupla: ella abrange a causa *efficiente* e a causa *final.*

A causa efficiente é o agente productor de uma cousa, emquanto a causa final é o motivo ou a razão que leva o agente a produzir tal cousa.

Qual é a causa efficiente de Jesus-Eucharistico?

E' a acção do Padre Eterno e do Espirito Santo.

Penetremos bem esta bella doutrina do mysterio da Encarnação, ella contém um mundo de belleza idéal.

Os theologos perguntam a si mesmos si cada uma das pessoas da Santissima Trindade teria podido encarnar-se.

Elles repondem que sim, pois o infinito convem egualmente a cada uma destas três pessoas.

Ellas teriam podido, cada qual, unir-se uma natureza creada, e associal-a á sua vida.

Seria sempre um unico e mesmo Deus entre nós, porém com três Pessoas divinas e três humanidades. Seriam três homens-Deus.

Uma segunda pergunta completa a primeira: póde uma Pessoa divina encarnar-se sem as outras?

Póde fazel-o perfeitamənte; e o fez. A segunda Pessoa só, o Verbo eterno, se fez homem.

Cada uma das três pessoas divinas sendo distincta das outras, ha em cada qual uma personalidade distincta, de modo que tal personalidade póde communicar-se independentemente das outras.

A humanidade póde pois unir-se substancialmente a uma Pessoa sem unir-se ás outras.

O Verbo póde fazer-se homem, sem que as outras duas Pessoas o façam. Mas si uma das três Pessoas divinas póde unir-se substanciamente á humanidade, Ella não o póde, sem o auxilio das duas outras Pessoas.

É facil comprehender-se a razão desta união inseparavel.

Uma pessoa não póde existir, nem siquer ser concebida, sem uma substancia ou natureza que a sustente.

Ora, a natureza que sustenta a Pessoa do Verbo Encarnado é **a mesma** que sustenta a Pessoa do Padre e do Espirito Santo.

E' tambem esta *unica natureza* que é o *principio* de todos os seus actos.

Mas então, dirá alguem, como é que estes actos ficam *pessoaes* ao Verbo e só ao Verbo?

É que as duas outras Pessoas não os produzem em sua qualidade de **Pessoa,** mas emquanto possuem tambem a natureza divina.

Ellas produzem estes actos **substancialmente** e não pessoalmente.

O facto da Encarnação, o estado de Deus-encarnado, só se refere á Pessoa do Verbo; é a sua Pessoa só que está unida á sua humanidade.

A Encarnação, sendo uma obra *ad extra,* é commum á Trindade inteira. Uma Pessoa divina não póde contractar uma união com a nossa humanidade, sem que as duas outras Pessoas estejam com ella.

E' a *Pessoa* que se une, porém une-se por meio da propria *natureza*: e a natureza é uma só em Deus, commum ás três Pessoas.

Eis porque o Padre e o Espirito Santo cooperam na obra da Encarnação. Elles são a **causa efficiente** da Encarnação, como o são da *Euchuristia.*

E onde se exerce esta actividade ineffavel das três Pessoas divinas?

E' no seio da Virgem Immaculada.

Aqui encontramos, numa união ineffavel e numa expansão fecunda, a SS. Trindade trabalhan-

do para adornar este seio immaculado que deve servir de Tabernaculo para o Verbo divino encarnado.

Cada uma das três Pessoas divinas vae offrecer á Maria um presente de sua liberalidade.

Como já vimos, Maria torna-se pela encarnação:

A *Filha* do Padre Eterno,
A *Mãe* do Filho de Deus,
A *Esposa* do Espirito Santo.

Como Filha do Padre Eterno, Maria recebe a *isenção* do peccado original.

Como Mãe do Filho de Deus, ella é honrada com a *maternidade divina*.

Como Esposa do Espirito Santo, ella mereceu a *Virgindade* perpetua, dando á luz o seu Filho, sem deixar de ser Virgem.

Cada uma das três Pessoas divinas concede um privilegio especial á Maria, privilegio este que estreita os laços de parentesco e augmenta o grau de nobreza espiritual desta creatura unica, escolhida por Deus como instrumento dos maiores mysterios que se devem operar neste mundo.

A Egreja grega proclama Maria: a verdadeira parenta e intima do Altissimo. (1)

Preparando deste modo a Mãe do Salvador, a SS. Trindade tinha já em vista, como prolongamento da Encarnação, o *estado eucharistico* de Jesus.

Sendo cada uma das duas Pessoas divinas a causa efficiente, productora da Encarnação, ellas o são igualmente da Eucharistia.

Alli Jesus continúa a sua vida no seio da humanidade, como Filho do Padre Eterno, como

---

1) S. Isid.: Thessal: Orat. in Deip. Nat.

Filho de Maria Sma., como fructo do Espirito Santo.

E perto de Jesus, Maria deve communicar aos homens qualquer cousa de seus privilegios de Mãe e de Virgem, que ella recebeu de Deus, em primeiro logar para si mesma, mas tambem para o mundo.

Maria Immaculada será este attractivo irresistivel que o mundo inteiro sente e que parece arrastal-o para a idéal belleza desta creatura privilegiada.

Maria, como Mãe, será a protectora das familias, suscitando e conservando a fidelidade, a união e a paz entre ellas.

Maria, como Virgem perpetua, levantando o estandarte da virgindade, reunirá ao redor do Tabernaculo esta legião de virgens que faz a gloria da Egreja e a prova visivel da sua santidade.

Oh! como a SS. Trindade preparou bem esta doce guarda do Presepio e do Tabernaculo!

A Sagrada Eucharistia é o effeito ineffavel desta triplice causa: o poder do Padre Eterno, o amor do Filho de Deus, a fecundidade do Espirito Santo.

E este poder, este amor, esta fecundidade divinas, juntaram-se como causa efficiente, para produzir este effeito divino que é um Deus encarnado, hospede do nosso Tabernaculo: o Emmanuel, ou Deus comnosco. — *Vocabunt nomen ejus Emmanuel... nobiscum Deus.* (Math. I. 23).

Eis como, desde o começo, se destaca claro e sublime o titulo que a Egreja deu a Maria Sma. de: Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

Em toda parte encontramos em letras refulgentes o nome de Maria Santissima.

A causa *material* da Eucharistia nol-o ma-

nifesta em toda a sua fecundidade: esta causa é o sangue purissimo de Maria.

A causa *formal,* completando a causa material, eleva-a ás alturas da divindade: é o proprio Deus.

A causa *efficiente* nos revela o poder, o amor e a fecundidade divinas, fazendo de Maria a mulher bemdita entre todas as mulheres: são as três Pessoas divinas.

A causa *final,* completando a causa efficiente, vae mostrar-nos Maria em toda a sua união com Jesus Eucharistico; é esse ponto que vamos desenvolver aqui.

IV. A CAUSA FINAL

A causa final é o motivo em razão do qual se faz alguma cousa.

Falando de causa final, é bom notar a distincção entre *fim* e *finalidade.*

O *fim* póde ser concebido duplamente:

a) Segundo o *nome,* e neste caso significa o termo de alguma cousa, por exemplo: o fim do caminho.

b) Segundo a *cousa,* e neste caso tem verdadeira razão de causa final; ou como dizem os philosophos: *est id propter quod seu cujus gratia aliquid fit;* é neste sentido que o consideramos aqui.

Finalidade é a inclinação excitada no agente pela bondade do fim.

Esta finalidade é igualmente dupla:

a) E' *intrinseca,* quando a inclinação é congenita ao sujeito, é dada ao proprio ser.

b) E' *extrinseca,* quando nasce no sujeito,

quando é nelle provocada pela percepção ou imaginação de um fim.

Todo agente age em vista de um fim.

O *agente racional* determina a si mesmo este fim e a elle é inclinado por uma finalidade extrinseca, voluntaria.

O agente, *destituido de razão,* não se propõe um fim, mas é ordenado para este fim pelo ente racional e a elle é attrahido por uma finalidade intrinseca, physica.

O *fim subjectivo,* ou o fim que o agente racional se propõe, fim addiccionado, tem o nome de *fim do agente* [finis operantis).

O *fim objectivo*, ou o fim para o qual é ordenado o agente destituido de razão, tem o nome de fim da obra (finis operis).

O agente tem muitas vezes um fim *accessorio* além do fim principal, além daquelle que é causa determinante da acção. Os moralistas dizem que este fim accessorio é *impulsivo,* porque contribue para a acção, sem ser a sua causa determinante.

Comprehendidas estas distincções e noções de causa final, appliquemol-as agora á Sagrada Eucharistia.

O agente ou causa efficiente da Eucharistia, como acabámos de ver, é a Santissima Trindade.

Preparando e instituindo este mysterio de amor, qual é o motivo, a razão que tinha ella em vista?

Este *motivo* era duplo como podemos deduzir das palavras de Nosso Senhor:

1º. Ficar no meio dos homens.

2º. Ser o alimento das almas.

O primeiro motivo: *ficar no meio dos ho-*

mens, é o *fim accessorio* do agente, pois contribue para a acção, sem ser sua causa determinante.

O segundo: *para ser o alimento das almas,* é o fim principal, ou a causa *final do agente;* é ao mesmo tempo o *fim da obra,* pois a Eucharistia é o pão descido do céu, e o fim ordenado do pão é ser alimento.

Deste modo, temos aqui a coincidencia do «finis operantis» com o «finis operis».

Eis que eu estou comvosco todos os dias, até á consummação dos seculos, diz o Salvador aos Apostolos (Math. XVIII. 20).

As minhas delicias são estar com os homens, diz o Espirito Santo (Prov. VIII. 31).

Nosso Senhor promette ficar comnosco, dizendo que não nos deixará orphans — *Non relinquam vos orphanos* (João, XVI. 18).

O fim accessorio de Deus (causa impulsiva operantis] é, pois, *ficar no meio dos homens.*

Mas como ficará Elle?

Ha varios modos de perpetuar sua presença entre nós. Elle escolheu as apparencias ou fórma de pão. *Panem de coelo dedit manducare* (Jo. VI. 31).

Ora, o pão é destinado a ser comido. *Dedit eis manducare.* E' o proprio do pão o ser alimento.

O fim da obra coincide com o «finis operantis», é pois ser o alimento das almas, ou a manducação: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.* (Joan. VI. 57)

E o fim desta manducação: é a *vida eterna.*

*
* *

Depois destes esclarecimentos necessarios,

vejamos agora as relações que Maria Santissima tem com cada uma dessas causas em particular.

O fim accessorio que Deus tinha em vista (causa impulsiva operantis) era ficar com os homens.

Mas como Deus póde decidir-se a ficar com esta humanidade egoista, materializada, muitas vezes, lamacenta, Elle que penetra as sombras do porvir, que enxerga as miserias futuras tão bem como as quédas presentes?

Oh! examinando esta humanidade, parece quasi impossivel que Deus tenha querido permanecer com ella, physicamente, fechado num Tabernaculo tão frio, como são frias as almas dos homens.

Mas olhando para o mundo, Deus viu em primeiro logar o que elle tem *de mais bello*, de mais santo, como nós olhando para um prado em flor, enxergamos em primeiro logar o que mais resplandece e o que mais se eleva.

Deus viu a Santissima Virgem:

O Padre Eterno viu a sua Filha predilecta.

O Filho viu a sua Mãe querida.

O Espirito Santo viu a sua Esposa Immaculada.

E o amor, a pureza, a santidade desta creatura, era o bastante para Deus não abandonar uma humanidade que ia abandonal-o e até revoltar-se contra Elle.

* * *

É uma regra que preside ás obras de todo ser racional: ser o fim almejado pelo agente, proporcionado ao grau de sua excellencia.

Neste caso, Deus, sendo o mais nobre e o

mais sabio dos agentes, deve necessariamente propor-se em suas obras o fim mais nobre, mais sublime, ou melhor: o mais divino de todos os fins.

Não havendo nada acima delle, sendo Elle o principio de todas as cousas, deve ser tambem o *fim supremo* destas cousas.

Deus porém une sempre aos interesses de sua gloria os nossos proprios interesses, de tal modo que referindo tudo a Elle, como fim, nós encontramos neste fim **ultimo** o nosso fim **particular.**

Nos ultimos dias de sua vida mortal, Jesus querendo realizar a sua grande obra de amor, deu-nos o seu proprio Corpo e Sangue como alimento de nossas almas.

Mas, nesta dadiva, Elle tinha em vista, depois de sua propria gloria, a mais nobre das creaturas sahidas das suas mãos.

Maria é a primeira em dignidade, a mais elevada em graça, a mais santa em meritos.

Instituindo a Sagrada Eucharistia, na qual o seu Corpo adoravel deve ser o alimento dos santos, Jesus Christo, segundo a ordem de sua sabedoria, devia ter em vista primeiro a sua santa Mãe, para que a mais divina das suas obras, se referisse á mais nobre e santa das creaturas.

Ha mais uma outra razão:

Deus ama todas as creaturas, pois todas são effeito de sua bondade, porém Elle ama tanto mais estas creaturas, quanto mais se aproximam delle.

Maria Sma. deve ser, pois, a mais amada de todas as creaturas, pois é ella que mais se aproxima de Deus, como sendo a mais perfeita imagem da divindade.

Deus ama a sua Egreja: ella é sua esposa, mas Elle ama muito mais a sua santa Mãe.

Maria é a sua Mãe, diz Suarez (1) e Deus proporciona mais graças a quem mais ama.

Deste principio São Bernardino de Senna tira uma bella conclusão: «O Salvador baixou á terra, diz elle, mais para preservar a sua Mãe de todo peccado do que para resgatar o resto da humanidade.

Na hora de nossa redempção, ella estava de um modo especial, presente no pensamento de Deus; donde podemos concluir sem temeridade que, na instituição da Eucharistia, Jesus Christo tinha em vista sua Mãe Santissima, querendo restituir-lhe, por meio deste Sacramento, o que della havia recebido».

Suarez affirma que a *primeira causa* da Eucharistia é Maria, Mãe de Deus.

Eis porque São Gregorio de Nisse chama a Eucharistia: *Sacramento da Virgem,* sendo Maria o principal objecto pelo qual a bondade divina operou estas maravilhas, como Maria o proclama no Magnificat: *O Todo poderoso fez em mim grandes cousas.*

* *

A estas provas e a estas autoridades póde juntar-se uma razão de alta conveniencia:

Era conveniente á divina Sabedoria restituir ao mundo, por uma Virgem: Maria, o que outra Virgem: Eva, lhe havia tirado.

Eva, a primeira Virgem e a mãe dos viventes, segundo a natureza, havia perdido para ella e para todos os seus descendentes o direito de comer da *arvore da vida.*

Deus quiz, depois da primeira Eva pecca-

1) In div. Thomaz q. 4 a 4.

dora, a Eva innocente e pura, Maria, para restituir aos homens, na ordem da graça, o direito de comer da verdadeira arvore da vida, que é Jesus Christo.

É pois logico que, instituindo a divina Eucharistia, Jesus Christo tivesse em vista esta santa reparadora do primeiro peccado.

Eva privou-nos do fructo da arvore da vida; Maria apresenta-nos o fructo bemdito do seu seio, feito pão dos anjos e alimento dos homens.

Tal doutrina é pois gloriosa, tanto para Jesus Christo como para Maria Santissima.

E este ensino tem o seu fundamento solido.

Este ponto é um dos encantos da doutrina do Veneravel Olier, exposta em sua obra «A vida interior de Maria».

Jesus Christo, diz o Veneravel, deixou a Eucharistia á Egreja, **por causa** de Maria.

Ella lhe pediu, continúa o P. Olier, para ella a instituição deste adoravel Sacramento, deste pão de vida, e conjurou ao Filho, que subindo ao céu, não a deixasse na terra sem este conforto.

Si Jesus Christo operou o milagre de Caná, com tanta bondade e presteza, a pedido de sua Mãe, é para mostrar-nos que concedeu o Sacramento Eucharistico á sua Egreja em attenção aos desejos de Maria Santissima.

Tal doutrina não é particular a uns theologos; diversos santos Padres professam-na em seus escriptos, desde os primeiros seculos do Christianismo.

Santo Ephrem, entre outros, diz que desde o nascimento do Menino Jesus, Maria Sma., conhecendo já os segredos do futuro, tanto do Filho querido, como da Egreja, que devia ser fundada, pedia a instituição da Eucharistia, para que

este Sacramento o tornasse presente para todos os christãos através dos tempos.

Eis as palavras que o Santo põe sobre os labios da Mãe de Jesus, suppondo-lhe o gozo da dupla presença: uma *exterior*, pela presença de sua santa humanidade, que tinha sob os olhos, e outra *interior*, pela presença do espirito de Jesus, que illuminava e enchia a sua alma.

O Santo ajunta que ella pedia a Jesus, que deixasse a si mesmo na Eucharistia, para o bem da Egreja para que os fieis que haveriam de gozar interiormente de sua presença espiritual (graça) o vissem tambem exteriormente no Smo. Sacramento, pela fé, e que deste modo a Egreja visse o seu Salvador, de dois modos, como ella o via. (1)

---

1) S Ephr.: — In nat. Dom. Serm. XI. p. 429 — *Equidem quem ipsa amo, omnes homines sibi habeant. Mihi fortasse soli in duobus formis decorem tuum ostendisti, tuam ore imaginem repraesentat panis ac mens!*

Memorare in pane, et in comedentibus illum. In utroque objecto, manifesto atque occulto, videat te, ut Mater, sic ecclesia tua.

Compares sunt, absens qui panem desideravit tuum, et praesens qui amavit formam tuam; in pane et in corpore viderunt te primi et novissimi. Attamen, conspicuus panis, Nate, tuos, aliqualenus pretiosior est quam corpus tuum. Illud namque viderunt etiam infideles, panem tuum vivum, non item; quocirca laetati sunt absentes, quoniam ipsorum sors sortem praesentium superavit.

Tal doutrina é formalmente professada, e com expressões admiraveis pelos seguintes theologos antigos que temos consultado:

Biblia Mariana, p, Fr. Joseph de S. Miguel, p. 352.

Salazar: Com. in Cap. IX, Prov. v. 4.

Hierarchia Mariana, p. Barthol. de los Rios lib. IV. p, 380.

Domus Sapientiæ. F. Lucas a Monteforti. p. 314

Theologia Mariana, a Virgilio Sedlmayr: Num. 1324. p. 568.

Opera. Salmeron. Tom. III. tract. 8,

Opera P. Damiani: Tom. II. p. 102.

Sendo a Eucharistia uma instituição divina pedida pela Sma. Virgem, em beneficio da Egreja, e tendo Jesus Christo attendido ao pedido de sua Mãe, póde-se e deve-se concluir que ella é a causa **final do agente** (finis operantis) e isso **immediata e proxima.**

V. A CAUSA FINAL DA OBRA

Podemos pois dizer que Deus resolveu a Encarnação como que attrahido ao mundo pela pureza da Virgem Immaculada; e que J. Christo instituiu a Sagrada Eucharistia por amor á sua Mãe Santissima a quem amava acima de todas as creaturas, porque, além de ser sua Mãe, era a mais santa de todas as creaturas.

E' a razão que Deus teve em vista (finis operantis)

Mas elle não se limitou a uma simples presença.

Elle se encarnou para salvar a humanidade. *Venit... Filius hominis salvare quod perierat* (Math. XVIII. 11).

Elle se fez pão na Eucharistia, para ser o alimento das almas, *caro mea vere est cibus* (Jo. VI. 56).

Mas a Eucharistia sendo um alimento divino, exige disposições divinas, para recebel-o.

Qui enim manducat... indigne judicium sibi manducat (1. Cor. XI. 29).

E' a graça que dá estas disposições divinas. *Justificati gratis per gratiam ipsius (Dei)* (Rom. III. 14).

Quem entre as creaturas seria mais digna de receber este pão dos anjos?

Necesariamente será aquella cuja graça é maior...

E esta creatura é Maria Santissima; pois só ella é cheia de graça.

Ave, gratia plena! (Luc. I. 28).

Póde-se dizer pois que Jesus Christo instituiu a Sagrada Communhão, de um modo especial para a Santissima Virgem e depois della e por ella para a salvação dos homens.

Um simples raciocinio convencer-nos-á desta verdade.

Deus não se deixa vencer em generosidade por suas creaturas.

Como Deus, Elle nada póde receber de nós, mas, como homem, havendo se collocado num estado de pobreza absoluta, Elle póde receber qualquer cousa de suas creaturas.

Sendo rico, diz o Apostolo, *elle se fez pobre por vós, afim de que fosseis ricos por sua pobreza* (II. Cor. VIII. 9).

Sendo Elle pobre, e nós ricos, podemos darlhe qualquer cousa, pois é o rico quem dá e o pobre quem recebe.

Como homem, Jesus Christo recebeu de Maria uma carne que não podia receber de seu Pae, e é nisto, dizem os santos doutores, que Jesus Christo é devedor a Maria, pois que Elle se tornou homem por ella.

* *

Jesus Christo recebeu duas cousas de Maria:

Pela Encarnação, a carne que o fez homem.

E durante a sua infancia recebeu o leite que o amamentou, que é como que o sangue de sua Mãe feito alimento.

Havendo Deus resolvido tomar a nossa natureza, convinha que a sua Mãe fosse uma Virgem, e querendo receber, como alimento, o leite

materno, era-lhe mister o leite de uma Mãe Virgem.

Convinha á sua santidade, que nascesse e fosse alimentado pela virgindade.

No céu Jesus Christo tira a sua origem e o seu alimento do seu Pae Virgem.

Meus cibus est, ut faciam voluntatem ejus qui misit me. (Patris) (Joan. IV. 34).

Para haver *relação* entre a sua origem no tempo e o seu nascimento eterno, necessario era que Elle nascesse de uma Virgem e por ella fosse alimentado.

Maria gerou o seu Filho de seu sangue immaculado e o alimentou com o seu leite virginal, pois só a virgindade podia alimentar com lyrios aquelle que só se compraz entre os lyrios.

Qui pascitur inter lilia (Cant. II. 16).

Diz-se ás vezes que é impossivel para os filhos retribuirem aos seus paes o que delles receberam.

Para os homens é impossivel.

Os filhos não podem restituir o sangue, o leite e a vida que hauriram do seio materno, mas Jesus vae fazer este milagre, restituindo á sua Mãe querida o sangue e o leite que della recebeu.

Restituil-os-á: no **Calvario** e na **Eucharistia.**

No Calvario: é o Sangue do Corpo de Jesus.

Na Eucharistia: é o leite de seu amor.

O Sangue que recebeu de Maria na Encarnação Elle o restituirá pela sua morte.

Maria é a fonte primeira deste Sangue.

Elle não se derramará no Calvario, sinão depois de ter passado das veias de Maria ás veias de Jesus.

Maria deu este Sangue a Jesus por amor.
Jesus lh'o restitue por amor.

E o leite materno... este sangue feito alimento suave, fortificante, Jesus tiral-o-á do seu coração, depois de tel-o tirado de suas veias para lavar o mundo, e collocal-o-á na branca Hostia, para ser o alimento espiritual de sua Mãe e, por ella, alimento da humanidade.

Aproxima-te, ó Virgem Santa, eis o seio do amor divino, o Tabernaculo, onde o teu Filho resolveu derramar o leite e o mel da sua ternura. *Terram fluentem lacte et melle* (Levit. XX. 24).

Elle quer retribuir-te como alimento o que Elle recebeu de ti como alimento: *Lac vobis potum dedit.* [I. Cor. III. 2).

Este leite é o sangue das tuas proprias veias, o qual deve formar a substancia de teu Filho na Eucharistia.

Jesus restituir-te-á centuplicado tudo o que recebeu de ti na Encarnação.

Tu lhe deste uma carne humana que o fez homem, Elle te restitue uma carne deificada que dá a vida eterna.

Qui manducat hunc panem vivet in aeternum (Joan. VI. 59].

O sangue que recebeu de ti era passivel e mortal, Elle te entrega um Sangue immortal e glorioso — *nunc justificati in sanguine ipsius* (Rom. V. 9).

Sahido de ti, este Sangue volta a ti como os rios voltam á sua fonte, depois de se terem transformado em vapor, em nuvens e chuva.

Tu alimentaste o teu Filho para a morte; Elle te alimenta para a eternidade.

O' Virgem Immaculada, como a tua maternidade é divinamente recompensada!

Deus, conforme o canta a Egreja, faz um milagre enchendo o teu seio de um leite que derrama do céu para nutrir a Jesus — *Virgo lactabat ubere de coelo pleno.* (Brev.: circum]

O amor fez em teu favor um outro milagre na Eucharistia, onde o teu Filho compõe um leite que jorra do seio da divindade, para alimentar-te, como a sua Filha, sua Mãe e sua Esposa.

Tudo o que recebeu de ti era humano e mortal, Elle t'o restitue immortal e glorioso, depois de tel-o deificado em si mesmo. Eis o que Deus já tinha em vista, decretando a Encarnação, e o que Jesus se propoz, instituindo a Sagrada Eucharistia.

Maria Santissima, deste modo, é verdadeiramente o fim proprio da Sagrada Communhão — o *finis operis* dessa sublime instituição.

Maria tem o primeiro direito á Communhão. É o seu Jesus... o Jesus de suas entranhas e do seu amor; ella tem direito de possuil-o.

E Deus, depois de ter alimentado a sua Mãe querida, depois de lhe ter restituido o que della recebeu, quer servir tambem de alimento a todos os seus filhos da terra, que Elle entregou á Maria, na hora da separação, no Calvario.

VI. CAUSA REMOTA DA EUCHARISTIA

Tal é a união estreita, a relação ineffavel que existe entre Maria Sma. e a Eucharistia.

A causalidade que, á primeira vista, pareceu ter uma applicação estreita e indirecta ao Sacramento do amor, nos revela ao contrario uma intimidade sem igual.

Ser a **causa material** da Eucharistia é

uma gloria unica, entre todas as grandezas divinas e humanas.

E Maria é esta causa material, pois é de seu seio purissimo que foi formada a substancia do Corpo de Jesus na Encarnação; e é este mesmo Corpo que está presente na Eucharistia.

Ser ainda a **causa final,** tanto do agente como da obra, é outra gloria que ultrapassa todas as glorias.

E Maria é tambem esta causa final, tendo Jesus Christo instituido este divino Sacramento, em vista de sua Mãe Santissima.

Ha ainda as causas **formal e efficiente,** que não podem ser applicadas á Maria, mas se referem directa e exclusivamente a Deus.

Causa remota é aquella que attinge o effeito mediatamente, isto é, por meio da causa proxima.

Falando em geral, não se póde dizer que Maria Santissima é a causa immediata do Santissimo Sacramento, porque ella é uma causa remota, havendo outras causas que se referem a Deus, seja a cada uma das Pessoas divinas, seja a Jesus Christo como Deus-homem.

E' principio theologico que, juntando-se privilegios diversos que não competem a cada um dos componentes de um grupo, não se póde attribuil-os ao grupo.

Por exemplo, Jesus Christo é divino pela sua *natureza*. Maria Sma. o é pela sua *maternidade*.

São José não o é, por nenhum titulo.

Não se póde dizer pois: os divinos Jesus, Maria, José, nem siquer os divinos Jesus e Maria, porque o nome **divino** tem uma significação distincta para Jesus e para Maria.

Jesus é divino por *natureza*.

Maria Sma. não é divina; ella tem um *contacto* com a divindade, pela sua maternidade; é pois só esta maternidade que é divina nella.

Póde-se dizer: a divina Mãe de Jesus; não se póde dizer: a divina Virgem, porque a Virgindade como tal não tem um contacto directo com a divindade de Jesus; deve-se dizer: a Santissima Virgem.

Na dupla causalidade de Maria Sma., aqui estudada: a causa *material* e a causa *final* são causas immediatas da humanidade de Jesus; as outras causas: a *formal* e a *efficiente,* são duas causas mediatas e remotas, de modo que devemos, tomando o termo mais fraco, attribuir a Sma. Virgem a causalidade geral que as abrange todas em sua parte inferior, isso é:

Causa mediata e remota da Sagrada Eucharistia.

Pela analyse, comprehendemos agora a significação propria desta asserção. Tal causa mediata e remota inclue duas *causas immediatas e proximas*, e estas causas são de summa importancia, embora não constituam a **causalidade** integra, completa.

Ora, tudo é ordenado ao fim.

O fim orienta e resume tudo.

Jesus Christo instituiu a Sagrada Eucharistia para Maria Sma. e, por ella, para a Egreja inteira.

O theologo Sedlmayr, em sua Theologia Mariana, considera este ponto como certo.

Dico Christum hoc Sacramentum instituisse magis propter solam Virginem, quam propter omnes fideles etiam collective sumptos, quia plus eam solam dilexit. Licet enim Christus propter fideles hoc Sacramentum instituerit, tamen id

non impedit quominus B. Virgo hujus institutionis causa fuerit (Tom. III. tract. 8).

* * *

Terminemos a exposição desta verdade, citando umas duas provas logicas para corroboral-a e mostrar o seu fundamento solido.

Desde a eternidade, Deus formou o plano de sua actividade *ad extra*, determinando que a salvação do genero humano se alcançaria pela Encarnação do Verbo.

O Verbo se fez carne e habitou entre nós (Joan. I. 14).

Deus realizou a obra de nossa redempção.

E' para salvar-nos, que Elle se fez homem: *Propter nostram salutem descendit de coelis, et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine.* (Symb.)

Ora, é por Maria e em Maria que o Verbo se fez homem e se tornou capaz de realizar a obra de nossa santificação.

Maria é, pois, a causa **immediata** e **proxima** da humanidade de Jesus, e causa **mediata** e **remota** de toda a obra redemptora, maximé da instituição dos Sacramentos.

«Primeira origem do Sangue de Jesus, diz Bossuet, é dahi que começa a espalhar esta corrente admiravel de graças, que circula em nossas veias, pelos Sacramentos, e que leva o espirito de vida em todo o corpo da Egreja.

Um segundo argumento fortifica o primeiro. A Encarnação depende do *livre arbitrio* da Virgem Santa, e em consequencia toda a obra redemptora.

Deus quiz, de facto, que um anjo viesse communicar á Maria o projecto divino, e que

ella pronunciasse o seu *Fiat mihi* como condição exigida, e só depois de tel-o pronunciado, cumpriu-se o grande mysterio.

Voluntaria e livremente Maria deu-nos o Redemptor e a Redempção.

Poderá alguem objectar que Maria dando o seu consentimento ao mysterio da Encarnação, não suspeitava o mysterio da Eucharistia, e que como tal este ultimo não póde ser um **dom formal,** que devemos a seu amor de Mãe.

A resposta é facil.

Póde e deve-se dizer que Maria Sma., acceitando a proposta divina, acceitou, ao mesmo tempo, de modo implicito, todas as **consequencias** da Encarnação.

Mas ha uma resposta mais concludente.

Maria Sma. conhecia a Eucharistia e consentia nella antes que fosse instituida por Nosso Senhor.

O divino Mestre, muito antes de sua paixão, predisse e prometteu a Eucharistia, como nos refere São João: *Eu sou o pão da vida; vossos paes comeram o maná do deserto e morreram; este é o pão que desceu do céu para que aquelle que delle comer não morra* (Joan. VI. 50).

Os discipulos duvidaram. São Pedro acreditou e respondeu: *Senhor nós cremos que tu és o Christo, Filho de Deus.*

Si tal era a convicção de S. Pedro, qual deve ter sido a convicção da Sma. Virgem? Melhor que todos, ella seguia e recolhia os ensinos de seu divino Filho, de modo que, desde então, ella deve ter tido uma sêde ardente pela instituição do Smo. Sacramento, desejando-a com todas as forças de sua alma.

Quando na *ultima ceia* o Salvador realizou o mysterio eucharistico, Maria já nelle tomára

parte em espirito: ella consentia á immolação mystica de seu Filho, á sua recepção sacramental.

Quando ella estava ao pé da cruz, num acto de sublime amor, offereceu seu Filho a Deus, pela salvação do genaro humano.

Ella o offereceu morrendo no Calvario.

Ella o offereceu como victima do sacrificio eucharistico.

Ella o offereceu como alimento espiritual das almas.

Maria é pois a causa *remota* e *mediata* da Eucharistia. É o seu titulo de gloria.

VII. CONCLUSÃO

Para ter, em poucas palavras, uma doutrina fundamental, é preciso recorrer a São Paulo, o homem das palavras decisivas. Elle escreve aos Romanos: *O Christo morreu e resuscitou para ser Senhor dos vivos e dos mortos* (Rom. XIV. 9).

O Christo morto e resuscitado é o Senhor de tudo, é o *Mestre*, o *Rei*, o *principio* e o *fim* —Elle é *tudo*... todo o resto é *para Elle* (Cor. III. 23). *O céu é o meu throno, e a terra é o escabello de meus pés*, diz Elle pelos labios de Santo Estevam (Act. VII. 49).

Como no Antigo Testamento, Deus podia dirigir o mundo actual, do alto de seu throno de gloria, nos relampagos do Sinai, nas nuvens do deserto, dando ordens, castigos e recompensas; ou no Templo inspirando os seus prophetas, e dirigindo, por elles, os seus escolhidos.

Elle não o quiz...

Quiz fazer *mais* e quiz fazer **melhor.**

Veio pessoalmente a este mundo para sal-

val-o e pessoalmente quer ficar entre nós, não cercado dos esplendores de sua majestade, mas no isolamento de seu Tabernaculo, donde continua a governar, a dirigir, a amar, pelos orgams por Elle estabelecidos, e que já temos contemplado.

Elle está ali — *Magister adest et vocat te.*

Mas não quer falar; fala pelos labios de seu Representante. de seu Vigario, o Santo Padre, o Papa.

Exteriormente Elle não ama; *está feito pão,* e o pão não é amor, é um alimento; Elle ama e derrama suas graças pelo coração de sua divina Mãe.

Elle é a força, o sustento, e este privilegio é o unico que Elle conserva para si. Não confia a ninguem esta força.

Elle dá ao Papa a sua *verdade,* á Sma. Virgem o seu *amor* e as suas graças, mas deposita na Hostia a sua **força divina.**

Precisando de *luz,* devemos recorrer ao Papa.

Precisando de *amor,* devemos recorrer á Maria.

Precisando de *força,* devemos recorrer á Mesa Sagrada, á Communhão eucharistica.

O Christo, deste modo, é tudo neste mundo; Elle é eternamente, como o proclamou São João: — *Elle estava no principio em Deus, todas as cousas foram feitas por Elle... nelle estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz resplandeceu nas trevas* (Joan. I. 2, 5).

Infelizmente aqui não termina a palavra do Evangelista: *A luz resplandeceu nas trevas...* mas elle ajunta, numa phrase terrivel, a expressão desta outra realidade negativa: *e as trevas não a comprehenderam.*

Elle é a luz, e nós somos as trevas. —*Eratis aliquando tenebrae...* (Eph. V. 8).

E onde brilha esta luz?

E' por falta de conhecer bem o seu fóco, que tantas almas andam ás apalpadelas, sempre hesitando, sempre duvidando, *levados ao sabor de todo o vento de doutrina, pela malignidade dos homens e pela astucia com que induzem ao erro* (Eph. IV. 14).

Olham, examinam, estudam, procuram e não comprehendem que a verdade, sendo **uma só,** está num unico logar, e este unico logar é o **Tabernaculo,** com as suas divinas irradiações.

Emquanto as almas não se convencerem desta verdade, ficarão fluctuando sem convicção.

Dahi a necessidade, como se está fazendo hoje, por inspiração visivel de Deus, de multiplicar os *Congressos* eucharisticos, as *adorações* perpetuas, as *Communhões* frequentes, as *manifestações* publicas, para salientar e pôr em plena luz esta grande e fundamental verdade que a Eucharistia é o **centro** de tudo neste mundo.

O Christo é tudo para as almas: *Omnia et in omnibus Christus* (Col. III. 11)

Elle é o fim que devemos ter continuamente diante dos olhos—*Ego sum principium et finis* (Apoc. I. 8).

Elle é a causa suprema de tudo — *Omnia per ipsum facta sunt* (Joan. I. 3).

O Christo é tudo para as almas: Elle é TUDO.

Mas lembremo-nos do adagio classico: *Tudo de Jesus, nada sem Maria.*

Este **tudo** nos vem pela Sma. Virgem.

CAPITULO IX

PRESENÇA DE MARIA
na Eucharistia

O que temos visto até agora pertence mais ás relações entre Jesus e Maria, do que á propria presença da Mãe de Jesus.

Estas relações, começadas pela Encarnação e perpetuadas pela Eucharistia, e sendo esta o prolongamento daquella, exigem necessariamente uma certa **presença.**

A identidade *individual* em Jesus, e a identidade *relativa* entre Jesus e Maria na Encarnação, nos indicam já esta presença.

Mas não é bastante.

Si a Encarnação é a fonte primordial da Eucharistia, ella não é a propria Eucharistia, e é desta ultima que tratamos.

Na Encarnação vimos a presença de Jesus em Maria e, como consequencia, pela identidade, a presença de Maria em Jesus, pelo seu sangue virginal, pela sua substancia formadora do Corpo de seu divino Filho.

Ahi tudo é bastante claro e comprehensivel, embora algumas noções biologicas e physiologicas exijam da parte do leitor uma certa preparação intellectual.

Tratando se da **presença de Maria** na

Eucharistia, abordamos a questão central e fundamental do nosso estudo.

A Eucharistia sendo o prolongamento da Encarnação, e estando Maria em Jesus, como Jesus estava em Maria, nesta encarnação, como o temos demonstrado, é mister que Maria se encontre igualmente na Eucharistia.

Mas, como? de que modo? em que sentido? e qual é o termo proprio desta presença?

São as perguntas que temos a responder aqui.

Estes termos podem facilmente induzir em equivoco, e até levar a erros grosseiros, e por isso convém determinar clara e theologicamente em que consiste a tal presença de Maria Sma. na Eucharistia.

I. VARIOS MODOS DE PRESENÇA

De quantos modos Jesus Christo póde estar presente entre nós?

De quatro modos:

1. De modo **physico,** como durante a sua vida mortal, e como está ainda na Sagrada Eucharistia.

2. De modo **moral,** como está nas creaturas, dotadas de intelligencia, tal o conhecido está no conhecente, ou a pessoa amada na amante.

3. De modo **mystico,** como Elle está na alma em graça, fazendo-a participar da sua propria natureza e deificando-a, na expressão da propria Escriptura,

4. De modo **glorioso,** como Jesus resuscitado estava no meio de seus Apostolos, gozando o seu Corpo das propriedades distinctivas da gloria.

Procuremos comprehender bem esta triplice presença de Jesus Christo nas almas.

1. Presença physica:

Jesus Christo é Deus e Homem. Deus perfeito e Homem perfeito, embora a natureza humana não possua nelle uma pessoa humana; a personalidade humana é substituida nelle por uma personalidade superior: a Pessoa divina.

Esta Pessoa, durante sua vida mortal, estava *physicamente* presente, a ponto que S. João poude dizer no começo da sua Epistola: *Nós vos annunciamos o que foi desde o principio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, e contemplámos, e apalparam as nossas mãos, relativo ao Verbo da vida.* (1. Joan. I. 1)

Esta presença physica de Jesus Christo continúa no Smo. Sacramento. E' o mesmo Jesus, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade que está ali *real e verdadeiramente presente,* porém velando aqui a sua humanidade sob o vestido das apparencias da Hostia, como durante a sua vida mortal velára a sua divindade, sob o véu da humanidade.

E' o mesmo Jesus, é a mesma presença physica.

2. Presença moral:

É a presença das faculdades espirituaes da alma.

Jesus Christo, como Deus e Homem, está presente em todo logar.

Embora a nossa alma fique em nosso corpo que informa, as faculdades por seus actos respectivos—*conhecer* e *amar*, irradiam-se através do espaço e do tempo.

Os objectos de fóra estão em nós, como o

objecto conhecido está na pessoa que conhece, como a pessoa amada está na amante.

A imagem do objecto fixa-se no olho; Jesus Christo fixa-se de modo analogo na intelligencia e no coração do homem. Esta presença é espiritual ou moral.

3. Presença mystica:

O homem não é simplesmente um ser intelligente, mas é elevado a uma ordem superior, á ordem *sobrenatural,* pela graça.

A graça é uma participação da natureza divina. (2. Pet. I. 4)

Tal participação se faz por transformação, pois para agir *divinamente,* o homem precisa de faculdades divinizadas.

Esta transformação chama-se *sobrenatural,* para significar que nos eleva acima da natureza, e até acima de toda natureza creada, e isto não somente por degraus mas por uma distancia essencialmente superior.

A graça é a propria transformação que nos diviniza.

Por ella Jesus Christo está pois presente em nós, tornando-nos participantes de sua natureza por meio de uma qualidade infusa: a graça.

A natureza é o principio da actividade.

Esta participação á natureza divina tem, deste modo, por fim fazer-nos agir divinamente, pela graça actual.

Deus está presente em nós.

Non adest, sed inest, diz muito bem S. Bernardo (1).

In ipso vivimus, movemur et sumus. (Act. XVII. 28), diz o Apostolo.

E' desta presença de Deus em nós que Je-

1) De consideratione l. V. c. 5.

sus Christo fala constantemente: *Meu Pae, eu nelles e tu em mim, para que sejam consummados na unidade... Assim, ó Pae, como tu és em mim, e eu em ti, eu rogo que elles sejam em nós uma mesma cousa.* (Joan. XVII. 20, 21)

4. Presença gloriosa:

E' a presença pessoal, corporal, completa, pois após a morte os corpos glorificados dos eleitos são dotados de certas propriedades, que lhes permittem deslocarem-se de um para outro logar, por movimentos successivos, com a rapidez do pensamento, podendo penetrar em toda parte, sem encontrarem nenhum obstaculo, tal o raio de sol penetra através de um vidro crystallino.

Tratando se da Mãe de Deus, tal *agilidade* assume proporções de uma quasi omnipresença simultanea, como Deus póde realizal-o em favor daquella que deve ser a *Medianeira* entre Jesus e os homens.

Devido á sua importancia excepcional, limitemo-nos, neste capitulo, ás três primeiras presenças, deixando a presença gloriosa para o capitulo seguinte, onde desenvolveremos mais pormenorizadamente e apreciaremos esta ineffavel e consoladora intimidade de Jesus e de Maria.

II. A PRESENÇA PHYSICA

Estará Maria Sma. physicamente presente na Hostia Sagrada, junto com o seu divino Filho?

—Não. Absolutamente não!

A presença physica deve ser absoluta e completamente removida, sob pena de cahir na idolatria.

A Hostia Sagrada contém o corpo, sangue,

alma e divindade de Jesus Christo. Contém tudo isso, **mas somente isso.**

Não póde haver na Hostia Sagrada, que tem direito ás nossas supremas adorações, nada das creaturas e, em consequencia, nada do corpo de Maria Sma.

Admittindo mesmo, natural ou milagrosamente, que o turbilhão vital não tenha perturbado a *identidade relativa* do Corpo de Jesus, e admittindo, em consequencia, que, pelo menos, uma parte da substancia corporal, que Jesus tirou da substancia de sua Mãe, nunca tenha sido eliminada por agentes naturaes, mesmo assim tal presença é absolutamente impossivel.

Para nos convencermos desta verdade, basta lembrarmo nos que o Corpo physico de Jesus lhe é **pessoal** e, como tal, apesar de sua identidade com a substancia formadora de Maria, não tem mais nada de commum com o **corpo** de sua Mãe Santissima.

Os elementos de um organismo, entrando no funccionamento physiologico de outro organismo, são, necessariamente, absorvidos por este ultimo, e lhe pertencem inteira e exclusivamente. E' um principio geral.

A moderna cirurgia chegou a transplantar partes accidentaes, de uma para outra pessoa, até de animaes para homens.

A orelha de um individuo, em certas occasiões, póde, por meio de uma operação cirurgica, ser enxertada no logar da orelha de outro.

Puxando-se esta orelha, quem sentirá a dor é a pessoa possuidora da orelha, e não aquella a quem pertencêra outróra.

Têm-se enxertado pedaços de estomago de vitello para concertar estomagos humanos, peda-

ços de pelle de animaes para fechar chagas em pernas humanas.

A transfusão de sangue de uma pessoa para outra é um facto por todos conhecido. A propria experiencia dos paes e filhos é a confirmação continua deste principio.

Os filhos são o prolongamento dos paes, a carne da sua carne, sangue de seu sangue; entretanto, todos comprehendem que, apesar da *identidade relativa* de sangue entre os dois, não existe mais identidade de pessoa. O pae não vive no filho, nem o filho no pae. São duas pessoas physicamente distinctas, e onde uma está, pelo facto, não ha razão de a outra estar.

Assim, tambem entre Jesus e Maria.

A Virgem Santa forneceu ao seu Filho a sua substancia, o seu sangue, porém, uma vez que esta substancia pertence á Pessoa de Jesus, deixa de pertencer á Maria.

Claro é, pois, que a presença physica de Jesus na Eucharistia não implica de nenhum modo a presença da Sma. Virgem.

A Sagrada Congregação dos Ritos, no Pontificado de Bento XV, condemnou a opinião de Zepherino de Someire e de Duplanchy, que em o livro do «Culto da Virgem no Sacramento do Altar», sustentava que parte da substancia physica, outróra possuida por Maria, estava *identicamente* conservada na Eucharistia.

Tal doutrina foi julgada, com razão, *erronea*, *perigosa* e *escandalosa*, e o culto que se pretendia prestar á Maria na Eucharistia, conforme esta opinião, foi igualmente reprovado.

E' logico. Notem bem a expressão, pois nestes debates o erro está muitas vezes numa unica palavra.

A substancia, dada pela Sma. Virgem, era

uma *substancia formadora,* de que foi formado o Corpo de Jesus.

A substancia possuida por Jesus, é uma substancia formada, ou resultante da transformação da materia fornecida por sua santa Mãe.

Ora, é impossivel haver identidade absoluta entre a materia formadora do corpo e o corpo formado, na ordem physiologica.

O corpo humano é uma officina chimica, onde entram diversos elementos, diversos componentes, que ficam ahi diluidos, preparados, mudados essencialmente em elementos novos, que nada mais têm de commum com os primeiros elementos.

Tomemos, por exemplo, um pedaço de pão, de carne, etc. O estomago dilue estes elementos, transforma-os, e faz delles nosso sangue e nossa carne, que nada têm de commum com os elementos formadores.

Assim aconteceu com a substancia de Maria Santissima fornecida a Jesus.

Esta substancia é real, mas é transformada em outra substancia, sendo esta nova substancia completamente differente e distincta da primeira.

Deve-se admittir, como já dissemos acima, que ha identidade de **formação** entre o Corpo de Jesus na Eucharistia e o corpo de Maria, pois ambos são formados da mesma substancia, mas são dois corpos physicamente distinctos, de modo que um não conserva physicamente nada do outro.

Santo Agostinho exprime claramente esta verdade, dizendo que «*a carne de Jesus é a carne de Maria*», não no sentido que a carne de Jesus seja um pedaço da carne de Maria, tomado por *divisão;* mas no sentido que o Corpo de Jesus foi formado pelos *mesmos elementos* forma-

dores do corpo de Maria, isto é, pelo seu sangue e o seu leite.

Assim especificada, existe realmente identidade de formação entre o Corpo de Jesus e o de Maria, como existe entre os paes e os filhos. Nada mais.

Não é uma identidade absoluta, uma paridade de equação, mas simplesmente de identidade relativa, de **formação.**

Maria Sma. forneceu a materia purissima, com que o Corpo de Jesus foi formado por obra do Espirito Santo.

Ella não forneceu o Corpo, mas sim a materia deste Corpo.

Como já ficou explicado acima, a mãe fornece as primeiras gottas de sangue fecundadas, de que é formado o *coração.*

Pela sua substancia, a mãe vae desenvolvendo este coração, o qual, por sua vez, concorre para o desenvolvimento do embryão, de modo que o sangue, embora seja da Mãe, e seja por ella lançado nos capillaceos do embryão, onde vae formando veias e arterias, é transformado pelo proprio embryão no sangue e na carne do corpo em formação.

Deste modo, este corpo em formação não é um pedaço do corpo da mãe, mas um corpo novo, formado pelo sangue da mãe.

Tudo isso é bem claro.

E' inutil querer ir além, até cahir no hypothetico!

E' bastante para a honra da Virgem Santa o ter formado, com sua substancia virginal, o Corpo de Jesus, ter-lhe dado a materia constitutiva de sua humanidade santa, ser verdadeiramente a *Mãe de Deus.*

Basta para a sua honra e dignidade.

Maria Sma. não precisa de nada mais para elevar-se!

E' a sua gloria suprema... a sua incomparavel dignidade.

Ha entretanto mais do que isso: ha a presença moral, a presença das faculdades da alma da Santissima Virgem.

III. A PRESENÇA MORAL

Excluida a presença physica da Santissima Virgem na Sagrada Eucharistia, é necessario descobrir outra presença, pois a Virgem Santa está ahi presente.

A presença physica é a mais fragil das presenças, ella nos impressiona mais, pois affecta os sentidos, é sensivel; entretanto, o que seria a presença physica, material, sem a presença moral?

Seria a presença de um cadaver, e ninguem quer tal presença.

A presença physica não é **um fim,** é um simples **meio;** é o primeiro degrau de uma escala ascendente, que vae subindo do corpo até á alma, da alma até Deus.

A presença da alma chama-se presença **moral** ou espiritual; a nossa alma é um espirito.

A presença physica tende á presença moral, como a flor tende ao fructo. A presença do corpo é para a presença da alma: *Nonne anima plus est quam corpus?* (Math. VI. 25).

Santo Ignacio, o Santo Padre Eudes e Leão XIII, na Encyclica *Fidentem*, falam desta presença da Sma. Virgem na Eucharistia e procuram, nesta presença de Maria, um accrescimo de devoção, tanto para com a Sagrada Eucharistia, como para a Sma. Virgem; mas elles não determinam o modo desta presença.

Tal presença é uma necessidade, por causa do papel da **Mediação Universal** de Maria.

Si não existisse na Eucharistia nenhuma presença de Maria, seu papel seria exclusivamente de supplicante, de orante, o que é contrario ao ensino da tradição e da Egreja.

A presença **moral,** na ordem *metaphysica,* é mais que a presença meramente *physica.*

Na ordem *physiologica,* entretanto, a presença *moral* é inferior á presença *physica.*

Tratamos aqui da presença na ordem metaphysica.

A presença moral é a presença da alma, por meio das suas faculdades.

Um homem póde estar physicameute presente e moralmente ausente; póde tambem estar moralmente presente e physicamente ausente.

A alma está substancialmente unida ao corpo e exerce suas faculdades por meio do corpo, sem limitar-se ao corpo. Estende-se além do corpo, transborda do mesmo corpo.

A alma, ligada ao corpo, não póde substancialmente sahir delle sinão pela morte, mas delle sae moralmente, isto é, pelas suas faculdades.

Illustremos estes principios com um exemplo da vida pratica.

Podemos estar presentes physicamente numa sala, mas ficar tão distrahidos, que nada percebamos do que se passa em redor de nós. E' uma presença meramente **physica.**

Longe da patria, podemos rever em espirito a familia, a casa paterna, os amigos, como si estivessemos ao lado delles, conversando com elles, amando-os: é a presença **moral.**

Santo Thomaz expõe claramente este ponto.

Na ordem natural, explica-se como se segue

que o objecto de nosso conhecimento e de nosso amor está em nós,

A idéa ou a imagem dos seres que conhecemos, está de facto em nossa intelligencia; é a razão porque dizemos: isto entrou em meu espirito... isto não me sáe da lembrança, fulano tal está presente em meu pensamento.

E quando o amor se ajunta a este pensamento, nós dizemos do objecto amado: «nós o trazemos em nosso coração, porque nos comprazemos nelle, como si estivesse presente; agimos para com elle como para nós, e o consideramos como um outro *nós*.

E' deste modo que o amado está naquelle que ama.

E, por uma reciprocidade natural, amando, sahimos, de certo modo, de nós mesmos, para ir de espirito e de coração, para o objecto de nosso amor; queremos penetrar nelle até no amago da alma, para delle *gozar* intimamente.

Entramos em suas idéas, suas affeições, suas alegrias e provações, identificamo-nos com elle, o quanto possivel, pela conformidade de vontade e de maneiras.

Eis como o amado está naquelle que ama.

Onde está o vosso thesouro, ali está o vosso coração, disse Jesus Christo. (Math. VI. 21)

Tal é a presença moral, presença de pensamento e de affecto. Aquelle que amamos póde estar physicamente ausente, mas está presente em nosso espirito, e nós vivemos para elle.

Como já ficou dito e explicado, Maria Sma. sendo uma pessoa distincta de Jesus Christo, não póde estar physicamente presente na Eucharistia.

Mas estará ella ahi moralmente?

Estará ella ahi pela sua alma, pelas faculdades desta alma? com seu grande coração?

Oh! sim, mil vezes sim. Não póde haver duvida a este respeito. Ella está perto de seu filho.

O seu **espirito** adora, supplica a Jesus.

A sua **vontade** procura o bem de Jesus, que é o bem das almas.

O seu **coração** lança chammas de amor, de amor para com Jesus, e para com os homens. Ella está ahi **moralmente** presente: a duvida é impossivel.

Divina e encantadora verdade!—Maria Santissima está perto da Hostia Sagrada, não physicamente, como ella estava perto do presepio, perto da cruz no Calvario, perto dos Apostolos no Cenaculo, para com elles receber o Espirito Santo, mas ella ahi está espiritualmente, moralmente presente.

Que dizemos? Ha mais do que isso.

Ao lado do **presepio,** ella estavava *physicamente* prostrada aos pés de Jesus e *moralmente* estava no proprio Jesus, para adorar o Padre Eterno e offerecer o Verbo feito homem ao mundo, e o mundo a Jesus.

No **Calvario,** ella estava physicamente em pé, ao lado da Cruz, e moralmente estava em cada uma das chagas sanguinolentas, unindo ao Sangue de Jesus o martyrio de sua alma.

No **Cenaculo** ella estava physicamente prostrada de joelhos para receber a Hostia divina, e moralmente estava na mesma Hostia, unida ao seu Filho adorado, como durante os nove mezes de sua união physiologica com Elle.

No dia de **Pentecostes** ella estava physicamente de braços estendidos para receber o Espirito Santo, e moralmente estava unida a este

mesmo Espirito divino, que a animava como a sua Esposa querida.

Presença moral, presença de alma, completando e elevando a presença physica, do corpo.

E' já uma antecipação da presença gloriosa de Deus no céu, onde havemos de contemplal-o face a face, emquanto aqui na terra podemos apenas vel-o, como num espelho, através das sombras da fé — *Videmus... per speculum in aenigmate* (1 Cor. XIII. 12).

Que presença admiravel!

Porque procurar além? A presença physica nada valeria sem a presença moral.

A presença do corpo é passageira e ephemera.

A presença da alma é profunda e solida.

Porque desejar o corpo, quando temos a alma? — *Da mihi animas, cætera tolle tibi* (Gen. XIV. 21).

A alma de Maria... Alma Immaculada... Alma divinamente transfigurada... A grande obra-prima de Deus!...

Recebo a Jesus na Hostia Sagrada e, unido a este Jesus, num eterno amplexo que ultrapassa a todas as figuras da imaginação, todas as pesquizas da intelligencia, todo o poder da vontade e os anhelos do coração, encontro a alma da Virgem Santissima.

Parece que o seu amor serve de auréola á pequena Hostia!

Parece que o seu beijo virginal communica á Hostia uma suavidade divina.

E' sempre Jesus de Maria. É sempre Maria de Jesus.

E' sempre ella que apresenta o Menino-Deus ás adorações dos visitantes — *Et in invenerunt puerum cum Maria, matre ejus.*

Meditemos esta doce verdade. Compenetremo-nos della, para que entre Jesus e nós se estabeleça esta suave intimidade que Elle pediu a seu Pae: *Eu nelles e tu em mim, para que sejam consummados na unidade* (Joan. XVII. 22).

IV. A PRESENÇA MYSTICA

Da ordem **physica** (presença do corpo) e acima da ordem **moral** (presença metaphysica) chegamos á ordem **mystica** (presença pela graça), deixando para o capitulo seguinte a ordem da *gloria* (presença gloriosa).

E' um mundo novo: o mundo de Deus.

Penetremos neste mundo, para ahi descobrirmos a verdadeira presença da Virgem Immaculada: a sua presença **mystica.**

Este termo precisa de uma explicação clara, theologica, para ser bem entendido e applicado: pois na linguagem corrente, como em ascetica e mystica, elle tem uma significação um pouco differente.

A *hermeneutica* póde dar-nos uma significação rigorosa, firme, que determine exactamente o sentido da palavra.

A hermeneutica, explanando os diversos sentidos das palavras na Sagrada Escriptura, admitte um sentido *literal* e um sentido *mystico. (1)*

O sentido literal é o que resulta da significação natural das *palavras.*

---

1) Unicus sensus eorum dicitur literalis, quia illum solum litera intendit; cæteri autem non sunt sensus literæ, sed rerum signatarum per literam et ideo sensus cæteri dicuntur mystici..

Dicendum est etiam quod sensus mystici non sunt determinati; literalis autem semper est determinatus. (S. Thom. Quodlib VII. q. a 16)

O sentido mystico é aquelle que é expresso *pela coisa* significada, e não pelas palavras.

Por exemplo, dizendo: *Egreja,* tal palavra exprime o edificio do culto: é o seu sentido literal; mas a cousa significada é a Egreja universal, ou reunião de todos os fieis: é o sentido **mystico.**

Jesus Christo diz: *Eu sou o bom Pastor — Ego sum Pastor bonus* (Joan. X. 11).

O sentido literal da palavra é a pessoa que pastoreia um rebanho.

O sentido mystico da coisa é: a vigilante bondade de Jesus Christo.

O termo: *mystico,* não é pois um tropo, uma figura, uma simples comparação, é uma *realidade,* porém uma realidade que a palavra empregada não exprime directamente, mas que a coisa significada pelo termo nos manifesta.

Dizendo que Jesus Christo é o «Bom Pastor», temos logo a idéa de um homem conduzindo um rebanho de carneiros.

E' o sentido literal.

Substituindo este rebanho de carneiros por uma multidão de homens, e o pastor por Jesus Christo, temos o sentido *mystico* do texto.

Jesus é o Bom Pastor.

Do sentido mystico, chegamos logicamente á presença mystica.

Uma pessoa póde estar presente: *physicamente* pelo corpo, *moralmente* pelas faculdades da sua alma e *mysticamente* pela graça, que vamos explicar aqui.

* *

A EGREJA: CORPO MYSTICO

Temos na Sagrada Escriptura um exemplo esplendido e expressivo da presença *mystica.*

São Paulo compara a Egreja, ou melhor: identifica a Egreja com um corpo, do qual Jesus Christo é a cabeça e nós os membros, sendo, no dizer dos Santos Padres, Maria Sma., o pescoço que une os membros á cabeça.

E' o *corpo mystico* de Jesus Christo. (1)

O seu corpo natural é o que recebeu da Virgem Immaculada, por obra do Espirito Santo.

Ipse (Filius) *est caput corporis Ecclesiæ* (Col. I. 18).

Este corpo mystico do Salvador não é simplesmente uma sociedade firmada entre Jesus e nós por meio de uma communhão, mais ou menos perfeita, de idéas, de sentimentos e de obras; é preciso tomar a palavra no sentido *verdadeiro*, pois é uma verdade e não uma simples figura.

Membros deste corpo, nós vivemos da propria vida deste corpo; não de uma vida que é a imagem da vida de Jesus Christo, por perfeita que seja esta imagem, mas da sua propria vida, como se vê claramente nas palavras sagradas: *Divinæ consortes naturæ — Ego sum vitis et vos palmites. (2)*

Pela graça participamos da natureza divina.

A natureza é o principio da actividade.

Participamos pois da actividade de Deus, podendo, como Elle, agir divinamente.

---

1) Sicut in uno corpore multa membra habemus, omnia autem membra non eumdem actum habent: ita multi, unum corpus sumus in Christo (Rom. XII. 4, 5).

Vos autem estis corpus Christi et membra de membro (1 Cor. XII. 27).

Membra sumus corporis ejus, de carne ejus, ossibus ejus (Eph. V. 30).

2) Joan. XV. 5 — Ler sobre este assumpto o nosso livro: «Principios theologicos da vida de intimidade», cap. 29: O corpo mystico, onde esta bella doutrina é exposta em sua plena applicação á Maria Sma. e ás almas.

Ha pois união verdadeira entre o corpo e os membros, entre Jesus Christo e a alma em estado de graça.

Esta união é tão intima que o Salvador chega a comparal-a á união que existe entre o tronco e os ramos de uma videira.

Ego sum vitis et vos palmites — Eu sou o tronco e vós sois os ramos (Joan. XV. 5).

Viri caput Christus.

O Christo é a cabeça do homem (1 Cor. XI. 3).

A Egreja é o Corpo mystico de Jesus Christo. Ora, este corpo não é um cadaver: é um corpo vivo.

Logo, Jesus Christo está vivo neste corpo.

Comparando este corpo com o tronco e os ramos da videira, o Salvador nos quer mostrar que, assim como uma mesma seiva percorre e anima ambas estas partes da videira, Elle anima pela sua propria vida, o seu corpo mystico inteiro.

Jesus Christo está physica e moralmente presente em seu Corpo natural.

Elle está *mysticamente* presente em seu corpo mystico.

* * *

A MISSA: SACRIFICIO MYSTICO

Encontramos outra applicação de uma **realidade mystica** no santo Sacrificio da Missa.

A Missa é o *memorial* e a *reproducção* do Sacrificio do Calvario: é uma immolação verdadeira.

O Sacerdote diz sobre a hostia: *Este é o meu corpo,* e é o corpo de Jesus Christo; elle diz sobre o vinho do calice: *este é o meu sangue,* e eis que, em virtude das palavras, estão ahi presentes separadamente: o corpo e o sangue do Salvador.

As palavras da Consagração significam em si mesmas: **a separação,** separação que inclue necessariamente a **morte.**

A morte é a separação do corpo e da alma.

Pela separação do corpo e do sangue, a alma de Jesus se separa destes dois elementos essenciaes do corpo, e o corpo se torna um cadaver immolado.

E' isto que constitue a *essencia* do Sacrificio da cruz—*Continetur et incruente immolatur,* diz o Concilio de Trento (Sess. 22 e 2)

Si esta separação, que devia effectuar-se não se effectua, é por ser impedida pela lei da connexão ou da *concomitancia,* que faz com que um não póde existir sem o outro.

Ambos são inseparaveis, porque o Christo resuscitado não morre mais: *Christus resurgens ex mortuis, jam non moritur* (Rom. VI. 9).

A Santa Missa renova deste modo o sacrificio do Calvario, porém renova-o de um modo **incruento,** não produzindo a separação physicamente, mas *mysticamente.*

O Sacrificio da Missa é pois um sacrificio verdadeiro, (1) porém é um sacrificio incruento, **mystico.**

*

A GRAÇA: PRESENÇA MYSTICA

Encontramos um outro exemplo da presença mystica de Jesus em nossa alma.

Na Sagrada Communhão recebemos o corpo verdadeiro, physico, de Jesus Christo, com a sua alma e divindade.

---

1) O Concilio de Trento diz: Si alguem disser que na Missa não é offerecido a Deus um sacrificio verdadeiro e propriamente dito, seja anathema (Sess. XIII. 1)

E' uma presença physica e moral.

Jesus Christo porém não permanece em nós physicamente...

E' uma passagem... tão curta infelizmente

Elle passa...

Não desapparece entretanto...

O que passa: é a sua presença *physica*.

O que permanece: é a sua presença *mystica*.

Esta presença é a sua graça... é a participação á sua natureza divina... é um *accrescimo* da sua vida em nós.

Um accrescimo?

Logo, Elle vive em nós; pois para crescer é preciso viver.

E si vive em nós, Elle fica presente em nós.

Tudo isto é verdade, e num sentido mais alto e mais profundo do que se julga geralmente.

Ha pessoas que pensam que Jesus Christo, após a Communhão, pela destruição das apparencias, desapparece, deixando apenas após si um como perfume que se evapora, uma luz que vae se apagando, um calor que se vae resfriando.

Tudo isso é falso: J. Christo não está localizado na Hostia Sagrada, Elle não está preso nella, limitado por ella. A Hostia é apenas o *signal* da sua presença. O signal póde desapparecer, e a presença continúa. E' apenas uma mudança *no modo* de estar presente.

Na Communhão Elle estava **physicamente** presente. Após a Communhão Elle continúa **mysticamente** presente, pelo accrescimo da sua vida, pela communicação á sua natureza divina: o que nós chamamos: a graça.

Eis outra presença mystica de Jesus em nós.

Eis, pois, bem determinado o termo «**mysti-**

co» e a realidade da *presença mystica*, no sentido theologico e hermeneutico.

Destas noções e destes factos, fica patente que a presença **mystica** é uma *presença verdadeira* e não simplesmente figurativa, symbolica.

Tal termo «*mystico*», em sua significação literal, não diz o que significa em seu sentido mystico.

O termo indica o que é mysterioso, escondido. Sim, é mysterioso, escondido, mas é verdadeiro.

Seria possivel encontrar ou inventar outro termo que, talvez, exprimisse melhor a presença de Maria Sma. na Eucharistia, pois sentimos que o termo «mystico» não exprime ainda tudo o que existe de intimidade entre Jesus e Maria, porém é melhor ficar na terminologia conhecida e adoptada pelos theologos, para evitar qualquer mal entendido e qualquer interpretação exaggerada.

Examinando de perto e em todas as suas modalidades a presença de Maria na ordem da *graça* e da *gloria*, encontramos uma presença tão intima, tão sagrada, que se parece quasi com a presença *substancial*.

Tal termo, entretanto, tendo em philosophia e em theologia uma significação restricta, firme, não seria prudente dilatar esta significação, sob pena de cahir no equivoco, pois nem todos sabem distinguir logo a *presença* propria a cada uma das ordens: physica, moral, mystica e gloriosa.

E' preferivel, pois, dizer *menos*, mas de um modo claro, do que dizer mais e de modo equivoco e incerto.

Adoptamos, pois, o termo: **presença mystica,** como sendo o mais claro e o mais theologico, no sentido aqui exposto pelas comparações da Egreja e da Sagrada Communhão.

V. JESUS PRESENTE EM MARIA

Tendo uma idéa exacta da *presença mystica,* ser-nos-á facil applicar este termo á presença de Maria Sma. na Sagrada Eucharistia.

Antes de fazer esta applicação, devemos expor uma dupla verdade que constitue a base desta presença, na ordem sobrenatural:

A presença de Jesus *em Maria*, e
a presença de *Maria em Jesus.*

Provadas estas duas presenças, resta apenas fixar o olhar sobre a divina Eucharistia, para ali encontrar, perpetuada no amor, esta mesma presença pela graça.

A graça é um dom divino, pelo qual Deus se une sobrenaturalmente á sua creatura racional.

Pela graça Deus habita em nós, como num templo: é uma verdade que a Sagrada Escriptura repete a cada passo.

Sois o templo de Deus, diz São Paulo, *e o Espirito de Deus habita em vós... E' santo o templo de Deus que sois vós. (1)*

Deus é amor, e quem permanece no amor fica em Deus e Deus nelle. (2)

São Boaventura diz que Deus habita na alma, a enche e repousa nella com amor. Não desce nella por um movimento da essencia immutavel, mas por uma effusão de seu amor, por uma influencia da sua propria vida. (3)

---

1) Nescitis quia templum Dei estis, et Spiritus Dei habitat in vobis?... Templum enim Dei Sanctum est quod estis vos (1 Cor. III. 16).

2) Deus charitas est et qui manet in charitate, in Deo manet, et Deus in eo (1 Joan. IV. 16).

3) Deus non condescendit per sui essentiam incommutabilem, sed per suam influentiam ab ipso manentem (S. Bonav. Brevil. V. 1).

Si isto é verdade para todo homem em estado de graça; quanto mais o é, para Maria, cheia de graça.

Com que intensidade Deus vive neste Tabernaculo ineffavel de pureza e de amor que é a Virgem Santa! não mais durante a sua vida mortal, o que já vimos no começo deste estudo, mas na vida sobrenatural da graça, que se prolonga no Tabernaculo, onde Jesus e Maria continuam a sua vida de incomparavel união.

A graça faz viver Deus em nós, e nos faz viver em Deus. A palavra de Jesus Christo é clara e positiva: — *Manete in me, et ego in vobis* (Joan. XV. 4).

Cognoscimus quoniam in eo manemus, diz ainda S. João (1 Joan. IV. 13).

E' o que fazia dizer a S. Paulo, que não era elle mais que vivia, mas sim o Christo que vivia nelle.

Vivo autem, jam non ego, vivit vero in me Christus (Galat II. 20)

Um ser está presente ali onde exerce a sua acção, dizem os philosophos; si não estiver ali presente pela sua substancia, está presente, ao menos pelo seu poder, devendo necessariamente attingir, de qualquer modo, o logar em que age.

E' deste modo que nós dizemos que o sol está presente no aposento que illumina.

O sol, como substancia, não está neste aposento, mas está ali pela sua *luz.*

Ora, a luz é uma qualidade do sol.

Uma qualidade, sendo um accidente, não póde existir sem a substancia ao qual adhere e da qual dimana.

Podemos pois dizer que o sol está presente no aposento illuminado por elle.

Não é uma presença *substancial:* é uma

especie de presença *mystica*, na ordem natural.

E' neste sentido que Jesus Christo diz: Eu estou em vós. *Ego in vobis.* (Joan. XV. 4)

A sua humanidade não está em nós *substancialmente*, o que só acontece na Sagrada Communhão; a sua divindade, entretanto, está em nós, substancialmente, pela sua *omnipresença*, porque Deus sendo um *ser* simplesmente simples, sem divisão possivel, onde está a sua acção, ali está a sua natureza, principio desta acção; e onde está a sua natureza, ali está a sua substancia, porém aqui, tratando-se de Jesus Christo Deus-Homem, não dizemos que está substancialmente onde age, mas está ali *mysticamente*, tal o sol no aposento que illumina.

Eis o que é verdade para todo homem em estado de graça.

E' o que exprime a phrase classica de São Dionysio Areopagita: A deificação da creatura, emquanto é possivel, consiste na semelhança e união com Deus. *Deificatio est ad Deum, quantum fieri potest, assimilatio et unio.* (1)

Isto é verdade para cada alma em estado de graça: e de um todo particular o é para a Mãe de Jesus, *cheia de graça.*

Cheia de graça, quer dizer: cheia de semelhança com Deus... toda resplandecente de Deus, como diz Santa Thereza: «A graça lava a alma e lhe dá esta transparencia interior, pela qual Deus, luz increada, se une a ella e a torna semelhante a si, fazendo-a luminosa». (2)

A graça não mudou a natureza de Maria na natureza divina; ella permanece creatura, porém Deus lhe communica uma perfeição modelada

1) Hierarchia Eccl I. 3.
2) S. Ther: Chateau de l'âme Ch. II.

sobre a sua natureza (1) o que lhe permitte, emquanto a creatura é capaz, fazer operações proprias á divindade.

Quaes são as operações proprias de Deus?

E' de *se conhecer*, tal qual Elle é em si mesmo, e de *amar-se*, com um amor correspondente a este conhecimento.

Em virtude da plenitude da sua graça, Maria conhecia a Deus, tal qual Elle é, pela fé, e o amava na medida deste conhecimento, *com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças* (Luc. X. 27).

Esta presença, porém, é antes uma **habitação** que uma simples presença; é aliás o termo theologico empregado para significar a presença substancial da Santissima Trindade em nós.

Vejamos em que sentido deve ser tomada esta habitação.

Como já vimos, a presença **moral** de Deus na alma é como o conhecido no conhecente ou o amado no amante.

A graça nos eleva a uma ordem superior, á ordem sobrenatural.

Pela *fé e a caridade*, não é mais simplesmente a idéa de Deus que está em nosso espirito, nem um laço de affeição que nos une a Elle: é o proprio Deus, em sua *essencia*, que alcançamos e que desce em nossa alma divinizada por esta presença.

A fé nos faz conhecer a Deus, imperfeitamente, e nol-o mostra como diz S. Paulo, como num espelho: *Nunc videmus... per speculum, in ænigmate*, [1 Cor. XIII. 12), porém esta primeira

---

1) Franzelin caracteriza esta participação por duas palavras: *formalis et analogica*. E' uma fórma ou modo de ser divino. Em Deus este modo de ser é da sua essencia, em nós elle é um acccidente.

vista, ainda imperfeita, deve um dia resolver-se *face a face*, na gloria suprema, onde a nossa intelligencia alcança a essencia divina: *Tunc autem facie ad faciem.* (Ibid.)

Ha aqui um principio de transição a notar, que nos vae aproximar de Maria.

Jesus Christo está no homem, conforme a intensidade da sua graça.

Comprehendemos que a graça não está em cada homem de modo igual, com igual intensidade.

Não ha differença de especie: a graça é uma só: *é uma participação á natureza divina*; e esta natureza é uma só; mas ha differença de grau.

A graça é uma qualidade da alma; ora, póde-se possuir uma qualidade em grau maior ou menor.

A bondade é igualmente uma qualidade, porém entre a bondade da Virgem Santa e a bondade de um S. Francisco de Sales ha uma distancia immensa. Ambos eram bons, mas em grau differente.

Jesus Christo habita em todas as almas conforme a intensidade da graça destas almas, e esta graça depende das suas disposições, do mesmo modo que o sol, penetrando em diversos aposentos, não os illumina a todos igualmente.

Um aposento recebe mais luz do que o outro, conforme a sua disposição. E' o mesmo sol, porém a luz não é aproveitada na mesma intensidade.

Assim acontece com a presença de Jesus nas almas.

A alma de um santo e a alma de um christão commum recebem ambas a mesma graça, porém esta graça se espande com mais intensidade na alma do santo, porque ella está mais preparada.

*

A Mãe de Jesus recebeu a graça ou presença de Jesus Christo, com disposições perfeitissimas, attingindo o auge da perfeição que uma creatura póde alcançar.

Recebeu pois a plenitude da graça, ou a plenitude da presença de seu Filho.

E' a significação da saudação do Archanjo: *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco!*

Notem bem a ligação destes dois termos sagrados:

Maria *é cheia de graça.*

Logo, é *cheia da presença* do Senhor.

O Senhor está com ella na plenitude da *sua presença,* e esta plenitude de presença ultrapassa a sua presença em todos os outros Santos, como a sua graça ultrapassa todas as graças concedidas aos Santos.

Provemos esta asserção gloriosa para Maria.

O amor divino é creador, de modo que para Deus: *amar é dar;* amar, na ordem sobrenatural, é dar dons desta ordem, e estes dons são a graça.

Ora, é certo que Deus amava a Maria, acima de todos os Anjos e Santos, pois a considerava e amava como a sua futura Mãe.

Logo, devia dar-lhe mais graças que a todas as outras creaturas.

E' a opinião da maior parte dos theologos marianos.

São Vicente Ferrer diz: «Maria em sua con-

ceição recebe a plenitude das graças que são dadas parcialmente aos outros santos». (1)

Veiga, (2) Contenson, (3) Santo Affonso, (4) P. Hugon (5) sustentam a mesma doutrina.

Maria é pois cheia de graça, cheia de uma plenitude que póde augmentar e que augmentou, á medida que a sua alma foi se dilatando pelas graças e pelos privilegios, com que o Altissimo ia enriquecendo, cada vez mais, esta existencia unica da Mãe de seu Filho.

Jesus vivia em Maria, estava presente em Maria, e Maria se unia á sua acção, com toda a extensão de sua intelligencia e todas as forças de sua vontade, de modo que mais ella crescia em graça, em merito e em amor, mais Jesus expandia nella a sua vida divina.

O Filho e a Mãe pareciam ter retomado, como outróra, a mesma vida; porém, desta vez, era Maria que a recebia; e a vida que lhe era dada, em troca pela vida humana que havia dado a Jesus, era uma *vida divina*.

Ella podia exclamar com muito mais razão que São Paulo: Eu vivo, não eu, é Jesus que vive em mim. *Vivo autem, jam non ego, vivit vero in me Christus.* (Gal. II. 20)

VI. MARIA PRESENTE EM JESUS

Jesus está presente na alma pela sua graça; vive nesta alma, toma o seu repouso nesta

1) Cœteris per partes datur gratia Dei, in Maria autem tota se diffundit gratiæ plenitudo. In Virgine Maria formato corpore et creata anima, statim fuit sanctificata (S. Serm. de Conc. M.)

2) Theologia Mariana. n. 1160.

3) Theol. mentis et cordis. I. X. diss. 6 cap. I.

4) Glorias de Maria Sma. II parte. Serm. 2. Nat. M.

5) La Mère de grâce, cap. II.

alma; mas ahi não se limita o seu amor: Elle permitte ao homem viver nelle.

Deus in eo manet, et ipse in Deo.

Deus reside nelle, e elle reside em Deus, diz S. João (1 IV. 15).

Quem conserva a caridade, permanece em Deus, e Deus nelle. (1)

Como elle vos ensinou, permanecei nelle... E agora, filhinhos, permanecei nelle (1 Joan. II. 27, 28). (2)

Note-se que, nos textos inspirados, estes dois termos se completam: Deus permanece em nós, pela sua graça: e nós permanecemos nelle.

Spiritus Sanctus habitat in vobis per gratiam, diz Santo Thomaz. (3)

Donde devemos concluir que nós permanecemos nelle, conforme o principio de Sto. Thomaz: «Os seres espirituaes contêm aquillo em que estão: assim a alma contém o corpo, como o corpo contém a alma». (4)

Maria Sma. estando cheia de graça, está, pois, cheia da presença de Deus; e na mesma medida que Jesus está em Maria, ella está em Jesus.

Jesus está, pois, cheio de Maria.

Maria estava em Jesus, não na plenitude absoluta, porque Jesus, como Deus, é infinito; e o finito, como é Maria Sma., não póde encher o infinito; porém ella estava presente em Jesus, numa plenitude *relativa*, no sentido que ella estava contida nelle, pela virtude de sua acção,

1) Qui manet in charitate, in Deo manet, et Deus in eo (7 Joan. IV. 16)

2) Et sicut docuit vos, manete in eo. Et nunc, filioli, manete in eo.

3) Sum XII. q 102 1.

4) Spiritualia continent ea in quibus sunt, sicut anima continet corpus (Sum q. VIII. a 1 ut 2)

envolta por Elle, o que Santo Thomaz chama in virtute causae agentis.

Maria estava em Jesus, pela união mystica da graça: é o que explica porque ella está unida a todos os grandes mysterios da vida de Jesus.

Jesus, vindo neste mundo, vem *por Maria*.

Jesus santificando o seu precursor, o santifica *por Maria*.

Jesus, fazendo o seu primeiro milagre, o faz *a pedido de Maria*.

Jesus instituindo o seu Sacramento de Amor, o faz *perto de Maria*.

Jesus, começando a sua paixão, o faz *em união com Maria*.

Jesus, morrendo pela salvação do mundo, morre *sob o olhar de Maria*.

Jesus, resuscitado, apparece *primeiro* a Maria.

Jesus, subindo ao Céu, eleva-se *sob o olhar* de Maria.

Jesus enviando o seu Espirito de Amor, o faz repousar primeiro *sobre Maria*.

Jesus, sobrevivendo no Tabernaculo, não póde mais separar-se *de Maria*.

E' Maria em toda parte, em todas as scenas da sua paixão e morte, em todas as manifestações da sua gloria.

Em toda parte Jesus está com Maria. Após cada mysterio póde-se collocar as palavras evangelicas das bôdas de Caná: *Erat Mater Jesu ibi* (Joan. II. 1).

Sendo Maria tão intimamente unida a Jesus pela graça e pela acção, é logico concluir que ella continúa a viver em Jesus na vida Eucha-

ristica, que é a continuação e a applicação dos merecimentos da sua paixão.

E como está ella ahi presente no Tabernaculo?

Do mesmo modo que estava unida a Jesus, na ordem physica, e na ordem moral.

Maria estava sempre mysticamente *em Jesus,* mesmo quando ella estava physicamente separada delle.

Ella estava em Jesus, **mysticamente;** ella continúa pois a estar presente mysticamente no Smo. Sacramento do Altar.

Ella está ali unida a Jesus como o pescoço é unido á cabeça; e ella está unida a nós, como o pescoço está unido aos membros inferiores.

E' o seu papel de Medianeira de todas as graças e de thesoureira dos beneficios celestiaes.

Ella está presente *em Jesus,* para servir de Medianeira entre Jesus e os homens, e como tal mediação é toda *espiritual,* tendo por objecto as graças espirituaes á transmittir aos homens, e as preces espirituaes dos homens a apresentar a Jesus, a tal presença é necessariamente espiritual ou **mystica.**

Presença verdadeira, ineffavel, ultrapassando tudo o que podemos imaginar de mais sublime, tendo apenas acima de si a união *hypostatica* que reune, numa unica pessôa, a natureza divina e a natureza humana, e a união propriamente dita *substancial,* que faz de duas substancias, incompletas em seu genero, uma nova substancia completa, como é o **homem,** composto de corpo e alma, substancialmente unidos numa unica personalidade.

Na encarnação Jesus Christo habitava *physicamente* este Santuario virginal, que é Maria; durante a sua vida continuava a habital-o *moral-*

mente pelo espirito, e *mysticamente,* pela fé e pela caridade.

A Eucharistia devia prolongar este estado de habitação de Jesus em Maria, e de Maria em Jesus, *Si autem Christus in vobis est* (Rom. VIII. 10).

Vós em mim e eu em vós!

O' Pae, como tu és em mim e eu em ti, eu rogo que elles sejam em nós uma mesma coisa (Joan. XVII. 21)

Jesus está pois presente em Maria, e Maria está presente em Jesus, tanto durante a sua vida mortal, como em sua vida eucharistica no Tabernaculo.

Para os demais homens, esta convivencia pela graça termina pela morte, para ser coroada pela gloria, de modo que, onde existe a gloria, desapparece a graça.

Isto, entretanto, não acontece com Maria Immaculada, porque, tendo sido escolhida como *thesoureira* e *Medianeira* das graças, ella conserva necessariamente uma relação com a graça que deve distribuir.

A Eucharistia é a applicação dos merecimentos do Salvador, ou: a fonte perenne das graças que Deus derrama sobre o mundo, e todas estas graças devem passar pelas mãos de Maria (1).

Eis porque a presença de Maria em Jesus deve continuar no Tabernaculo; Maria deve estar mysticamente na Eucharistia, como a thesoureira espiritual perto do thesouro espiritual; como o canal fica ligado á fonte, cujas aguas devem distribuir pelos campos a fertilizar. (2)

---

1) Mediatrix nostra, per cujus manus Deus ordinavit dare ea quæ dat humanæ naturæ (Gerson)

2) Sic est voluntas Dei qui totum voluit nos habere per Mariam (S. Bernardo).

E estes campos a fertilizar são as nossas almas.

Somos, deste modo, unidos a Jesus Eucharistia, pela Virgem Immaculada.

E' Maria em Jesus!
E nós em Maria!
Para ir a Jesus.

VII. CONCLUSÃO

Recolhamo-nos...

Estamos diante da irradiação mais suave e mais terna do amor de Deus.

Descobrimos a presença da Virgem Immaculada na Eucharistia.

Et erat Mater Jesu ibi (Joan. II. 1).

A Mãe de Jesus, a doce Senhora do Smo. Sacramento, acaba de se manifestar a nossos olhos.

O que parecia, ao primeiro aspecto, uma utopia, uma ousadia, é uma verdade theologica, certa, refulgente.

A Eucharistia contém, verdadeiramente, realmente, substancialmente, o corpo, a alma, a divindade de Jesus Christo: *Vere, realiter, substantialiter*, como diz a Egreja.

E Maria, a Mãe de Jesus, está ahi tambem presente verdadeiramente, **mysticamente** junta a seu Jesus.

Oh! como se dilata o horizonte da Eucharistia!

O Tabernaculo torna-se um cantinho do céu...

O céu é Jesus e Maria.

O Tabernaculo é Jesus nos braços de Maria.

Elles estão ali presentes: Jesus: substancialmente; Maria: mysticamente.

E' o principio da presença dos seres espiri-

tuaes, formulado por Santo Thomaz: «Os seres espirituaes contêm aquillo em que estão». (1)

E' uma união toda espiritual.

E' uma **participação,** não é uma identificação.

Um outro principio de Santo Thomaz completa a primeira asserção: «Os seres incorporeos não occupam logar pelo contacto da quantidade dimensiva, como os corpos; mas pelo contacto da virtude». (2)

Tal união entre Jesus e Maria, ou melhor tal presença de Jesus em Maria, e de Maria em Jesus, é pois toda espiritual, transcendente, e pertence á ordem da graça.

Da parte de Jesus é uma presença *substancial.*

Da parte de Maria é uma presença *mystica.*

Terminemos, resumindo em synthese o assumpto importantissimo do presente capitulo.

Podem-se collocar os seres em quatro categorias ou ordens:

A ordem *physica,* ou natureza.
A ordem *moral,* ou espiritual.
A ordem *mystica,* ou sobrenatural.
A ordem *gloriosa,* ou celestial.

Temos percorrido as três primeiras ordens.

Temos estudado demoradamente, na ordem physica, a união entre Jesus e Maria: união de identidade absoluta no principio, e depois de identidade *relativa,* continuando através do tempo.

1) Spiritualiter continent ea in quibus sunt (q. VIII a 1 ad 2).

2) Incorporalia non sunt in loco per contactum quantitatis dimensivæ, sicut corpora; sed per contactum virtutis (q. VIII. a 2 ad 3)

E' uma união de consanguinidade ineffavel, unica em seu genero, por ser Jesus o fructo da Virgindade de Maria; porém não encontramos ali uma presença verdadeira de Maria em Jesus.

E' uma união de formação, de relação: não é uma presença verdadeira.

Maria Sma. não está presente no Tabernaculo, de um modo physico com o seu corpo material.

A Eucharistia é a presença exclusiva do corpo, do sangue e da divindade de Jesus Christo, na ordem physica.

*

E' necessario subir mais alto e penetrar na **ordem moral,** para encontrarmos uma presença espiritual, metaphysica, das faculdades da alma.

Pelo pensamento, pela vontade e pelo amor, Maria Sma. está perto de Jesus, para adoral-o, consolal-o no abandono do Tabernaculo.

Ella está perto delle, porém não está nelle... Ella está perto da Eucharistia, mas não está na Eucharistia.

A presença moral, por bella que seja, não é sufficiente para contentar as nossas aspirações e o nosso amor.

O amor não quer simplesmente a proximidade... elle aspira á possessão plena e sem reserva.

Na ordem moral não encontramos uma tal possessão.

* * *

Subamos mais alto!...

Penetremos na ordem da graça.

A distancia da ordem moral até a ordem mystica é o infinito.

Deixemos a terra para penetrar no céu.

A ordem *mystica* é uma ordem divina; *a graça*, de facto, *é uma participação á natureza divina.*

Ahi encontramos, não mais uma simples união entre Jesus e Maria, mas sim: Jesus vivendo em Maria, e Maria vivendo em Jesus.

Na ordem mystica, o Tabernaculo dilata o seu horizonte e encontramos nelle Jesus Eucharistia, physicamente presente, e Maria Sma. *mysticamente* em Jesus.

Conforme o principio de Sto. Thomaz: Deus habita em Maria, e Maria habita em Jesus, como a nossa alma está presente em nosso corpo, e o nosso corpo em nossa alma, pois *os seres spirituaes contêm aquillo em que estão.*

Jesus está no Tabernaculo, como **Deus-Homem.**

Como *Homem*, Elle é unido á Maria pelos laços sagrados da consanguinidade, da identidade relativa.

Como *Deus*, Elle habita em Maria, e Maria habita nelle, na medida da sua plenitude de graças.

* * *

Adorando pois a Hostia Sagrada, que é o corpo, a alma e a divindade de Jesus Christo, não adoramos a Mãe de Jesus, que não está ali presente com a sua humanidade, mas pela graça na ordem *mystica.*

Ella está ali, como Jesus está na alma, após a desapparição das sagradas especies, pela graça, pela sua presença *mystica.*

Ella participa da natureza divina, sem identificar-se com esta natureza.

E' neste sentido que se diz que um homem puro *é um anjo em carne mortal.*

Este homem permanece homem, mas tem dos anjos: a *pureza.*

E' neste sentido que Deus disse dos homens em estado de graça: *Dii estis... et filii Excelsi* (Ps. 81. 6)—vós sois deuses, e filhos do Altissimo.

O homem permanece homem, mas participa da natureza divina.

Vê-se... sente-se que é uma presença verdadeira, sem quasi poder exprimir a sublimidade desta presença que designamos pelo termo de: **presença mystica.**

Limitemo-nos, aqui, á ordem mystica, reservando para o capitulo seguinte uma outra presença, a mesma no fundo, mas considerada sob outro ponto de vista: *a ordem gloriosa.*

Oh! prostremo-nos de joelhos, deante do Tabernaculo, para adorar a Jesus, verdadeiramente presente em seu Sacramento de amor.

E, ao mesmo tempo, veneremos a sua Mãe Santissima, ali presente, como a irradiação de seu amor, como o reflexo da sua gloria, como o resplendor da sua majestade.

Maria Sma. está ali presente com Jesus, em Jesus, de modo **mystico,** mais intimamente unida a Elle do que quando estava physicamente presente perto do Presepio para apresentar o seu Jesus á adoração, aos beijos commovidos e quentes dos Pastores e dos Magos.

Et invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes, adoraverunt eum (Math. II 11)

Ella está *mysticamente* presente, unida a Jesus, como o pescoço é unido á cabeça, na comparação do Corpo da Egreja.

Ella está *mysticamente* presente, como Jesus

immolado está presente no Sacrificio incruento da Missa.

Ella está *mysticamente* presente, como Jesus está presente na alma que commungou, após a destruição das apparencias que o occultam na Hostia Santa.

E' uma presença escondida, mysteriosa, porém verdadeira, como é verdadeiro o Corpo mystico de Christo, o Sacrificio mystico da Missa, e a presença mystica após a desapparição da Hostia, na Sagrada Communhão.

E' com esta mesma presença que a Mãe de Jesus está na Eucharistia, sendo por isso verdadeiramente: Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

CAPITULO X

PRESENÇA GLORIOSA
de Maria perto do Tabernaculo

Já vimos a presença *mystica* da Virgem Immaculada na Eucharistia... Sentimos o seu coração maternal pulsar mysticamente junto ao Coração paternal de Jesus.

A nossa devoção está satisfeita.

O que o nosso espirito anhelava saber, o que o nosso coração presentia, se revelou a nossos olhos encantados, com toda a certeza de uma verdade irrefutavel e toda a ternura de um amor inextinguivel.

Jesus e Maria estão ali unidos, num continuo amplexo de amor, numa mesma actividade, para attrahir e salvar os homens.

Jesus é a **fonte** de tudo!

Maria é o **attractivo** de Jesus.

Elle póde repetir do fundo de seu Tabernaculo: *Caritate perpetua dilexi te*: *ideo attraxi te, miserans* (Jerem. 31. 3).

O amor é Jesus, o attractivo é Maria.

Jesus é o *Redemptor*.

Maria é a *Co-redemptora*.

Jesus é a *fonte* das graças — *Haurietis de fontibus Salvatoris* (Isai. XII. 3).

Maria é o *canal mystico* destas graças —

Maria, invenisti enim gratiam apud Deum (Luc. I. 30).

Estamos bem convencidos destas verdades. Subamos mais alto ainda! *Duc in altum* (Luc. V. 4)

Acima da ordem *physica*.

Acima da ordem *moral*.

Acima da ordem *mystica*.

Acima de todo o creado está a ordem *increada*, e nesta ordem está o estado **glorioso**, celestial. Em relação a Deus a gloria celeste é increada; em relação ao homem é creada.

E' a ultima palavra que labios humanos podem balbuciar; é a ultima e suprema felicidade que os espiritos podem anhelar.

E' o «*facie a facie*» definitivo, substituindo as figuras passageiras. (1)

Na ordem celestial encontramos novas maravilhas, e maravilhas que ultrapassam tudo o que temos visto até agora.

A presença *mystica* revelou-nos Maria na Eucharistia.

A presença *gloriosa* vae revelar-nos a presença do corpo glorificado de Maria perto do Tabernaculo.

O Tabernaculo é um cantinho do céu.

Contemplemos este cantinho, na esperança de um dia contemplal-o inteiro, em todo o seu esplendor.

Ecce caelum, et caeli caelorum (Eccli. 16. 18).

Ecce Tabernaculum Dei cum hominibus. (Apoc. 21. 3).

I. OS CORPOS GLORIOSOS

E' artigo de fé que todos os homens hão de

1) Tunc autem facie ad faciem (1. Cor. XIII. 12).

resuscitar no fim do mundo, retomando os respectivos corpos.

Eu sei que o meu Redemptor vive, murmurava Job em meio de seus soffrimentos, *e que, no ultimo dia, resurgirei da terra, e serei novamente revestido da minha pelle, e na minha carne verei o meu Deus. Eu mesmo o verei e os meus olhos hão de contemplal-o, e não outro* (Job. XIX. 25—27).

Todos os homens hão de resuscitar, diz Daniel: *uns para a vida eterna*, (o céu) *outros para o eterno opprobrio* (o inferno) (Dan. XII. 2).

Os eleitos, na occasião da resurreição, terão os seus corpos glorificados junto com a alma, para, assim transformados poderem entrar no céu.

Que é o céu?

E' o *estado* e o *logar* da suprema felicidade, onde os anjos e os homens gozam sobrenaturalmente da possessão de Deus.

Não é somente um estado, mas tambem um *logar* de felicidade. (1)

E' neste logar que já estão Nosso Senhor, em corpo e alma, a sua Mãe Maria Sma. e um certo numero de Santos do Antigo Testamento, que os acompanharam á mansão celeste na occasião da ascenção do Redemptor.

Nós tambem entraremos neste logar, em corpo e alma, após a resurreição geral.

Jesus Christo, por *natureza*, e Maria Sma., por *dignidade*, com uns Santos Patriarchas, por *privilegio* especial, entraram no céu, antecipadamente, em corpo e alma.

O corpo de Maria é hoje um corpo **glori-**

---

1) Dicitur non solum *status*, sed etiam *locus*, quia... specialis est locus, ubi Sacra humanitas Christi, B. Virgo Angeli et Sancti simul comemorabuntur (Thom.: Theol. Dogm.: De coelo).

ficado, de modo que este corpo, embora permaneça sempre corpo, é espiritualizado e goza das propriedades dos seres espirituaes.

E quaes são estas propriedades?

São Paulo as indica claramente: *O corpo é semeado corruptivel, mas resuscitará incorruptivel. E' semeado na ignominia, mas resuscitará glorioso. E' semeado corpo animal, resuscitará corpo espiritual* (Cor. XV. 42).

E Jesus Christo já havia dito: *Os justos brilharão como o sol no reino de meu Pae* (Math. XIII. 43).

Destacam-se, pois, quatro propriedades dos corpos gloriosos. Serão:

Impassiveis, isentos de dôres e da morte.

Resplandecentes, brilhando como o sol em pleno dia.

Ageis como o pensamento, em se transportarem, de um para outro logar.

Subtis, não encontrando nenhum obstaculo na materia, como a luz não encontra obstaculo em passar através do vidro.

O privilegio da **agilidade** dá ao corpo humano qualquer coisa da rapidez dos puros espiritos.

Deste modo, o homem continuará a servir de intermedio entre o mundo puramente espiritual e o universo material.

Pela alma, elle ficará em relação directa com Deus e os Anjos; emquanto pelo corpo ficará em relação com a creação regenerada.

«Os corpos gloriosos, diz Santo Thomaz, não chegarão á dignidade da natureza espiritual, porém Deus lhes dará qualidades que os aproximam, o mais possivel, da natureza angelical» (Supp. q. 91. a 4)

Eis o estado do corpo glorioso da Virgem Immaculada. Destaquemos, para o assumpto que nos occupa, apenas as duas qualidades: a *agilidade* e a *subtilidade.*

Em virtude da sua agilidade, Maria Sma. póde transportar-se, mais celere que o relampago, de um logar para outro.

E' uma successão de tempo; não é, em si, uma *ubiquidade,* porém é um movimento tão rapido e mais rapido ainda que o nosso pensamento.

Com a mesma agilidade com que o nosso pensamento póde deslocar-se e percorrer o mundo, de uma para outra cidade, de um para outro paiz, do céu e da terra, assim Maria Sma. póde deslocar o seu proprio corpo e transportar-se successivamente a varios logares.

E para não haver atrazo nesta *agilidade* assombrosa, eis que esta outra propriedade: a *subtilidade*—remove todos os obstaculos, abre todas as entradas, permittindo ao corpo penetrar através das montanhas, dos abysmos e das cidades, tal um raio de luz através de um vidro de crystal.

Eis o que é Maria Sma. em seu corpo glorificado, gozando da visão beatifica, em plena possessão da gloria que lhe mereceram as suas virtudes e as prerogativas com que Deus a adornou, durante a vida, e com que a corôou na felicidade do céu.

Maria tendo-se proclamado a «Escrava do Senhor» na terra, Deus proclamou-a, no céu, a «Senhora da gloria» e a Rainha dos Anjos. *Adstitit Regina a dextris tui in vestitu deaurato.* (Psal. 44. 10).

II. NA VISÃO BEATIFICA

A Virgem Santa está como que mergulhada na visão beatifica, emquanto a sua alma immaculada parece nadar no oceano infinito do amor beatifico.

Todos os santos recebem de Deus a *luz* e a *gloria* que os torna capazes de vel-o, de possuil-o, porém todos não as recebem na mesma proporção.

A visão beatifica corresponde aos meritos adquiridos durante a vida, de modo que, entre os eleitos, aquelles que tiveram mais merecimentos gozam com mais intensidade da beatitude celeste, e participam, em grau maior, da natureza divina. (1)

Ora, as graças concedidas a Maria, durante a sua vida, sobrepujam todas as graças reunidas dos Santos. Nella, nenhuma graça ficou esteril, de modo que a uma plenitude de graças corresponde uma plenitude de merecimento e uma plenitude de gloria, na visão beatifica.

Maria vê Deus, comprehende a Deus, ama a Deus, goza de Deus, numa medida *unica* que ultrapassa as medidas reunidas de todos os Santos.

«Tudo o que cada um dos Santos possue de felicidade, encontra-se em Maria», diz Santo Thomaz: *Quidquid felicitatis est in singulis sanctis, totum abundat in Maria* (Serm. de Assump.).

Deus se manifesta a ella, como mais a ninguem. Ella mergulha até ao mais intimo da divindade, e a vista profunda, clara, perfeita—embora *não comprehensiva*—de Deus, accende em seu coração um amor tão intenso que, a seu la-

1) Alia claritas solis, alia claritas lunæ, et alia claritas stellarum. Stella enim a stella differt in claritate (1 Cor. XV. 41).

do, parece uma sombra pallida o amor dos Seraphins e dos Cherubins reunidos.

Maria está como perdida na adoravel Trindade que a acolhe, contempla e adorna, como Filha querida, como Mãe estremecida, como Esposa amorosa.

A personalidade de Maria não está destruida pela participação singular á gloria divina; ella subsiste em sua integridade, sempre distincta da personalidade divina, porém exaltada e transfigurada pela sua união á natureza divina.

* *

Eis como se nos apparece, na gloria, a Immaculada Mãe de Jesus. Parece que ella nada mais póde desejar e que, para ella, a terra deixa de existir.

Felizmente assim não acontece!

No meio da gloria, os desejos de Maria são immensos.

A gloria não destróe a graça, como a graça não destróe a natureza; uma ordem superior eleva, transforma e idéaliza a ordem inferior.

Na gloria da visão beatifica, a terra continúa a existir; e os Santos não se tornam indifferentes ao que fizeram em vida, na ordem da graça e da natureza.

A theologia nos ensina que, na gloria do céu, as relações e amizades santas da terra continuam, aperfeiçoadas pela gloria.

Um eleito continúa a interessar-se pelas pessoas da sua amizade e pelas obras santas de sua iniciativa.

Assim, por exemplo, um Papa continúa a interessar-se pela Egreja, e conserva presentes as lutas e os triumphos do Sacerdocio, a expan

são da doutrina, as perseguições, o heroismo e o martyrio de seus filhos.

Um fundador segue o progresso de seu Instituto, o desenvolvimento das obras iniciadas, a generosidade ou o relaxamento de seus membros.

Um pae ou uma mãe de familia interessam-se pelos seus filhos, rezam por elles e os protegem nos perigos da vida (1)

Ora, Maria Sma., encarregada por Deus, do cuidado do mundo inteiro e de cada um em particular, nos segue necessariamente com o seu coração e seu olhar materno; procurando, por todos os meios, fazer-nos o bem de que precisamos.

Ella é *Medianeira universal*, como é *co-redemptora* universal, ella não póde pois deixar de interessar-se pela nossa salvação.

* * *

Encontramos a applicação desta verdade na vida do proprio Jesus Christo.

Jesus amava os seus Apostolos, e interessava-se necessariamente pela promulgação da sua doutrina e pelo progresso da Egreja.

Depois da sua resurreição, embora o seu Corpo glorioso participava da visão beatifica continua, Elle continuou com seus discipulos as mesmas relações de amor, de reconforto, como vemos nas diversas apparições, sobretudo na scena paternal do Lago de Tiberiades, narrada por S. João (cap. XX).

---

1) Patriam nostram paradisum computamus, parentes, Patriarchas habere jam cupimus... magnus illis nos carorum numerus expectat, parentum, fratrum... nos copiosa turba desiderat jam de sua immortalitate secura, et adhuc de nostra sollicita (S. Cyp.: De mortal. 15 P. L, IV. 601).

Assim a Virgem Santissima, após a sua gloriosa Assumpção.

A gloria do céu não somente não lhe tirou, mas ampliou até o seu coração de Mãe.

Ella continúa a amar o mundo e a interessar-se por tudo o que se refere a seu Filho, aos homens e á Egreja.

III. A VISÃO DA TERRA

Com este coração de Mãe de Jesus e de Mãe dos homens, a Virgem Immaculada, olhando para a nossa terra, pequenino ponto escuro na immensidade do firmamento, vê primeiramente o que o seu coração mais ama: o seu Jesus.

Vendo o seu divino Filho na gloria deslumbrante do seu triumpho, contemplando-o tão bello e tão sublime, ella se lembra que este mesmo Jesus, corporal e substancialmente presente na gloria, está tambem corporal e substancialmente presente em milhares de Tabernaculos na terra.

E sem desviar o seu olhar de seu Jesus glorioso, pois a visão beatifica é um *estado* e não um simples acto, ella vê nas trevas da terra estes milhares de Tabernaculos, como pontos luminosos, se destacarem no meio das trevas, e emquanto, no céu, milhares e milhares de anjos luminosos cercam o seu throno, para adoral-o, (1) ella vê a indifferença, a frieza, o esquecimento e a pobreza cercarem este ponto divinamente

1) Post hæc vidi turbam magnam quam dinumerare nemo poterat, ex omnibus gentibus, et tribubus, et populis, et linguis: stantes ante thronum; et in conspectu Agni, amicti stalis albis, et palmæ in manibus eorum... Et omnes Angeli stabant in circuitu throni.., et adoraverunt Deum (Apoc. II. 9, 11).

luminoso, porém indicado materialmente apenas pela vacillante chama de uma lampada.

Ella procura em redor um coração amante, uma alma generosa, para substituil-a perto deste novo presepio, ás vezes mais pobre e mais abandonado do que o de Belém, e não encontra sinão indifferença e frieza: *Et neminem consolatorem* (Eccle. IV. 1).

Em vez de ouvir prantos e gemidos de amor, em vez de accentos de reparação, ella ouve elevarem-se, do meio dos homens, brados de revolta, gritos de festas profanas, musicas lascivas e apenas aqui ou acolá, o seu olhar, illuminado pela visão celeste e pelas lagrimas de compaixão, enxerga umas almas que pensam em Jesus, que amam a Jesus e que o visitam em sua prisão solitaria.

Oh! si no céu ella pudesse soffrer ainda!... como o seu coração de Mãe seria torturado, á vista da scena terrestre.

E, emquanto ella contempla o esquecimento e o abandono dos Tabernaculos, onde repousa o seu Jesus, em perpetua immolação e supplica, ella ouve resoar em seus ouvidos estas palavras commoventes, que atravessam os seculos e a eternidade, sem nunca se apagarem:

Eis que estou comvosco todos os dias, até a consummação dos seculos (Math. 28. 20).

Não vos deixarei orphams: voltarei a vós. Resta ainda um pouco, e depois já o mundo não me verá, mas ver-me-eis vós, porque eu vivo, e vós vivereis (Joan. XIV. 18).

Eu disse vos estas coisas, permanecendo comvosco (Joan. XIV. 25).

Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós (Joan. XV. 4).

Mulher, eis o teu filho... Eis a tua Mãe! (Joan. XIX. 27).

Ouvindo estas palavras, o seu coração de Mãe sente-se irresistivelmente attrahido para estes Tabernaculos, onde o seu Jesus permanece, de dia e de noite, á espera de alguem que o console. *Plorans... quia longe factus est a me consolator* (Thren. I. 16).

Ah! eu o sei, o olhar e o coração da Virgem gloriosa cerca e envolve cada Tabernaculo, com todo o calor de sua ternura; a sua presença mystica, na Eucharistia, não lhe permitte separar-se um instante de Jesus, como o amor não se separa do coração que o irradia, e como no corpo. o pescoço não se separa da cabeça, porem por intima, por bella que seja esta *união mystica,* ella quereria voar, e ficar *pessoalmente,* em corpo e alma, perto de seu querido Jesus, como ella está perto delle, em corpo e alma, na felicidade beatifica.

Mas será possivel uma tal presença?

Não será uma utopia irrealizavel?... Um sonho amoroso, mas sem fundamento?

Porque não seria a verdade?

Nada é impossivel a um amor sem limites, junto a um poder infinito!

Si nós, pobres creaturas, o pudessemos fazer, o fariamos, para permanecermos ao lado dos que amamos. Porque Deus não o permittiria á sua Mãe querida, e como Maria Sma., ella mesma, não o pediria e alcançaria!

Vis unitiva amor! — O amor é uma força unitiva.

Com mais razão que Sto. Agostinho, Maria pode dizer, com a certeza de ser attendida: *Te amare desidero, auge desiderum e da quod desidero!*

* * *

Que doce e suave pensamento!

A Virgem Santissima, pessoalmente, em corpo e alma glorificados pela visão beatifica, em virtude da **agilidade,** propria dos corpos glorificados, póde, num tempo mais rapido que o relampago, percorrer este mundo, visitando os Tabernaculos, uns após outros, e consolar *pessoalmente* o seu Jesus querido, na frieza e no abandono de seus templos.

E' certo que, mesmo com esta agilidade, o seu corpo permanece corpo, embora glorioso, e occupa um logar determinado.

Para passar de um a outro logar, ella deve deslocar-se, com movimentos successivos, porém isto se faz num tempo quasi imperceptivel, por causa da sua brevidade.

Como é consolador pensar que a Mãe de Jesus percorre este mundo, de Tabernaculo em Tabernaculo, para adorar o seu Jesus, reparar os ultrajes que Elle recebe, e desaggraval-o da ingratidão dos homens, pelas ternuras de seu amor.

Ella é a adoradora de Jesus esquecido; e durante a noite, quando tudo dorme neste mundo, uma alva apparição apparece na casa de Deus, e, em virtude da sua *subtilidade*, penetra no Tabernaculo, e ali estreita, sobre o seu peito virginal, Jesus Sacramentado... Jesus victima... Jesus sempre immolado!

Oh! si os nossos olhos pudessem vêr esta suave apparição nymbada de uma luz celeste, cercada de anjinhos sorridentes!... Si os nossos ouvidos pudessem perceber os doces e amorosos colloquios, que o silencio da noite recolhe, e que a aurora leva ao céu, como teriamos a peito fazer-lhe ás vezes companhia, e murmurar com

ella, palavras de amor para Jesus tão amoroso e tão abandonado.

Meu Deus fazei-nos ver... e ouvir, um instante! — *Quid tibi faciam: Domine, ut videam* (Luc. 18. 41).

IV. A PRESENÇA SIMULTANEA

Subamos mais alto ainda, para ver si tal *agilidade* do corpo glorioso de Maria não chega a uma especie de **presença simultanea,** que se podia intitular: omnipresença relativa, para distinguil-a do attributo divino, da *ubiquidade*.

Deus é immenso e *omnipresente*, porque está em toda parte:

1. Pelo seu *poder*, ao qual tudo está submisso.

2. Pela sua *sabedoria*, que tudo conhece.

3. Pela sua *essencia*, que conserva a existencia dos seres.

4. Pela sua *acção*, que é o seu proprio ser.

Deus está em toda parte, como a alma está toda inteira em todo o corpo e em cada parte do corpo.

Elle está, pela sua virtude creadora e conservadora em todos os corpos, um pouco como o sol está nos raios que emanam delle, ou como a alma está nos pensamentos que produz. *In ipso enim vivimus, movemur et sumus.* (Act. XVII 28).

Tal attributo de Deus é incommunicavel, como o são os attributos parallelos de: *immutabilidade* e *infinidade*.

Mas si são incommunicaveis em seu sentido absoluto, a gloria entretanto aproxima o eleito destes attributos, aproximando-o de Deus, e fa-

zendo-o participar, de modo relativo, do que é absoluto nelle.

Os eleitos no céu gozam, de facto, de uma felicidade por assim dizer: omnipresente, immutavel e infinita.

Quanto mais um eleito se aproxima de Deus, pela gloria, tanto mais intimamente elle participa destes privilegios.

Limitando-nos á **agilidade** do corpo glorioso de Maria, póde-se dizer que tal agilidade chega a um ponto, que constitue uma quasi **omnipresença,** ou ubiquidade.

Maria é a Medianeira universal das graças, a thesoureira dos merecimentos de Jesus Christo, de modo que ella deve estar continuadamente presente onde deve agir sem cessar.

A Eucharistia é como o centro da applicação dos merecimentos de Jesus Christo. E' dahi que parte esta corrente immensa de graças, de misericordia, de santidade que percorre, lava e santifica a humanidade.

E esta corrente passa pelo coração da Immaculada, ali verdadeira e **mysticamente** presente.

Esta presença é sufficiente, é certo, porém parece-nos mais logico pensar que, Maria havendo estado *corporalmente* presente na acquisição destes meritos, ella esteja corporal e gloriosamente presente em sua distribuição.

Como acabámos de vêr, a *presença successiva* do corpo glorioso de Maria, rapida como o pensamento, é um facto certo, em virtude da agilidade deste corpo, porém póde-se ir mais longe, diminuir esta successão, até chegar a uma quasi *omnipresença.*

Parece difficil, ao primeiro aspecto, mas examinando de perto tal phenomeno, as difficuldades

parecem se dissiparem, e a hypothese se torna uma possibilidade provavel.

O homem está em via de realizar uma tal maravilha!

Porque Deus não a realizaria em favor da sua Santissima Mãe, para que ella possa, melhor e mais gloriosamente, exercer a sua funcção de Medianeira universal entre Deus e os homens, entre Jesus e a humanidade.

Estudemos o facto, á simples luz da sciencia moderna, e veremos a possibilidade de tal omnipresença corporal da Virgem Immaculada, ou melhor: a sua presença simultanea, perto de todos os Tabernaculos do mundo.

V. VICTORIA SOBRE O ESPAÇO

Pela sua agilidade Maria Sma. póde estar presente, em deslocações successivas, perto de todos os Tabernaculos do mundo.

Não póde haver duvida a esse respeito, pois negal-o seria negar a agilidade gloriosa dos corpos resuscitados.

Não é ainda uma omnipresença *simultanea*, mas uma especie de omnipresença *successiva*, tão rapida que se aproxima da simultaneidade.

Leibnitz, em sua theoria relativista, (cuja philosophia é falsa) (1) cita um exemplo que é certo e expressivo.

Choques successivos, diz elle, repetindo-se a curtos intervallos, nos dão a sensação de uma

1) A opinião de Leibnitz sobre o *espaço* é falsa, pois elle faz consistir o *espaço* nas relações entre as percepções que temos das coisas, percepções que são para elle meras illusões de nossos sentidos, de modo que o espaço não possue nenhum valor objectivo. Ora, é claro que a ordem das nossas percepções tem necessariamente como fundamento a ordem que existe entre as proprias coisas.

duração continua; assim um carvão em braza, que se faz girar rapidamente em circulo, apresenta aos olhos a sensação de uma presença continua, embora não haja, em verdade, extensão, pois o carvão não existe nunca sinão num logar ao mesmo tempo.

O circulo luminoso produzido pela agilidade da mão que agita o carvão, nos dá uma idéa da presença simultanea, porém é sempre uma presença successiva, na rapidez.

Seria possivel supprimir o espaço?

Neste caso a difficuldade desappareceria, e podia-se dizer que Maria Sma. está simultaneamente presente perto de todos os Tabernaculos.

Leibnitz affirma a possibilidade desta suppressão; entretanto o seu raciocinio é falso, pois o espaço é necessariamente uma realidade objectiva e subjectiva ao mesmo tempo, e Leibnitz nega a objectividade das coisas.

O espaço não póde ser supprimido totalmente, porém póde ser *vencido* por um milagre de Deus, como na ordem natural está sendo parcialmente vencido pelas modernas invenções.

* * *

Recorramos a uns exemplos communs, para elucidar esta idéa.

Entras em minha casa; conversamos... eu te escuto e falo comtigo.

E' a presença real, corporal.

Sahindo da sala, vou num aposento contiguo, fechando a porta: Não te vejo mais, mas te ouço: conversamos, trocamos idéas, através das paredes.

E' ainda a presença corporal.

Deixando a casa, segues um caminho recto, até longe, ao ponto que apenas te percebo. Viras-

te para mim, fazes um signal, um adeus, que comprehendo e ao qual respondo.

E' ainda a presença corporal.

A estrada se prolonga, e eis que em breve não te percebo mais: a presença corporal vae cessar; porém eis que a sciencia nos mette nas mãos um binoculo.

Olhamos um para o outro; faço um signal um adeus e correspondes a este signal: falamos com gestos a 4 ou 5 kilometros de distancia...

E' de novo a presença corporal.

Continúas a tua marcha: tudo desappareceu... mas a sciencia nos accode, e mettendo-nos nas mãos um *telescopio,* eis-nos de novo em presença um do outro, fazendo-nos signaes, conversando pelo gesto.

E' a presença corporal que recomeça...

Continúas a andar, e eis que a leguas de distancia, falas-me pelo *telephone,* dando-me noticias, contando-me as peripecias da viagem... rimos ou choramos... falta apenas ver-nos, mas nos ouvimos perfeitamente.

E' a presença corporal que continúa.

Eis que ultimamente vem apparecendo uma novidade de importancia: a *telephotia* combinada com a *telephonia,* constituindo a *televisão.*

A televisão havia sido ensaiada em pequena escala e a curta distancia, mas eis que nos apparece já com a regular distancia de 200 kms. A 200 kilometros duas pessoas podem falar-se *pessoalmente,* directamente, ouvindo-se na voz e vendo-se no gesto, no sorriso, na expressão. (1)

1) A electricidade permittiu mais essa maravilha da sciencia applicada pela arte. Exige-se para isso uma corrente electrica de frequencia extraordinariamente elevada. No trajecto de um ponto a outro, da transmissão á recepção, nada mais que um fluido uniforme vara o espaço, vertigi-

O que se faz hoje a 200 kilometros, far-se-á amanhã a 300, depois a 400 e, em breve, através do mundo inteiro.

E' a grande victoria sobre o espaço.

Como se vê, o espaço existe sempre, não é supprimido, mas é *vencido* pela sciencia.

O obstaculo da presença corporal continúa; a presença é pois **uma questão de espaço,** a qual augmentando ou diminuindo, crea ou destróe a presença corporal.

Mas, si o homem vence parcialmente o espaço, porque Deus não o venceria totalmente, para facilitar á sua Mãe querida o exercicio das suas funcções de Medianeira universal?

Oh! então, o problema estaria resolvido; o nosso sonho seria uma realidade. Maria estaria pessoalmente presente *ao lado de seu Jesus,* em todos os Tabernaculos, sem deixar um instante a visão beatifica.

Dou estas explicações pelo que valem: são hypotheses, analogias; porém ellas têm a vantagem de mostrar a possibilidade da *presença simultanea* de Maria Sma. perto de seu Jesus, em todos os Tabernaculos do mundo.

Basta Deus querer realizar esta presença; Elle póde realizal-a, pois não inclue nenhuma contradicção.

Parece que o officio de Maria, coma *Medianeira* das graças, exige tal presença.

---

nosamente, como as ondas herztianas, ou um raio de luz transmittindo-se no ether...

O apparelho receptor colhe, apenas, assim, a intermittencia photographica da energia que, transformada em luz, e correspondente á imagem de cuja impressão resulta, reproduz desse modo a mesma imagem continuadamente, si é impressionada, como uma chapa photographica, revelando-se através do vacuo immenso, ou um apparelho mysterioso, reflectindo nitidamente, o que só o telescopio lobrigaria de modo confuso.

VI. VICTORIA SOBRE O TEMPO

A sciencia, pelas suas invenções maravilhosas, está vencendo o espaço, aproximando seres longinquos e collocando-os, um em frente do outro, apesar das centenas e dos milhares de kilometros que os separam!

E' admiravel!

Mirabilis facta est sciencia tua ex me! (Ps. 138. 6).

Mas não basta, pois vencendo o espaço, Deus póde pôr a sua Mãe em contacto com um Tabernaculo da terra; porém, os Tabernaculos são milhares e milhares, disseminados através deste mundo, no meio dos desertos africanos, no meio das florestas virgens americanas, como no meio das populosas cidades europeas.

Como Deus poderá fazer que a Immaculada esteja presente em toda parte, ao mesmo tempo, sem deixar a gloria do céu?

E' uma nova difficuldade que surge. Não basta vencer o *espaço,* é preciso vencer a *localização* do corpo para tornal-o presente em milhares de logares, ao mesmo tempo; é preciso crear uma especie de omnipresença!

Crear? Não! Ella existe! E' uma questão de **tempo.**

Depois de vencer, o espaço é preciso vencer o tempo.

Será isto possivel?

Porque não?

O homem o faz diariamente, sem pensar nesta maravilha.

Sentados num aposento, nós conversamos, sós a dois. Tu ouves a minha voz e eu ouço a tua.

Mas eis que vou á egreja, subo ao pulpito, e ali falo a mil, a 2 mil ouvintes, que me escutam.

A minha palavra é uma só, mas ella vae se repercutir neste 2000 ouvintes, que me comprehendem e me applaudem: eis a simples presença, multiplicada por mil, por dois mil.

Estou presente no olhar, no espirito, no coração destas duas mil pessoas, sem sahir do pulpito, sem deslocar-me. E' uma presença simultanea limitada, relativa.

Basta estender, ampliar, universalizar esta omnipresença, vencendo o *tempo*, que seria preciso para ir de um a outro, e eis a omnipresença relativa realizada: é um facto.

Um outro prégador, com voz mais forte, e com mais auditores, far-se-á ouvir por 5000, até por 10.000 pessoas.

E' a presença simultanea que se estende.

Além da extensão natural da voz, o prégador não é mais ouvido. A presença simultanea vae cessar, mas eis que a sciencia estende a mão, e vem em nosso auxilio, apresentando-nos os apparelhos da sua invenção.

O que o binoculo, o telescopio e o telephone fazem para vencer o espaço; eis que apparece o **radio** e as suas multiplas applicações para vencer o tempo e crear uma verdadeira omnipresença.

Quem não conhece o radio?

Este apparelho, desconhecido annos atraz, é hoje uma banalidade enfastiadora.

Com elle, num instante, o homem póde irradiar a sua palavra, as suas idéas através do mundo.

Sentado diante de uma mesa de trabalho, diante de um poderoso emissor, o homem fala, e eis que a sua voz atravessa as montanhas, os valles, as florestas, o oceano, e póde ser ouvida quasi ao mesmo tempo, de modo simultaneo em

milhares e milhares de paizes, de cidades e de casas.

E' a victoria sobre o tempo.

E eis uma victoria mais completa ainda.

Supponhamos que em cada uma destas casas, haja outro apparelho, hoje quasi desprezado, embora de alcance incalculavel, que se chama: *phonographo* ou gramophone.

O receptor do phonographo recebe e registra a voz.

Passam-se 10, 50, 100, 1000 annos; o homem que falára não existe mais. Delle tudo desappareceu, menos a parte mais fragil de seu ser: a voz.

E eis esta voz conservada para sempre, emquanto o mundo existir.

Esta voz vence o tempo, como pelo radio ella venceu o espaço.

Supponhamos que tal invenção houvesse existido no tempo de Jesus Christo, e que os seus contemporaneos a houvessem usado para captar as palavras do divino Mestre; nós, hoje, após mais de 1900 annos, poderiamos ouvir a voz, o accento, o timbre da sua palavra; poderiamos ouvir de seus proprios labios estas expressões divinas:

Este é o meu corpo! Este é o meu sangue! Fazei isto em memoria de mim!...

Pae, perdoae-lhes porque não sabem o que fazem!... — Eis ahi a tua Mãe!

Oh! seria para se cahir de joelhos... em extase... e morrer de emoção!

E' a victoria sobre o tempo!

Parece que o tempo deixou de existir!

Na gloria do céu, elle não existe mais!

O tempo é da terra... No céu, só ha a *eternidade.*

A sciencia é bem pequenina, bem estreita, e entretanto ella é sublime.

Eis que ella nos apresenta ainda outros apparelhos.

Não somente ella nos permitte transmittir a palavra humana, registral-a, conserval-a, ella lança hoje, através do espaço, em milhares de logares ao mesmo tempo, a propria *caligraphia*, a assignatura perfeita de uma pessoa, isto é: a expressão material da sua palavra: E' a *radio-caligraphia*.

Deste modo, uma pessoa póde appôr a sua assignatura, de proprio punho, em milhares de documentos, num mesmo instante, em diversos paizes do mundo.

A *telephotia* moderna permitte a uma pessoa tornar-se visivel, mostrar o seu gesto, o seu sorriso, em milhares e milhares de logares ao mesmo tempo.

Que ineffavel creação de simultaneidade!

A sciencia está vencendo o espaço e o tempo, e faz adquirir aos homens uma omnipresença, quasi simultanea.

Mais um passo e o homem transmittirá aos que ama o calor de seu coração as palpitações acceleradas de seu affecto, será o *teleamor*...; dar-se-ão a mão através da immensidade, e sentirão o calor desta mão, sentirão o aperto de um abraço, emquanto pela *televisão* verão o sorriso da pessoa amada.

VII. UMA VISÃO CELESTE

Espaço e tempo são duas co-creações dependentes respectivamente dos objectos e do movimento: são pois duas coisas relativas que po-

dem ser parcialmente vencidas pelo genio humano e completamente vencidas pelo poder divino.

O homem vence o espaço; e na ordem natural o tempo é quasi vencido pelas proprias leis da natureza.

Para vir de Portugal ao Rio, suppondo uma distancia de 8.600 kilometros de distancia, um homem **a pé,** fazendo 20 kilometros por dia, precisaria de 430 dias, ou mais ou menos 1 anno e 2 mezes.

Montado, fazendo 40 kilometros por dia, precisaria de 215 dias ou 7 mezes.

Um **trem,** fazendo 200 kilometros, por dia, gastaria perto de 1 mez e meio.

Pedro Alvares Cabral, com seus **vellèiros,** gastou perto de 45 dias.

Hoje qualquer **navio** percorre esta distancia em 10 ou 12 dias.

A **aviação** precisa apenas de 3 dias.

O **radio** o faz em menos de 1 minuto.

E' o progresso humano que vae vencendo o tempo! E como está longe ainda das organizações ou invenções divinas!

O **vento,** em movimento calmo, fazendo 20 metros por segundo, percorre esta distancia em 4 dias, e em tempo de tempestade, em menos de 3 dias.

O **som,** com sua celeridade de 240 metros por segundo, o faz em 7 horas.

A **luz,** fazendo 300.000 kilometros por segundo, percorre este trajecto na vigesima parte de um segundo.

E' uma quasi victoria completa sobre o tempo. O que antigamente se fazia em 430 dias, Deus o faz na vigesima parte de um segundo.

Da marcha pedestre á marcha da luz, não ha quasi comparação possivel. Deus venceu o tempo para mandar aos homens a luz que os illumina e o calor que os aquece.

O tempo é pois uma coisa relativa, que não póde ser totalmente suppressa neste mundo, pois sem tempo estariamos na eternidade, porém póde ser vencido, reduzido a um minimo quasi imperceptivel.

Appliquemos agora esta celeridade ao **radio, á televisão,** e o mundo não chega mais para conter as irradiações; é uma como omnipresença, transbordando de todos os logares.

É certo que isto é apenas o lado *objectivo* da omnipresença; o lado *subjectivo* encontra novas difficuldades, mas sem tomar a mesma extensão que o primeiro, elle se encontra incomparavelmente dilatado.

Supponhamos que a luz seja uma pessoa. Num abrir e fechar de olhos, ella percorre o mundo, sendo vista por todos, porém ella não tem o tempo de ver tudo.

E' certo, porém Deus, que vence o tempo objectivo, póde vencel-o tambem subjectivamente e, por milagre, crear neste movimento successivo e rapido como a luz, uma comprehensão nitida de tudo o que se passa.

Basta averiguar a possibilidade de tal presença quasi simultanea, e desde que a supposição não inclua nenhuma contradicção, póde-se concluir que Deus o póde fazer por milagre, e que elle o faz em favor de sua mãe, para que ella seja mais exaltada e participe de mais perto, e em grau mais intenso, das perfeições divinas.

Maria, como **Medianeira** entre Deus e os homens, como entre o Filho e a humanidade, de-

ve estar em contacto continuo com aquelle e com aquelles entre os quaes deve ser Medianeira, ella deve agir perto de Jesus e perto dos homens.

A sua presença mystica é o bastante, sem duvida, para exercer a sua mediação, mas como parece mais consolador pensar que do mesmo modo que Jesus está ali *corporalmente,* pessoalmente presente no Tabernaculo, a sua Mãe tambem está ali *corporalmente* presente, perto do Tabernaculo, na ordem da gloria, para distribuir com suas mãos virginaes o que Jesus, com suas mãos divinas, adquiriu em meritos.

Como é doce pensar que, emquanto estamos prostrados ao pé do Altar, em adoração e amor, Maria Sma. apparece entre nós—luminosa e divina visão—para unir a sua prece á nossa, e offerecer, ella mesma, a Jesus, o amor que lhe apresentamos.

Jesus havia dito: *Onde se acham dois ou três congregados em meu nome, ali estou eu no meio delles* (Math. 18. 20).

Diante do Tabernaculo a nossa adoração dirige-se a Jesus; e nós o imploramos juntos com a sua Sma. Mãe que ahi está no meio de nós, substituindo o seu Jesus.

Oh! como a adoração diante do Smo. Sacramento se torna suave, sublime si pensarmos que ali, entre nós, comnosco, está a Virgem Immaculada, verdadeira e corporalmente presente em seu *estado glorioso,* estendendo o seu manto luminoso sobre nós, mostrando-nos o seu Jesus, e unindo a sua voz virginal á nossa prece de peccadores!

Doce e sublime apparição!
Ella é possivel!
Porque não seria uma realidade?

Logo, podendo realizal-a, convém que Deus o faça, para honra e gloria da sua divina presença eucharistica.

Um amor infinito, nas mãos de um poder infinito, não recua diante de um milagre, por grande e ineffavel que seja.

VIII. CONCLUSÃO

Meu Deus, agradeço-vos o ter-me revelado este sublime e consolador mysterio da presença gloriosa, corporal, da vossa divina Mãe, perto de vós, na Eucharistia.

E' um novo horizonte aberto aos olhos da minha alma!

E que horizonte cheio de luz e de ternura!

Sabia, sem duvida, que a Eucharistia é o prolongamento da Encarnação, mas não comprehendia bastante as analogias entre estes dois mysterios.

A scena do presepio era uma revelação para mim, pois me mostrava como os pastores e os magos encontraram ali a Jesus.

Et invenerunt Mariam et... infantem positum in presepio, (Luc. II. 16) diz o Evangelho, dos primeiros.

E dos segundos diz: *Invenerunt puerum cum Maria Matre ejus* (Math. II. 11).

Não se encontra Jesus sinão nos braços de Maria... e não se encontra Maria sinão perto de Jesus!

Eis o que sobresáe claramente do Evangelho no tocante á Encarnação.

E' preciso que esta mesma scena seja applicada á Eucharistia.

E' de fé que Jesus está *vere, realiter et substantialiter* presente na Sagrada Eucharistia, com

corpo, alma e divindade, como Elle estava presente no presepio de Belém.

E' preciso pois encontrar ali Maria: *Et erat Mater Jesu ibi.—Stabat Mater ejus* (Joan. XIX-25).

Nas paginas precedentes temos percorrido, com carinho, as diversas presenças possiveis... e a presença que corresponde a cada uma das grandes ordens: physica, moral, mystica e gloriosa e, em cada ordem, encontramos um modo de presença especial de Maria na Sagrada Eucharistia, ou perto da Eucharistia.

Na ordem **physica** encontramos Maria Sma. presente ao lado de Jesus na Encarnação, por uma presença physica, corporal, embora tal presença material não exista mais na Sagrada Eucharistia.

Na ordem **moral** encontramos a união sagrada das faculdades da alma de Maria, presentes em seu Jesus, como o amado é contido no amante.

Na ordem **mystica,** pela graça, encontramos a união ineffavel de Jesus e de Maria, na Eucharistia, como são unidos os membros do mesmo corpo, o ramo á arvore, a graça á alma que a possúe.

Na ordem **gloriosa,** propria dos corpos resuscitados e glorificados pela visão beatifica, vimos como Maria Sma. pela prerogativa da *agilidade*, possúe uma como presença simultanea, embora successiva, mas tão rapida que parece uma como omnipresença; e vimos como Deus póde vencer o espaço e o tempo, — como o homem os vence parcialmente, — para estabelecer a sua Mãe num estado de *omnipresença* gloriosa, que corresponde admiravelmente ás necessidades de seu officio de *Medianeira* entre Deus e os homens, e de *thesoureira* das graças divinas.

Tudo isso é admiravel... é divinamente bello e maternalmente consolador!

Como os pastores e os magos, podemos pois ir prostrar-nos diante deste novo presepio, que é o Tabernaculo e ali encontramos, ao lado de Jesus, como modelo da nossa adoração, a Virgem querida, a eterna adoradora de seu Jesus Sacramentado.

E, abrindo a portinha do Tabernaculo, dentro da Hostia divina, encontramos ainda, *mysticamente* presente a doce Mãe de Jesus, num eterno amplexo de amor!

Oh! sim, tudo isso é divinamente bello, e esta visão deve fixar-se para sempre em nosso espirito, para nunca separarmos o que Deus tão ternamente uniu: Jesus e Maria, o Filho e a Mãe, a fonte das graças e o canal destas graças, o Sangue de Jesus e as lagrimas de Maria, o amplexo do Coração de Jesus e o sorriso dos labios de Maria!

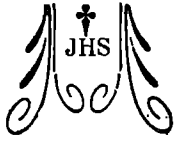
Encontramos tudo isso na Eucharistia!

Oh! dizei-me: não é isso um cantinho do céu? *Terribilis locus iste!...* Este logar é terrivel!

Non est hic aliud, nisi domus Dei... E' um cantinho do céu.

Et porta cœli! (Gen. 28. 17).

E Maria é a porta que conduz a este céu!



CAPITULO XI

O OFFICIO EUCHARISTICO de Maria

Em frente das maravilhas que a presença *mystica* de Maria Sma., na Eucharistia, e a sua presença corporal *gloriosa,* perto do Tabernaculo nos apresentam, sentimos instinctivamente aproximar-se de nós o coração da nossa querida Mãe e vemos a sua mão carinhosa estender-se sobre as nossas cabeças para abençoar-nos, tomar-nos pela mão e levar-nos a Jesus.

E' o seu officio proprio.

A presença da Mãe de Jesus, perto do Tabernaculo, é uma verdade tão doce, tão consoladora, como seria doce ao coração de um orphãozinho, si lhe dissessem que ali, perto, está a sua mãe, esperando-o e querendo abraçal-o.

O pobre orphão talvez não comprehenderia toda a suavidade de tal convite, julgando impossivel uma tal presença.

Estes orphãos somos nós.

Julgavamos a nossa Mãe querida, longe de nós, apenas *moralmente* presente, e eis que a Egreja vem repetir-nos a palavra do Evangelho: A vossa Mãe está ali, perto... *Ecce Mater tua!* Olhae para o Tabernaculo, onde está Jesus: A

vossa Mãe está ali mystica e gloriosamente presente.

Unde hoc mihi ut veniat Mater Domini mei ad me? (Luc. I. 43).

A nossa Mãe está ali!

E não somente ella está ali presente, mas ella tem um officio sagrado a exercer. Maria Sma. não fica ociosa. O céu é a sua *felicidade:* a terra é o seu campo de *actividade.* Lá, na gloria, ella contempla a Deus; aqui na terra ella ampara e dirige os homens.

Ella fica em relação continua com o céu, para inclinar Deus para nós; e, com o mundo, para mostrar-lhe a eternidade.

E' o officio de Maria.

E' este officio que vamos estudar neste capitulo, contemplando-o sob o seu quadruplo aspecto.

Maria é *Mãe de Jesus,* e como consequencia:

1. Ella é **Mãe espiritual** dos homens.
2. Ella é a **thesoureira** da graça.
3. Ella é a **medianeira** entre Deus e os homens.
4. Ella é a **dispensadora** eucharistica.

E' um officio unico: o exercicio da maternidade espiritual de Maria, considerado sobre um quadruplo aspecto.

I. MARIA, MÃE DOS HOMENS

Maria Sma. é Mãe de Deus e Mãe dos homens.

A segunda dignidade é o corollario necessario da primeira. (1)

1) Cfr. este bello assumpto em o nosso livro: «*A Mulher bemdita*», cap VI., «Maria, Mãe dos homens», onde esta verdade está completamente desenvolvida.

Dar a vida é ser mãe.
Maria nos deu a vida da alma.

Logo, ella é a nossa Mãe.

Ha, de facto, duas vidas em nós: uma vida *material* e outra *espiritual,* porque o homem é um composto de corpo e alma, e ambos estes componentes têm uma vida propria.

A vida do *corpo* é uma vida **natural,** que recebe da alma.

A vida da *alma* é uma vida **sobrenatural,** que recebe de Deus.

A vida do corpo chama-se: *vida humana.*
A vida da alma chama-se: *vida divina.*

Cada uma destas duas vidas tem uma origem differente.

A vida humana provém da união do corpo e da **alma.**

A vida divina provém da união da alma com **Deus.**

A vida do corpo nos vem dos nossos progenitores; por isso, são *nossos paes.*

A vida da alma nos vem de Deus; por isso, Elle é nosso *Pae;* porém ella nos vem por Maria; por isso, ella é a nossa *Mãe.*

Deus é a **fonte.**
Maria é o **canal.**

Jesus e Maria cooperam ambos na vida da nossa alma. Logo, si Deus é nosso Pae, Maria é nossa Mãe.

O Christo é a nossa vida, diz São Paulo (Philip. I. 21).

Ora, Maria é a Mãe desta vida.

Logo, ella é tambem a nossa Mãe.

Eis porque o Evangelho diz que Maria deu á luz o seu Filho *primogenito* (Math. I. 25).

Este primogenito é **unico** na ordem natural; na ordem espiritual Jesus Christo é o primeiro entre muitos irmãos: *Ut sit ipse primogenitus in multis fratribus*, como diz o Apostolo (Rom. VIII. 29).

Após estas noções sobre a maternidade espiritual de Maria, voltemo-nos para a Sagrada Eucharistia.

* * *

É com razão que a Egreja põe sobre os labios da Virgem Santa estas palavras dos Proverbios (IX. 5):

Vinde, e comei o pão que vos dou,
E bebei o vinho que vos preparei.

O banquete eucharistico é como o banquete de Maria: é Jesus quem se dá, mas é Maria quem o dá.

Adquirir e dar, de facto, são duas phases da mesma acção.

Como *Co-Redemptora* do genero humano, Maria adquiriu com Jesus a graça divina.

Como *Medianeira,* ella deve dar estas graças, com Jesus.

Ella adquiriu como *Mãe de Deus.*

Ella deve dar como *Mãe dos homens.*

É o officio da sua maternidade espiritual.

Não se póde separar, em Maria, a Mãe de Deus e a Mãe dos homens.

Maria é Mãe de Jesus Christo inteiro.

Ora, sendo Jesus Christo o Chefe da humanidade, Maria, como Mãe da cabeça, é necessariamente a Mãe *espiritual* do corpo inteiro: da humanidade.

Maria é a Mãe physica de Jesus Redemptor, e a Mãe espiritual dos redemptos, resgatados.

É o ensino de Santo Agostinho, que diz: — «Si somos devedores a Maria, da Encarnação que é a fonte universal da graça, é tambem por Maria que todos os filhos da Egreja recebem as outras operações que são dependencias della. Segundo o corpo, ella é Mãe do Salvador que é nosso Chefe; segundo o espirito, ella é Mãe dos fieis, que são os seus membros: *Carne, mater capitis nostri; spiritu, mater membrorum ejus*».

O fundamento da sua maternidade espiritual está na *Encarnação,* e não na *Redempção*, como se pensa, ás vezes.

Não é ao pé da Cruz que Maria foi feita Mãe dos homens; ella foi ahi *proclamada* como tal. A instituição data da Encarnação: a proclamação ou promulgação se fez do alto da Cruz.

O Calvario é o logar da nossa dolorosa *geração* á graça divina.

Ora, antes de gerar, a mãe já é mãe, sendo a geração uma consequencia e a manifestação publica da maternidade.

Maria, ao pé da Cruz, antes mesmo de Jesus deixar cahir de seus labios moribundos a suave palavra: *Eis ahi a vossa mãe,* estava ali como Mãe *espiritual* dos homens, como ella já era a Mãe *physica* de Jesus.

A maternidade espiritual de Maria apoia-se sobre a ligação necessaria de consequencia que existe entre:

1. O merito e a intercessão
2. A Redempção e a santificação.

São dois argumentos theologicos de primeiro valor.

1. MERITO E INTERCESSÃO

Ha uma verdadeira paridade entre o poder de *intercessão* e o valor *meritorio*, pois ambos

derivam do estado de graça e da dignidade da pessoa.

O poder de intercessão, no céu, apoia-se sobre os meritos adquiridos na terra.

Em Maria Sma. o *merecimento* attingiu, a titulo *secundario*, tudo o que Jesus Christo mereceu como causa *principal* e em rigor de *justiça*. É pois conveniente que a sua intercessão secundaria se estenda tão longe que a intercessão *principal* do Salvador, isto é: a todas as graças sem excepção.

E' justo que o papel de Maria, na distribuição da graça, corresponda inteiramente ao que tivera em sua acquisição.

Ella nos mereceu todas as graças *secundariamente* e em união com o seu Filho; ella deve pois distribuil-as todas, por uma mediação secundaria e em união com Jesus.

2. REDEMPÇÃO E SANTIFICAÇÃO

É a segunda prova theologica.

Tendo Deus decretado que a sua Mãe lhe fosse unida na obra da Redempção, é natural que lhe fique associada, no céu, na obra da santificação, por ser esta o complemento daquella.

A Encarnação não póde realizar-se sem o consentimento formal de Maria; o prolongamento da Encarnação deve pois depender tambem de seu consentimento actual e sempre renovado.

A influencia de Maria é, deste modo, continua e se applica a todos os seus effeitos.

A obra da Redempção é uma só, e esta obra inclue necessariamente: *a acquisição* dos meritos e a *applicação* destes meritos, que é a santificação das almas.

Esta obra redemptora inclue:

A nossa geração actual.

A nossa geração gradual pela graça.

O desenvolvimento laborioso de Jesus em nós, para chegarmos á plenitude da gloria.

E' o triplice officio de Maria Sma.

Como Mãe espiritual dos homens, ella deve zelar, pelo nascimento á graça, pela educação gradual, pela formação dos mesmos.

Fazer nascer, educar, formar, é o que a Virgem Santa faz perto do Tabernaculo de seu Jesus, em favor de seus filhos.

O peccador encontra ali o *nascimento* á graça.

O homem em graça *fortifica-se* pela virtude.

O homem forte *diviniza-se* pelo amor.

E' Maria que está encarregada de operar estas transformações, como *mãe espiritual* das nossas almas.

O Tabernaculo é como o deposito dos merecimentos e das graças divinas. Por isso Maria Sma. fica ali presente: para attrahir os pobres peccadores aos pés de Jesus; para fortifical-os nas lutas, pelas graças divinas; para santifical-os pelo amor eucharistico.

II. A THESOUREIRA DIVINA

Maria é Mãe de Deus e Mãe dos homens.

Ora, uma Mãe é uma thesoureira nata perto de seus filhos.

Ella é pois a thesoureira das graças divinas.

Ella é a **thesoureira** e não a *productora*.

Só Deus póde produzir a graça, como *agente principal*, pois sendo a graça uma participação á natureza divina, é claro que só Deus póde realizar esta participação á sua propria natureza.

As creaturas, e com ellas Maria Santissima

podem ser simplesmente os *ministros* ou os instrumentos da graça.

E' neste sentido que a Humanidade de Jesus Christo, orgam da sua divindade, produz a graça e perpetra milagres.

Do mesmo modo que na Encarnação a Virgem Santa *não fez* a união do Verbo divino com a natureza humana, mas foi o **instrumento** desta união; assim, na justificação das almas, Maria não póde produzir a graça pela sua propria virtude, como causa principal, mas sim como *instrumento* ou ministro estabelecido por Deus.

Maria não é pois a *fonte;* é o **deposito.**

Ella não é simplesmente um *canal;* é um **oceano.**

Ella não é uma simples empregada, como os thesoureiros deste mundo; é uma **cooperadora** consciente e livre.

Não se deve considerar Maria distribuindo graças, como um empregado distribue moedas em nome de seu mestre.

As moedas existem em si mesmas, independentes daquelles que as distribuem ou recebem; porém não acontece assim com a graça.

A graça é um *accidente,* uma qualidade, (1) e não póde existir fóra da alma que a recebe, do mesmo modo que a côr, a belleza, a vida não se encontram sinão num objecto colorido, bello, ou num ser vivo.

Maria é o **oceano,** no qual Deus deposita todas as suas graças, para que, como thesoureira, ella as distribua *quando quer, como quer e a quem quer,* como diz S. Bernardo.

Esta verdade é bem destacada e desenvolvida pelo Bemav. de Montfort.

---

1) Accidentis esse est inesse, diz Boecio.

«**Deus Padre,** diz elle, fez uma accumulação de todas as aguas, que denominou *mar;* Elle fez tambem uma accumulação de todas as graças, que chamou *Maria.*

Este grande Deus tem um thesouro ou um armazem muito rico, onde depositou tudo o que ha de bello, de resplandecente, de raro, de precioso até o seu proprio Filho; e este thesouro immenso não é outro sinão Maria, que os Santos chamam: o thesouro do Senhor, e da plenitude do qual todos os homens são enriquecidos.

Deus Filho communicou á sua Mãe tudo o que Elle adquiriu pela sua vida, seus meritos infinitos e suas admiraveis virtudes.

Elle a fez **thesoureira** de tudo o que o Padre Eterno lhe dera como herança.

É por ella que applica seus meritos a seus membros, que communica suas virtudes e distribue as suas graças.

E' o seu canal mysterioso, é o seu acqueducto, por onde Elle faz passar doce e abundantemente suas misericordias.

Deus Espirito Santo communicou á Maria, a sua Esposa fiel, seus dons ineffaveis, e a escolheu como distribuidora de tudo o que possúe». (1)

Ella foi escolhida, diz ainda o Santo Apostolo de Maria, resumindo o que precede, como thesoureira, economa e distribuidora de todas as suas graças.

Todos os dons divinos passam por suas mãos; e conforme o poder que ella recebeu, ella dá, como ella quer, as graças do Padre Eterno, as

---

1) Tratado da verdadeira devoção a Maria S. — Cfr. o nosso livro: «*Porque amo a Maria*», c. XX.

virtudes de Jesus Christo e os dons do Espirito Santo. (1)

Eis o que é claro e theologico, e o que convinha salientar, para comprehender o papel da Sma. Virgem na distribuição das graças.

A idéa de uma mediação inconsciente, physica, por errada que seja, penetra facilmente no espirito de certas pessoas, pouco acostumadas com estudos religiosos.

A graça é toda espiritual; e a mediação de Maria Sma. é muito mais que moral, é real, é efficiente.

Ella não é a fonte; é o **reservatorio** e, como tal, é como um bem **della propria,** que nós recebemos as graças divinas — *Totius boni plenitudinem posuit in Maria,* diz S. Bernardo. (2)

Maria dá o que é de Deus, mas que pertence a ella; ella dá o que está depositado nella, não como fonte, mas como reservatorio.

* * *

Suarez diz que a intercessão de Maria não é somente util, mas até *necessaria,* para alcançar a graça divina. (3)

Não se trata de uma necessidade absoluta: só a mediação de Jesus é absolutamente necessaria, diz Santo Affonso, mas de uma necessidade *moral,* fundada sobre esta razão, que Deus decretára não conceder nenhuma graça aos ho-

---

1) Cfr. o nosso livro: «*O segredo da verdadeira devoção para com a Sma. Virgem*».

2) Sermo de Aquæducta.

3) Sentit Ecclesia Virginis intercessionem esse utilem ac necessariam. (De Inc, p. 2. d. 23)

mens, sinão por intermedio de Maria, no dizer de S. Bernardo. (1)

Santo Idelfonso, antes de S. Bernardo, já havia affirmado a mesma verdade.

Oh! Maria, exclama o santo, Deus se dignou depositar em vossas mãos todos os bens que preparou para os homens; Elle vos confiou todos os thesouros e todas as riquezas de suas graças. (2

Juntemos a estas testemunhas as palavras do Doutor Angelico, em seu commentario da *Ave Maria:* «Maria foi cheia de graças, para derramal-as sobre os homens».

E' muito para um santo, o ter uma graça tão abundante que possa salvar um grande numero de almas; mas ter bastante graça, para salvar todos os homens, é o mais alto grau, e que só se encontra *em Jesus Christo e Maria.*

Em Jesus Christo, comprehende-se a razão: Elle é Deus-Homem; mas, porque tambem em Maria Sma.?

Pela razão que a sua graça é a que convém á Mãe de todos os homens.

Em sua qualidade de Mãe ella recebe para dar.

O fim e o funccionamento da maternidade são de **dar** a vida, e depois de **conservar** e **desenvolver** esta vida.

Ora, sendo Mãe de todos os homens, Maria deve distribuir a graça a todos os homens.

Ha entretanto uma distincção entre estas duas plenitudes.

---

1) Nihil nos Deus habere voluit, quod per Mariæ manus non transiret. (In Vig. Nat. S. 3)

2) Omnia bona quæ illic summa Majestas decrevit facere, tuis manibus voluit commendare; commissi quippe sunt tibi thesauri... et ornamenta gratiarum. (De Cor. Virg. C. 15)

A plenitude de Jesus Christo é a da *fonte*.

A plenitude de Maria é a do reservatorio, do canal.

«Em Jesus Christo, diz S. Bernardino, é a plenitude da vida que convém á cabeça; em Maria é a plenitude do pescoço, que é o orgam transmissor dos influxos vitaes da cabeça». (1)

Tal é o symbolo da Virgem Santa, no corpo mystico de Jesus Christo.

O Christo é a cabeça; Maria é o pescoço.

O pescoço é inferior á cabeça, mas é-lhe estreitamente unido, dominando os demais membros do corpo.

Assim Maria, pura creatura, está abaixo de Jesus Christo, que é Deus; mas é-lhe inseparavelmente unida, elevando-se acima dos anjos e dos homens.

A sua graça, como a de Jesus, é, de certo modo, uma graça capital, visto ter esta graça a excellencia e a plenitude que convém á Mãe e medianeira universal das graças.

Quantas bellas e suaves reflexões não inspira esta figura de pescoço!

E' ao pescoço da sua mãe que a criança se lança sob a impressão do terror ou do amor.

E' ao pescoço que a criança enlaça com os seus bracinhos, fazendo-lhe inclinar a cabeça para dar ou receber o seu beijo.

Symbolo verdadeiro e tocante da devoção a Jesus por Maria!

E' ao collo de Maria que devemos lançarnos para chegarmos a Jesus e inclinal-o para nós, para recebermos as suas divinas caricias e este

---

1) Plenitudo gratiæ fuit in Christo, sicut in capite influente, in Maria vero, sicut in collo transfundente. (S. Bern. Serm. p. 2. concl. 61 a 2)

suave beijo ao qual aspiram as almas puras: *Osculetur me osculo oris sui* (Cant.)

Tal se apresenta á nossa contemplação a Virgem Immaculada considerada como *thesoureira* divina das graças. Uma phrase de S. Bernardo resume admiravelmente tudo o que acabamos de vêr. «Antes de distribuir ao genero humano os fructos da Redempção, Deus tudo derramou em Maria; poz nella a plenitude dos bens». (1)

Porque uma tal accumulação de graças, de dons, de riquezas em Maria?

Para que a thesoureira divina as distribua ás creaturas, a quem ella quizer, como diz São Bernardino.

Ella é pois verdadeiramente a thesoureira divina. E como é no Tabernaculo que Deus collocou a fonte destes thesouros, é perto do Tabernaculo que Maria Sma. deve estar, para ali receber de Jesus estes thesouros e communical-os á humanidade.

E' por isso que é chamada: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento*, o que equivale de modo perfeito a: Thesoureira das graças, cuja fonte é o Tabernaculo.

III. DISPENSADORA EUCHARISTICA

Verificada e provada esta verdade fundamental da Mediação Universal da Sma. Virgem, e da consequencia desta mediação, que é o seu officio proprio de thesoureira das graças divinas — *Thesauraria Jesu Christi*,— como diz Alberto Magno, devemos volver os nossos olhos para o Smo. Sacramento do Altar.

---

1) Redempturus humanum genus, pretium universum contulit in Mariam... Totius boni plenitudinem posuit in Maria. (S. Bern. Serm. de Aquæd)

A Eucharistia é Jesus Christo verdadeiramente presente sobre o Altar.

E Jesus Christo é a graça *increada* pela sua divindade — é tambem a graça *creada*, pela sua humanidade. É o alpha e o omega, o começo e o fim, é a fonte inexgotavel, insondavel e infinita de todos os bens.

O Tabernaculo não é simplesmente o *Thabor*, onde o Christo se transfigura.

Não é simplesmente o *Jardim* das Oliveiras, onde se offerece ao Padre Eterno.

Não é simplesmente o *Calvario*, onde se immola pela salvação dos homens.

Não é simplesmente a *Ceia*, onde se dá, como alimento á humanidade soffredora.

O Tabernáculo é mais que tudo isso. É o céu! — *O céu está na Eucharistia. (1)*

O céu é: *Deus contemplado face a face. Vidi cœlum apertum* (Ap. XIX. 11).

E' a luz da gloria penetrando um ser creado, apoderando-se de todas as suas faculdades, extasiando-o de amor, e fixando-o desde o momento de sua apparição, de relance, na eternidade da gloria.

O céu é este instante eternamente renovado. É o amor eterno. *Qui vocavit nos in œternam suam gloriam* (1 Pet. V. 10).

Oh, homem! toma esta pequena Hostia, que tuas mãos fizeram talvez, que mãos criminosas rasgarão talvez amanhã; esta parcella estreita, sem belleza, sem vida apparente, contém actualmente Jesus Christo, em seu corpo glorificado e em sua alma beatificada.

Ali, sob os véus eucharisticos, prosegue-se a eterna acção da beatitude.

---

1) Não se trata aqui do logar, mas sim da felicidade do céu.

Ali reina o Jesus do céu. Aqui e acolá Elle é indifferentemente o mesmo.

Oh! bello semblante transfigurado, e nobre fronte donde emanam relampagos.

Oh! olhos profundos do infinito, oh! labios entreabertos no extase.

Oh! todos estes traços divinamente languidos, sob a impressão de uma beatitude maior que toda alma creada, maior que a propria alma de Jesus.

Oh! não fatigues mais o teu olhar, procurando o céu nas profundezas longinquas do firmamento. O céu está ahi perto de vós!

Está ahi no espaço estreito desta Hostia, sob as especies vulgares do Sacramento.

O céu?...

Mas Jesus o trouxe para ti do Alto da sua eternidade aqui na terra. — *Ecce cœlum, et cœli cœlorum* (Eccli. XVI. 18).

O céu? Jesus o está gozando aqui perto de ti!

Oh! verdade, oh! grandezas da Eucharistia, exclama o Padre Faber. (1) Nosso Senhor possue ahi uma **entidade substancial** tão verdadeira, tão solida, tão integra como no céu; de tal modo, que em virtude de seu poder divino, Elle poderia ser conservado na Eucharistia, mesmo no caso, em que, por uma supposição impossivel, Elle deixasse de existir no céu».

A Eucharistia o possue *tanto* quanto o céu!

Ha o *céu glorioso. Qui ascendit super cœlum cœli* (Ps. 67. 34).

Ha tambem o *céu eucharistico. Ego sum... qui de cœlo descendi* (Joan. VI. 41).

São dois céus, porém a mesma claridade

---

1) O Smo. Sacramento.

divina illumina os dois, e de ambos o luzeiro é o cordeiro divino. *Et lucerna ejus est Agnus* (Apoc. XXI. 23).

* * *

No céu luminoso da eternidade, ao lado do throno do Eterno, está sentada a Virgem Santa, como a Mãe deve estar sentada ao lado de seu Filho, a fronte cingida de uma corôa de doze estrellas — *Mulier amicta sole... In capite ejus corona stellarum duodecim* (Apoc. XII. 1).

No céu eucharistico, da terra, ao lado do mesmo Eterno feito homem, está tambem sentada a Mulher mysteriosa, a Mãe de Jesus, tanto para partilhar as humilhações e os desprezos deste céu velado, como para estender a sua mão carinhosa a todos aquelles que vão prostrar-se diante deste throno.

Ella está ali como *Medianeira*, para apresentar a Jesus as nossas preces, as nossas lagrimas, para estender-nos o braço de Jesus, e communicar-nos as graças, que do Coração divino transbordam em seu coração, e de seu coração vão-se derramando em nossos corações.

Maria Sma. é ali a **Dispensadora eucharistica,** como no céu é a Medianeira gloriosa.

Tudo nos vem de Jesus, mas tudo nos vem por Maria.

Tudo nos vem da Eucharistia, mas tudo nos vem por Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

Si tudo nos vem por Maria, como seria excluido deste **tudo** a divina Eucharistia?

Em toda parte e sempre Jesus nos é dado por Maria, e Elle não o seria na Eucharistia?

E' impossivel!

Seria contrario á unidade das operações divinas.

Em toda parte Maria Sma. é o meio, o **instrumento** das manifestações divinas.

Depois de nos ter dado Jesus na Encarnação, como o **principio** da graça, na paixão como o **preço** da graça, ella deve dal-o ainda na Eucharistia como a **applicação** da graça.

E' a vida completa, integral —principio, preço e applicação.

Maria é nossa Mãe em toda a extensão da palavra.

Ella experimentou as dores atrozes da maternidade.

Ella quer tambem cumprir todas as obrigações desta maternidade. Estas obrigações são a **educação** e a **alimentação.**

A *educação* religiosa nos é ministrada pela doutrina evangelica.

A *alimentação* nos é dada pela Sagrada Eucharistia.

Não basta dar o pão alimenticio ás crianças; ellas não sabem aproveital-o; é tarefa da mãe partir este pão, adaptal-o ás forças e á disposição da criança.

E' tambem Maria que deve partir-nos o pão eucharistico, mergulhal-o no leite de seu amor, preparal-o para que se adapte ás nossas necessidades.

E tudo isso se resume admiravelmente no titulo de: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento.*

Ella é a *Senhora*, porque tem jurisdicção sobre Jesus—uma jurisdicção de Mãe sobre o Filho.

Ella é a *Nossa Senhora*, porque esta jurisdicção se estende sobre nós e serve para unir-nos a seu Jesus.

Ella é a *Nossa Senhora do Smo. Sacramen-*

to, isso é, da fonte de todas as graças, que é Jesus, verdadeiramente presente na Eucharistia.

O Tabernaculo é, ao mesmo tempo, o presepio e o Calvario de Jesus; aqui, como acolá, Elle nasce e morre por amor dos homens.

Sobre o presepio os anjos cantaram o seu *Gloria in excelsis Deo;* sobre o madeiro da cruz o proprio Redemptor terminou o hymno começado pelos anjos, dizendo em alta voz: *Ecce Mater tua.*

No Tabernaculo encontramos ainda Jesus, a fonte das graças, e Maria Dispensadora eucharistica destas graças.

A Egreja, assistida pelo Espirito Santo, comprehende admiravelmente estas divinas verdades.

Nas horas mais solemnes, nas supplicas mais decisivas, a Egreja apoia-se sobre Maria e a implora como a *dispensadora* das graças eucharisticas.

Eis o Sacrificio eucharistico: a Missa.

Ali, atraz das alvas apparencias da Hostia consagrada, o Padre Eterno gera o seu Filho; o Filho e o Padre produzem o Espirito Santo; Jesus Christo offerece a seu Pae o louvor eterno e infinito, que exprime tudo o que Deus é, numa equação perfeita entre o adorador e o adorado.

Neste momento solemne a Egreja vira-se para Maria Sma. e pede-lhe, pela bocca do Sacerdote, que ore, emquanto perdurar o santo Sacrificio. (1)

Ora, o Sacerdote, neste momento, dando ordens a Deus, é obedecido.

Logo, deve-se concluir que Maria Sma. attende tambem o brado supplicante que a invoca.

Temos, deste modo, a certeza, que durante

1) Precor beatam Mariam, semper Virginem... orare pro me ad Dominum Deum nostrum. *(conf.)*

o santo Sacrificio, a Virgem Santa permanece em supplica, para que os fructos sejam mais abundantes, mais salutares e mais fecundos.

É o que fazia dizer a Santo Agostinho: Reconhecemos, ó Virgem gloriosa, que é verdadeiramente por vós e de vós que nós recebemos tudo o que nos é dado ou será dado de beneficios. (1)

IV. A MEDIANEIRA UNIVERSAL

Do que acabamos de dizer, duas verdades salientam-se de modo particular: que são a **Mediação** universal, e a **cooperação** á obra do Espirito Santo.

E' hoje doutrina acceita e ensinada por todos, que Maria é a Medianeira universal de todas as graças de seu divino Filho.

Em Jesus Christo, diz Santo Affonso de Ligorio, ha a plenitude de todas as graças, como sendo a cabeça da Egreja; em Maria ha uma plenitude proporcionada, fundada sobre a plenitude de Jesus Christo, que é a transfusão desta plenitude, bastante grande para salvar o mundo inteiro.

Os doutores e os santos são unanimes a esse respeito.

S. Bernardino exprime admiravelmente esta verdade:

«Desde que Maria deu ao mundo, o autor da graça, diz elle, todas as influencias vitaes da graça, que são transmittidas ao seu corpo mystico, passam por Maria». (2)

---

1) In te, Virgo gloriosa, et per te, et de te, quidquid boni recipimus et recepturi sumus, per te recipere vere cognoscimus. (De Assumpt.)

2) Virginem a capite, Christi vitales gratiæ in ejus

E' conhecida a palavra de S. Bernardo exhortando a recorrer á Virgem Santa: «Amemos, amemos de todas nossas entranhas a Sma. Virgem, pois tal é a vontade de seu Filho, que quer que tudo recebamos por Maria». (1)

Sem duvida, diz Santo Affonso, não dizemos que Deus não **póde**, mas sim que não **quer** conceder-nos as graças, sem o intermedio de Maria Sma.

Citemos ainda a seguinte passagem de São Bernardo, tão profunda quão suave. O santo escreve:

«Jesus é o unico Medianeiro de justiça, que póde orar em seu proprio nome, apoiado sobre os seus meritos e o seu direito.

«Maria só obtem pelos meritos do Salvador e em virtude de uma prece feita em nome de Jesus Christo; entretanto, tal é a ordem livremente estabelecida por Deus, que a Mediação de Maria intervenha sempre na dispensação da graça.

«Esta ordem repara admiravelmente a economia, viciada e destruida pelo peccado; pois, do mesmo modo que uma mulher e um homem tinham concorrido para nossa perda, um homem e uma mulher deviam combinar para resgatarnos». (2)

Taes passagens se encontram numerosas nos escriptos dos Santos Padres, e hoje a Mediação é uma verdade definitivamente reconhecida e que brevemente será proclamada artigo de fé. Das autoridades citadas podemos já tirar a conclusão que se relaciona com o nosso assumpto.

---

corpus mysticum transfundantur a tempore quo Virgo Mater concepit. (S. Bernardino)

1) S. Bernardo — De aquæductu.

2) S. Bernardo — In signum magnum.

Si todas as graças nos vêm por Maria, com mais razão nos vem por ella a graça das graças, que é a Sagrada Eucharistia.

A Eucharistia é tambem o fructo de sua Mediação. Não póde haver duvida a este respeito.

Quem dá tudo, dá necessariamente as partes deste tudo.

Estudando os fundamentos deste poder de Mediação, encontramos provas mais decisivas ainda. Podemos e devemos distinguir, de facto, o **poder** de Maria e os **fundamentos** deste poder.

Escutemos o grande Suarez a este respeito:

«Si Maria é chamada para nos communicar todas as graças, que nos adquiriu a Redempção, diz elle, é por causa do modo todo particular, com que ella cooperou nesta grande obra.

«Embora Maria não nos tenha resgatado, propriamente falando, e não tenha merecido nada em rigor de justiça, entretanto ella foi a co-redemptora do genero humano *(adjutrix redemptionis)*, diz o Bemavent. Alberto Magno, pela sua cooperação singular á nossa salvação.

«De facto, Maria deu ao Salvador, e isso de sua propria substancia, a humanidade santa, que foi o preço de nosso resgate e ella a offereceu para nossa salvação; ella pediu, pelas suas instancias, a obra da nossa redempção.

Dahi provêm estes titulos: *causa de nossa alegria, vida do mundo, co-redemptora, unica esperança dos homens*, que lhe prodigalizam os santos Padres. (1)

A condição indispensavel, para satisfazer e remir, era de Jesus ter um corpo como nós; e

1) O P. Tesnière diz que um piedoso autor encontrou em seus escriptos vinte vezes o titulo de Co-redemptora.

Maria lhe forneceu este corpo de suas purissimas entranhas, para que ambos, Jesus e Maria, «*communio voluntatum et dolorum*» pudessem salvar a humanidade; e esta é tambem a razão do poder de Maria sobre todas as graças, merecidas pela paixão e morte do Redemptor.

S. Methodio tem uma phrase admiravel a respeito deste poder da Sma. Virgem sobre as graças divinas.

«Coragem, confiança, ó Maria, exclama elle num discurso sobre a Virgem Santa, pedi para nós sem receio, vós tendes por devedor aquelle que empresta a todos. Todos nós somos os devedores de Deus, porém a vós, ó Maria, o proprio Deus é devedor. (1)

Jesus Christo é devedor de Maria. E em que?

Elle lhe deve tudo o que mereceu pela sua Encarnação. Maria augmentou-o deste corpo pelo qual Elle pôde merecer, morrer, salvar o mundo e dar-se em alimento a seus filhos.

Maria Sma. póde cantar o seu hymno triumphal: *Magnificat anima mea Dominum.* A sua alma immaculada, exaltou, augmentou o seu proprio Senhor.

A Redempção é continuada pela Eucharistia. É ahi que ella é applicada. E' ahi que Deus é glorificado, exaltado, e que os homens encontram a salvação na Santissima humanidade do Salvador.

Mas, sem Maria não haveria Eucharistia. Sem Eucharistia não existiria o *pão vivo descido do céu* (Joan. VI. 51), para alimentar as almas; não haveria *a participação ao corpo e ao sangue do Senhor.* (I. Cor. X, 16)

E, entretanto, Elle desceu do céu para ser

1) Fuge, fuge quæ debitorem habes filium qui omnibus mutuatur: Deo enim universi debemus tibi autem etiam ille debitor (S. Meth. Orat. de B. V. M.).

o nosso pão vivo no Smo. Sacramento, para ser a vida do mundo. — *Ego veni ut vitam habeant.* (Joan. X. 10)

Mas tudo isso não póde existir sinão pela carne que Jesus recebeu de Maria.

E' a carne que nos perdeu, diz Sto. Agostinho, é a carne que deve curar-nos.

Para que o remedio fosse apropriado á molestia, continúa Suarez, era preciso que Jesus nos desse o seu Corpo a comer e o seu Sangue a beber.

Maria torna-se, pois, a *Medianeira* de todas as graças, o que inclue a Sagrada Eucharistia. Deus remetteu em suas mãos a inteira e soberana disposição de todas as suas graças.

Que maravilha!

Todas as graças creadas que encerra a divina Eucharistia estão no poder de Maria... É uma immensidade!

Ha mais que isso.

Ha na Hostia santa o proprio autor da graça — Jesus.

E Maria tem sobre Jesus Eucharistico uma jurisdicção soberana, uma jurisdicção de Mãe.

Ella dá e distribue tambem a graça increada; é a esse titulo que ella é verdadeiramente Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

Parece ser muito?

E' muito, de facto, mas é verdade. O Beato Alberto Magno já o disse muito antes de nós.

«Por Maria, diz elle, nos vem tudo o que o mundo recebeu ou recebe de graças, **creadas** ou **increadas.** (1)

Nós encontramos deste modo na divina Eu-

---

1) Per ipsam exivit quidquid gratiae unquam creatum vel increatum in hunc mundum venit vel venturum fuit (Cit. op. Oller).

charistia esta lei admiravel e cheia de amor, que o Evangelho proclama em cada uma de suas paginas: *Jesus dando se por Maria*, e que S. Matheus synthetiza na phrase admiravel e conhecida: *Et invenerunt puerum cum Maria Matre ejus* (Math. II. 11).

E' a lei geral, a lei universal. É sobretudo a lei eucharistica. Não se encontra Jesus sinão com Maria e por Maria. — *Nunquam invenitur Christus nisi cum Maria, nisi per Mariam.* (1)

V. CONCLUSÃO

Taes são os officios de Maria perto da Eucharistia: ella é Mãe, Thesoureira, Medianeira e Dispensadora eucharistica.

E' um assumpto que deslumbra, que causa vertigem.

Como aquelles que sobem grandes alturas, baixando a cabeça para ver o que se agita debaixo de seus pés, sentem vertigem, assim nestas alturas sublimes, sentimos como a vertigem da grandeza, do poder e da bondade de Deus.

Meu Deus, será possivel?

O pobre homem, andando com os pés na lama deste mundo, póde levantar a cabeça, fitar o Tabernaculo, e dizer: ahi está o céu. Ahi, num acto continuo, renovam-se os eternos mysterios do amor de Deus.

Ahi, o Christo nasce, morre, sobe ao céu, desce das alturas, como em Pentecostes. Dahi e ali nascem os Apostolos, os Martyres, as Virgens. Ahi, no silencio do dia e nas trevas da noite, o tempo pára diante da eternidade, como as aguas do oceano param diante dos immensos rochedos que abatem suas ondas encrespadas.

1) S. Boavent. Spec. Mariæ lectio VI.

E ahi, neste silencio mysterioso, onde está corporalmente presente o Filho do Eterno, e pessoalmente presente cada uma das Pessoas da SS. Trindade, ahi está tambem a Virgem Immaculada.

Ella está ahi, como estava ao lado do presepio e do Calvario.

Ella está ahi, não mais physicamente com o seu corpo mortal, mas corporalmente com o seu corpo glorificado.

Ella está na Hostia Sagrada *mysticamente* unida a Jesus.

Ella está ahi, como thesoureira divina, como medianeira eucharistica, pois o Tabernaculo é como o centro das manifestações divinas neste mundo.

Maria Sma., deste modo, é do céu e da terra. É do céu pela sua dignidade de Mãe de Deus. E' da terra pelo seu officio de Medianeira.

Ella alcança a divindade pela maternidade divina; está unida á humanidade pelo sangue e pela raça.

As graças divinas são dadas aos homens pelo duplo processo: sacramental e espiritual.

O processo sacramental são os **Sacramentos;** o espiritual é a **oração.**

O instrumento das graças sacramentaes é a humanidade de Jesus Salvador.

Ora, Maria tem jurisdicção sobre esta humanidade, como Mãe.

Ella tem tambem jurisdicção sobre todos os processos do Espirito Santo, dizem São Bernardino de Senna e o Bemaventurado de Montfort, isto é, sobre a oração.

Tudo, tudo passa, pois, pelas suas mãos.

Maria Sma. exerce uma acção continua sobre Jesus e os homens.

A Sagrada Eucharistia é o centro, a fonte de todas as graças.

*

É conhecida a bella comparação de S. Paulo, a respeito do corpo mystico do Salvador.

Vós sois o corpo de Christo e os membros de seus membros (1 Cor. XII. 27).

Embora sejamos muitos, formamos um unico corpo em Jesus Christo: *Ita multi, unum corpus sumus in Christo* (Rom. XII. 5).

A cabeça é Jesus Christo.
O coração é o Espirito Santo.
O pescoço é Maria Sma.
Os membros somos nós.

O logar do pescoço: *Maria collum Ecclesiæ* — cabe á Maria Sma.

Ella não é a cabeça; não é tambem um simples membro, mas é o laço, o intermediario, a medianeira entre a cabeça e os membros, entre Jesus Christo e os homens.

Todas as impressões da cabeça, para alcançarem os membros, devem atravessar a columna movel que os liga á cabeça.

Maria Sma. é este pescoço mystico.

Ella depende em tudo de Jesus Christo, e é delle que recebe a *plenitude* das suas perfeições, devendo o Salvador, pela ordem estabelecida por Elle, servir-se della, para agir sobre nossas almas.

Esta comparação exprime de modo pittoresco, como na ordem de *intercessão* a graça desce de Jesus Christo em Maria; de Maria em nossas almas, e como depois, transformada em me-

ritos e supplicações, remonta das nossas almas á Virgem gloriosa, por ella a Jesus e de Jesus para a eternidade donde sahira. (1)

A fecundidade virginal de Maria exerce-se sobre o corpo mystico, tão bem como sobre o corpo natural de Jesus Christo.

A geração espiritual é o complemento da maternidade divina.

O officio de Mãe, na ordem sobrenatural, não é somente dar a vida, mas tambem conserval-a, entretel-a, fortifical-a.

A existencia physica, uma vez transmittida, póde desenvolver-se pelas forças naturaes do corpo; os cuidados maternos não são continuadamente indispensaveis.

A vida da alma, para crescer, exige uma influencia **immediata** e **continua** do alto.

Para cada acto meritorio ou até simplesmente salutar, é necessaria uma nova energia, um novo movimento, uma graça actual.

Si Maria é verdadeiramente nossa Mãe, ella deve communicar-nos cada um destes movimentos que augmentam nossas forças sobrenaturaes, cada uma destas energias vitaes que fazem chegar a alma á sua maturidade, numa palavra: cada uma destas graças que desenvolvem a vida.

Maria sendo pois toda Mãe: *tota Mater,* é preciso que, depois de nos ter gerado á vida sobrenatural, que nos procure todas as graças necessarias para o desenvolvimento desta vida.

Logo, tudo passa pelas suas mãos.

Ella exerce continuadamente o seu officio de Medianeira.

---

1) Sobre esta bella comparação ver São Bernardo: Serm.: *de Aquaeductu* — S. Bernardino de Senna: de glorio nomine V. M. — Bellarmino: Conc. 42: de Nativ. B. M. V.

Que sublimes, que ineffaveis horizontes se abrem diante de nós, mostrando-nos Maria unida a Jesus, Jesus unido a Maria, agindo conjunctamente para a salvação do mundo:

Jesus agindo physicamente.
Maria agindo mysticamente.
E' o céu na terra...

Porque, ó grande Deus, fica este céu tão escondido, tão pouco conhecido dos homens?!...

E' porque nós queremos o céu glorioso, que só a eternidade póde descobrir-nos, emquanto aqui na terra o nosso céu é a **immolação.**

E o Tabernaculo é o céu desta immolação.

CAPITULO XII

A OBRA EUCHARISTICA de Maria

E' a Sma. Virgem quem nos preparou a Eucharistia. Não é uma piedosa ficção; é uma realidade.

Ha diversos modos de expôr esta verdade que tanto honra a Virgem Immaculada.

De um modo geral póde-se formular a these, dizendo que a Eucharistia sendo o Corpo de Jesus Christo, como diz a Egreja — «Corpus Christi» e sendo Maria quem nos deu este Corpo sagrado, é ella tambem quem nos deu a Eucharistia.

É a applicação do axioma escolastico: *Causa causæ est causa causati.*

Si Jesus é a causa principal e primeira da Eucharistia, Maria é a causa secundaria. A Eucharistia vem de Jesus e Jesus vem de Maria.

De outro lado, e num sentido já mais rigoroso, como vimos no capitulo precedente, Maria é a Medianeira entre Deus e os homens, e a *Dispensadora* de todas as graças divinas.

Ora, entre estas graças a mais importante, a graça das graças, é a Sagrada Eucharistia.

Logo, esta graça é tambem o fructo de sua mediação.

Penetremos este suave pensamento, tão glorioso para Maria quanto consolador para nós.

E' ella quem nos pediu e alcançou, quem nos mereceu, nos preparou e nos deu a divina Eucharistia.

I. MARIA PEDIU A EUCHARISTIA

Deus deseja mais communicar-nos os seus dons, do que nós desejamos recebel-os.

Entretanto, costuma Elle estabelecer como condição de suas liberalidades, que elles sejam pedidos com fervor e com instancia.

Para arrancar a humanidade ao inferno, Deus lhe promette um Salvador; porém, durante milhares de annos, os Prophetas, os Patriarchas, os Justos da antiga lei chamam no, com todos os seus votos e gemidos.

Rorate coeli desuper, et nubes pluant Justum!!

O Salvador quer dar á Samaritana a agua divina da graça, mas primeiro excita nella o desejo desta agua que deve jorrar até a vida eterna, e Elle mesmo colloca-lhe sobre os labios esta prece ardorosa: *Senhor, dae-nos desta agua!*

Do mesmo modo, Elle annuncia a Eucharistia e exalta *este pão do céu, superior ao maná do deserto, que preserva da morte aquelles que delle se alimentam,* (Joan. VI. 31, 49, 59) até que os discipulos exclamem: *Senhor, dá-nos sempre deste pão.* (Ibid. 34).

Suarez, apoiado sobre santo Thomaz, prova que os santos Patriarchas da lei antiga mereceram, pelos seus desejos e suas supplicas, não a Encarnação do Verbo, a qual sendo a propria **causa** e o fundamento de toda graça, não póde ser merecida, mas algumas das circumstancias

misericordiosas que acompanharam esta dadiva. (1

Maria Sma. os ultrapassou a todos, sendo pois digna, pelas graças com que foi prevenida e pela incessante cooperação a estas graças, de tornar-se a Mãe de Deus.

A Egreja proclama, após os Santos Padres, que Maria havia preparado em seu seio, um Tabernaculo digno do Filho de Deus. (2)

Assim foi e assim devia ser.

Deus exigiu o *Fiat mihi* da humilde Virgem para a realização da Encarnação, e não somente para a Encarnação como **facto,** mas sim como **principio** de tudo o que a seguiria. Deus lhe revelou de antemão a Sagrada Eucharistia, por ser esta o prolongamento da Encarnação.

O seu *Fiat* era a causa *immediata* da Encarnação, e a causa *mediata* da Eucharistia.

Conhecendo o mysterio Eucharistico, é impossivel que a Virgem Santa não a tivesse ardentemente desejado, e até apressado pelas suas supplicas, como tinha apressado a propria Encarnação.

Podemos dizer, pois, que Maria mereceu, em parte, a realização deste mysterio de amor, e que é para ella sobretudo e pelo amor que lhe tinha que o Verbo se fez homem e instituiu este divino Sacramento.

Ella cooperou para a sua execução de modo admiravel, e esta cooperação tornou-se o fundamento de seu poder universal, na ordem da graça. (3)

Estes principios foram postos por santo Tho-

---

1) Q. XI. art. 2. d. XII. sec. 6.

2) Brev. Rom. Orat. ad Antiph. B. M. V.

3) Tesniere: N. D. du Tr. S. Sacrem.

maz e Suarez, tendo pois um valor doutrinal incontestavel.

Conhecendo a Eucharistia, antes mesmo de sua instituição, é certo que Maria Sma. a desejava ardentemente, orava para isso, até que as suas preces, juntas ao amor de seu divino Filho, nol-a alcançaram.

Maria Sma. desde o seu nascimento teve o uso perfeito de sua razão illuminada pela fé, de modo que, sob a direcção do Espirito Santo, que era o seu grande Mestre, ella penetrava de modo admiravel as prophecias do Antigo Testamento. (1)

Maria, diz Origines, possuia a sciencia perfeita das Escripturas, e continuas meditações lhe revelaram os oraculos dos Prophetas. (2)

Sendo assim, comprehende-se facilmente que a Virgem Santa teve não somente uma intuição da futura Eucharistia, mas uma especie de *presentimento*, do papel que lhe caberia na regeneração do mundo.

O Manná do deserto era um symbolo, que figurava o Manná descido do céu.

O cordeiro immolado era a figura da immolação continua do Cordeiro divino.

O propheta Malachias annunciára que o sacrificio cruento seria substituido por outro, incruento, que applacaria a ira de Deus.

Maria conhecia todas estas figuras symbolos e predicções eucharisticas, ignorando apenas o tempo, o modo, o logar.

Oh! como ella supplicava ao Altissimo que taes prophecias se realizassem, e que as sombras se dissipassem, diante da realidade.

---

1) T XIX. d. XIX. sect. 2.
2) Orig. citado por Suarez.

Durante toda a sua vida, a Virgem Santa não deixava de pedir este thesouro por excellencia, que é a Eucharistia.

No templo ella meditava, silenciosa e supplicante, estas palavras que se referiam tão claramente á divina Eucharistia:

Frumentum electorum: o trigo dos eleitos (Zach. IX. 17).

Vinum germinans virgines: o vinho que faz germinar a virgindade (Ibid.).

Ella se lembrava de Melchisedech offerecendo ao Altissimo o sacrificio de pão e vinho (Gen. XIV. 18).

Ella ouvia echoar a palavra divina: — *Iste est panis quem Dominus dedit vobis ad vescendum* (Exod. XVI. 15).

E diante das radiantes figuras da lei das promessas, a Virgem abria o seu coração, supplicava, chorava, para que a realidade viesse substituir estas figuras.

No dia da Annunciação, estas luzes tornaram-se mil vezes mais penetrantes, e a Virgem pôde penetrar no fundo do ineffavel mysterio da Encarnação, que devia ser o principio da Redempção e da Eucharistia.

Isidoro Glabas, Bispo de Thessalonica, diz estas palavras memoraveis: «A Sma. Virgem, tendo apreciado de modo ineffavel as delicias da união divina, pediu que os seus filhos não fossem privados desta união.

Ella supplicou ao seu divino Filho que preparasse o Festim eucharistico, onde as almas encontrassem o remedio para suas chagas, e o antegoso da eterna felicidade.

Deus não podia rejeitar tal prece, pois aquella que pedia merecia ser attendida, e Elle mes-

mo tinha ardente desejo de realizar esta maravilha de amor.

Eis os motivos do mysterio que se ia realizar. Pobres mortaes, nós commungamos da carne de Deus, que a Immaculada Virgem forneceu, e da qual se revestia o Salvador. (1)

Jesus parece querer attender, antecipadamente, as supplicas de sua Mãe, e o seu primeiro milagre será uma das mais tocantes figuras da Eucharistia.

Vêde, diz um piedoso autor, (2) com quanto ardor Maria supplica a seu Filho instituir o Sacramento adoravel — *Vinum non habent!*

Mas a hora não havia ainda chegado.

Era preciso que Jesus adquirisse, pelos seus trabalhos apostolicos, as suas fadigas, os seus soffrimentos e a sua morte, os thesouros infinitos de graças e de meritos que queria accumular e depositar na Eucharistia, para ali applical-os, todos, ao mesmo tempo. (3)

Um theologo chega até a dizer que Maria urgia deste modo Jesus, em Caná, porque no dia de sua Encarnação Elle se tinha compromettido a instituir este Sacramento para ella, e que Maria não fez sinão pedir a realização desta promessa.

Seja como fôr, — si é apenas uma opinião — o certo é que o primeiro milagre de Jesus é uma figura eucharistica, e esta figura é realizada a pedido de Maria.

E si tudo isso não fosse sufficiente, diz o P. Tesnière, (4) para provar que Maria conhecia

---

1) Revista. Eucharistica — Fevereiro 1911 p. 33.

2) Conti: Aquilla Eucharistica.

3) Pinna: Etho. 1909 in Eccles.

4) N. D. du Tr. Sacrement. Chap. V.

antecipadamente a Eucharistia, é preciso, pelo menos, admittir que ella acreditava na famosa prophecia de Capharnaum e comprehendia a sua extensão.

«*Eu sou o pão da vida... Este é o pão que desceu do céu... Eu sou o pão vivo, que desci do céu... O pão que eu darei é a minha carne... O que come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna. Porque a minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue é verdadeiramente bebida* (Joan. VI. 18 — 61).

Maria tinha ouvido estas palavras, e as tinha conservado em seu coração, de dia e de noite.

E' pois natural, é logico e até imperioso, que ella tivesse ardentemente desejado e pedido com lagrimas e suspiros a instituição deste divino Sacramento.

Ella supplicou, e Jesus não podendo resistir ás supplicas tão ardentes e amorosas de sua Sma. Mãe, instituiu, principalmente por causa della, a Sagrada Eucharistia.

Tal é tambem a opinião do P. Machault, do P. Bernardino de Paris, de Salazar, de Tesnière, Petitalot, e outros escriptores de valor que trataram deste assumpto.

II. MARIA MERECEU A EUCHARISTIA

A theologia distingue o merito de estricta justiça *(de condigno)*, e o merito de alta conveniencia *(de congruo)*.

A Eucharistia, sendo um Sacramento que contém o Corpo de Jesus Christo, não póde ser merecido, de estricta justiça, sinão pelo proprio Filho de Deus, cujos meritos são infinitos, e merecem *de condigno* tudo o que Elle pede.

Dizer, pois, que Maria mereceu a Eucharis-

tia é indicar que ella inclinou poderosamente o coração de Deus para conceder este beneficio.

No mesmo sentido que se diz que Maria mereceu a Encarnação, mereceu tambem a Eucharistia, que é o seu prolongamento. (1)

Consideremos esta doce verdade, para nos convencermos que não é simplesmente uma piedosa asserção, mas uma verdade theologica. Jesus quiz instituir este divino Sacramento. A sua Mãe pediu-o, appressou-o.

Mas havia diversos modos de Jesus perpetuar-se neste mundo, ficando com os homens.

Jesus vae dar a sua **vida.**

Dar a sua vida... não é dar a sua **pessoa.**

Não podia Elle ficar virtualmente com os homens, operar milagres, distribuir graças, emquanto a sua *Pessoa* ficaria nas alturas do céu, intangivel?

Pelo seu poder, Deus está presente em todo logar, *non circumscriptive,* como os corpos materiaes, nem *definitive,* como os anjos, mas inteiro em todo logar, a ponto que São Paulo diz que *nelle vivemos, e nos movemos e existimos* (Act. XVII. 28).

Não é bastante tal presença?

Elle dará aos homens uma communicação de sua natureza pela graça: *Ut efficiamini divinæ consortes naturæ* (2. Pet. I. 4)

Não será bastante ainda?

Habitar o mundo pelo seu **poder,** habitar nas almas pela sua **natureza!**

Que é que se póde almejar mais?

Nós, nada!... mas o amor de Deus quer mais.

Pela Encarnação, Maria Sma. não recebeu

---

1) B. V. aliquo modo meruit Incarnationem communiter docent Theologi cum S. Thoma. Tract. de B. M. V.

simplesmente em seu seio o poder divino, a natureza, recebeu tambem a **Pessoa divina,** a Pessoa do Filho de Deus. O seio virginal de Maria, Tabernaculo vivo de pureza e de amor, conteve a Pessoa divina do Verbo Encarnado.

Para que a Eucharistia seja verdadeiramente a prolongação da Encarnação, é mister que contenha a **Pessoa** de Jesus Christo.

Mas, que perspectiva!

Como dar a sua propria **Pessoa** a esta triste humanidade?

Repillam os homens as suas graças!

Fiquem elles insensiveis a seus milagres!

E' incomprehensivel, sem duvida, mas as graças e milagres não são a sua Pessoa.

Mas encarnando-se, por assim dizer, numa Hostia, eil-o dependente da terra, entregue a todas as inconveniencias e a todos os ultrages.

Que perspectiva para Aquelle que vê tudo!

Jesus inclina a cabeça, e permanece um longo momento nesta attitude.

Mas, de repente, eil-o levantando a sua nobre fronte, como para repellir uma sombra importuna, emquanto em seu semblante luminoso passa um raio de alegria, misturado de tristeza.

Sem hesitação, tomando o pão, benzendo-o, Elle pronuncia, com uma gravidade suprema, estas adoraveis palavras: *Isto é o meu corpo!*

Tudo está feito!

Jesus já não se pertence mais... Elle fixou-se **pessoalmente** na terra... Elle terá uma vida eucharistica!

* * *

Que viu o divino Vidente, que fosse capaz de serenar deste modo a sua alma perturbada?

E' a apparição das almas puras que, no de-

curso dos seculos, deviam comprehender, amar e servir a divina Eucharistia!

Viria Elle, por exemplo, para os profanadores?

Isto seria cruel, tanto para Elle, como para elles, tornando-se, deste modo, mais culpados.

Seria para os ingratos, os indifferentes?

Quando alguem se dedica a taes seres, é por dever... e não sorrindo.

A sua vista deve ter encontrado uma visão mais suave.

Oh! a immensa categoria de almas puras, amantes, immoladas por seu amor... E' uma legião luminosa, extatica, de olhar elevado para o céu, de mãos cruzadas sobre o peito, onde se vê brilhar, como o sol, a Hostia adoravel, como brilhava sobre o peito de São Tarcisio.

Mas ha outra cousa ainda!

Eclypsando todo este fulgor, uma Mulher, uma Mãe, uma Virgem, apresenta-se lhe diante dos olhos.

Todas as alvuras são trevas ao lado de sua alvura.

Todos os ardores de amor são frios, ao lado de seu amor.

Todas as bellezas moraes são pobreza, ao lado de sua gloria.

E Jesus parece não ver sinão a ella! Nella Jesus repousa o olhar e nella se compraz.

A vista desta mulher é o bastante para **determinar** Jesus...

E Jesus, para poder ficar com sua Mãe, teria creado a Eucharistia!

Nada ha de se admirar nisto!

No meio de uma immensa assembléa, acontece a um homem publico ver unicamente uma

pessoa querida, agir, falar, unicamente por causa della!

O' Maria, ó Mãe, não sois vós amada de Jesus, mais do que todos os homens juntos; e vós não o amaes commais ardor do que todos nós?

E depois, Jesus, que vê tudo, vê o vosso exilio futuro, depois de Elle voltar a seu Pae.

Quem póde imaginar tal desterro?

Vós ficareis só, só como num deserto? Não ver mais o seu Jesus na terra! Oh! é impossivel!... Oh! porque se fez este Jesus tão bom, tão attrahente, a ponto de conquistar-lhe o coração inteiro? Não sabe Elle que, afastando-se, o arranca e leva?

Que, pelo menos, Elle vos leve comsigo!

Deste modo as vossas duas vidas terminarão juntas e a vossa união de 33 annos, que vos soldou inseparavelmente, prolongar-se-ão no céu!

O que nós exprimimos aqui com os nossos pobres sentimentos humanos, Jesus o sentiu com toda a impressão de uma natureza superior.

Ora, Elle queria, Elle devia de certo modo deixar a sua Mãe á Egreja e, de outro lado, Elle sabia-se chamado para junto de seu Pae!

Ao qual destes dois amores, póde Elle ser infiel?

Problema torturante que era preciso resolver.

Ficar ao mesmo tempo com todos aquelles que nós amamos, por distantes que estejam: tal é o sonho que nós nutrimos.

Sonho irrealizavel para nós, mas sel-o-ia para Jesus?

Não! a Eucharistia póde realizal-o.

Si a Eucharistia fôr um idéal realizavel, possivel, Jesus deve realizal o para sua Mãe.

É um direito de sua longa dedicação, de seus

crueis sacrificios, de seu incomparavel amor, o ter a Jesus sempre perto de si.

E porque não o faria Deus, por causa de uma unica pessoa, que tem sobre Elle **mais direitos** que todos nós, o que Elle se dignou decretar para nossa triste humanidade?

Porque?

Não é devido a um sentimentalismo vão. O **sentimento** como a justiça tem suas leis rigorosas; e o sentimento, como o amor, impõe certos actos tão legitimos que os que são impostos pela honra e a justiça.

Quem ousaria censurar uma mãe que expõe a sua vida para salvar o seu filho?

Quem censuraria o heroismo do martyr, que dá a sua vida para salvar a sua fé?

Pois bem, o que se passa excepcionalmente comnosco é a **lei constante** de Deus.

Porque se fez Elle creador?

Porque se fez homem?

Sic enim Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret (Joan. III. 16).

Si o amor é a lei de Deus, o Homem-Deus deve seguil-a, e eis porque vejo-o dirigir-se á sua Mãe e dizer-lhe: sois vós que me fizeste sonhar a Eucharistia, quando eu em vossos braços gozei as primeiras delicias; durante trinta annos, vós fostes meu mundo; este corpo, este sangue, estas alegrias, tudo recebi de vós, pois bem, vol-o restituo agora.

* * *

Querem uma prova mais decisiva desta verdade?

Os theologos perguntam si é a Maria que nós somos devedores da Encarnação, e respon-

dem: Não, porque a idéa da Encarnação lhe é anterior.

O Verbo divino, antes de escolher para si uma Mãe, devia antes decretar fazer-se homem.

Entretanto, é verdade dizer que lhe foi possivel **merecer,** pelas suas virtudes e os seus desejos, esta maternidade futura, uma vez decretada a Encarnação.

Quando se trata da Eucharistia, a mesma pergunta póde ser formulada.

Devemol-a a Maria Sma.?

Aqui a solução é differente.

A Eucharistia, tendo sido instituida no fim da vida de Jesus, podia ser **objecto de merito.**

Ora, sendo ella objecto de merito, quem pensava nella sinão Maria?

Quem estava em condição de apresentar direitos iguaes aos seus?

Quem podia offerecer ao Hospede divino uma morada tão digna delle?

Deus deve necessariamente, por uma lei universal, considerar em suas determinações o **objecto mais elevado.**

Ora, Maria apresenta-se aos olhos de Deus como a creatura a mais **alta** em *dignidade*, a mais perfeita em *qualidades*, a mais rica em *meritos*.

O seu logar não é simplesmente o primeiro entre os anjos e os homens; ella é de uma condição **superior.**

Jesus e Maria, comprehendidos num mesmo decreto, formam uma ordem á parte.

Só Jesus enche esta ordem, é certo, mas Maria aproxima-se dos seus limites; e esta humanidade, chamada a uma tal união, lhe é fornecida por Maria.

Ora, uma superioridade de **ordem** exige uma superioridade de **ser.**

E que superioridade!

Dahi podemos deduzir todas as qualidades, todos os dons, que fizeram de Maria, desde a sua conceição, uma maravilha da natureza e da graça!

Tudo isso constitue uma belleza transcendente.

Ora, a belleza *attráe.*

Tudo isso forma um credito.

Ora, o credito *alcança.*

Eis porque os Santos affirmam que Maria era mais amada de Deus, que todos os homens juntos.

E' a palavra de S. Bernardino: *Plus venit pro ipsa redimenda, quam pro omni alia creatura.*

Sem Maria, este mysterio de união não teria alcançado o seu fim completo.

Sem ella, quem sabe, si nossas indifferenças e nossos crimes não teriam detido o anhelo de Jesus aos nossos Tabernaculos gelados?

Ó Mãe, é bem a vós que devemos a Eucharistia. Sois vós que nol-a merecestes!

Por ella alimentaes com o pão celeste os pobres filhos da terra!

III. MARIA PREPAROU-NOS a Eucharistia

É outra verdade, não menos certa, nem menos sublime.

Maria Sma. nos preparou a divina Eucharistia. E' a sua honra, o seu officio, é a sua grande gloria.

Em seu commentario sobre os Psalmos, Sto. Agostinho cita a palavra de São João: *O Verbo*

era Deus, e ajunta: «Eis o alimento eterno dos anjos!... Mas qual será o homem que possa comel-o como elles?

Onde está o coração capaz de tomal-o?

Era preciso mudar este alimento em leite, proprio para alimentar crianças, como nós somos...

Mas a quem pertence converter em leite um alimento solido?

E a funcção propria da mãe.

Ella encarna-se o pão, e por um trabalho mysterioso ella o muda em leite, e com este leite alimenta a criança». (1)

Não é isto a imagem do que faz a Sma. Virgem para comnosco?

Como os anjos, nós somos filhos de Deus, e para manter em nós a vida divina, nós precisamos de um alimento divino, espiritual, invisivel.

O pão dos anjos — Panis angelorum é substancial demais para nossa fraqueza. Maria o muda em carne e sangue, para que possa ser-nos servido no mysterio eucharistico, e por ella o homem alimentar-se do pão celeste: *Panem angelorum manducavit homo.*

«O' Virgem, diz ainda Santo Agostinho, amamentae o vosso Filho, alimentae o nosso pão:— *Lacta, ó Virgo, panem nostrum!* Este Filho que repousa em vossos braços, e que apertaes contra o vosso seio, sabei que elle será o nosso pão.

Elle é terno demais, elle deve ter a maturidade para servir-nos de alimento.

Dae-lhe o seio, para que cresça. Pensae que amamentando e alimentando o vosso Filho amamentaes e alimentaes todos os fieis, dos quaes

1) Agost. In psal. 33, Serm. 1. n. 6.

elle deve ser um dia, na Eucharistia, o leite e o alimento!» (1)

S. João Damasceno serve-se da mesma imagem e da mesma expressão. (2)

«Deste modo, diz elle, o leite da Virgem muda-se na carne do Senhor, e é este mesmo leite, não duvideis disso, que recebeis no santo Altar».

Os Santos Doutores têm paginas de uma frescura poetica, tão suaves quão profundas, sobre este assumpto. Seria encher livros o querer cital-as todas.

Conhecemos o facto; estudemos-lhe os principios e as applicações.

É um facto, por assim dizer material, que temos diante dos olhos.

Maria de qua natus est Jesus.

Maria, a Mãe de Jesus, lhe dá o seu sangue, o seu leite, os seus cuidados, redizendo-lhe, sem cessar, quanto os homens são infelizes, e como é preciso amal-os.

E' deste modo que ella **prepara** a carne que deve ser o nosso alimento e o coração que deve apresentar-nos este alimento.

Meditemos esta ineffavel preparação.

Já vimos a união admiravel, de substancia e de vida, que uniu o Menino Deus á sua Santa Mãe, durante os nove mezes de sua vida escondida no seio virginal, vida que nos revela a **identidade** relativa entre o filho e a mãe.

Vejamos agora esta união depois do nascimento do Salvador.

Supponhamos que Jesus tenha um anno de idade.

A doce visão do Natal desappareceu já ao

---

1) Agost. Sermo de Annunc.
2) Joan. Damasc.: Serm. 45.

longe, com seu cortejo de anjos, de pastores e de Magos.

O menino do presepio cresceu, tem já um anno.

Que frescura, que graça neste pequenino ser, em que a vida desabrocha tão sorridente!

Pois bem, neste pequeno ser adorado não ha, até esta hora, uma fibra que não seja de Maria.

E' della, só della, exclusivamente della, que foi constituido, pela acção superior do Espirito Santo, este organismo inicial que, desde então, devia tomar da mesma fonte cada um de seus desenvolvimentos.

Elle crescia, e era Maria quem se extendia nelle.

Não são os filhos o prolongamento dos paes?

Mais tarde Elle lhe pede o leite...

Mas não é o leite a substancia da mãe, que se encorpora no filho, fortifica os seus membros e o faz ser o que elle é?

Esta cabecinha, auréolada de louros cabellos que lhe caem em doirados cachos sobre os hombros, toda esta physionomia que sorri, estes olhos profundos e puros, este coração que pulsa, estes pés que experimentam andar, estes bracinhos com o seu acariciante amplexo, tudo isso é verdadeiramente **Maria prolongada em Jesus,** quando Elle tinha um anno.

Não é isto Maria preparando-nos a Eucharistia? Mais que isso: preparando-a com a sua propria carne. *Homo est substantia Matris in saeculo natus.* (Symb. S. Athanasio)

Este organismo, emprestado de sua Mãe, embora tendo passado sob o dominio de sua Pessoa e soffrido umas *eliminações* communs do turbilhão vital, conserva sempre a sua *identidade* essencial.

De facto, é o organismo primitivo que assi-

mila os elementos tirados das substancias materiaes, que age sobre estas substancias, lhes dá a fórma propria e faz passar nellas a vida.

Sem isso não haveria mais identidade pessoal, e uma pessoa de 33 annos de idade seria um ser novo, tendo apenas com o ser antigo uma relação de **successão,** o que seria absurdo. (1)

Em todos os homens, em cada um de nós, grandes modificações se produzem com a idade, porém o *fundo* não é mudado.

Jesus é pois identicamente o mesmo no Tabernaculo, em Nazareth, em Belém, e é identicamente o Filho de Maria, o **fructo** de sua substancia.

A Eucharistia é sempre o Jesus de outróra, e este Jesus é sempre **Maria prolongada** em seu Filho.

* *

Esta preparação substancial seria o bastante para provar a união admiravel, a ligação necessaria entre Jesus e Maria, mas ha mais do que isso ainda.

A união dos corpos é sempre para favorecer a união dos espiritos; a união physica é o vestibulo da união **moral.**

Maria Sma. nos prepara a divina Eucharistia, formando e alimentando o Corpo de Jesus pela substancia de seu proprio sangue: é a **preparação substancial.**

Ella prepara tambem a Eucharistia pelos seus cuidados, o seu carinho, o seu desvelo que preserva e fórma o Coração de Jesus: é a **preparação physica.**

---

1) Cfr. o capitulo VI. paragrapho VI e VII [onde temos tratado o facto do turbilhão vital e identidade conservada.

Chegou um dia, de facto, em que o pequeno Jesus esteve em condição de tirar dos alimentos a materia de seu crescimento, precisando de alguem que lh'os desse.

Maria não é mais a intermediaria directa entre o seu pequenino corpo e a grande natureza, para preserval-o de seus rigores; pois a chuva, o frio e o proprio sol ameaçavam uma existencia tão fragil.

E vêde a sua Mãe preparando tudo, providenciando de tudo.

Com amor ella costura os seus panninhos, e mais tarde tece as suas vestimentas; com amor ella o guia em seus primeiros passos e o carrega quando cansado.

O jardineiro que nos quer offerecer uma planta formosa, cerca-a de mil cuidados, prepara-a e nol-a apresenta; somos devedores da planta ao jardineiro.

O' Jesus, flor celestial, é Maria quem vos **fez crescer.** Sob a sua mão virginal, a vossa carne delicada foi preservada de todo contacto perigoso, e é pelos seus cuidados continuos que se viu a vossa graciosa infancia desabrochar no jardim secreto de Nazareth, *a cidade das flores.*

A Eucharistia é, antes de tudo, o Corpo de Jesus, porém é tambem o proprio Jesus inteiro.

Não basta formar o seu Corpo, é preciso formar o seu espirito, o seu coração.

Jesus, o Filho de Deus, podia muito bem receber exclusivamente da divindade toda a sua formação moral. Elle não o quiz, e pediu á acção humana este genero de formação que se chama **experimental.**

Porque isso?

Será para conformar-se a nós em tudo, e

passar pelas phases successivas de nosso progresso?

Será para dar á sua Mãe, com uma delicadeza carinhosa, um papel incomparavel?

Talvez seja para ambos estes motivos.

A familia é para a criança o que é o terreno para a planta que nelle fixa raizes, para delle haurir a seiva; ou como a atmosphera em que ella se expande, para revestir-se do colorido proprio.

A criança tambem tira da familia as qualidades que se vão desenvolvendo.

Procurae com cuidado quaes as virtudes que preparam o Jesus Eucharistico, e as encontrareis todas em actividade, na ermida de Nazareth.

E' ahi que a **humildade** lhe ensina todas as immolações; e a **abnegação,** todos os sacrificios exigidos pela Eucharistia.

A **solidão** e o silencio de uma familia pobre habituam-no aos longos abandonos do Tabernaculo.

A **dedicação,** no que ella encerra de mais forte, apparece-lhe incessantemente sob os traços de Maria e de José, desenvolvendo nelle o enthusiasmo da generosidade, como necessidade do **dom de si mesmo.**

As menores minucias da vida trazem-lhe a cada instante uma evocação do futuro. **O pão,** por exemplo, este alimento commum de todas as refeições, lembra-lhe o **pão do céu,** feito de sua propria carne.

Que espectaculo aquelle em que Maria Sma. apresenta a Jesus o primeiro pedacinho de pão!

Que olhares não trocaram elles!

Que presentimento de doçuras futuras!

O que ainda prepara melhor o coração eucharistico **é o amor.**

Jesus, como homem, apprende a amar nos braços de sua Mãe, sob o calor de seus beijos e de suas lagrimas, assim como apprende a se esquecer de si e dar-se a si mesmo.

Prostrae-vos agora de joelhos diante deste Jesus crescendo; contemplae-o na idade que mais vos agradar.

Como Elle se parece com a sua Mãe!

Tem os seus traços, o seu olhar, a sua attitude.

Escutae-o falar: são as mesmas expressões, é o mesmo accento.

O seu sorriso parece-se, como se parecem os seus corações.

Oh! si pudesseis vel-o, quando Elle se chega a vós, na Sagrada Communhão, terieis uma idéa, terieis a sua copia mais bella e mais fiel... vericis Maria através de Jesus.

IV. MARIA DÁ A EUCHARISTIA

O papel de Maria Sma. é antes de tudo ó de **ser Mãe.**

A mãe **dá a vida** e a sustenta. Maria fez isso admiravelmente para Jesus; ella deve continuar a fazel-o através dos seculos.

Ella continúa a ser Mãe. Ella é sempre Mãe, e deve pois continuadamente exercer as funcções de Mãe para com aquelles que Jesus chama seus **irmãos** e que, por este titulo, são filhos de Maria.

Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, ipse meus frater est. (Math. XII. 50).

Maria Sma. deve dar-nos a vida eucharistica, deve alimentar-nos desta vida, deve educar-nos nesta vida.

Consideremos estas tocantes funcções maternaes da Virgem Santa.

Que é a Eucharistia?

Não é simplesmente Jesus Christo presente no adoravel Sacramento de seu amor. E' mais do que isso.

E' Jesus immolado, sacrificado para salvação do mundo.

E' neste ponto que a presença eucharistica differe das outras presenças de Jesus Christo.

Na Eucharistia Jesus Christo está **pessoalmente** presente. E' a sua Pessoa divina.

Porque a sua Pessoa?

Porque Elle não está simplesmente presente pela sua acção e pela sua natureza transformada, mas em estado de **sacrificio.**

A Eucharistia é a redempção continuada. A Missa é a reproducção do sacrificio do Calvario.

Ora, o que se immola, o que se sacrifica, não é nem a substancia, nem a natureza, é **a Pessoa,** a personalidade divina.

Não é a alma que morre no homem, pois a alma é immortal; não é o corpo, pois o corpo não tem vida propria, mas a recebe da alma. E' a pessoa que morre, pela separação da alma e do corpo.

Eis porque Jesus Christo está na Eucharistia com a sua personalidade.

Ella ahi está inteiro, sem duvida, porém devemos fazer esta distincção **virtual** para melhor comprehendermos os diversos estados de Deus neste mundo.

Ha, pois, a distinguir a presença real desta Pessoa divina.

E notemos que sendo Maria Sma. quem nos dá a Eucharistia, ella nos deve dar a Pessoa de Jesus, a sua presença e o seu sacrificio,

Já conhecemos as relações entre Jesus e Maria, emquanto presentes no Smo. Sacramento: Jesus presente **real e substancialmente;** Maria Sma. presente moral e **mysticamente.**

Não conheçemos ainda as relações que existem entre elles, emquanto a Eucharistia é um sacrificio, a continuação, o prolongamento, a renovação do sacrificio do Calvario, sendo para a humanidade inteira o **sacrificio,** unico dos tempos novos.

Houve na ultima ceia um sacrificio.

A noção do sacrificio completo comporta a immolação de uma victima, a celebração de uma alliança entre Deus e o povo, a remissão dos peccados.

Os textos evangelicos indicam a immolação, pois representam o Corpo de Jesus, como entregue para nós, o sangue como derramado para nós. (1)

A idéa de immolação é indicada pelas palavras de N. Senhor. Elle não diz: —*O corpo e o sangue que vos são dados,* mas *este é o meu sangue que será derramado por vós.* (Marc. XIV. 22)

A noção da alliança é expressa nestas palavras do Salvador: *Este é o Novo Testamento em meu sangue.* (Luc. XXII. 19).

O valor expiatorio, emfim, é posto em relevo pelo mesmo texto: *Este é o meu sangue do Novo Testamento, o qual será derramado por muitos, para remissão dos peccados.* (Math. XXVI 26).

Ha pois um verdadeiro sacrificio na instituição da Eucharistia, porque ha immolação, alliança e expiação.

---

1) Marc. XIV. 22; — Math. XXVI. 26--27; — Luc. XXII. 19--20.

Ora, todo sacrificio suppõe um **sacerdote,** uma **victima** e uma **immolação.**

Na ultima ceia, como no Calvario, este sacrificio existe.

Na ceia, de modo incruento; no Calvario, de modo cruento.

Na ultima ceia como no Calvario, J. Christo é o *Sacerdote* (1) e a *Victima.*

A separação de seu Corpo e de seu Sangue constitue a *immolação.* (2)

Deste modo a paixão do Redemptor realiza todas as condições do sacrificio verdadeiro, mostrando que Jesus é ao mesmo tempo **Sacerdote** e **Victima.** (3)

Tal é o Sacrificio do Filho de Deus considerado em si mesmo.

Mas lembremo-nos que não temos simplesmente um *Redemptor,* temos tambem uma *co-redemptora.*

As razões já foram explicadas.

Deus quiz associar-se a sua Mãe Sàntissima, como a nova Eva ao novo Adão, para que assim como o mundo foi perdido pela prevaricação de um homem e de uma mulher, tambem fosse resgatado por outro homem e outra mulher. O Homem-Deus, como causa primaria efficiente; Maria Sma. como causa secundaria efficiente.

No officio da Immaculada Conceição, a Egreja

---

1) Christus, ut homo-Deus, vere est Sacerdos, imo et Supremus Pontifex. (De fide)

2) Cfr. o admiravel Cap. V. de S. Paulo aos Hebreus.

3) Consecratio est formaliter sacrificium quatenus constituit Christum sub speciebus eucharisticis in vero statu Victimæ olim immolatæ et nunc seipsum etiam offerentem, et separat mystice corpus a sanguine Christi. (Sub quo formali respectu in conservatione adsit ratio sacrificii (Tanq. Dogm. 653)

cita as palavras de Santo Epiphanio, para salientar esta verdade (1) — *Angeli accusabant Evam, nunc vero, Mariam prosequuntur, quae lapsam Evam crescit et Adamum, e paradiso dejectum, in cœlos misit.*

Os anjos accusavam Eva, mas agora elles exaltam Maria, que levantou Eva cahida, e abriu o céu a Adão expulso do paraiso.

No Calvario, Maria Sma. estava presente: — *Stabat juxta crucem Jesu mater ejus* (Joan. XIX. 25).

E' não somente ella estava ahi presente, mas tinha um officio a exercer, e este officio é tão sublime que não teriamos a ousadia de nomeal-o, si não tivesse sido indicado expressamente pelos Santos Padres.

E' o Santo Padre Pio IX quem resume a doutrina dos antigos numa phrase lapidar: *Ut Virgo sacerdos appellata fuerit ab Ecclesiae Patribus.*

A Virgem Sma. foi chamada e é verdadeiramente *Virgo Sacrificatrix.* A Virgem Sacrificadora. (2)

O Sacerdote, diz S. Paulo, *é tomado entre os*

---

1) Dia da Octava — lições do III. nocturno.

2) Epist. Pii P. IX--25 Aug. 1873. Este titulo — *Virgo Sacerdos*—está facilmente sujeito a interpretações erroneas; por isso, é preferivel substituil-o pelo titulo de **Virgo Sacrificatrix,** que exprime a mesma verdade, afastando a interpretação de Sacerdocio Sacramental. O Sacerdocio de Maria era *metaphorico,* no sentido que sem ter caracter sacerdotal, ella exerce excellentemente as funcções sacerdotaes de **sacrificadora.**

O sexo da Sma. Virgem excluiu-a do Sacerdocio Sacramental, que só foi dado aos Apostolos, e por elles a seus successores, aos Sacerdotes.

E' para evitar esta interpretação erronea que, sem condemnar a doutrina, a Egreja condemnou o titulo: Virgo Sacerdos, tanquam veritati non consonans (S. Off. Periodica—De re morali, Can. Lit. Rom. († 17–1928).

homens, é constituido a favor dos homens no que se refere a Deus, para que offereça dons e sacrificios pelos peccados. (Hebr. V. I)

Vê-se logo que Maria satisfez de modo admiravel as três condições citadas pelo Apostolo.

Ella é de nossa raça, de nosso sangue...

Ella é estabelecida para os homens...

Ella offereceu para os peccados o grande e divino Sacrificio do Calvario. (1)

A palavra de Santo Antonino é uma these theologica. Elle diz: *Quamvis Sacramentum Ordinis non acceperit, quidquid tamen dignitas et gratia in ipso confertur de hoc fuit; unde merito Virgo Sacerdos praedicatur. (2)*

Exaltando a grandeza do Sacerdote, dizem, ás vezes, que elle está revestido de um poder que ultrapassa o poder da propria Sma. Virgem.

E' uma expressão inexacta, pois, na ordem do sacrificio, Maria tem uma gloria muito maior, e a sua dignidade sobrepuja eminentemente a dignidade dos Sacerdotes, e o poder dos Sacerdotes não iguala ao seu poder.

Sem duvida, ella não sobe diariamente ao Altar, porém, em sua vida, como conhecia a missão redemptora de seu Filho, ella offerecia diariamente em espirito o sacrificio da cruz ao Padre Eterno, para a salvação do mundo.

Para bem comprehender esta verdade da superioridade de Maria, é necessario distinguir no Sacerdote, em relação com o sacrificio, um triplice poder:

O poder de *consagrar* o Corpo e o Sangue de Jesus Christo, em virtude das palavras do Sacramento.

---

1) Cfr, nosso livro: «*Porque eu amo a Maria*»: A Virgem Sacerdotal.

2) Summ. part. I. IV. tit. 15, c. XVI. part. 2.

O poder de *offerecer* ao Senhor esta victima santa, realmente sacrificada, embora de modo *mystico.*

O poder, emfim, de *administrar* os mysterios divinos.

Destes três poderes, Maria não póde possuir o primeiro, porém, em compensação, ella exerceu um officio mais glorioso ainda.

A maternidade divina vale a Maria uma graça e funcções sacerdotaes, que não lhe conferem, de certo, o caracter e os poderes dos Sacerdotes, mas que lhes são superiores.

Aquelle que possue um mineral de ouro puro, não possue uma peça de ouro, na fórma propria, mas tem eminentemente o seu valor.

Maria Sma. não tem o poder de consagrar, mas examinando de perto este ponto, averigua-se que a consagração não dá a Jesus um *ser novo,* uma natureza nova; ella o torna simplesmente presente sob as especies de pão e vinho, neste modo proprio á Eucharistia, que se chama: *estado sacramental.*

A Virgem Sma., ao contrario, deu ao Verbo o seu *ser humano,* uma outra natureza, sem a qual não haveria nem Sacramento, nem Sacrificio. (1)

Maria, pela sua palavra, pelo seu *Fiat,* produziu-o, em seu seu seio, sobre o altar intimo de seu coração, e produziu-o de sua propria substancia, de seu proprio sangue.

Ella revestiu seu Filho desta carne sagrada, destinada ao sacrificio.

Poder maravilhoso, divino, incomparavelmente superior ao poder do Sacerdote.

E' mil vezes mais maravilhoso formar a victima, dal-a ao mundo, como fez a Virgem Sma.,

1) Lhoumeau: La spiritualité du B. de Monfort. p. 481.

do que tornal-a simplesmente presente pela consagração do pão e do vinho. (1)

Podemos pois concluir que Maria Sma., tendo dado Jesus Christo ao mundo pela Encarnação e pela Redempção, deu-o verdadeiramente na Eucharistia, que é a continuação e o prolongamento destes dois primeiros mysterios.

O proprio da mãe é de dar a vida; ella nos deu Jesus, a vida de nossa alma.

E' proprio da mãe, ainda, sustentar esta vida. Ella sustenta a nossa vida espiritual, pela Sagrada Eucharistia.

E' Maria Sma. dando-nos a divina Eucharistia, dando-nos o que ella tinha pedido, merecido, preparado.

V. SACERDOTE E VICTIMA

Continuemos o mesmo assumpto. Elle tem horizontes infinitos, como tem profundezas imperscrutaveis.

Jesus Christo, Deus-Homem, foi o Sacerdote e a Victima de seu sacrificio, mas em ambas estas funcções Elle quiz associar-se a sua Mãe.

Onde Jesus é o Sacerdote principal, a victima divina, Maria deve ser a sacrificadora secundaria, a co-victima de amor.

Titulos sublimes, que elevam a Mãe de Jesus acima de todas as outras creaturas.

O Sacerdote é o intermediario entre Deus e os homens. Quando elle estende os braços para o céu, é uma supplica.

Quando os abaixa para a terra, derrama sobre nós os dons do Altissimo.

E' a significação da palavra: *Sacerdote.*

O Sacerdote é aquelle que dá cousas santas.

---

1) Mgr. van den Berghe: Marie et le Sacerdoce.

Como este titulo convém admiravelmente á Sma. Virgem!

Quem mais do que ella está collocado acima dos outros homens, mais perto de Deus?

Ella é a intermediaria perfeita que recebe do céu, para communical-o á terra, o dom que contém todos os dons: Jesus, o dom por excellencia, não só a *cousa santa*, mas a santidade encarnada.

Infelizmente, desde o peccado original, as cousas santas não têm mais livre entrada neste mundo.

O caminho ficou obstruido pelo peccado.

Só a immolação póde remover os obstaculos, e o Sacerdote, que devia apenas dar as cousas santas, torna-se, antes de tudo, um **sacrificador.**

Que o Sacerdote o seja, comprehende-se; elle é **ministro.**

Mas que Maria o seja! Será possivel? Ella é **Mãe.**

Póde-se admittir que Deus tenha pedido um tal acto á sua Mãe? Um acto, em apparencia, contra a natureza, e acima de suas forças maternas?

Póde Deus exigir que a mais amante das Mães se faça o algoz mais barbaro de seu proprio Filho?

Para nós é incomprehensivel!

Mas Deus preparou-a divinamente. Elle a fez entrar neste officio pelo acto mais nobre e mais encantador que se possa imaginar.

A Encarnação está decretada. Um Homem-Deus virá a esta terra.

Seu fim será a redempção dos homens.

Esta redempção antes de terminar se no

Calvario, elle a começára desde o instante de sua vinda ao mundo.

Entrando neste mundo, Elle dirá: Eis-me aqui, eu sou a victima esperada. Sou victima, sou tambem sacerdote, pois immolo-me a mim mesmo — *Ecce venio ut faciam, Deus, voluntatem tuam* (Hebr. X. 9).

E para realizar esta divina immolação, é exigida a cooperação de Maria.

O grande Deus se digna *negociar* com ella, sobre este grande assumpto.

Sem o seu consentimento, o Filho de Deus não será homem, não será **victima.**

O anjo propõe...

O céu espera...

E no momento exacto, em que cáe dos labios virginaes de Maria esta simples palavra de consentimento: *fiat mihi secundum verbum tuum*, o primeiro acto da redempção está cumprido, o sacrificio de aniquilação consome-se.

O Verbo é feito carne...

Jesus é ao mesmo tempo Homem e Victima.

O seio de Maria se nos apparece como o **primeiro altar,** sobre o qual Elle se immola, e o **Fiat** de seu consentimento é como o gladio deste divino sacrificio.

Si Elle não entra neste neste mundo, sinão pelo consentimento de Maria, é pelo mesmo consentimento que delle deve sahir.

Maria tinha dito: *Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (Luc. I. 38).

No Calvario ella fará um sacrificio, mil vezes mais cruciante, dizendo. *eu sou a sua mãe; Elle me pertence; seja effectuada a sua immolação sangrenta!*

Ecce Mater tua! (Joan. XIX. 27)

Não temos que reproduzir aqui a scena memoravel deste grande dia; ella está presente no espirito de todos.

Instinctivamente nós vemos ainda no sombrio clarão de uma tarde esta Mãe, em pé, pallida, divinamente bella e forte... bella como a vida na pupilla innocente de uma criança; forte como a morte no heroismo de um martyr; ella ahi está em frente dos tormentos de seu Filho na cruz.

Os nossos ouvidos, no recolhimento do silencio interior, ouvem echoar, no meio do tumulto confuso, esta palavra decidida, cortante como um gladio, que rasga a alma maternal, de onde emana; palavra sacrificadora que Deus espera: **Fiat**.—Morra Elle, visto a sua morte ser necessaria para a salvação do mundo.

E' preciso que Maria dê o seu Filho, pois o filho pertence á Mãe.

E' preciso que ella participe de sua immolação, pois ella é co-redemptora.

Será extranho que uma palavra contenha a morte.

Mas é uma realidade quasi banal.

A sentença do juiz dá a morte antes da mão do algoz.

Maria disse esta palavra de morte sobre o seu Jesus!

Nunca chegaremos a formar uma idéa que se aproxime de suas dilacerações e de seu heroismo.

No mundo ha apenas um soffrimento fecundo, é aquelle do Homem-Deus: *unico* e *universal*.

Victima de todos os tempos...

Victima que apaga os peccados...

Victima que attráe todas as graças...

Victima que torna a humanidade digna de Deus.

Ora, o valor da alma de Maria mede-se **pela parte** que ella tem neste sacrificio infinito.

Não é o bastante para Maria compartilhar dos tormentos de seu Filho, pela compaixão e as lagrimas.

Isto é ser unida á Victima. Ella participa destes tormentos por um titulo mais elevado: é a sacrificadora, *Sacrificatrix*.

Por isso, quando na Santa Missa o Sacerdote pronuncia hoje a palavra que faz o sacrificio, póde-se dizer que a palavra de Maria Sma. **ajunta-se á sua** palavra, pois cada Missa é o sacrificio do Calvario reproduzido mais uma vez.

E si é em virtude desta primeira immolação, que todas as outras immolações se succedem sobre os nossos altares, o é igualmente cada vez, em virtude do consentimento de Maria. (1)

Já vimos como Maria Sma. está **mysticamente** presente na Hostia divina, para ahi continuar o ineffavel mysterio da Encarnação, e agora comprehendemos como ella continúa, do mesmo modo, a participar do primeiro Sacrificio, que é a Redempção.

A exposição desta verdade, infelizmente bastante ignorada pelas almas piedosas, nos fará comprehender melhor as passagens dos Santos Padres e dos Santos, ao falarem destes sublimes mysterios.

Maria Sma. é **mysticamente** *Sacrificadora* e Victima do Sacrificio do Calvario, e ella continúa a sel-o *mysticamente* de todos os santos Sacrificios que são offerecidos.

Quando a Mãe do Salvador ficava em pé (2)

1) Beaudenom: Methodes et formules pour bien entendre la Messe. — Tom. II.

2) D. Malou, Bispo de Bruges (Belgica) A Immacu-

perto da cruz, diz muito bem um grande theologo de nossa epoca, e se unia á celeste victima, para offerecer a Deus Padre o grande sacrificio de expiação, a sua intervenção estava unida ás intenções do Redemptor, e a sua vontade unida á delle.

Emquanto o Cordeiro divino se immolava voluntariamente, pela salvação do mundo, Maria o sacrificava com o mesmo fim.

Ella exercia com Elle o officio de Sacrificador supremo.

Ella resgatava com Elle os peccados do mundo.

Ella ganhava com Elle o thesouro infinito que satisfaz á justiça divina. (1)

Quando no decurso dos seculos, o Sacerdote, prolongamento do Christo, dirá, no Santo Altar: *Hoc est corpus meum — Isto é o meu corpo, isto é o calice do meu sangue,* elle pronunciará estas palavras da consagração sobre as especies sacramentaes, extranhas á sua propria personalidade. A pequena Hostia branca não desvendará nenhum soffrimento, e do calice de ouro não sahirá nenhum gemido.

Para Maria Sma., no Golgotha, aconteceu o contrario.

Si ella não diz: «Isto é o meu corpo», si os seus labios se abstêm cuidadosamente destas palavras todo-poderosas, devido ao seu sexo, ella tem verdadeiramente o direito de pensar: *Isto é verdadeiramente o meu corpo* e a carne de minha carne; isto é verdadeiramente o meu sangue, o sangue dimanado de minhas veias e do meu coração.

E quando ella pensa: «Isto é o meu corpo»,

lada Conceição; C. XI. p. 3.

1) Cfr. nossa obra: «Porque eu amo a Maria», C. VI.

este pobre corpo é torturado, esmagado, sujeito a todas as agonias.

E quando ella pensa: «Isto é o meu sangue», ella vê passarem sob seu olhar rios de sangue, que brotam da cruz, pois a cruz, esmagando a carne, é uma verdadeira prensa que faz correr o sangue. (1)

Eis como a Virgem immola.

Sacrificatrix suae victimae.

VI. CONCLUSÃO

Tal é a obra eucharistica de Maria: obra divina e maternal ao mesmo tempo.

Em seu vôo angelical, Maria foi ao céu para alcançar-nos a divina Eucharistia. Como acabámos de ver:

Ella pediu para nós a Eucharistia:

Ella nos mereceu a Eucharistia;

Ella nos preparou a Eucharistia;

Ella é a co-sacrificadora e a co-victima da Eucharistia.

Ella é um como Sacramento universal das graças!

E' um horizonte divino, aberto diante dos olhos de nossa alma, que enche o coração de extases, de gratidão e de amor.

E' bem a visão que anteviu o grande exilado de Patmos: "A mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo de seus pés, e uma corôa de doze estrellas sobre a sua cabeça." (Apoc. XII. 1)

Ella não é o sol, mas é vestida do sol; ella não é Deus, mas a gloria divina envolve-a em seus raios fulgurantes.

Ella não está pessoalmente, mas está **mys-**

1) Isai. 63, 3.

ticamente presente na Hostia divina; e **mysticamente** ella continúa a sacrificar o seu Jesus, pela salvação do mundo.

Sem subtilidade, diz o P. Hugon, (1) póde-se considerar Maria dando, pelo mysterio da Encarnação, uma parte de seu sangue ao Filho de Deus feito homem, contribuindo deste modo para formar e desenvolver a victima do futuro sacrificio, identificando-se com Elle, tanto mais, quanto a união moral de Maria e de Jesus é maior ainda que a sua união physica.

Quando Elle offerecer, na Mesa eucharistica, primeiro, e depois na cruz, o seu Corpo e o seu Sangue pela salvação do mundo, não podemos esquecer-nos que esta carne lhe vem de Maria. O que lhe dá o seu valor é ser a carne de uma Pessôa divina e não de uma pessoa humana, porém a fonte deste sangue redemptor é a Virgem Immaculada.

Ella é pois Victima com Jesus e de um modo muito mais perfeito do que toda outra creatura.

Nós podemos unir-nos a Jesus **pela fé** e **pela caridade;** só Maria póde dizer-lhe depois do Padre Eterno: Tu és meu Filho— «Tu es Filius meus dilectus (Luc. III. 22).

Como a Virgem foi Victima com Jesus, ella é tambem sacrificadora com Elle.

Emquanto o Filho de Deus celebrava a Missa cruenta, na tarde da Sexta feira santa, sobre o Altar, que era a cruz plantada no cume do Calvario, Maria tambem offerecia o sacrificio cruento sobre o seu coração dolorido.

Depois que o néo-sacerdote recebe a unc-

---

1) P. Hugon, O. P. La causalité instrumentale en theologie. Ch. VI.

ção, elle celebra a Missa com o Pontifice, e pronuncia com elle as palavras da consagração.

Assim a Virgem das dores, unida ao seu Filho crucificado, offerecia a Deus o Sangue derramado para a remissão dos peccados, com a mesma submissão á vontade de Deus, com o mesmo ardente desejo que o sacrificio aproveitasse a todos aquelles para quem era offerecido.

Eis a base das relações tão estreitas e tão tocantes que existem entre Jesus e Maria, considerados como Hostias.

E' grande, é sublime, e parece inutil e quasi temerario querer ir além, procurando ainda outros titulos para exprimir a união admiravel entre Jesus e Maria, na divina Eucharistia.

Mas porque parar em caminho, quando se descobre verdades tão sublimes e tão inebriantes?

Porque não assignalar tudo o que eleva, engrandece e exalta aquella que Deus tão divinamente elevou, engrandeceu e exaltou?

* *
*

Aqui vem collocar-se uma ultima consideração, delicada sem duvida, ainda pouco estudada, mas tão graciosa para Maria, que não póde passar despercebida.

Uns theologos chamaram Maria «O Sacramento superior da graça».

Esta expressão tem uma extensão que só percebem os theologos.

E' um mundo novo!

E que mundo!

Um mundo de santidade.

Acabamos de ver em que sentido Maria Sma. póde ser chamada: «Virgo Sacrificatrix» e «Hostia-Victima».

Estes dois titulos nos induzem logicamente a um termo, que são os **Sacramentos.**

E' pouco conhecido, pela razão que para o povo, sem conhecimentos theologicos, tal titulo póde facilmente ser mal interpretado.

O titulo de Virgo Sacrificatrix é bello, porém é preciso que seja bem interpretado e applicado, excluindo o «Sacrificio-Sacramento» e attribuindo unicamente a Maria Sma. um **Sacrificio metaphorico,** mystico.

Chamando a Sma. Virgem «Maria-Sacramento», é preciso fazer a mesma distincção e remover o caracter propriamente «sacramental», para só attribuir a Maria Sma. um poder sacramental **mystico.**

Assim interpretada, tal opinião é certa, é uma fonte de piedosas applicações.

Mas vejamos como podemos applicar á Virgem Immaculada este significativo titulo.

Que é um Sacramento?

E' um signal sensivel, instituido por Jesus Christo para produzir a graça.

Deus só produz a graça como **causa efficiente,** e a humanidade de Jesus Christo a produz como **causa instrumental** principal.

Os Sacramentos produzem-na como causas instrumentaes secundarias.

Poderemos applicar isto a Maria Santissima?

A resposta absoluta não póde ser dada logo, pois ha diversos pontos doutrinaes importantes a examinar que a theologia não resolveu ainda.

O que é certo é que Maria «póde ser causa instrumental» subordinada á humanidade do Salvador.

Maria Santissima não seria uma causa instru-

mental visivel ao olhar, ou sensivel ao tacto, mas seria uma causa **não visivel.**

Isto, porém, não repugna, pois a oração é tambem causa instrumental não visivel da graça e, segundo a promessa divina, a oração produz verdadeiramente a graça.

Esta causalidade physica é admittida pela Escola Thomista, nos sacramentos e no sacerdote que consagra ou absolve. Porque não podia ella ser admittida em Maria?

Si, segundo os theologos, a causalidade instrumental e physica da humanidade de Jesus attinge todas as creaturas, como é que Maria, cooperadora universal do Salvador, não gozaria de uma influencia physica universal, derivada da de Jesus?

Este pensamento explica admiravelmente estas expressões dos Santos, comparando Maria a um aqueducto, ao collo, pelo qual passam todas as energias da cabeça, para espalhar-se no corpo!

Seja como fôr, pois não é nosso intento affirmar positivamente esta doutrina, mas apenas mostrar a sua possibilidade, seja como fôr, este pensamento é admiravel de profundeza, de fecundidade e de amor!

Maria, cheia de graça, se nos apresenta em todo rigor de sacrificadora: como Sacrificadora e Hostia e como Sacramento superior da graça.

E' o complemento, ou como a synthese do sublime papel da Virgem Immaculada, que acabámos de estudar neste capitulo. —E' a sua obra eucharistica.

Ella participa da divina Eucharistia physicamente, fornecendo ao Verbo Eterno a carne que deve ser um dia mudada no pão celeste do Altar.

E'-ella mesma que nos deu *este pão divino,*

formado de seu sangue purissimo, tornando-se, deste modo, o canal das graças, que é a Hostia divina e o reservatorio perpetuo, que recebe do Altissimo as graças divinas que ella transmitte ás almas.

Como Maria Sma. se eleva acima de tudo o que o homem póde imaginar de mais sublime!

E' bem a respeito della que se póde cantar:

«Quanto potes, tantum auge
Quantum soles, tantum adde.
Nec laudare sufficis!»

CAPITULO XIII

MARIA,
Ostensorio de Jesus

Chama-se *Ostensorio* o vaso sagrado, em que o Sacerdote expõe a Hostia divina á adoração dos fieis. (Do latim *ostensor*, de *ostendere*— o que mostra).

O Ostensorio dourado, cinzelado, tendo, em meio de raios, o centro reservado para ahi ser collocada a Hostia Santa, é um symbolo perfeito da Sma. Virgem.

O Ostensorio é independente da Hostia Sagrada, mas, pela sua organização, mostra, salienta e põe em alto relevo o que adoramos: o Christo presente deante de nós.

O Ostensorio, por si mesmo, não merece nenhuma veneração; entretanto é digno de todo respeito, pelo contacto que tem com o Corpo de Jesus Christo, como pelo uso sagrado a que está destinado.

O Ostensorio, como objecto, não possue nem virtudes, nem dignidade; porém, supponhamos que fosse uma pessoa racional, viva, que exercesse esta mesma funcção.

Oh! então tudo mudaria de aspecto!

Tal **pessoa,** pelo seu contacto immediato com a Hostia divina, como pelo seu papel de *Os-*

tensorio, ou mostrador da Hostia divina, deveria necessariamente ser adornada de todas as virtudes, prerogativas e privilegios...

Nada será demais para tamanha dignidade e intimidade.

E' o caso da Sma. Virgem Maria. Ella é verdadeiramente o **Ostensorio** de Jesus.

E' a Egreja que nol-o diz em seu bello canto liturgico: Salve Regina: — *Et Jesum, benedictum fructum ventris tui, nobis... ostende.* — Mostrae-nos Jesus, o fructo bemdito de vossas entranhas.

Estudemos um instante este glorioso officio da Virgem Santissima, que é tão bem expresso pela invocação: *Nossa Senhora do Smo. Sacramento*, em outros termos, mas com a mesma significação: Maria, Ostensorio de Jesus.

Podemos reduzir a sete as phases deste officio de Maria, mostrando-nos Jesus.

Ella nos mostra:

1—Em sua missão divina;
2—Em sua dor;
3—Em sua humildade;
4—Em sua omnipotencia;
5—Em sua vida de victima;
6—Em seu Sacerdocio;
7—Em sua vida Eucharistica.

E' tudo isso que queremos meditar aqui, para terminar o nosso trabalho e a nossa contemplação.

I. O PAPEL DE MARIA

O Filho de Deus veiu salvar os homens e manifestar-se ao mundo.

Sendo purissimo espirito, Deus devia tomar

um corpo humano para tornar-se visivel aos homens.

«Suscitavit... et dedit eum manifestum fieri». (Act. X. 40)

Deus podia apparecer neste mundo, de três modos:

Creando para si um corpo humano;

Tomando uma apparencia de corpo, ou então:

Fazendo-se criança e recebendo o seu corpo da mulher, como todos os homens.

Elle escolheu este ultimo modo, pois era o unico que se coadunava com a sua dignidade, o seu plano e o fim da Encarnação.

Si Elle creasse para si um corpo, não seria Filho da humanidade, ou «Filho do Homem», e como Elle mesmo diz: «Oportet Filium hominis multa pati. (Luc. IX. 22)

Si tomasse apenas as apparencias de um corpo, não seria homem verdadeiro, não possuiria a natureza humana perfeita.

Convinha, pois, que nacesse da mulher, que se fizesse criança; sendo ao mesmo tempo Filho de Deus e Filho do homem, reunindo numa unica Pessôa – a Pessôa divina — as naturezas divina e humana, para poder ensinar com a autoridade divina e soffrer com a fraqueza humana.

A sua palavra, deste modo, é uma palavra **humana,** mas exprime verdades **divinas.**

Em toda parte os homens poderão ver a humanidade visivel e adorar a divindade invisivel.

Magdalena, beijando os pés de Jesus, regando-os com as lagrimas de seu arrependimento, sentirá sob a pressão de seus labios os pés de um homem, mas beijará os pés de uma Pessôa divina.

Tudo isso é maternalmente divino, como é divinamente maternal.

Eis porque o Filho de Deus resolveu ser «Filho do Homem», Filho da raça humana, Filho da mulher: «Natus ex muliere».

E para isso baixou de sua gloria e foi collocar-se sobre um throno maternal, que é o seio de sua Mãe.

Elle podia tomar uma natureza angelical, em vez de uma natureza humana.

A natureza dos anjos é mais elevada que a natureza humana e, em consequencia, menos indigna de Deus.

Deus é um puro espirito, e um tal espirito deve sentir uma como natural repugnancia do contacto com a materia.

A Egreja, com a sua intuição divina, exprime admiravelmente esta repugnancia dizendo que Deus não teve horror do seio de uma Virgem!

«Non horruisti Virginis uterum!»

Não, o Salvador do mundo não se horrorizou de entrar neste mundo pelo seio de uma Virgem! Quiz que este seio fôsse a sua primeira morada, o seu primeiro Tabernaculo, o seu primeiro throno.

Que digo?

Oh! o mundo póde juntar e accumular o seu ouro para cinzelar, na arte mais expressiva, os Tabernaculos de nossos Altares, mas nunca ha de igualar este primeiro Tabernaculo.

A graça póde perpetrar as suas incomprensiveis maravilhas de transformação, fazendo de uma alma peccadora alma de escól capaz de heroismo; nunca porém, a propria graça divina poderá transformar e adornar uma alma, como ella transformou e adornou a alma da Virgem Immaculada.

Quereria dizer mais!

Perdoae-me, grande Deus, si meus labios exprimem mal o que meu coração concebe, mas, vós mesmo, ó Deus infinito, podeis amar, amar sempre, accumular o vosso amor; sois incapaz de amar mais uma creatura além do amor que tendes á vossa Escolhida, á vossa Bem amada.

Aqui, o vosso poder infinito chegou aos limites, chegastes até aqui, mas além não podeis passar.

Podeis fazer um sol mais luminoso, um firmamento mais deslumbrante, um mundo mais harmonioso, almas mais ardentes que as nossas, mas não podeis fazer uma creatura mais bella, mais poderosa, mais santa, mais attrahente do que a *Mãe de Deus.*

E' o ultimo esforço do infinito.

Não póde haver dignidade mais sublime do que a de Mãe de Deus.

E como a graça prepara a dignidade não póde haver maior graça do que a de Mãe do Altissimo.

Deus, escolhendo, pois, Maria Sma. como Mãe, escolheu, ao mesmo tempo, um Tabernaculo que fosse digno da sua majestade e digno da humanidade.

Não foi somente o seio da Virgem que Elle escolheu; foi sobretudo o seu *coração.*

E' por isso que os Santos dizem que Maria Sma. concebeu em seu coração, antes de conceber em seu seio.

O coração é o symbolo do amor, e o amor é Deus — *Deus caritas est.*

A Virgindade é o ambiente proprio da divindade: *Incorruptio autem facit esse proximum Deo,* (Sap. VI. 20)

Um coração de Virgem é pois o proprio throno de Deus.

Eis porque, diz muito bem Santo Agostinho, si Deus quizer nascer neste mundo, só póde nascer de uma Virgem, e si uma Virgem póde dar á luz, só póde dar á luz o proprio Deus.

E' mais um relampago do genio do Santo Bispo. «Ecce... Virgo concipiet, et pariet filium... (Isai. VII. 14)

Por sua natureza o amor é expansivo e a Virgindade é acolhedora.

E' por amor que Deus baixou do céu á terra.

A Virgindade da terra devia acolhel-o.

E' privilegio da Virgem Immaculada.

O sol deslumbrante da gloria divina envolvia a Virgem em seus raios: ella nos appárece revestida do sol: «Mulier amicta sole». (Ap. XII. 1)

Ella não é o sol, mas nos manifesta o sol».

E' por ella que a luz deste sol infinito espalha os seus raios sobre o mundo.

«Salve... ex qua mundo lux est orta!» (1)

Como tudo isso é admiravelmente bello!

Deus quer manifestar-se ao mundo, mas não o póde sem suavizar a sua gloria, sem abrandar os raios de sua majestade.

E Elle o fez no coração da Virgem Santissima. Elle abate a sua majestade, reveste Maria do **sol** de sua gloria... e Maria o reveste da natureza humana.

Jesus illumina a Virgem pelos raios do sol. A Virgem esconde o seu Deus nas dobras de seu coração virginal.

A divindade torna-se como invisivel aos olhos dos mortaes... mas a gloria escondida torna visivel a Mãe de Deus.

Deus resplandece ainda, porém através do coração de Maria.

---

1) Hymno Ave Regina.

Maria é um **ostensorio** que esconde Deus e o mostra ao mundo.

Pelo seu titulo de Mãe de Deus, Maria Sma. eleva-se até á divindade, emquanto Deus, pelo seu titulo de Filho de Maria, baixa até á humanidade.

O papel de Maria é receber Deus neste mundo, e manifestal-o á humanidade.

II. OSTENSORIO DA MISSÃO DIVINA

Mas vejamos de perto como Maria, Ostensorio de Jesus, o mostra e manifesta ao mundo.

A primeira manifestação é o presepio de Belém.

Belém é Jesus nascido... é a Mãe de Deus, tendo o Menino Deus em seus braços.

E' a resposta ao grande brado da humanidade que sempre aspirava ter um Deus visivel.

A idolatria pagã prova e explica esta fome que atormentava os homens, de querer possuir um «Deus humano», um Deus «nosso» ou até um «de nós».

É por isso que a humanidade procurava Deus em toda parte: nas planicies douradas dos trigaes como nos montes ingremes, nas profundezas azuladas, como nos abysmos profundos, o homem procurava Deus, sem encontral-o.

Elle o encontra em Belém.

A noite é fria, gelada, escura.

Da cidade em festa, onde se agita a multidão feliz e barulhenta, dois viajantes retiraram-se. Em vão foram de porta em porta, mendigando um abrigo, pedindo um agasalho.

Em toda parte são repellidos, porque são pobres.

Exhaustos de fadiga encontram uma gruta abandonada.

E' ahi neste logar, «digno do grande desprezado», que vae nascer o Filho de Deus.

Maria Sma., a Mãe extasiada, póde apenas envolvel-o em uns poucos panninhos e «deital-o no presepio» (1) em cima de um pouco de palha.

Mas, de repente, ao convite dos anjos, eis que se approximam os pastores.

Elles trazem seus humildes presentes, envoltos em suas adorações.

Mas como! Este recem-nascido, que não se sustenta ainda, que apenas esboça um movimento, será mesmo o Deus creador do mundo?

Esta pobre criança, que de tudo necessita, exposta aos rigores do frio e da fome, si não tivesse os braços de sua Mãe para aquental-o e o seu seio para alimental-o, será mesmo o Deus que communica e sustenta a vida dos homens?

Que terrivel mysterio!

Por cima da gruta os anjos cantam o seu ineffavel «Gloria in excelsis Deo», convidando os homens a irem adorar o «Christo Senhor, o Salvador que acabava de nascer de David». (2)

Os pastores vão, e que encontram elles ali?

Jesus em seu ostensorio.

O Evangelho não podia deixar de annotal-o. «E foram com grande pressa, e encontraram Maria, José, e o Menino deitado na mangedoura»(3).

Tudo na gruta é miseria e humildade. O Salvador afastou de sua Pessôa e de todo que o cerca o que é grandeza, majestade e poder, mas Elle se conserva como em seu **ostensorio,** e é este ostensorio que deve mostrar o que Elle é e o que vem fazer.

---

1) Luc. II. 7. — 2) Luc. II. 11. — 3) Luc. II. 18.

Quem vae revelar os segredos divinos?

Quem removerá o véu do esquecimento?

Quem apresentará a Jesus as suas homenagens de fé piedosa e de rude ternura?

É Maria Santissima quem está encarregada de mostrar o Salvador nestas tão cruciantes e baixas condições.

Ella é o seu Ostensorio. Ella é o seu primeiro Apostolo.

Nas trevas, no frio e na miseria desta gruta solitaria, ella descobre a *Luz eterna* que illumina o mundo das intelligencias.

Nesta pobreza ella mostra a propria riqueza de Deus, cuja opulencia torna-se a nossa herança.

Nesta criancinha, que não fala ainda *(infans)*, ella mostra o «Verbo de Deus, o Verbo que está em Deus e por quem tudo foi feito». (1)

Quem é quem lhes revela estas cousas?

Não é o Menino-Deus, pois elle não fala. É a Virgem Santissima... é o seu *Ostensorio*.

E a esta revelação os pastores prostram-se cheios de alegria, de gratidão e amor.

Os anjos tinham-lhe dito «este Menino envolto em panninhos e deitado numa mangedoura, era o Christo Salvador», (2)

Elles acreditavam. Deus lhes communicou a fé.

A fé vem de cima, é um dom gratuito de Deus, e ella exige a acquiescencia de nossa vontade, para tornar-se deste modo uma fé racional, composta destes dois elementos essenciaes: a palavra divina e a acquiescencia humana.

Os pastores receberam o primeiro destes dons do proprio Deus; é Maria Sma. quem lhes

---

1) Joan. I. 2 — 2) Luc. II. 12.

vae dar o segundo dom. Deus revelou-lhes a divindade de Christo Salvador; Maria Sma. vae revelar-lhes a sua humanidade.

Elles correram ao logar indicado, *para ver o que o Senhor lhes tinha manifestado.* (1)

E' o impulso da graça divina que os leva aos pés de Jesus.

E chegando ao estabulo que encontraram elles?

A passagem do Evangelho é significativa: *encontraram Maria.*

E' a primeira parte do texto, é a primeira revelação. Elles vieram á procura do Salvador, do Christo promettido, e encontraram primeiro *Maria.* Porque Maria?

Pela razão que, sendo ella o Ostensorio de Jesus, é preciso primeiro chegar-se a ella, para que ella, com as suas mãos virginaes, nos apresente o **Menino-Deus.**

Eis Jesus, o Salvador do mundo, manifestado aos humildes Pastores como Deus e como Homem.

O céu proclamou a sua **divindade;** a Virgem Santissima, como Mãe do Salvador, proclamou a sua **humanidade.** Elle é verdadeiramente o Emmanuel, o Deus comnosco.

III. O OSTENSORIO DA REALEZA

De Jesus aproximaram-se primeiro os desprezados da terra. Não devia Elle ser o grande desprezado? Não devia Elle um dia partilhar dos suores exhaustivos e das privações torturantes destes rudes operarios?

Mas Elle é o Salvador universal e, como tal,

deve ser honrado pelos representantes do poder, da fortuna e da sciencia.

Não podem faltar ao divino convite.

E eis que, lá no oriente, uma estrella mysteriosa scintilla com um brilho todo particular, na abobada do firmamento.

Acostumados aos poemas escriptos no firmamento azulado, os Magos comprehendem o convite divino e põem-se a caminho.

Guiados pelo astro luminoso que os precede, chegam a Belém.

Reis que são, vêm procurar um Rei.

Sabios, vêm inclinar-se diante de um sabio.

Belém não lhes apresenta sinão miseria. Tudo contradiz ás suas idéas de grandeza; tudo desfaz as suas aspirações de poder, tudo repugna ás suas tradições e costumes.

Irão elles revoltar-se, dizendo que foram o joguete de uma illusão, e que o Monarcha procurado não póde ser a criança pobre que ora têm diante dos olhos, e cujo palacio é uma estrebaria tão pobre que elles não a acceitariam nem para seus camelos e animaes de carga?

Quem lhes explicará esta miseria, esta privação de tudo o que o mundo ambiciona, este estado doloroso, este conjuncto desprezivel aos olhos do mundo?

Quem esclarecerá este enigma torturante?

Ah! Maria Santissima está ali.

O Evangelho nol-a mostra de novo em seu sublime officio de **Ostensorio** de Jesus.

Os Reis chegaram á entrada da gruta, desceram de seus altaneiros animaes e, *entrando na casa, encontraram o menino com Maria, sua Mãe.* (Math. II. 11)

E' a mesma scena dos Pastores que se renova. Jesus havia manifestado aos Pastores co-

mo Salvador; manifesta-se aos Magos, como o Rei Soberano.

A prophecia que os principes e os Sacerdotes lhes communicaram era a revelação do poder: *E tu Belém, terra de Judá, não és a menor entre as principaes cidades de Judá, porque de ti sahirá o Chefe que ha de commandar Israel meu povo.* (Math. II. 6).

E' uma nova manifestação: a manifestação de sua realeza; ella deve fazer-se solemnemente nos tramites já adoptados, isto é, pela Sma. Virgem.

E', pois, Maria Santissima quem inicia os Reis Magos no conhecimento verdadeiro de Jesus.

E' ella quem lhes mostra a grandeza, a majestade deste Rei envolto em panninhos.

Com uma mão tremula, mas certeira, ella levanta um instante estas apparencias mysteriosas, atraz das quaes se esconde o Cordeiro de Deus, a Hostia do genero humano, o Salvador Deus, Rei dos Reis.

Mais uma vez Maria Sma. é o **Ostensorio** de Jesus.

E os Reis Magos comprehendem as explicações desta Rainha-Mãe, tão pobre mas tão divinamente bella, grande e majestosa.

Elles, prostrando-se, o adoraram, e, abrindo os seus thesouros, lhe offereceram presentes de ouro, incenso e myrrha. (Mat. II. 11).

No Oriente, ninguem se apresentava diante dos Reis sem offerecer presentes. Os Magos offereceram a Jesus os presentes mais ricos do Oriente: o ouro como a um Rei, o incenso como a um Deus, a myrrha como a um Homem mortal.

E Jesus que se manifestava a elles por

Maria, acceita pelas mãos de sua Mãe estes presentes régios, divinos e humanos.

Elle já era conhecido como Salvador, Homem-Deus; agora acaba de sel-o como Rei authentico, legitimo, e soberano deste mundo.

IV. O OSTENSORIO DA DOR

Chegamos á outra manifestação.

Jesus Christo é Deus, Homem e Rei, mas Elle é sobretudo a **Victima,** ou o soffredor... e esta nova feição de sua idéal belleza deve ser manifestada ao mundo pela Virgem Santissima, como sendo o seu admiravel e fiel **Ostensorio.**

Jesus tinha apenas oito dias de idade.

Devia ser circumcidado, conforme a lei judaica, e, nesta occasião, receber o seu nome official.

Este nome tinha sido indicado pelo Archanjo; era um nome divino, e as cousas divinas vêm do céu.

Este nome era o de Jesus: — *Vocatum est nomen ejus Jesus.* (Luc. II. 21)

Quarenta dias depois foi levado ao templo pela propria Mãe, que devia, conforme ás prescripções judaicas, sujeitar se á lei da purificação e consagrar o seu filho ao Altissimo, resgatando-o por uma offerta. (Luc. II. 24).

Jesus era o proprio **Deus.**

Maria era a **Virgem** Immaculada.

Mas elles querem sujeitar se em tudo á lei.

O cumprimento destas diversas prescripções era apenas um prefacio: a scena vae tomar novas proporções.

Jesus tinha-se offerecido ao seu Pae, entre os braços de sua Mãe, como sobre um Altar, ou

melhor: como a **Hostia divina** em seu **ostensorio humano.**

Na occasião da Apresentação, de repente vem collocar-se diante da Sagrada Familia um bello e nobre ancião, conhecido por todos pelas suas virtudes.

O Evangelista parece quasi hesitar como deve apresentar a figura sympathica do velho Simeão.

E' uma passagem de commovedora ternura.

Escutemos São Lucas: *Havia então em Jerusalém um homem chamado Simeão, e este homem justo e temente a Deus esperava a consolação de Israel, e o Espirito Santo estava nelle.*

E tinha lhe sido revelado pelo Espirito Santo, que não veria a morte, sem ver primeiro o Christo do Senhor. (Luc. II. 25, 26).

Que retrato admiravel o deste ancião vergado sob o peso dos annos!

Sente-se que estamos em presença de tudo o que a lei antiga havia formado de mais veneravel.

E que fazia este veneravel ancião?

Esperava o Redemptor. Era a sua occupação, a sua profissão, sua vida, sua razão de ser. Esperava em nome da humanidade inteira.

De repente, elle apparece em frente da Sagrada Familia, no momento em que esta passava na porta do Templo e ia executar a cerimonia da **Apresentação,** na galeria dos Israelitas.

O ancião, com uma especie de timidez inspirada, colloca-se ao lado da Virgem-Mãe.

O seu coração vôa para o Menino, que esta ultima tem nos braços.

Supplicando, docemente commovido, o veneravel ancião pede á Virgem Santa a honra de

tomar o mesmo em seus braços: *Elle reconheceu o seu Salvador.*

Maria cede-lhe o seu thesouro, pois ella advinha, ou o Espirito Santo lhe communica que este veneravel ancião, de barba branca e de voz tremula, vem ahi, mandado por Deus para fazer qualquer cousa de excepcional. O ancião aperta o menino contra o seu peito offegante, e cobre-o de beijos e de lagrimas, adorando o *Santo de Israel.*

Scena commovente que Santo Agostinho resume nesta phrase deliciosa: *O ancião carregava a criança; e a criança dirigia o ancião. (1)*

Simeão canta o seu *Nunc dimittis,* o seu extase de gratidão, ao ver a *Salvação* de Israel.

Maria e José estavam admirados das cousas que o santo homem dizia de Jesus (Luc. II. 33), mas eis que, de repente, a scena toma outro aspecto.

Simeão olha para a Virgem-Mãe, bella e radiante da gloria de sua maternidade divina, e, lentas como as pancadas da morte, caem de seus labios palavras aterradoras... E esta jovem-mãe, de 16 annos, escuta, pallida, calma como o heroismo personificado, mas com a cabeça inclinada sobre o cordeirinho divino que ella aperta contra o peito:

Eis que este menino está posto para a ruina e para a resurreição de muitos em Israel e para ser o alvo da contradicção. E uma espada trespassará a tua alma, afim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos. (Luc. II. 34, 35).

Maria Sma, escutou esta terrivel prophecia,

---

1) Simeon, senex ferebat Christum infantem: Christus regebat senectutem.

parecia-lhe que Simeão era o propheta somente para ella: o propheta do gladio.

O funebre futuro appareceu lhe luminoso.

O Christo, o seu Jesus, o seu Filho, o seu thesouro, será o cordeiro divino que deve regar o altar dos holocaustos com o seu sangue redemptor.

Ella sahirá do templo levando o gladio em seu coração.

Nobre filha de Abrahão, sois digna de teu antepassado Abrahão ao immolar no Moria o seu Isaac!

O gladio passou apenas nas mãos de Abrahão; o teu permanece em teu coração.

A via dolorosa do santo Patriarcha foi apenas de três dias, antes do sacrificio; mas a tua é uma vida inteira, pelo conhecimento que tens dos soffrimentos futuros.

Só as mães são capazes de adivinharem a tua agonia, lenta, lacerante, angustiada, que tem um caracter especial, pois é composta da ternura maternal e da timidez virginal.

Timidez virginal que uma simples sombra sobresalta.

Ternura de mãe que a faz apertar o seu thesouro sobre o seu coração, como para escondel-o dentro.

Esta timidez e esta ternura eram os dois gumes do gladio que trespassava incessantemente o coração daquella que era a **pureza perfeita inclinada sobre um berço.**

E a Virgem, já dolorosa, em toda a alvura radiante de sua maternidade, conhecia as Sagradas Escripturas que predizem tudo o que seu Filho havia de soffrer. Com effeito sabia perfeita-

mente aquella palavra de Isaias: *Elle será o homem das dores. (1)*

E esta outra de Jeremias: *Dos pés até a cabeça não haverá nelle um unico logar sem chagas* (2)

A quem posso comparar-vos, ó Virgem, filha de Sião? A extensão de vossas dores é semelhante á extensão dos mares. (3)

Simeão fixa o olhar humido de lagrimas sobre a Virgem Immaculada.

Ella está em pé... heroica em sua resignação, sublime em seu amor... divina em seu officio.

Ella está em pé, como estará mais tarde ao pé da cruz... com o olhar fixo sobre o seu Jesus que, doce e meigo, vendo as lagrimas de sua Mãe e sentindo as pulsações acceleradas de seu coração, aproxima a sua cabecinha e a reclina sobre o peito maternal.

Ella é bem o **Ostensorio** de Jesus, o ostensorio da dor, pois o gladio que deve immolar o seu Filho atravessa o seu proprio coração.

Nenhuma palavra cáe de seus labios... Ella mostra Jesus a Simeão, a José, á prophetiza Anna... ao mundo inteiro.

E' Jesus. Ella o mostra.

Ella deve mostral-o, como o **Ostensorio** mostra a Hostia divina, exposta á adoração dos fieis.

Por longos momentos a Virgem-Mãe fica nesta posição, extatica, como trespassada pelo gladio que lhe penetrou na alma e, através das brumas do futuro, ao longe, num céu escuro e ameaçador aclarado pelas scentelhas dos relampagos, ella vê o Calvario... vê uma cruz... um cor-

1) Isai. LIII — 2) Jerem. Lament. I. 12.
3) Jerem.: Lament. II. 13.

po morto... e o seu coração murmura: E' o teu Jesus.

E tu, ó Mãe Virginal... tu serás um dia a Mãe dolorosa...

E a Virgem Santa aperta com mais força contra o seu coração o thesouro que ella tem nos seus braços e o gladio que lhe fere a alma.

E' o seu papel. Ella é o Ostensorio de Jesus.

E ella quer mostral-o ao mundo inteiro.

O santo ancião disse tudo o que lhe havia inspirado o Espirito Santo... não deve ajuntar mais nada... pois o humano não póde misturar-se com o divino... elle se retira...

* *

A Santa Familia desce os degraus do Templo. Amanhã começará a realização da predicção: *Jesus será o alvo da contradicção...* e, por causa delle, Herodes fará immolar centenas e centenas de crianças innocentes.

V. O OSTENSORIO DA HUMILDADE

Nazareth! Quantas lembranças suaves desperta este nome!

Quem de nós não sentiu ainda o desejo de viver ali, fosse apenas uma hora, ajoelhado diante da ermida que abrigava Jesus, Maria e José.

Oh! que suave espectaculo ver o humilde operario da officina, José, que mandava e era obedecido!

Oh! scena encantadora, ver o pequeno aprendiz curvado sobre a madeira a esquadrar, manejando a plaina e o serrote.

Oh! que espectaculo encantador, contemplar a Mãe, a dona da pequena ermida, entregue aos mil cuidados do lar, preparando a refeição, costurando e varrendo!

Visão idéal! Quadro divino, diante do qual as lagrimas jorram, como sob uma commoção que não é da terra!...

Mas examinando de mais perto, ha outra cousa ainda mais profunda e mais sublime sob o humilde tecto de Nazareth.

Ha a vida escondida... Ha a pobreza... Ha o desprezo.

Ha mais que tudo isso!

Os habitantes de Nazareth conhecem esta familia, e nesta familia conhecem o menino que, embora modesto, piedoso, puro, encantador, não é para elles mais que um vulgar apprendiz, condemnado aos labores communs, sacrificado por um salario mal retribuido.

E ha mais que isso ainda nesta aldeia. Como em toda a Palestina, subjugada pelo poder dos Cesares de Roma: as idéas romanas haviam penetrado.

Ora, o desprezo do operario, do mercenario, era tradicional entre os romanos: os operarios eram todos **escravos.**

Eram escravos: os medicos, os professores, architectos e até os funccionarios do Estado; com mais razão o eram os operarios de serviços pesados.

Sendo o trabalho reservado aos escravos, e a escravidão considerada uma infamia, a lei negava ao escravo o direito de ser um **homem,** mas ficava sendo uma *cousa,* uma vil mercadoria.

E entretanto Jesus entrega se ao trabalho.

E não o faz simplesmente durante umas se-

manas ou uns mezes, por um capricho de dilettante, mas a vida inteira.

Dos 33 annos que Elle devia passar neste mundo, consagra 30 annos á vida escondida, ao trabalho fatigante e desprezado.

E' no suor de sua fronte que Elle ganha o pão de cada dia.

Para Elle como para o ultimo dos escravos, o soffrimento, a fadiga, a ingratidão unem-se ao trabalho.

Filho de carpinteiro, Elle mesmo é carpinteiro, conhecido como tal, não querendo outro officio, nem outras honras.

Nonne hic est faber, filius Mariæ? (Marc. VI. 3).

Nonne hic est fabri filius? (Math. XIII. 55).

Tal é o resumo da vida de Jesus em Nazareth.

Oh! aqui, ainda mais que em Belém, nós precisamos de um interprete que esclareça tantos mysterios escondidos e nos revele tantos segredos impenetraveis.

Sobre a gruta de Belém, os anjos cantaram, convidando os Pastores.

Sobre o paradeiro do Menino Deus, a estrella parou indicando aos Magos o grande Rei.

E sobre Nazareth não haverá um cortejo de anjos para cantar, ou uma estrella para indicar ao mundo o que se passa ali de divino?

Ha mais que anjos! Ha mais que uma estrella!

Abramos o Evangelho; ahi ha um relampago tão fulminante, que o nosso olhar fica como offuscado e o nosso espirito como que atordoado.

Jesus tinha chegado á idade de doze annos. Todos os annos elle acompanhava os seus paes a Jerusalém, na festa da Paschoa. (Math. II. 41)

Nesta viagem elle ficou no templo, no meio dos Doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E' ahi que Maria e José o encontram. *Jesus desceu com elles e foi a Nazareth e era-lhes submisso. E sua Mãe conservava todas estas cousas no seu coração.* (Math. II. 51).

Nova revelação de Jesus por Maria, mas desta vez é uma revelação tão sublime que não podendo traduzil-as por palavras, Maria Sma. *conserva tudo em seu coração.*

O silencio, ás vezes, é mais eloquente do que as palavras.

As palavras são pesadas demais para exprimir as grandes dores: as grandes alegrias são mudas.

E qual é a revelação desta scena?

E' tudo o que acabamos de ver e que é resumido nesta curta, mas sublime phrase do Evangelho: *Jesus lhes era submisso.*

O Creador obedecendo ás suas creaturas.

A omnipotencia feita fraqueza.

O infinito soffrendo no tempo.

A gloria divina escondida nas sombras de uma officina.

Oh! é demais, taes scenas não se descrevem!... só podem ser expressas pelo silencio.

E ahi apresenta-se a Virgem Immaculada. É ella quem fala...

Ah, diz ella, não vos limiteis em ver somente as apparencias; penetrae mais avante, perscrutae o que impressiona o vosso olhar.

Sim, este operario, carpinteiro, é Deus!
Sim, Deus conhece os suores amargos!
Sim, Deus soffre as fadigas do corpo!
Deus maneja o martello e o machado!
As fadigas o cansam e esgotam.

Suas mãos são todo callejadas, porém ellas sustentam o mundo.

Elle obedece, mas a vida e a morte são suas servas.

Elle cala-se, mas a sua palavra é mais fulgurante que o relampago e mais fulminante que o trovão.

E, apesar deste trabalho fatigante e humilde a que Elle se reduz, a sua vida é a suprema gloria de Deus e a salvação dos homens.

E eis porque Maria Sma. não fala... mas o seu silencio é a manifestação da vida escondida, humilde, desprezada e divinamente fecunda do Verbo Eterno.

Mais uma vez Maria é verdadeiramente o **Ostensorio** de Jesus.

Ella mostra Jesus em sua vida de immolação intima.

Ella o apresenta ao mundo orgulhoso, como o eterno modelo a imitar, como o grande exemplo da humildade.

VI. OSTENSORIO DA OMNIPOTENCIA

Jesus attingira a idade de 30 annos. Trinta annos de uma vida que só devia contar 33 annos.

E Elle passou este tempo na pobre officina de um carpinteiro, no fundo de uma pequena ermida, desconhecido dos homens, quasi ignorado de seus proprios vizinhos.

E, entretanto, cada minuto destes 33 annos salvava o mundo, resgatava a humanidade, applacava a colera divina.

Mysteriosos designios de Deus!...

José, o homem justo e admiravel, o mais admiravel de todos os homens, tinha deixado esta terra para reunir-se aos santos Patriarchas que,

no limbo, esperavam a vinda do Redemptor, para abrir-lhes as portas do céu.

Os olhos do justo José não tinham simplesmente visto este Redemptor como o justo Simeão, mas as suas mãos o tinham acariciado, os seus braços o tinham carregado, e os seus labios tinham depositado sobre a sua fronte beijos tremulos de respeito, de adoração e de ternura.

Mas José cumprira perfeitamente a sua missão.

E como o Archanjo Gabriel, ao terminar a sua mensagem junto á Immaculada, havia se retirado em silencio, assim José, o Esposo Virginal, retirou-se depois de ter servido durante vinte annos como anjo da guarda visivel ao Filho do Eterno e á Mãe de seu Salvador, deixando a doce Esposa-Virgem e o Filho putativo...

O lar de Nazareth estava em luta e em lagrimas.

Jesus continuará ainda por certo tempo o officio do pae de creação, ganhando, no suor de sua fronte, o pão de cada dia, para si e para a sua Mãe.

Soou emfim a hora da despedida.

Jesus ia começar a sua vida *publica* e Maria a sua vida de **martyrio.**

Jesus tinha escolhido os seus primeiros discipulos, percorrido as margens do Jordão, e estava em caminho de Galiléa, passando pela aldeia de Caná.

Ali havia umas nupcias, provavelmente de qualquer parente de Maria Santissima.

Ali Jesus encontrou a sua Mãe, diz o Evangelho, *e Jesus com os seus discipulos foram tambem para as bôdas.* (Luc. II. l. 5).

Maria Sma. devia estar ahi.

Era o seu papel de **Ostensorio** de Jesus.

Notemos logo que, nesta occasião, o Salvador ia fazer o seu primeiro milagre publico, a primeira manifestação de sua omnipotencia. E convinha que o fizesse a pedido da Virgem Sma.

Jesus fará o milagre, mas o fará a pedido de sua Mãe.

Tudo estava preparado. Os convivas estavam na sala de nupcias. Uma modesta alegria animava os convidados.

De repente começa a faltar o vinho. Esta indigencia prova que os nubentes eram de familia pobre.

Maria Sma. é a primeira a dar pela falta, o seu coração de Mãe vê mais longe que os olhos do corpo, e fica commovida.

Maria quer evitar uma decepção aos nubentes e aos convivas. Ella é mulher e mãe, e por isso sabe, por experiencia, compadecer-se de todos estes imprevistos da vida domestica.

Ora, Maria Sma. estava sentada á mesa, ao lado do seu divino Filho.

Cheia de fé em sua divindade, ella não ignora que, para fazer um milagre é bastante Jesus querer, nem duvida tão pouco que Elle attendesse ao seu pedido.

Acostumada ás suas attenções de filho, á sua suave submissão, ella sabe que é o bastante manifestar-lhe um simples desejo.

Mas, — e ella o sabe tambem, até esta data o seu Filho não havia ainda feito nenhum milagre, em publico, a sua omnipotencia ficára como que envolvida, qual rosa no botão que não desabrochára ainda.

Aqui cedemos o logar á suave narração do Evangelho:

E faltando o vinho, a Mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho.

E Jesus lhe disse: Deixe estar, Senhora, cuidarei disso, embora não tenha chegado a minha hora.

Disse sua Mãe aos que serviam: Fazei tudo que elle vos disser.

Ora, estavam ali seis talhas de pedra, preparadas para a purificação judaica, que levava cada uma duas ou três medidas.

Disse-lhes Jesus: Enchei as talhas de agua, e encheram-nas até em cima.

Então lhes disse Jesus: tirae agora, e levae-o ao Architriclino. E elles levaram.

E o Architriclino, logo que provou a agua convertido em vinho... chamou o esposo e lhe disse: Todo homem põe primeiro o bom vinho, e quando já têm bebido bem, então lhes apresenta o que é inferior: tu ao contrario, tiveste o bom vinho guardado até agora.

Por este modo deu Jesus principio aos seus milagres, em Caná de Galiléa, e manifestou a sua gloria, e os seus discipulos creram nelle (Joan. II. 1 a 12).

Esta pagina respira uma incomparavel naturalidade, uma doce poesia e um profundo mysterio, que é o da mediação da Sma. Virgem.

O quadro de Caná deve necessariamente alargar-se, e este facto tão simples tem a proporção, não de um acontecimento privado, mas de uma **verdade universal.**

Jesus fez o seu primeiro milagre a pedido de sua Sma. Mãe, para ensinar-nos que, no futuro, todos os seus beneficios passariam pela mesma intercessão.

Como o faz notar o Evangelista, Jesus manifesta nesta occasião *a sua gloria e o seu poder.*

Tal manifestação, como todas as outras, devia fazer-se por Maria, e se fez por ella.

Maria Santissima nos apparece, de novo, como **Ostensorio** de Jesus.

Ella mostra Jesus! alcançou o primeiro milagre; abreviou o tempo marcado e foi como que a causa de os seus discipulos crerem nelle.

Admiravel prerogativa de Maria! Ella é o ostensorio da omnipotencia divina como o foi da humidade, da realeza, da dor, e como, brevemente, sel-o-á da immolação e da Eucharistia, de seu divino Filho.

Como ella nos apparece, de novo, carinhosa e compadecida, convidando a todos aquelles que soffrem a recorrerem a ella, para que lhes alcance de seu Jesus a graça por elles pedida. Ella é a manifestação da omnipotencia divina.

E a scena de Caná é a revelação do modo por que Deus quer communicar as suas graças ao mundo.

Tudo vem de Jesus, mas vem pelas mãos de Maria.

VII. O OSTENSORIO DA VICTIMA

E' a hora das trevas —a hora da immolação suprema.

"O Verbo divino estava no mundo" como diz S. João, "e o mundo foi feito por Elle, e o mundo não o conheceu.

Veiu para o que era seu, e os seus não o receberam." (1)

Quem poderia avaliar o fremito supremo que se apoderou da Virgem Immaculada, quando, na noite da Quinta feira Santa, vieram annuciar-lhe: Jesus está preso... a soldadesca armada de gladios, varapaus e cordas o prendeu no Gethsemani!

Que terror, quando outros lhe disseram: E'

1) Joam II 10

Caiphás, o perfido Caiphás, quem vae julgal-o. Pobre Mãe!

Saber que Jesus está nas mãos de gente perfida e sanguinaria, e nada poder fazer para defendel-o, que soffrimento atroz!

Ella está longe de seu Filho... e o seu Filho soffre, é atormentado e flagellado por implacaveis inimigos!... Oh quanta angustia para o seu coração de Mãe.

Mil vezes a morte que taes tormentos.

Estar separado daquelles a quem se ama. sabendo que correm perigo e nada poder fazer por elles, é a ultima, a mais atroz das agonias.

A Virgem não póde mais supportar esta agonia...

Mais morta do que viva, porém, calma e resignada, levanta-se, e de passo tremulo, ella vae ao encontro do Filho de suas entranhas e de seu amor.

Ella encontra-o, numa encruzilhada do caminho, e quasi não o reconhece mais.

É uma **victima** já immolada, mas viva, que se aproxima, exhausta e desfallecida.

Os seus olhares encontram-se.

— Meu Filho!... ó meu Jesus!

— Minha Mãe!... ó Mãe querida!

E Jesus vae caminhando sob os impurrões dos carrascos.

E Maria o segue, cercado de umas santas mulheres, olhando para o «homem das dores». (1)

Eis que a Victima chega ao alto do Golgotha.

Os algozes arrancam-lhe os vestidos.

A Virgem não perde um grito sequer dos esbirros.

---

1) Isai. LIII.

Que scena se apresenta de repente aos seus olhos!

Ella vê o corpo de seu Filho, dilacerado, rasgado, triturado pela flagellação da manhã, ella vê o seu semblante como que apagado pelos ultrages, coberto de sangue, de lagrimas e do suor da morte... a cabeça cercada de um feixe de espinhos... Um longo e lugubre gemido escapa de sua alma... o qual os labios não podem reter: Oh! meu Deus, é demais! é horrivel!... eu não esperava tanto!... as minhas previsões foram ultrapassadas!... Meu Jesus, é possivel!?

Todas as suas previsões haviam sido excedidas!

Ella comprehendia então em todo o seu rigor a prophecia: — «Elles trespassaram minhas mãos e meus pés e contaram todos os meus ossos. (1)

Ella tinha pensado e interpretado: — «Elles contarão os meus ossos, depois da morte».

Pobre Mãe, que horrivel realidade! Ella mesma podia contal-os sobre o corpo dilacerado de seu Filho vivo.

Eis perto de Jesus a sua Mãe querida. Ella o segue, como a sombra ao objecto que projecta, pois quer partilhar todas as suas dores.

Aliás, assim deve ser!

Ella é o **Ostensorio** de Jesus, e como tal deve mostrar-nos Jesus na estrada da agonia, como o mostrára outróra aos Pastores e aos Magos.

E ella nol-o mostra, ao galgar o Calvario, maltratado, cuspido como um scelerado; mas mostrando-o, ella repete: este é o meu Filho Je-

1) Psal. XXI. 17.

sus, o Filho de Deus, o Verbo Eterno, o Salvador do mundo. Elle é homem como o podem ver pelas dores, mas é tambem Deus, pela sua paciencia e resignação.

E a Virgem dolorosa, pela sua presença, mostra Jesus a todos os seculos, como a Victima em caminho para a immolação definitiva.

*

Mas tinha chegado o momento do holocausto.

Oh! lagrimas e soluços de todos os martyres, nunca, pela vossa união, igualareis o que se passou então nas entranhas, no peito e nos olhos desta Mãe!

Mas era necessaria a sua presença; não se podia separar a Hostia do **Ostensorio,** nem o Ostensorio da Victima.

Os algozes lançam Jesus sobre a cruz.

A Virgem vê os cravos sobre as mãos de Jesus, e ouve o ruido surdo do martello.

Ella vê os carrascos puxarem, com cordas, as mãos e os pés da Victima, até chegarem ao logar de antemão preparado.

Ouve o horrivel estalar dos musculos, dos ossos, os suspiros dos soffrimentos e os gemidos da Victima.

Vê levantarem a cruz e a mesma subir e cahir na cova preparada, e sobre esta pesada cruz vê suspenso o Corpo do Filho de suas entranhas, este corpo livido, martyrizado, «não tendo mais um logar são dos pés até a cabeça». (1)

Ella podia contar todos os seus ossos.

Stabat Mater — Maria estava ao pé da cruz. Jesus estava abandonado por todos os da terra,

---

1) Isai. I, 6.

e até do proprio Pae, mas a sua Mãe estava em pé, mostrando á humanidade, o Christo, o Salvador do mundo, através de todas as humilhações.

Com certeza muitos devem ter-lhe dito: Pobre mãe, retira-te pois o teu logar não é mais aqui.

Ella não respondeu, mas ficou em pé, exposta aos olhos de todos e partilhando a humilhação dos sarcasmos dirigidos ao Crucificado.

O seu rosto não manifesta sequer um signal de impaciencia: a sua bocca não profere uma palavra de murmurio, a sua alma está mergulhada em dor; e as suas lagrimas não se misturam com os seus soluços.

A esta vista Santo Anselmo exclama: Oh! accordo maravilhoso de pudor e de coragem, de paciencia e de amor.

A mais pura, a mais delicada e mais timida d'entre todas as virgens é tambem a mais paciente, a mais magnanima e a mais heroica de todas as mulheres.

Ella desafia os phariseus, desafia os carrascos, desafia a multidão, desafia o proprio inferno.

«Stabat Mater». Ella está em pé: heroica, sublime, com os olhos fixos sobre o seu Jesus moribundo, tal o sacrificador ao pé de seu sacrificio.

Jesus diz: «Pae, perdoae-lhes».

E Maria ajunta suas lagrimas para alcançar este perdão.

Jesus diz: «Tenho sêde».

E Maria offerece-lhe o seu amor para desalteral-o.

Jesus diz: Tudo está consummado».

E Maria faz o sacrificio de seu proprio Filho.

Jesus exclama em alta voz: «Pae, em vossas mãos entrego a minha alma».

E Maria repete: Pae, em tuas mãos entrego o teu e o meu Filho.

E dito isso, Jesus inclina a cabeça e expira.

Era na Sexta-feira, ás três horas da tarde.

De subito as trevas espalharam-se por toda a terra.

O proprio sol perdeu a luz.

A terra tremeu. Os rochedos fenderam-se; os sepulcros abriram-se.

O véu do templo rasgou-se, pelo meio, de alto a baixo.

A natureza gemia, soluçava, cobria-se de trevas, para não presenciar a horrivel scena do Creador assassinado e crucificado pelas proprias mãos das creaturas.

O centurião, que estava ao pé da cruz, ouvindo o grande grito de Jesus, no momento de expirar, e vendo tudo o que acabava de succeder, exclamou: Este homem era verdadeiramente o Filho de Deus!

Sempre em pé, os olhos fitos sobre o seu Jesus, a Virgem dolorosa repetia:

Sim, Elle é verdadeiramente o Filho de Deus e meu Filho.

Tudo está terminado.

Jesus morrera pela salvação do mundo.

Maria Sma. chorava o seu Filho morto, mostrando-o ao mundo inteiro, assim como o **Ostensorio** dourado mostra a todos a Hostia branca da Redempção.

Mais uma vez a Virgem Santa, associada á obra redemptora, tinha exercido o seu papel de «Ostensorio vivo de Jesus morto».

Ella não podia morrer, pois devia sobreviver, para continuar até o fim a sua nobre funcção de *Ostensorio* de Jesus.

VIII. OSTENSORIO DO SACERDOCIO

Um longo soluço havia percorrido o mundo.

Emquanto as trevas envolviam a terra e deslumbrantes relampagos rasgavam o firmamento. parecia se ouvir sahir dos tumulos e das entranhas da terra este brado do Filho do homem moribundo: «Pae, perdoae-lhes porque não sabem o que fazem».

A humanidade acaba de perpretar o crime mais hediondo que se possa imaginar; porém, ella sente como que abrirem-se os braços de Deus que morre para salval-a e aperta-a contra o seu peito desfallecido, mas sempre amoroso.

E ao pé da cruz está a Virgem dolorosa, que communica a este brado da misericordia qualquer cousa de seu coração de Mãe e de seu attractivo virginal.

E' o Ostensorio e a victima.

E' a **Hostia** em seu **Ostensorio.**

Santo Thomaz faz a si mesmo a seguinte pergunta: Porque o Salvador escolhe para morrer a cidade de Jerusalém, e não Belém onde nascera, ou Nazareth onde vivera?

Elle responde: Porque Jerusalém é a cidade do **Sacerdocio:** — *Civitas sacerdotalis.* (1)

E segue outra pergunta: Porque quer Elle ser immolado fóra dos muros da cidade, no Calvario, e não no centro da cidade?

E elle responde: Porque o seu sacrificio é universal e não se limita á raça dos judeus.

---

1) Summ. Theol. III. p. q. a 35 a 7.

O logar escolhido chama-se **Golgotha,** que significa *craneo*, designando um rochedo desnudado sahindo da terra e elevando-se, tal um craneo, por cima da montanha.

Diz a tradição que ahi foi sepultado o primeiro homem: Adão.

Talvez tambem Eva!

O novo Adão e a nova Eva, que são o Christo e a Virgem dolorosa, vinham reparar o mal causado pelos primeiros.

Sobre este logar eleva-se a cruz.

A **cruz** é um **altar.**

Uma mulher se aproxima deste altar — É a Virgem sacrificadora: Nossa Senhora do Santissimo Sacramento.

A Antiguidade deu-lhe este nome glorioso. (1)

O' Maria, Virgem Sacrificadora, Rainha do Sacerdocio, sois vós que fostes representar no Golgotha o novo Sacerdocio que Jesus veiu instituir, sendo Elle mesmo o primeiro Ministro, o Sacerdote eterno.

Por vossas mãos, os sacrificios até hoje offerecidos, no Templo, vão ser transportados para a cruz.

Estaes divinamente preparada para este officio.

Sois o **Ostensorio** de Jesus, mas um Ostensorio vivo, consciente.

Mostraes a Jesus, uni-vos e immolae-vos com Elle.

A cruz é o altar; Maria Sma. o é tambem: «Sacrificatrix pariter et altare». (Sto. Epiphanio)

Já o fostes na manhã da Encarnação do Verbo em vosso casto seio, e tambem no dia da Apre-

---

1) Sto. Epiphanio, S. João Damasceno, Alberto Magno, Sto. Antonino, etc...

sentação no Templo; deveis sel-o igualmente na noite de seu supremo amor.

Encontrar a sua Mãe como altar é uma immensa consolação para Jesus.

Eis porque a Virgem dolorosa e heroica, nesta tarde de Sexta-feira, aproxima-se da cruz, identifica-se e confunde-se com ella.

«Stabat juxta crucem!»

Ella é o **Ostensorio** vivo de Jesus, e é tambem victima, immolada sobre a cruz.

A inegualavel pureza da Immaculada recebe nesta hora o seu ultimo esplendor.

Esta pureza devia ter seus raios luminosos.

A Conceição isenta-a da mancha original: é a Immaculada Conceição.

No Templo ella inaugura o voto de castidade: é a Rainha das Virgens e dos Anjos.

Na Encarnação recebe em seu seio o Filho do Eterno: é a pureza divinizada.

No Calvario immola o seu Filho para a salvação do mundo: é a pureza sacerdotal.

No Cenaculo recebe o Espirito Santo, na plenitude de seus dons: é a pureza radiante do Apostolo.

Em Epheso é a adoração continua e o extase amoroso diante do Santissimo Sacramento: é Nossa Senhora do Santissimo Sacramento.

* * *

«Stabat juxta crucem».

Ella está em pé para exercer um officio.

E qual é este officio?

— A offerta da Victima.

A celebre formula do Sacerdocio da nova lei é esta: «Sacerdos suae victimae, et victima sui

Sacerdotii»: Sacerdote de sua victima e victima de seu Sacerdocio.

Como **Ostensorio** vivo de Jesus, Maria Santissima não somente deve mostral-o, mas deve immolal-o e immolar-se com Elle.

E Jesus é immolado e a Virgem immola-se com Elle.

O seu corpo não recebe nenhuma ferida, porém o golpe tremendo, tal uma faisca intelligente, deixa intacto o seu corpo, mas vae fulminar-lhe a alma.

Em Maria, é a Mãe que se immola, mas cousa admiravel, ella o faz com todas as delicadezas distinctivas *da Virgem.*

Reconhece-se a Virgem até no Calvario. (1)

Ao heroismo da Mãe ella junta as energias da Virgem.

Maria Sma. está acima de seu sexo, acima da humanidade e acima do homem.

Ella fica em pé, immovel, a sós com a divindade: *Stabat.*

Não m'a representeis, diz Santo Ambrosio, desfallecida, nem em soluços, pois leio no Evangelho que ella estava em pé, e não envolta em lagrimas: «Stantem lego, flentem non lego».

As forças não desfallecem nem em seu corpo, nem em sua alma, porque, sob a sombra da virtude do Altissimo que a encobre, um triplice laço resiste a toda ruptura.

Este triplice laço é a sua ternura materna, a sua pureza virginal e o seu officio de Ostensorio de Jesus.

---

1) Stabat... non inclinata... non curvata... capillos evellens, vel faciem dilacerans, ut multæ faciunt in mortem carissimorum... stabat fortiter, propter, dilectionem, quia fortis est ut mors dilectio. (S. Anton. De Florença)

«Funiculus triplex difficile rumpitur». (Eccl. IV 12)

Offerecendo-se em sacrificio, Jesus torna-se o unico Medianeiro entre Deus e os homens.

«Elle é o caminho, a verdade e a vida». (1)

Os sacerdotes são os seus substitutos e continuadores; Elle é o unico Sacerdote e o unico Pontifice.

Até pela significação do seu nome, o seu Pontificado perpetuado, lembra a sua mediação divina.

Pontificado, Pontifice *(pons-factus)*, isto é: Homem de Deus, *feito* **ponte** entre a terra e o céu, entre o tempo e a eternidade. (2)

Sacerdocio (sacra-dans), isto é: encarregado de ser perto do povo o distribuidor das cousas santas.

Tal é Jesus Mediador, tendo em redor de si todos os sacerdotes, que são os auxiliares de sua Mediação.

Reconciliador universal, Principe da paz, Elle lhes confiou o ministerio da paz e reconciliação.

Ora, offerecendo-se com seu Filho em sacrificio, não teria a Virgem Santa parte nesta mediação, nesta **ponte lançada entre o céu e a terra,** nesta distribuição das cousas santas, nesta paz e nesta reconciliação universal?

O' Virgem Santissima, vós sois ao pé da cruz, o **sorriso** da mediação do Pontifice eterno.

Todos os Pontifices da Catholicidade dirão que sois a mais bella ponte que se eleva da terra ao céu.

Em qualquer parte, onde vossos braços se extenderem, a humanidade exclamará jubilosa:

---

1) Ego sum via, veritas et vita. (Joan. XIV. 6)
2) Nemo venit ad Patrem, nisi per me. (Ibd.)

E' o *arco-iris*. E' a esperança, a misericordia, e todos sentirão renascer em si a alegria, a paz, a confiança e o amparo maternal.

Ainda um ultimo traço a salientar.

Jesus exhalára o ultimo suspiro.

«Um dos soldados com a ponta da lança, abriu-lhe o lado e desta ferida sahiu sangue e agua». (Joan. XIX. 24)

Com o mesmo golpe foi trespassado o coração da Virgem dolorosa.

O incendio de amor encerrado no Coração de Jesus communica-se ao coração de sua mãe. Do Coração divino e immolado do Redemptor sahem o *Baptismo* que regenera, figurado pela agua, e a *Eucharistia* que alimenta, figurada pelo sangue.

Em outros termos sáe a propria Egreja que Jesus havia fundado, e a quem Elle entrega os seus meritos e os seus Sacramentos. (1)

Num extase que acompanha a sua dor, a Virgem Santa, com os olhos de sua fé, percebe a Egreja nascente, e, a primeira aqui na terra, recolhe-a em seu coração.

Si o Coração de Jesus é o **berço** da Egreja, o seu primeiro **abrigo** é o coração de Maria.

Foi ali que se deu o encontro destas duas Virgens sem mancha, sendo uma a **Mãe** e a outra a **Esposa** de Christo.

Oh! com que zelo vae dedicar-se á educação da joven Esposa de seu Filho!

O zelo e dedicação que Maria conserva accesos em redor do berço da Egreja, extendem

1) Christo mortuo lancea percutitur pectus, ut profluan Sacramenta quibus formatur Ecclesia (S. Augustinus)

as suas chammas em torno do calice dos sacerdotes.

Quando do lado aberto da grande victima jorravam sangue e agua, neste duplo liquido precioso preparava-se o conteúdo do calice de todos os sacerdotes.

Maria Santissima apparece então como o grão-sacrificador, em meio dos sacerdotes. E' o logar de honra que cabe á Rainha do Clero.

E é tambem o throno que é devido a Nossa Senhora do Santissimo Sacramento, como sendo ella o **ostensorio** vivo de seu Jesus.

Eis um suave pensamento para os sacerdotes ao subirem os degraus do Altar: Estou substituindo Jesus Christo na renovação do grande sacrificio do Calvario.

Ahi está tambem a Virgem Santa para offerecer a Deus este sacrificio.

São os meus labios que devem proferir as palavras, porém ao elevar o calice, as mãos virginaes de Maria seguram-no juntamente commigo.

Maria é o **ostensorio** de Jesus.

Ella é a Mãe dos sacerdotes.

E' a grande immoladora.

E é a Victima virginal, unida á grande victima redemptora.

IX. OSTENSORIO DA EUCHARISTIA

Um piedoso e sabio doutor disse que «antes da vinda de Jesus a este mundo, Maria Sma. estava solitaria na terra, porque somente Jesus era digno de fazer-lhe companhia.

Segundo este pensamento, póde-se comprehender a extensão incommensuravel de sua soli-

---

1) Card. Berulle: Vida de Jesus

dão, após ter gozado da presença de Jesus durante 33 annos, na mais completa intimidade.

De repente ella ficou sem Jesus.

Pobre Mãe!

Representemo-nos Maria sem o seu Jesus. São Bernardino de Senna chama-a: a viuva das viuvas: «vidua viduarum».

Jesus lhe deixará São João, é certo, e João amava-a com toda a ternura de um filho amoroso. Mas João não era Jesus.

A troca era mais que incompleta.

João era filho de adopção, Jesus era Filho de suas entranhas.

João era homem; e Jesus era Deus.

Deste modo o gladio permaneceu no coração da Mãe desolada. A presença de São João a consolava, mas tambem a entristecia. Ella não podia deixar de pensar em Jesus.

João era-lhe sobretudo caro como Sacerdote ou Capellão.

Quando Jesus disse do alto da cruz aquellas palavras: «Eis o vosso filho», não somente entendia deixar sua Mãe aos cuidados de S. João, mas que este lhe desse o alimento do amor: a Eucharistia, o Jesus comnosco.

Comprazem-se os Santos doutores em citar como um dos motivos da instituição da Santissima Eucharistia, o anhelo que tinha Jesus de unir-se de novo á sua Mãe.

Aprazem-se ainda em dizer que as Sagradas Especies conservavam-se intactas e sem corrupção em seu coração virginal, de uma Communhão á outra, de modo que a Virgem Immaculada era, na casa de S. João, o **Tabernaculo vivo** e perpetuo de seu divino Filho, como já havia sido antes de seu nascimento.

Era sobretudo o **ostensorio vivo** de Jesus.

Cada manhã Jesus parecia dizer-lhe: —Para ti, minha Mãe, quero tornar-me de novo criança, brincar sobre os teus joelhos, suspender-me a teu collo, adormecer em teus braços, reclinar-me sobre o teu coração, esconder em teu seio virginal a minha vida nova, a minha existencia eucharistica.

Nem sequer no céu encontro adorações tão profundas e um amor tão puro como são os teus!

Mas si Jesus torna a dar-se, é ainda pelo intermedio de João, sacerdote e Pontifice, feito uma especie de ponte lançada entre o céu, para onde subiu Jesus, e a pobre ermida onde Maria Sma. reside.

Que suave intermediario, e que momentos felizes aquelles que o Apostolo do amor, em pé, diante do altar, volta-se para a Virgem Santa, ajoelhada, para dar-lhe a Hostia adoravel.

Os anjos adoram e escutam...

No Calvario João ouvira e recelhera as palavras que o entregavam á Mãe dolorosa:

«Mulher, eis aqui o teu Filho!» e no momento da Communhão eucharistica, 'a mão sacerdotal retribue o beneficio, dizendo elle tambem: O' Mãe, eis aqui o vosso Filho, o vosso primogenito! — «Corpus Domini Nostri Jesu Christi».

E os anjos inclinaram-se extasiados diante deste gracioso espectaculo, que é o Filho de Deus tomando posse de seu **ostensorio vivo.**

* * *

Está alcançado o fim da Eucharistia: Jesus e Maria se possuem mutuamente, como no dia da Encarnação — «o meu querido é meu e eu sou delle». (Cant. II. 15)

Com que transportes a Virgem Santa encontra a presença real de seu Jesus, a sua carne sagrada, o seu sangue precioso, o corpo que ella mesma havia formado, alimentado, carregado mil vezes, e que é osso de seus ossos e carne de sua carne.

Como ella adorava esta alma, na qual tinha admirado thesouros inexgotaveis de ternura filial.

O véu eucharistico cáe diante das chammas de seu amor e ella reconhece o seu doce Jesus do presepio, do Egypto, de Nazareth, do Cenaculo e do Calvario.

Ambos experimentam esta suprema e pura felicidade que consiste no fluxo e refluxo de dar e receber.

Mas, silencio, vozes mortaes! deixemos Jesus e Maria nos ineffaveis transportes da Communhão, suspirar o doce colloquio do amor... deixemos a Mãe abraçando o Filho, e o Filho abraçando a Mãe, até que se levante o sopro da aurora e que se dissipem as sombras desta vida de soffrimento.

A vida de Maria Sma. após a Ascenção foi antes de tudo uma vida *eucharistica*, uma vida de adoração, de reparação e de amor.

Ella era o primeiro Tabernaculo de Jesus-Eucharistico. Era, e devia ser, para sempre o *Ostensorio vivo* de Jesus no Tabernaculo.

E assim, de Communhão em Communhão, a Virgem Santa chegou á ultima Communhão, que devia ser a corôação de sua vida, e esta corôação foi a morte por amor.

Os assaltos do amor acabaram por vencer as suas forças, e desfallecendo sob a vehemencia de seus ardores, chegou o dia, em que não poude mais ir até aos pés do Tabernaculo nem tomar parte no banquete de amor. Mais uma vez

o Apostolo S. João queria ter a honra e a felicidade de remetter Jesus a aquella que o tinha recebido uma primeira vez pela Encarnação, mas, diz-nos a Tradição, que o proprio Jesus quiz pessoalmente remetter á sua Mãe o divino viatico.

Cartagena, Gerson e outros confirmam esta tradição e dizem que o Soberano Sacerdote, Jesus Christo se dignou baixar, cercado de sua côrte, á humilde moradia de sua Mãe e dar-lhe a Hostia divina.

Com certeza Jesus deve ter-lhe dito: Recebei, minha Mãe, o corpo e sangue que recebi de vós na Encarnação e que este corpo immolado pela salvação do mundo, seja o vosso Viatico, para unir-vos a mim no céu como eu me uni a vós na terra.

E Maria Sma. após ter visto pela ultima vez a face de seu Jesus, e tel-o apertado contra o seu coração, a sua alma rompeu o envolucro immaculado que possuira durante 72 annos, neste desterro, e voou para o céu, transportada sobre as asas dos Seraphins.

Muitos morrem no amor, diz São Francisco de Sales, Maria porém morreu *de amor!*

Ella foi continuar no céu a Communhão com o seu divino Filho, não mais velado, mas sim, descoberto, glorioso e triumphante.

Onde está a Hostia divina, ali deve estar o **Ostensorio.**

Maria Sma. está no céu, mas continúa aqui na terra o seu officio de **Ostensorio vivo,** e onde está Jesus Sacramentado, ali está mysticamente presente a Virgem Santa, para adoral-o e apresental-o ás almas!

Ella continúa, pois, a ser a *Senhora do Santissimo Sacramento.*

X. CONCLUSÃO

Maria Sma. é o *Ostensorio vivo* de Jesus, e isto é como que o resumo de todas as suas grandezas. E' o seu papel proprio.

Como Ostensorio de Jesus, ella *deve mostral-o* ao mundo.

É o triplice officio da Virgem Santa: amar a Jesus, fazer-lhe companhia e manifestal-o ao mundo.

O que acabámos de ver é a prova positiva de que Maria Santissima exerceu perfeitamente este papel durânte a sua vida terrena, e continúa a exercel-o no céu, pois ella é na gloria o que era na terra, o *Ostensorio* de Jesus, ou a Virgem do Smo. Sacramento.

Ella continúa perto de nossos Tabernaculos, a adorar, a amar e a apresentar Jesus, como já o fizera durante a sua vida mortal.

Convém, pois, que, ao aproximarmo-nos de Jesus Sacramentado, nos lembremos da Virgem Santa, para, pelas suas mãos, offerecer a Jesus as nossas adorações, o nosso amor e as nossas supplicas.

Temos successivamente estudado as diversas manifestações deste papel da Virgem Santa.

E ella nos appareceu tão grande, tão bella, transmittindo-nos a luz divina, como a porta deixa passar a luz do dia.

Ex qua lux mundo est orta!

A primeira manifestação de Jesus por Maria é o presepio. E' ella a quem os pastores encontram primeiro, é ella quem lhes apresenta o Menino Deus.

Os anjos cantaram a sua gloria celeste, e Maria Sma. revelou aos pastores a sua humanidade soffredora.

E' ali que começa o seu officio de **Ostensorio** de Jesus.

Após os Pastores vêm os Reis Magos.

Poder, grandeza, sciencia, tudo isso deve inclinar-se diante do Christo Salvador.

Os Magos como os Pastores encontram Maria, a Mãe de Jesus, que se encarrega de explicar-lhes os mysterios de uma realeza humilhada, de uma soberania sem sceptro e sem corôa.

Novamente é Maria Sma. quem apresenta Jesus, quem o mostra, e quem faz os Reis prostrarem-se para adoral-o.

Mas si Jesus é Salvador e Rei, é sobretudo o homem das dores, a **victima** adoravel.

E eis que quarenta dias depois de seu nascimento, sua Mãe o leva ao Templo, para apresental-o ao Altissimo e resgatal-o.

E' alli que o esperava o Mensageiro da dor, o Propheta do gladio.

Maria Santissima tem o Filho nos braços, como convém ao Ostensorio, mostrando-o a Deus e aos homens, emquanto a voz inspirada do Propheta prediz-lhe que este Menino, tão bello, tão attrahente, deve ser alvo da contradicção, e que o seu coração de Mãe *deve ser trespassado pelo gladio da dor*.

A Virgem Santa manifesta o **Homem da dor,** e ella, o seu Ostensorio, será a **Virgem das dores.**

Tocante manifestação que vae nos mostrando, cada vez com mais precisão, a missão de Jesus e a participação de sua Mãe a esta missão.

O gladio penetrou na alma de Maria... A Familia santa volta para Nazareth.

Nazareth é a vida escondida, é a *humildade*, é o trabalho e a submissão.

E' o grande Deus que vem a este mundo

para salvar a humanidade, antes de começar o seu ministerio de elevar as almas, começa pelo seu exemplo, a arrancal-as da molleza que enerva, do orgulho que rebaixa, da revolta que escraviza.

Jesus trabalha e obedece, e por seu trabalho e submissão Elle salva o muudo, tão bem que quando suspenso na cruz, Elle implora seu Pae perdão e misericordia para seus algozes.

E Maria Sma. sempre está ao lado do Salvador, continuando o seu officio de **Ostensorio** de Jesus.

Ella não fala aqui. É o exemplo de Jesus que fala. O horizonte abre-se cada vez mais.

As **bôdas de Caná** são a manifeatação suave da omnipotencia divina e do **poder** de intercessão de Maria.

A pedido de sua Mãe, Jesus faz o seu primeiro mi'agre, mostrando, deste modo, que ella é o canal das graças divinas que descem do céu para os homens.

Tudo vem de Jesus que é a fonte divina.

Tudo passa pelas mãos de Maria, que é o canal humano, ligado a Deus pela maternidade e aos homens pela sua origem.

E depois desta scena tocante, o crepusculo da noite parece estender as suas sombras sobre a terra.

E' a hora das trevas. E' a hora do triumpho do poder infernal.

Feito prisioneiro no Jardim de Gethsemani, Jesus segue o trajecto doloroso, arrastado perante os tribunaes, e através das ruas de Jerusalém, condemnado a morrer prégado na cruz.

Maria Sma. sabe de tudo. Ella não morre de dor, porque o amor é mais forte que a morte.

Ella segue o seu Jesus, porque quer ver a

Victima divina, e ella mesma quer offerecel-o ao Padre Eterno. Não é Jesus o seu Filho, como o é do Padre Eterno?

O seu logar é pois ao pé da cruz.

Ahi, na dor, tão bem como nas scenas gloriosas da vida de Jesus, ella é e será sempre o **Ostensorio** de Jesus.

E eis a Virgem dolorosa, em pé, no Calvario, recolhendo as ultimas palavras da victima, e immolando-se juntamente com Ella, pois ella é o Ostensorio da Victima.

E os seculos, ao passarem diante desta cruz, donde pende morto o Filho de Deus, verão aos seus pés esta segunda victima, que se chama: a Virgem das dores.

Jesus morreu, mas de seu lado aberto sahiu sangue e agua: a Eucharistia e o baptismo; em outros termos, a **Egreja.**

Ao pé da cruz estava a **Mãe** de Jesus.

Do peito aberto do crucificado sáe a **Esposa** de Jesus; ellas se abraçam, ambas regadas pelo sangue da victima divina.

A Egreja é o Sacerdocio. Maria torna-se a Mãe dos Sacerdotes.

O **Sacerdocio** é a Eucharistia. Maria Sma. é a Senhora do Santissimo Sacramento.

Oh sublime **Ostensorio do Sacerdocio!**

As chammas virginaes de seu coração que nesta hora envolveram a victima immolada, continuam, através dos seculos, a envolver o calice dos Sacerdotes.

Em ambos, ella adora o corpo e o sangue de Jesus immolado.

Vem emfim o ultimo triumpho: ella deve ser o **Ostensorio da Eucharistia.**

Como num centro luminoso ahi terminam todas as suas funcções.

A vida eucharistica da Virgem Santa corresponde por assim dizer á infancia de Jesus.

Em Belém a alvura virginal inclinava-se sobre o presepio para aquecer pelo seu amor o Filho querido.

Em Epheso e em Jerusalém a Virgem ajoelhada ao pé do Tabernaculo, adora o seu Jesus ausente e presente ao mesmo tempo; e quando a porta do Tabernaculo se abre para a Communhão, é o Salvador que se inclina sobre a sua Mãe querida, para transfigural-a e preparal-a para a ultima viagem, para a entrada solemne na eternidade, onde estes dois amores devem reunir-se para sempre na visão gloriosa.

As manifestações começaram nas trevas do presepio... e terminam na gloria da eternidade.

Os anjos cantaram sobre o presepio: *Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.* Jesus trouxera a paz ao mundo, e agora ella leva a gloria para o céu.

A primeira vez estas palavras echoaram sobre Maria inclinada sobre o presepio, a segunda vez echoam sobre Jesus inclinando-se sobre a sua Mãe, para leval-a ao throno que lhe foi preparado desde toda a eternidade.

Jesus está sentado á direita de seu Pae.

Maria Santissima fica á direita de seu Filho.

Constituens ad dexteram suam in coelestibus. (Ephes. I. 20)

CAPITULO XIV

SYNTHESE GERAL

A synthese geral do livro póde ser curta, pois no fim de cada capitulo procurei resumir as principaes idéas do assumpto tratado.

Aliás, ha livros que não se resumem: é preciso lel-os inteiramente.

«*Maria e a Eucharistia*» é um destes livros.

Sendo um estudo novo... sobre um assumpto novo, emquanto se póde chamar novo um ponto de uma religião divina, é preciso examinar cada aspecto da doutrina, para se poder formar uma idéa exacta da sua belleza, da sua firmeza e dos ensinamentos que nos administra.

Para melhor gravar no espirito as grandes verdades estudadas neste livro, rememoramos apenas a idéa fundamental de cada capitulo, para melhor orientar o leitor, numa segunda ou terceira leitura deste livro.

I. O DEUS ESCONDIDO (pag. 17)

Deus é o grande escondido, como J. Christo é o grande desprezado.

Vindo neste mundo pela Encarnação, Jesus Christo escondeu a sua *divindade* no seio da Virgem Immaculada.

Terminada a obra da Redempção, e permanecendo neste mundo para applicar aos homens os fructos desta Redempção, Elle esconde ao mesmo tempo, a sua divindade e a sua *humanidade* na Sagrada Eucharistia.

Elle veiu trazer ao mundo: a sua *força,* a sua *luz,* o seu *amor.*

Mas, do mesmo modo que Elle esconde a sua Pessoa divina, esconde tambem:

a sua força: na Sagrada *Communhão;*
a sua luz: no Santo Padre *o Papa;*
o seu amor: na *Virgem Santissima.*

São três fócos ardentes, mas a fonte é uma só: Jesus Christo.

E' Jesus Christo dando:

o seu *corpo,* pela Sagrada Communhão:
a sua *doutrina,* pelo Papa;
as suas *graças,* pela Sma. Virgem.

É um triplice véu que esconde Jesus Christo neste mundo, e faz da Eucharistia o centro da vida christã.

A Eucharistia,
O Papa,
A Virgem Maria.

E' a força,
a luz,
o amor de Jesus Chrsto, fortificando, illuminando, transformando as almas resgatadas pelo seu sangue divino.

No presente estudo limitamo-nos a considerar a união incomparavel que existe entre Maria e a Eucharistia, tendo já estudado em outro trabalho a união entre o Papa e Jesus Christo. (1)

---

1) «*O Christo, o Papa e a Egreja*», ou segredos intimos do Papado.

II. ORIGEM E ACTUALIDADE (pag. 43)

O titulo que resume esta união é a invocação, approvada pela Egreja: Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

As diversas devoções existentes na Egreja são suscitadas pelo Espirito Santo, no tempo appropriado, e correspondem sempre a uma necessidade da sociedade e das almas.

Póde-se seguir, através dos seculos, o maravilhoso desabrochar das devoções, desde a aurora do Christianismo até aos nossos dias.

E' o Christo resuscitado, nas perseguições;
E' a cruz, na hora do triumpho;
E' o crucificado, no tempo dos martyres;
E' a Eucharistia, na pacificação;
E' Maria Sma., na decadencia moral;
E' o Coração de Jesus, na indifferença;
E' São José, na emancipação operaria;
E' a Sagr. Familia, na desunião da familia;
E' o Rosario, na invasão protestante;

Emfim, é Nossa Senhora do Smo. Sacramento, na revolta communista hodierna.

Hoje, a sociedade perturbada, as almas vacillantes devem imitar os Pastores e os Magos e procurar na Eucharistia: —*puerum cum Maria Matre ejus* (Math. II. 11) — Jesus Sacramentado em seu Ostensorio admiravel que é Maria.

III. SIGNIFICAÇÃO DESTE TITULO (pag. 63)

Modus precandi, modus credendi est.

Maria Sma. possue um grande numero de titulos, correspondendo cada um delles a uma das suas prerogativas ou a um de seus numerosos beneficios.

Cada titulo fornece elementos para uma nova devoção.

Não podendo adoptar todas as devoções, devemos escolher uma dellas: a que melhor corresponde ás aspirações e ás necessidades da epoca.

Hoje, estamos no seculo eucharistico. O Tabernaculo é o centro da vida christã e a força da acção social.

Ora, neste momento em que as attenções se concentram sobre a Eucharistia, é preciso pôr em relevo aquella que é a Medianeira entre a Eucharistia e os homens, que é a distribuidora das graças divinas. E' preciso unir Maria com Jesus, e proclamar esta união sagrada pelo nome de: Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

IV. MARIA E A SS. TRINDADE (p. 85)

A Eucharistia é a grande obra de Deus e, como tal, remonta até ao seio da eternidade.

A SS. Trindade é a causa primeira, suprema da Sagrada Eucharistia, e Maria é unida a esta causa primeira, como causa instrumental, physica, escolhida por Deus, desde toda a eternidade.

Decretada a Encarnação do Verbo, as três Pessoas divinas devem concorrer para a execução deste decreto.

O Padre Eterno adoptará a creatura escolhida, da qual o Filho de Deus receberá a vida humana, como sua *Filha* querida.

O Filho de Deus será verdadeiramente o Filho desta *Mãe* Immaculada.

O Espirito Santo, como representante da fecundidade do Padre e do Filho, adoptará Maria como a sua *Esposa* de amor, da qual a virtude

divina fará nascer o proprio Filho de Deus feito homem.

Maria fica, desto modo, unida:

Com o **ser** divino, que é o Padre Eterno;
Com a **vida** divina, que é o Filho de Deus;
Com a **actividade** divina, que é o Espirito santificador.

Maria fica unida com Deus, pelos laços da *consanguinidade.*

Ora, todos estes titulos referem-se directamente á Eucharistia.

Maria, como Mãe de Jesus Christo, autor da graça, torna-se: *Mãe da divina graça;* como associada ás acções divinas, *ad extra,* ella se torna *Medianeira* entre Jesus e os homens, entre Deus e a humanidade.

A triplice missão divina á qual a Virgem Santa é associada é:

a Encarnação,
a Redempção,
a Eucharistia!

É pois a esta triplice acção que Maria deve participar tornando-se, pela sua cooperação:

Mãe de Deus, na Encarnação;
Co-redemptora, na Redempção;
Nossa Senhora do Smo. Sacramento, na Eucharistia.

V. O SEIO DA VIRGEM-MÃE (p. 122)

Jesus Christo, como Deus tira a sua origem eterna do Padre Eterno e, como tal, é o seu **Filho.**

Na sua origem humana, Elle desce da Virgem Immaculada; e, como tal, é Filho **de Maria.**

Em sua origem eucharistica, Elle é, ao mes-

mo tempo, Filho do Padre Eterno e Filho de Maria: é *Homem-Deus.*

E' o triplice Tabernaculo de Jesus Christo:

o seio do *Padre* Eterno;
o seio de *Maria;*
o seio do *Tabernaculo.*

Estes três Tabernaculos são como o prolongamento, um do outro.

E' neste sentido, que se diz que a Eucharistia é o prolongamento da Encarnação.

A Encarnação foi para Maria uma verdadeira Communhão... uma Communhão antecipada; recebendo, ella, o Filho de Deus, não ainda feito homem, mas fazendo-se homem em seu seio Immaculado.

Notemos bem que Maria não é somente a Mãe do corpo de Jesus; é Mãe de Jesus inteiro, de Jesus vivo, hypostaticamente unido a Deus, numa unica personalidade, que é divina.

Ora, o Filho de Maria é Deus, como o Padre e o Espirito Santo. Estas três Pessoas, embora distinctas, são inseparaveis.

Maria é pois, Mãe do Eterno, Mãe de Deus.

E' uma dignidade *quasi infinita,* dizem os theologos.

Outra verdade, não menos ineffavel e certa: a Encarnação **suppõe** necessariamente a *superabundancia* de graças em Maria; mas tambem esta Encarnação **communica** a graça.

E' um verdadeiro Sacramento. Não é um Sacramento geral, como os Sacramentos instituidos por Jesus Christo, para uso dos homens; mas exclusivamente particular para a Virgem Santa, sendo instituido pela SS. Trindade, no acto que predestinou a Mãe de Deus.

A Encarnação produziu em Maria um como effeito sacramental.

De facto, a Encarnação pondo a Virgem Santa em communicação com a Pessoa de Jesus, deve realizar nella tudo o que produz a Communhão sacramental, e mais do que isso.

Na Eucharistia, Jesus Christo dá-se inteiro, mas sob apparencias estranhas, e por contacto mediato; emquanto na Encarnação Elle se deu a Maria, sob a fórma verdadeira e propria da humanidade, e por um contacto immediato.

Quantas e quão grandes maravilhas geraram-se no seio de Maria!

VI. IDENTIDADE ENTRE JESUS E MARIA (pag. 154)

Existe entre Jesus e Maria uma verdadeira Identidade?

A *identidade* absoluta existe em cada pessoa. O homem nasce, cresce, envelhece, mas sente perfeitamente que o seu **eu** permanece sempre identico a si mesmo.

Entre a mãe e o filho, no seio materno, embora numericamente distinctos, existe uma identidade *relativa*.

O sangue do filho não é mais o sangue da mãe, pois torna-se este sangue assimilado, sangue do filho: ha entre elles uma identidade de *formação*.

No principio, antes do embryão adquirir o seu funccionamento proprio, o sangue da mãe e do filho, é um mesmo sangue, e neste caso, por pouco tempo, existe uma identidade absoluta.

Tal identidade vae diminuindo já no seio materno, pelo funccionamento physiologico dos orgãos da criança; após o nascimento diminue ainda mais, pela lactação e a alimentação de fóra, deixando entretanto sempre existir a identidade relativa.

A theoria do *turbilhão vital* parecia destruir esta identidade, porém a sciencia de hoje, mais perspicaz, reconhece que tal turbilhão vital, não tem a extensão que lhe attribuiram os seus primeiros partidarios.

Podemos pois affirmar que entre os corpos de Jesus e de Maria existe sempre a identidade *relativa*, e que tal identidade relativa continúa até na Sagrada Eucharistia.

Tendo Jesus recebido de Maria, a primeira molecula, ou *germen activo* da vida vegetativa e sensitiva, tal molecula, não sendo totalmente destruida pelo turbilhão vital, mas fazendo parte da identidade individual e corporal de Jesus, existe pois uma identidade relativa entre ambos.

Não é uma parte de Maria, sem duvida, mas sim qualquer cousa formada pela substancia e pelo sangue de Maria.

E' o que Santo Anselmo resume, dizendo: «A carne que Jesus tomou de Maria a Egreja nol-a dá diariamente como alimento».

VII. A UNIÃO CELESTE (pag. 198)

A união entre Jesus e Maria é bem uma união celeste: união que começa na Encarnação... estende-se em Belém... continúa-se em Nazareth... diviniza-se no Calvario... e perpetúa-se no Tabernaculo.

Esta união está admiravelmente expressa no nome: *Maria*, que significa: Exaltada, Senhora, Estrella do mar.

Ella é tudo isso!...

Ella é mais que isso.

O proprio céu acclama Maria Virgem, Mãe, Rainha.

A terra exalta-a, como Sacerdote mystico, que, pela primeira vez, fez baixar Deus á terra para Elle poder immolar-se pela salvação do mundo, para tornar-se a Hostia do sacrificio.

A ideia de *Hostia* domina todo o plano divino da Encarnação.

E' a Hostia no seio de *Maria,*
E' a Hostia do *Cenaculo.*
E' a Hostia do *Calvario,*
E' a Hostia do *Tabernaculo.*

E Maria ao receber o Verbo Eterno em seu seio virginal, para dar-lhe o corpo que deverá ser immolado como Hostia, conhecia perfeitamente os designios de Deus.

O seu *Fiat mihi* foi a palavra consagradora do mysterio.

O seu primeiro beijo sobre a fronte pallida do Menino Jesus, seu Filho, foi a primeira adoração do mundo, representado por Maria.

O leite virginal que Maria dá a Jesus é uma especie de Eucharistia symbolica.

São duas Eucharistias...

A primeira, *descendo do céu* para alimentar as almas.

A segunda, *subindo da terra* para alimentar a vida terrena do Filho de Deus!

Maria dá se a Jesus; Jesus dá-se a Maria, e como consequencia mutua, Jesus torna-se como uma reliquia de Maria.

Sendo della que Jesus tira a substancia corporal de seu ser humano, Maria prolonga-se na vida de seu Filho; Jesus continúa a viver mysticamente em sua Santissima Mãe.

E' uma verdadeira união celestial.

VIII. AS CAUSAS DA EUCHARISTIA (p. 228)

A causalidade nos descobre novas profundezas, na união entre Jesus e Maria.

Distingue-se:

A causa *material* e *formal,* ambas intrinsecas á Eucharistia.

A causa *efficiente* e *final,* extrinsecas ao adoravel Sacramento.

A causa *material* de Jesus Eucharistia, é o sangue purissimo de Maria.

A causa *formal* é a propria divindade.

Estas duas causas unidas: material e formal, ou sangue de Maria e Deus, produzem um unico effeito: um Deus-Homem; sendo este Deus-Homem que possuimos na Sagrada Eucharistia.

A causa *efficiente* ou agente productor, é a acção do Padre Eterno e do Espirito Santo.

Tendo elles cooperado na obra da Encarnação, e sendo a Eucharistia o prolongamento da Encarnação, Elles tornam se a causa efficiente da Eucharistia.

A causa *final* é o motivo, em razão do qual Jesus Christo instituiu a Eucharistia.

Este fim é duplo, pois, ha: a causa final do *agente* (o que Elle tem em vista) e a causa final da *obra.*

A causa final da **obra** é, conforme a palavra do Salvador:

1. Ficar no meio dos homens — *Não vos deixarei orphãos* (Joan. XVI. 18).

2. Ser o alimento das almas: *Deu-nos a comer o pão do céu* (Joan. VI. 31).

E qual é a causa final **do agente?**

Póde-se dizer que Jesus Christo instituiu a

divina Eucharistia por amor de sua Mãe Santissima, a quem amava acima de todas as creaturas, porque, além de ser a sua Mãe, era a mais santa de todas as creaturas.

Em resumo, póde se dizer pois, que Maria é a causa immediata e proxima da humanidade de Jesus, e causa *mediata* e remota de toda a obra redemptora, maximé da instituição da Eucharistia.

IX. PRESENÇA DE MARIA NA EUCHARISTIA (p. 259)

Estará Maria Sma. presente na Eucharistia?

Para responder a esta pergunta é preciso distinguir os varios modos de presença possiveis.

Ha para Maria Sma. quatro modos de estar presente:

De modo *physico*, moral, mystico, glorioso.

Maria estava physicamente presente ao lado do presepio, perto do Menino Jesus. Tal presença é impossivel na Hostia Sagrada. Ali está physicamente presente Jesus Christo, em corpo, alma e divindade; por isso adoramos a Hostia Sagrada.

De modo *moral*, pelas faculdades da sua alma. Maria está moralmente presente na Eucharistia, como o conhecido está no conhecente, ou o amado está na pessoa amante.

De modo *mystico*. A presença mystica é sobrenatural e se faz pela graça.

Temos como termo de comparação: a Egreja: corpo mystico de Christo; a Missa: sacrificio mystico de Christo; a graça: presença mystica de Christo.

Estas presenças *mysticas*, tiradas da Sagrada Escriptura, mostram que tal presença mystica é uma presença verdadeira, na ordem espiritual,

e não uma simples imaginação ou comparação.

Na ordem espiritual Jesus está presente em Maria e Maria está presente em Jesus, como o sol está presente num aposento que illumina.

E' a presença propria de Maria Sma. na Eucharistia. Ella está ali, *mysticamente*, unida com Jesus pela graça, como Jesus está presente pela sua graça na alma que commungou, após a destruição das apparencias que o occultam na Hostia Sagrada.

X. PRESENÇA GLORIOSA DE MARIA PERTO DO TABERNACULO (p. 277)

Maria está mysticamente na Eucharistia, e está corporal, gloriosamente perto do Tabernaculo.

Maria Sma. já resurgiu dos mortos, de modo que o seu corpo é dotado das prerogativas dos corpos gloriosos.

Estas prerogativas são: a impassibilidade, o resplendor, a agilidade e a subtilidade.

O privilegio da *agilidade* dá a seu corpo qualquer cousa da rapidez dos puros espiritos.

Em virtude da agilidade, Maria Sma. póde transportar-se, mais celere que o relampago, de um logar para outro.

Mais rapida que o nosso pensamento ella póde, em deslocações successivas, percorrer o mundo.

Para ella, na gloria beatifica, a terra continúa a ser o seu campo de acção. Ella vê Deus face a face na gloria, porém ella o vê tambem no abandono dos Tabernaculos.

Ella percorre pois este mundo, de Tabernaculo em Tabernaculo, para fazer companhia a seu Jesus e consolal-o da ingratidão dos homens.

A sciencia moderna, pelas invenções maravilhosas, venceu quasi o tempo e o espaço, e creou para o homem uma especie de simultaneidade, no mundo inteiro, pelo telescopio, o telephone, o radio, a televisão, a telephotia, etc.

O que os homens realizam parcialmente, pela sciencia, Deus póde realizal-o plenamente em proveito de sua querida Mãe, para facilitar-lhe o seu officio de Medianeira e de thesoureira divina.

Podemos representar-nos Maria Sma., gloriosa, prostrada diante do Tabernaculo, e adorando comnosco o seu querido Jesus Sacramentado.

Esta visão parece um cantinho do céu!

XI. OFFICIO EUCHARISTICO DE MARIA (p. 324)

Maria Sma. perto da Eucharistia tem de exercer uma missão sagrada.

A beatitude do céu é o seu *throno;* as miserias humanas são o seu *campo* de acção. Ella fica em relação continua com o céu, para inclinar Deus para nós; e com o mundo para mostrar-lhe o seu Jesus.

O officio de Maria como Mãe de Deus e dos homens, abrange uma triplice funcção:

Ella é *thesoureira* das graças divinas.

Tendo sido cooperadora na Redempção, na qual Jesus Christo adquiriu para nós o thesouro da salvação, Maria Sma. deve ser tambem cooperadora na distribuição destas graças.

Adquirir e dar, de facto, são duas phases de uma unica acção.

Maria adquiriu como Co-redemptora; ella dá, como Medianeira geral.

Ella mereceu como Mãe de Deus; ella distribue como Mãe dos homens.

2. Ella é a *dispensadora* eucharistica.

A Eucharistia é o céu na terra.

É Jesus Christo verdadeiramente presente, com todos os thesouros da Redempção.

E a dispensadora destes thesouros eucharisticos é Maria.

No céu ella é a Medianeira gloriosa. Perto do Tabernaculo ella é a dispensadora eucharistica.

3. Ella é a *Medianeira universal.*

São Bernardino diz que Maria deu ao mundo o autor da graça, por isso todas as influencias vitaes da graça, que são transmittidas ao seu corpo mystico, passam por ella.

Estas palavras resumem admiravelmente esta grande prerogativa da Mãe de Jesus.

XII. A ORRA EUCHARISTICA DE MARIA (p. 353)

A Eucharistia é a obra de Jesus; mas Jesus é de Maria, de modo que a Eucharistia é a obra immediata de Jesus e mediata de Maria.

Póde se resumir esta relação entre Maria e a Eucharistia, dizendo que:

1. Maria *pediu* a Eucharistia, supplicando a seu divino Filho que instituisse este Sacramento, para a consolação e o conforto dos fieis.

2. Maria *mereceu* a Eucharistia, como ella mereceu a Encarnação, por um merito de alta conveniencia, no sentido que ella inclinou poderosamente o Coração de Jesus a instituil-a.

3. Maria nos *preparou* a Eucharistia, alimentando com a sua propria substancia o seu divino Filho, fornecendo-lhe este corpo que devia ser o alimento das almas.

4. Maria nos *deu* a Eucharistia, como pelo seu consentimento ella nos deu o nosso Salvador.

E' ella quem deu ao Verbo Eterno o seu *ser humano*, sem o qual não haveria nem Sacramento, nem Sacrificio.

5. E para resumir tudo num titulo que abrange todas as grandezas da Virgem Santa, podemos dizer que Maria é a sublime *sacrificadora* desta Victima divina.

Ella não é Sacerdote, sendo excluida desta dignidade pelo seu sexo, porém ella offerece mysticamente o Sacrificio do Calvario, como ella havia se offerecido a si mesma para ser Mãe de Deus, e co-redemptora do genero humano, pelo seu *Fiat* na occasião da Encarnação.

Como Jesus é, ao mesmo tempo, Sacerdote e Victima de seu Sacrificio, Maria é co-sacrificadora e co-victima para a salvação do mundo.

Pela sua união ao Salvador, o qual é a causa instrumental principal da Redempção, Maria torna-se a *causa instrumental* subordinada á humanidade de seu Jesus. Ella é um como Sacramento superior da graça.

XIII. MARIA, OSTENSORIO DE JESUS (p. 392)

O officio de *Ostensorio* de Jesus, attribuido á Maria, é talvez um dos quadros mais bellos, uma das mais tocantes e expressivas figuras do Evangelho.

Maria é o *Ostensorio* de Jesus, ella mostra Jesus, manifesta Jesus ao mundo, como o Ostensorio dourado manifesta a Hostia Santa aos adoradores.

Maria Sma. nos manifesta a missão divina de Jesus no presepio de Belém.

Os anjos cantam extasiados o seu «*Gloria in excelsis Deo!*», emquanto os Pastores adoram de joelhos, o Menino nos braços de sua Mãe, e Maria lhes explica o estranho contraste da gloria celeste e da miseria humana, que se irradiam em redor do presepio.

Os grandes da terra, na pessoa dos Reis Magos, vêm prostrar-se diante do mesmo Jesus, Rei dos Reis, no pensamento dos Magos; mas pobre dos pobres aos seus olhos humanos.

E' de novo Maria, o Ostensorio de Jesus, que lhes explica este contraste singular.

No Templo, o velho Semeão rasga o horizonte e prediz que este Salvador esperado será o alvo da contradicção, emquanto a sua Mãe terá a alma trespassada por uma espada de dor.

E' de novo Maria que manifesta ao mundo o Homem da dor, sendo ella a Mãe das dores.

O esquecimento encobre a mocidade de Jesus. Elle torna-se o humilde carpinteiro de Nazareth, submisso a seus paes, e Maria apresenta ao mundo orgulhoso os exemplos de Jesus, como sendo o caminho, a verdade e a vida.

Nas bôdas de Caná, Jesus opera o seu primeiro milagre, a pedido de Maria... Elle manifesta ali a sua omnipotencia, mas a pedido de sua Sma. Mãe.

Emfim chegou a hora da immolação suprema.

Jesus sobe o sinistro Golgotha, para ali, num ultimo transporte de amor, manifestar-se como a Victima de expiação. E Maria está ali; é ella que offerece, envolto em suas lagrimas e em seu amor, a Victima divina, para o perdão dos peccadores.

O grande Sacrificio está consummado.

A primeira Missa acaba de ser celebrada em cima do Altar da Cruz.

Maria Sma. é a Sacrificadora secundaria unida ao Pontifice supremo que é Jesus.

E' ao pé da cruz que se encontraram e se deram o amplexo de eterna amisade estas duas Virgens sem mancha: *Maria,* a Mãe de Jesus e a *Egreja,* a sua Esposa.

Jesus morreu, mas Elle sobrevive na Eucharistia.

O Tabernaculo é: a ultima Ceia e o grande Sacrificio perpetuados no mundo.

Maria foi o primeiro Tabernaculo do Verbo divino feito homem; ella deve ser o Tabernaculo que conserva Jesus-Eucharistia neste mundo, até ao fim dos seculos.

Dahi a presença mystica da Virgem Santa na Sagrada Eucharistia.

Dahi ainda a sua presença corporal gloriosa, perto do Tabernaculo, onde ella continúa a ser o *Ostensorio de Jesus,* como ella o foi em todas as manifestações da sua vida mortal.

E' a gloria, é o officio e a corôa da Virgem Santa, que a Egreja exprime pela invocação estudada nestas paginas: Nossa Senhora do Smo. Sacramento.

XIV. TERMINANDO...

O capitulo XIV dá uma breve synthese muito incompleta e necessariamente superficial, das grandes questões tratadas neste livro.

Não é um *resumo*: é apenas uma idéa central. Aquelle que se limitasse a uma leitura desta breve synthese, nada conheceria das bellezas de doutrina aqui expandidas.

Após uma primeira leitura, esta synthese póde ajudar ao leitor a coordenar as idéas e seguir o plano logico do livro.

Antes de depôr a pena para dar como finda a minha tarefa, sinto a necessidade de repetir o que já disse na Introducção: Si neste trabalho, onde são tratadas tantas questões delicadas e profundas, houvesse uma phrase, uma palavra ou uma opinião que não concordasse plenamente com o ensino official da Santa Egreja Catholica, de antemão as retracto e condemno.

Apesar da apparente novidade de certos assumptos, ainda pouco estudados e divulgados, procurei sempre seguir fielmente a doutrina dos Santos Padres e dos theologos de autoridade... não querendo em nada, antecipar os ensinos do Chefe infallivel da Christandade.

* * *

A vós, ó Virgem Santa: Nossa Senhora do Smo. Sacramento, offereço este estudo, que emprehendi unicamente por amor de vós e para a extensão do reino eucharistico de Jesus.

Digo-vos, ó Mãe querida, o que em identicas occasiões, vos disseram uns Santos:

Dignae-vos acceitar favoravelmente este presente que um de vossos servos, de joelhos diante de vós e a cabeça inclinada com respeito, vos apresenta e vos consagra.

(S. Bonav.: Spec. B. V. in Prolog.)

Vos supplico que considereis este fraco ensaio como prova de meu amor. A indigencia do meu espirito não me teria permittido realizar este trabalho, si o amor que vos tenho não me houvesse fechado os olhos sobre a minha incapacidade. Vós sabeis, ó Virgem querida, quanto esta tarefa estava acima das minhas forças, por isso vos supplico que considereis apenas a pureza das minhas intenções.

(S. João Damasceno: Serm. 1 de Dorm. B. V.)

Congregações Religiosas Sacramentinas
de Nossa Senhora

Sob a protecção de Nossa Senhora do Smo. Sacramento, e no espirito aqui exposto, existem duas Congregações religiosas brasileiras em pleno desenvolvimento.

Ambas foram fundadas canonicamente com a approvação da Santa Sé, tendo o mesmo idéal espiritual, embora de obras differentes.

I. Os Padres de Na. Sra. do Smo. Sacramento

Trajando batina cinzento-clara, e dedicando-se ao serviço parochial, como Vigarios, e á prégação de missões parochiaes e retiros religiosos; e vivendo em commum.

Ha a categoria dos Irmãos Coadjutores, igualmente de batina cinzenta, que se dedicam ao serviço das egrejas, dos catecismos, ou á boa imprensa.

A casa de formação está em Manhumirim, Seminario Apostolico, onde funccionam os cursos preparatorios, superiores e o Noviciado.

Para informações dirigir-se ao: Superior do Seminario Apostolico — Manhumirim (Minas).

II. As Irmãs de Na. Sra. do Smo. Sacramento

Igualmente trajando habito cinzento-claro, com capello e peitilho brancos e véu preto, dedicando-se á instrucção e educação da mocidade feminina, nas Escolas Normaes e cursos annexos.

As Irmãs seguem os cursos da Escola Normal e preparam-se, por estudos especiaes, ao magisterio educativo e catechetico.

Ambos estes Institutos cultivam de modo especial a devoção a Nossa Senhora do Santissimo Sacramento, trabalhando para a expansão do culto de Jesus Eucharistia e de Maria Sma., modelo perfeito da vida eucharistica.

Para informações dirigir-se á: Irmã Superiora da Escola Normal "Santa Theresinha" — Manhumirim (Minas) E. F. L.

INDICE

APPROVAÇÃO 7
INTRODUCÇÃO 12

CAPITULO I

O Deus escondido . . 17
1. Mysterium fidei — 2. Encarnação e Eucharistia — 3. O Christo completo — 4. Os três véus — 5. União inseparavel — 6. Trindade terrestre — 7. Conclusão.

CAPITULO II

Origem e actualidade . 43
1. Synthese da religião — 2. Origem do titulo — 3. Nascimento das devoções — 4. Nos ultimos tempos — 5. Na. Sra. do Smo. Sacramento — 6. Modelo perfeito — 7. Conclusão.

CAPITULO III

Significação deste titulo 63
1. Evolução doutrinal — 2. Diversas denominações — 3. Os nomes de Maria — 4. Necessidade da devoção a Maria — 5. Devoção particular — 6. Grandes males, grandes remedios — Devoção actual — 8. Conclusão.

CAPITULO IV

Maria e a SS. Trindade . 85
1. A grande obra de Deus — 2. No seio do Padre Eterno — 3. No seio da creação — 4. Maria, a Primogenita — 5. Maria, Mãe da graça divina — 6. Maria, associada ás acções divinas — 7. Conclusão.

CAPITULO V

O seio da Virgem-Mãe , 122
1. O dom de Deus — 2. O primeiro Tabernaculo 3. Preludios eucharisticos — 4. Communhão antecipada — 5. Fonte das graças — 6. O effeito Sacramental — 7. Conclusão.

CAPITULO VI

Identidade entre Jesus e Maria . 154
1. Dupla identidade — 2. Identidade relativa —3. Identidade corporal — 4. Turbilhão vital—5. Identidade individual — 6. Segredo biologico—7. Sangue de Jesus e de Maria — 8. Conclusão.

CAPITULO VII

A união celeste . . 198
1. O nome de Maria— 2. Manifestação da Virgem 3. A Hostia da Encarnação — 4. O primeiro beijo de Maria — 5. O leite materno — 6. Uma Eucharistia symbolica — 7. Reliquia de Maria — 8. Conclusão.

CAPITULO VIII

As causas da Eucharistia . 228
1. Noções de causalidade — 2. Causas material e formal — 3. Causa efficiente — 4. Causa final 5. Causa final da obra —6. Causa remota da Eucharistia — 7. Conclusão.

CAPITULO IX

Presença de Maria na Eucharistia 259
1. Varios modos de presença — 2. Presença physica — 3. Presença moral — 4. Presença mystica

5. Jesus presente em Maria — 6. Maria presente em Jesus — 7. Conclusão.

CAPITULO X

Presença gloriosa de Maria **297**

1. Os corpos gloriosos — 2. Na visão beatifica — 3. A visão da terra — 4. Presença simultanea — 5. Victoria sobre o espaço — 6. Victoria sobre o tempo — 7. Uma visão celeste — 7. Conclusão.

CAPITULO XI

Officio eucharistico de Maria **325**

1. Maria, Mãe dos homens — 2. A thesoureira divina — 3. A dispensadora eucharistica — 4. A Medianeira universal — 5. Conclusão.

CAPITULO XII

A obra eucharistica de Maria **353**

1. Maria pediu a Eucharistia — 2. Maria mereceu a Eucharistia — 3. Maria preparou-nos a Eucharistia — 4. Maria dá a Eucharistia — 5. Sacerdote e Victima — 6. Conclusão.

CAPITULO XIII

Maria, Ostensorio de Jesus **392**

1. O papel de Maria — 2. Ostensorio da Missão divina — 3. Da realeza — 4. Da dor — 5. Da humildade — 6. Da omnipotencia — 7. Da Victima — 8. Do Sacerdocio — 9. Da Eucharistia — 10. Conclusão.

CAPITULO XIV

Synthese geral **439**

1. O Deus escondido — 2. Origem do titulo — 3.

Sua significação — 4. Maria e a SS. Trindade — 5. O seio da Virgem-Mãe — 6. Identidade — 7. União celeste — 8. Causas da Eucharistia — 9. Presença de Maria na Eucharistia — 10. Presença perto do Tabernaculo — 11. Officios eucharisticos — 12. Obra eucharistica — 13. O Ostensorio de Jesus — 14. Conclusão.

OBRAS DO P. JULIO MARIA

1. **Deus e o homem.** Noções de alta theologia popularizada, sobre Deus, o homem e as relações entre ambos. Bello vol. de 414 pags. 2.a edição. 5$000

2. **O Christo, o Papa e a Egreja** ou segredos intimos do Papado. Bello volume de 410 paginas. 5$000

3. **Os segredos do espiritismo** desvendados e explicados. Bello volume de 300 paginas. 4$500

4. **Luz nas Trevas** ou respostas irrefutaveis ás objecções protestantes. Bello vol. de 266 paginas. 4$000

5. **Ataques protestantes** ás verdades Catholicas. Bello volume de 336 paginas. 2.a edição. 4$000

6. **O anjo das trevas.** Resposta aos erros modernos. Bello volume de 350 paginas. 7$000

7. **O Anjo da Luz** ou polemicas de doutrina e de sciencia. Segunda edição. 300 paginas. 6$000

8. **Contemplações evangelicas.** Bello volume de 564 paginas, encadernado. Segunda edição — Tomo I: **Os prodromos do Calvario** (Da predição da Paixão até ao Gethsemani) 10$000

9. **Contemplações evangelicas.** Bello volume de 560 paginas —Tomo II: **A subida do Calvario.** Continuação do mesmo assumpto. (A Paixão, desde o Gethsemani até Herodes) . . 10$000

10. **Contemplação sobrenatural.** Doutrina dos grandes Mestres. 2$000

11. **A Mulher bemdita,** diante dos ataques protestantes. Capa em trichomia. Vol. de 400 pags. 8$000

12. **O fim do mundo** está proximo. Prophecias antigas e recentes, recolhidas e commentadas. Capa em trichomia. Bello volume de 232 paginas. 6$000

13. **O perigo** dos collegios protestantes. Brochura de combate á infiltração protestante. 76 paginas. 1$500

14. **Maria e a Eucharistia.** (o presente livro) 9$000

ESTÃO NO PRÉLO:

15. O diabo, Luthero e o protestantismo. Estudo historico e moral sobre as origens do protestantismo.

16. Porque amo a Maria, os principaes motivos da devoção a Maria Santissima. Verdadeiro Tratado de mariologia.

17 O Evangelho dominical, com breve commentario *litteral* e *dogmatico,* em fórma de Schemas para Homelias e Sermões. (Para os Sacerdotes)

18 O meu dia com Maria ou pratica da vida de intimidade com a Sma. Virgem. Para uso das almas Sacerdotaes e Religiosas.

19 A vida de intimidade com Maria Sma.: seus principios theologicos.

20. O segredo da verdadeira devoção para com a Sma. Virgem Maria. Commentario da doutrina do Beato de Montfort.

21. Pratica da vida de intimidade com Maria Sma. Para uso das almas piedosas.

22. Os ensinamentos de Nazareth ou imitação da Sagrada Familia em Nazareth.

23. O segredo da santificação e do ministerio, para o Clero Parochial.

24. É preciso que Ella reine (Maria Sma.). Brochura de combate contra certos preconceitos no culto de Maria Santissima.

25. Balburdia protestante. Refutação das contradições protestantes.